

BLAKE CROUCH PINES

*Livro que
inspirou a
série de TV*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PINES

BLAKE CROUCH
PINES

TRADUÇÃO
MONIQUE D'ORAZIO

Copyright © Blake Crouch, 2012
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015
Todos os direitos reservados.

Título original: *Pines*

PREPARAÇÃO DE TEXTO:

Gabriela Ghetti

REVISÃO:

Fernanda Pinto e Valéria Sanálios

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO:

Mauro C. Naxara

CAPA:

Adaptada do projeto original de Jeroen ten Berge

IMAGEM DE CAPA:

iStock/Ilbusca

CONVERSÃO EBOOK:

Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C958p

Crouch, Blake

Pines / Blake Crouch ; tradução Monique d'Orazio. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2015.

Tradução de: Pines

ISBN 978-85-422-0493-3

1. Ficção americana. I. d'Orazio, Monique. II. Título.

15-19853

CDD: 813

CDD: 821.111(73)-3

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 | 21º andar

Edifício Horsa II | Cerqueira César | 01411-000 | São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para fãs de Twin Peaks, Arquivo X e Ilha do Medo...

Apesar das evidências de que a evolução humana ainda opera, biólogos reconhecem que é difícil prever aonde ela irá nos levar.

Time Magazine, 23 de Fevereiro de 2009

Só porque você é paranoico não significa que eles não estejam atrás de você.

Joseph Heller

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

EPÍLOGO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

AGRADECIMENTOS

CAPÍTULO 1

Recobrou a consciência deitado de costas com a luz do sol derramando-se sobre seu rosto e o murmúrio de água corrente por perto. Sentia uma dor excepcional no nervo óptico e um latejar constante, indolor, na base do crânio: o trovejar distante de uma enxaqueca se aproximando. Girou o corpo de lado e empurrou o chão para elevar o tronco e se sentar. Enfiou a cabeça entre os joelhos. Sentiu a instabilidade do mundo muito antes de abrir os olhos, como se seu eixo estivesse oscilando como uma gangorra. Inspirou fundo pela primeira vez, e foi como se alguém estivesse golpeando entre suas costelas com uma cunha de metal, no alto do lado esquerdo; porém suportou a dor com um grunhido e forçou os olhos a se abrirem. O olho esquerdo devia estar muito inchado, pois parecia que enxergava através de uma fenda. O mato mais verde que já tinha visto — uma floresta de folhas longas e macias — ladeava a margem. A água era cristalina e fluía rápida entre as rochas que despontavam pelo canal. Do outro lado do rio, um penhasco se erguia por mais de trezentos metros. Pinheiros cresciam em grupos pelas saliências da encosta, e o ar estava carregado de seu perfume e da doçura da água corrente.

Ele vestia calça social e paletó pretos, com uma camisa de oxford por baixo, o algodão branco salpicado de sangue. Uma gravata preta se dependurava no mais folgado dos nós em seu colarinho.

Na primeira tentativa de se levantar, seus joelhos se dobraram e ele caiu sentado com força o bastante para irradiar uma dor lancinante pelo tórax. Sua segunda tentativa teve sucesso; ele se viu vacilante, porém de pé, o solo parecendo o convés de um navio jogando para todas as direções durante uma tormenta embaixo de seus calcanhares. Virou-se lentamente, os pés se arrastando e bem afastados em busca de equilíbrio.

Com o rio atrás, ele se viu na entrada de um descampado. No lado mais distante, as superfícies metálicas de balanços e escorregadores reluziam sob o intenso sol do meio-dia. Nenhuma outra alma por perto.

Além do parque, vislumbrou casas em estilo vitoriano e, mais adiante, os prédios de uma rua principal. A cidade tinha no máximo um quilômetro e meio de ponta a ponta e estava localizada no centro de um anfiteatro de pedra, rodeada pelas muralhas de uma escarpa elevando-se a centenas de metros por todos os lados e composta de rochas em camadas avermelhadas. No pico mais alto, nos recantos sombreados da montanha, ainda havia bolsões de neve, mas ali embaixo, no vale, era quente, e o céu acima, num tom profundo de cobalto, não tinha nuvens.

O homem verificou os bolsos da calça e então os do paletó de corte simples. Sem carteira. Sem clipe com dinheiro. Sem identidade. Sem chaves. Sem celular. Apenas um pequeno canivete suíço em um dos bolsos internos.

* * *

Quando chegou ao outro lado do parque, estava mais alerta e mais confuso, e o pulsar na coluna cervical não era mais indolor.

Ele sabia de seis coisas:

O nome do atual presidente.

Como era o rosto de sua mãe, embora não conseguisse se lembrar do nome dela ou mesmo do som de sua voz.

Tocar piano.

E pilotar um helicóptero.

Que tinha 37 anos de idade.

E que precisava chegar a um hospital.

Além disso, o mundo e o lugar que ocupava nele não eram mais desconhecidos do que uma impressão em nomenclatura estrangeira que lhe fugia da compreensão. Em vez disso, podia sentir a verdade pairando sobre as franjas de sua consciência, porém apenas um pouco fora do alcance.

Andou por uma rua calma, residencial, analisando cada carro pelo qual passava. Algum deles lhe pertencia?

As casas faceando umas às outras eram imaculadas — recém-pintadas, com perfeitos quadradinhos de grama viva, contornados por cercas de madeira, e o nome de cada família pintado em letras brancas de forma na lateral de uma caixa de correio preta.

Em quase todo quintal dos fundos, via um jardim vibrante, repleto não só de flores, mas de hortaliças e frutas.

Todas as cores tão puras e vívidas.

No meio da segunda quadra, ele se encolheu. O esforço de andar o havia feito respirar fundo, e a dor do lado esquerdo o fez parar de repente. Tirando o paletó, puxou a camisa de dentro do cós da calça, desabotoou-a e abriu. Tinha um aspecto ainda pior do que a dor: por todo seu lado esquerdo se estendia um hematoma escuro, rodeado por uma faixa amarelada.

Algo o tinha atingido. Forte.

Passou os dedos de leve sobre a superfície do crânio. A dor de cabeça estava ali, tornando-se mais pronunciada minuto a minuto, mas ele não sentiu nenhum sinal de trauma severo além de uma parte dolorida do lado esquerdo.

Abotoou a camisa outra vez, enfiou-a para dentro das calças e continuou a subir a rua.

A conclusão estrondosa era que havia se envolvido em algum tipo de acidente.

Talvez de carro. Talvez uma queda. Talvez tivesse sido atacado — isso explicaria por que não estava carregando carteira.

Deveria ir à polícia imediatamente.

A menos que...

E se tivesse feito algo errado? Cometido um crime?

Seria possível?

Talvez devesse esperar, ver se algo voltava à memória.

Embora nada naquela cidade lhe parecesse remotamente familiar, ele se deu conta de que, ao caminhar aos tropeços pela rua, estava lendo os nomes em cada caixa de correio. Algo inconsciente? Por que ele saberia, no fundo das reentrâncias de sua memória, que uma das caixas de correio teria o *seu* nome impresso na lateral? E tal visão traria tudo de volta?

Vários quarteirões adiante, os prédios do centro se erguiam acima dos pinheiros, e ele podia ouvir pela primeira vez o ruído de carros em movimento, vozes distantes, o zumbido de sistemas de ventilação.

Estacou no meio da rua, involuntariamente inclinando a cabeça de lado.

Estava observando uma caixa de correio que pertencia a uma casa vitoriana de dois andares, vermelha e verde.

Observando o nome na lateral.

Seu pulso começou a acelerar, embora não entendesse por quê.

MACKENZIE

— Mackenzie.

O nome não lhe significava nada.

— Mack...

Mas as primeiras sílabas, sim. Ou, em vez disso, causavam alguma reação emocional.

— Mack. Mack.

Ele era Mack? Era seu primeiro nome?

— Meu nome é Mack. Oi, sou o Mack, prazer em conhecê-lo.

Não.

A forma como a palavra rolava por sua língua não era natural. Não parecia com nada que lhe pertencesse. Para ser sincero, odiava a palavra, porque invocava...

Medo.

Que estranho. Por alguma razão, a palavra instilava medo.

Algum Mack o teria machucado?

Continuou andando.

Mais três quadras o levaram à esquina da Rua Principal com a Seis, onde se sentou sobre um banco à sombra e respirou lenta e cuidadosamente. Olhou para os dois lados da rua, seus olhos desesperados por algo familiar.

Nenhuma cadeia de lojas à vista.

Havia uma farmácia na esquina oposta, na diagonal.

Uma cafeteria ao lado.

Um prédio de três andares, ao lado da cafeteria, com uma placa dependurada acima dos degraus da entrada:

WAYWARD PINES HOTEL

O cheiro de grãos de café o puxou do banco. Elevou os olhos e viu um lugar chamado “The Steaming Bean” na metade da quadra de onde o aroma exalava.

Humm.

Não era necessariamente a informação mais útil, considerando tudo, mas se deu conta de que adorava um bom café. Ansiava por um. Outra pequena peça do quebra-cabeça que constituía sua identidade.

Caminhou até a cafeteria e puxou uma porta envidraçada. O lugar era pequeno e retrô e, apenas pelo aroma, ele podia dizer que o pó que usavam era excelente. Um balcão do lado direito faceava máquinas de café expresso, grelhas, liquidificadores, garrafas de essências. Três banquetas estavam ocupadas. Alguns sofás e cadeiras ladeavam a parede oposta. Uma estante de livros em brochura desbotados. Dois idosos se digladiavam num tabuleiro de xadrez com peças descombinadas. As paredes exibiam obras de arte locais: uma série de autorretratos em preto e branco de alguma mulher de meia-idade cuja expressão nunca mudava de um para o outro. Apenas mudava o foco da câmera.

Aproximou-se do caixa.

Quando a barista de vinte e poucos anos com cachos loiros finalmente o notou, ele pensou

detectar um lampejo de horror em seus belos olhos.

Ela me conhece?

No espelho atrás do caixa, viu seu reflexo e, no mesmo instante, entendeu o que havia motivado o olhar de repulsa: o lado esquerdo de seu rosto estava escurecido por um enorme hematoma, e seu olho esquerdo estava protuberante, inchado a quase fechar.

Meu Deus. Alguém me espancou até dizer chega.

À parte o arroxado medonho, ele não tinha má aparência. Supunha que tivesse pouco mais de um metro e oitenta, talvez um metro e oitenta e cinco. Cabelos pretos curtos e uma barba de dois dias aparecendo como uma sombra sobre a metade inferior de seu rosto. Um porte sólido, musculoso, evidente pela forma como o paletó envolvia seus ombros e pela camisa de oxford esticada no peito. Imaginou que parecia algum executivo de propaganda ou marketing. Era provável que tivesse um belo perfil quando estava barbeado e arrumado.

— Pois não? — a barista perguntou.

Teria matado alguém por uma xícara de café, mas não tinha um centavo sequer no bolso. Não sabia nem quem era, que dirá se tinha dinheiro.

— Vocês fazem café bom aqui?

A mulher pareceu confusa com a pergunta.

— Hum, sim.

— O melhor da cidade?

— Esta é a única cafeteria da cidade, mas, sim, nosso café é espetacular.

O homem inclinou-se sobre o balcão.

— Você me conhece? — sussurrou.

— Perdão?

— Você me reconhece? Costumo vir aqui?

— Não sabe se já esteve aqui antes?

Ele sacudiu a cabeça.

Ela o analisou por um instante, como se avaliando sua sinceridade, tentando determinar se aquele cara com o rosto espancado era louco ou estava zombando dela. Ela finalmente disse:

— Não acho que já o tenha visto antes.

— Tem certeza?

— Bem, aqui não é nenhuma Nova York.

— Faz sentido. Faz tempo que você trabalha aqui?

— Um pouco mais de um ano.

— E não sou um cliente assíduo nem nada?

— Definitivamente não é assíduo.

— Posso perguntar outra coisa?

— Claro.

— Onde é aqui?

— Não sabe onde está?

Ele hesitou, uma parte sua não querendo admitir tamanha e total incapacidade. Quando finalmente negou com a cabeça, a barista enrugou a testa como se não pudesse acreditar na pergunta.

— Não estou tirando uma com a sua cara — ele disse.

— Aqui é Wayward Pines, Idaho. Seu rosto... o que aconteceu com você?

— Eu... Eu realmente ainda não sei. Há um hospital na cidade? — quando fez a pergunta, sentiu uma corrente elétrica agourenta percorrer seu corpo.

Uma premonição de baixa voltagem?

Ou a mão de uma lembrança enterrada fundo, traçando um dedo gelado por sua espinha?

— Sim, a sete quadras ao sul daqui. Você deve ir ao pronto-socorro imediatamente. Posso chamar uma ambulância.

— Não é necessário — e se afastou do balcão. — Obrigado... como se chama?

— Miranda.

— Obrigado, Miranda.

Sair novamente à luz do sol fez que perdesse o equilíbrio e elevasse o nível de sua crescente dor de cabeça até o menor patamar na escala de excruciante. Não havia trânsito, por isso atravessou a Rua Principal fora da faixa e subiu pelo quarteirão em direção à Rua Cinco, passando por uma jovem mãe e seu menininho, sussurrando algo que parecia como:

— Mamãe, é ele?

A mulher fez o menino silenciar e cruzou olhares com o homem franzindo o cenho, em tom de desculpas.

— Desculpe por isso — disse —, ele não teve a intenção de ser mal-educado.

Ele chegou à esquina da Rua Cinco com a Principal, em frente a um prédio de dois andares de pedras marrons com o nome PRIMEIRO BANCO NACIONAL DE WAYWARD PINES impresso em portas duplas de vidro. Na lateral do prédio, viu uma cabine telefônica próxima a um beco.

Mancou até lá o mais rápido que pôde e fechou-se dentro da cabine.

A lista telefônica era a mais fina que já tinha visto, e ele a folheou, esperando alguma revelação significativa. Porém, eram apenas oito páginas de algumas centenas de nomes que, como tudo o mais na cidade, não lhe guardavam nenhum significado.

Deixou a lista cair pendurada no cabo metálico e apoiou a testa no vidro frio.

O teclado numérico lhe chamou a atenção.

Sorriu com a doce constatação.

Sei meu número de telefone.

Antes de levantar o fone, discou o número várias vezes só para ter certeza, e ele parecia fluir da ponta de seus dedos com a facilidade do conhecimento habitual e da memória motora.

Ligaria a cobrar, esperando por Deus que alguém estivesse em casa, supondo-se que existisse alguém. Claro, não teria um nome para lhes dar, não um verdadeiro, pelo menos, mas talvez reconhecessem sua voz e aceitassem a ligação.

Pegou o fone e segurou no ouvido.

Discou o “0”.

Sem linha.

Pôs o telefone no gancho várias vezes, mas nada aconteceu.

Ficou surpreso pela rapidez que a fúria veio. Bateu o telefone, um medo e raiva crescentes expandindo-se como numa cena de combustão acelerada, o fogo em busca da libertação.

Flexionou o braço direito e o puxou para trás, com o total propósito de desferir sua força contra o vidro — que se danassem os nós dos dedos —, mas a dor das costelas feridas queimou, fazendo-o se dobrar no chão da cabine telefônica.

E então o latejar na base do crânio estava aumentando.

Começou a enxergar dobrado, a vista embaçou e escureceu...

* * *

A cabine estava sombreada quando abriu os olhos outra vez. Agarrou-se ao cabo metálico preso à lista telefônica para se levantar. Através do vidro sujo, viu a curva superior do sol escorregando atrás da cordilheira de picos que cercava cada borda da cidade.

No instante em que ele sumiu, a temperatura diminuiu cinco graus.

Ainda se lembrava de seu número de telefone. Praticou algumas vezes no teclado numérico para ter certeza e verificou o alto-falante novamente para ver se tinha sinal. Silêncio, exceto pelo mais tênue crepitar de um ruído indistinto sangrando pela linha telefônica, que ele não se lembrava de ter ouvido antes.

— Alô? Alô?

Desligou e pegou de novo a lista telefônica. Da primeira vez, ele havia procurado pelos sobrenomes, tateando por alguma palavra que destacasse uma lembrança e incitasse algum sentimento. Agora verificava os primeiros nomes, traçando o dedo pela sequência, tentando ignorar a dor na base do crânio que já estava irradiando para baixo.

Na primeira página: nada.

Segunda página: nada.

Terceira: nada.

Chegando ao fim da sexta página, seu dedo parou.

SKOZIE, MACK E JANE

Rua Três, Leste, 403. W. Pines, 83278.....559-0196

Passou os olhos pelas duas últimas páginas. Skozie era o único Mack listado na lista telefônica de Wayward Pines.

Empurrando a porta dobrável de vidro com o ombro, ele saiu da cabine para o início de noite. Com o sol já atrás do círculo de penhascos, a luz desaparecia rápido do céu, e a temperatura começava a cair.

Onde vou dormir esta noite?

Cambaleou pela calçada, parte dele gritando que deveria ir direto para o hospital. Estava passando mal. Desidratado. Faminto. Confuso. Sem um tostão. O corpo todo dolorido. E estava ficando mais difícil respirar com a dor debilitante que dilacerava suas costelas cada vez que seus pulmões inflavam-se contra elas.

Mas algo dentro dele ainda resistia à ideia de ir ao hospital, e, se afastando do centro em direção à residência de Mack Skozie, percebeu o que era.

Novamente... medo.

Não sabia por quê. Não fazia sentido. Mas não queria colocar os pés dentro daquele hospital. Não na condição em que estava. Nem nunca.

Era o mais estranho tipo de medo. Não era específico. Era como andar por um bosque à noite, sem saber exatamente o que deveria temer, e com o medo cada vez mais pronunciado justamente por causa de seu mistério.

Duas quadras ao norte o levaram à Rua Três, seu peito se contraindo sem explicação quando ele dobrou a esquina e caminhou pela calçada em direção ao leste, afastando-se do centro.

A primeira caixa de correio pela qual passou tinha o número “201” impresso na lateral. Supôs que a residência de Skozie estivesse apenas a duas quadras de distância. Crianças brincavam no gramado de um quintal logo adiante, correndo em volta do sistema de irrigação, cada uma à sua vez. Tentou caminhar ereto e com passos firmes ao alcançar a cerca de madeira daquela casa, mas não conseguiu evitar favorecer seu lado direito, para aliviar o desconforto nas costelas.

As crianças ficaram imóveis e quietas quando ele se aproximou e com olhos despudorados o observaram passar, uma mistura de curiosidade e desconfiança que o deixou apreensivo. Atravessou outra rua, andando ainda mais devagar até a próxima quadra, passando sob os galhos de três pinheiros enormes que encobriam a via.

O número de todas as casas vitorianas coloridas daquela quadra começava com um três. A de Skozie seria a próxima.

Suas palmas estavam começando a suar e o pulsar na parte de trás da cabeça parecia um *tum-tum-tum* de um bumbo enterrado fundo no solo.

Dois segundos de visão dupla.

Fechou os olhos e os apertou com força. Quando os abriu novamente, tinha passado. No próximo cruzamento, ele parou. Sua boca já estava seca antes, mas agora parecia muito pior. Esforçava-se para respirar, a bile ameaçando subir pela garganta.

Tudo isso vai fazer sentido quando você vir a cara dele.

Tem que fazer.

Experimentou dar um passo na rua.

Já era noite, o frio se desprendendo daquelas montanhas e caindo sobre o vale.

A luz do sol poente havia dado um tom róseo às montanhas que circundavam Wayward Pines, o mesmo tom do céu que escurecia. Tentou considerar a vista bonita e comovente, mas sua agonia não deixava.

Um casal de pessoas mais velhas se afastava dele, caminhando tranquilos de mãos dadas. Sem contar os dois, a rua estava vazia e silenciosa, e o som do centro havia desaparecido por completo.

Andou pelo asfalto preto liso e subiu na calçada.

A caixa de correio do número 401 estava logo à frente.

A 403 era a próxima.

Teria que manter os olhos constantemente semicerrados para aliviar a visão dupla e o latejar perfurante da enxaqueca.

Quinze passos dolorosos e estava diante da caixa de correio preta do número 403.

SKOZIE

Equilibrou-se segurando firme nas pontas agudas da cerca de madeira.

Esticando o braço, destravou o portão e o empurrou com a ponta do sapato preto e arranhado. As dobradiças rangeram quando abriu.

O portão bateu de leve contra a cerca.

O caminho pavimentado era um mosaico de ladrilhos antigos e levava até a varanda frontal coberta, onde havia duas cadeiras de balanço separadas por uma pequena mesa de ferro forjado. A casa propriamente dita era roxa com contornos verdes e, pelas finas cortinas, ele

podia ver luz do lado de dentro.

Apenas vá. Você precisa saber.

Foi andando em falso até a casa.

A visão dobrada oscilava em lampejos nauseantes que ele se esforçava cada vez mais para conter.

Subiu até a varanda e encontrou apoio bem a tempo de impedir uma queda, segurando-se contra o batente da porta. Suas mãos tremiam incontroláveis quando pegou a aldrava e a levantou da placa de latão.

Recusava dar a si mesmo um segundo que fosse para reconsiderar.

Bateu a aldrava quatro vezes na placa.

Era como se alguém estivesse socando a parte de trás de sua cabeça a cada quatro segundos, e manchas de escuridão flamejantes começavam a atrapalhar sua visão como se fossem pequenos buracos negros.

Do outro lado da porta, ele podia ouvir um assoalho de madeira rangendo sob o peso de passos que se aproximavam.

Seus joelhos pareceram se liquefazer.

Agarrou-se a um dos pilares que sustentavam o teto da varanda para se equilibrar.

A porta de madeira se abriu, e um homem que poderia ter a idade de seu pai o encarou através da porta externa, vazada. Era alto e magro, com uma notável cabeleira branca no topo da cabeça, um cavanhaque branco e vasinhos vermelhos microscópicos nas bochechas que sugeriam uma vida de consumo excessivo de álcool.

— Posso ajudá-lo? — perguntou o homem.

Ethan endireitou a coluna, piscando forte por entre a enxaqueca. Foram necessárias todas as suas forças para ficar de pé sem apoio.

— Você é Mack? — podia ouvir medo na própria voz e supôs que o homem também.

Odiava-se por aquilo.

O homem mais velho inclinou-se na parte vazada da porta para uma melhor visão do estranho em sua varanda.

— O que posso fazer por você?

— Você é Mack?

— Sim.

Aproximou-se mais, o homem mais velho entrando num foco mais preciso, a acidez doce de vinho tinto no hálito.

— Você me conhece? — perguntou.

— Perdão?

E logo o medo estava fermentando e se transformando em fúria.

— Você. Me. Conhece? Você fez isso comigo?

O velho respondeu:

— Nunca o vi antes na minha vida.

— É verdade? — suas mãos estavam se transformando involuntariamente em punhos cerrados.

— Existe outro Mack nesta cidade?

— Não que eu saiba — e Mack abriu a porta externa e arriscou um passo na varanda. —

Amigo, você não parece muito bem.

— Não me sinto muito bem.

— O que aconteceu com você?

— Diga-me você, *Mack*.

Uma voz feminina chamou de algum lugar dentro da casa:

— Querido? Está tudo bem?

— Sim, Madge, tudo bem! — Mack o encarava. — Por que não me deixa levá-lo ao hospital? Você está ferido. Precisa de...

— Não vou a lugar nenhum com você.

— Então por que está na minha casa? — um traço rude havia penetrado a voz de Mack. — Apenas me ofereci para ajudá-lo. Se não quer, tudo bem, mas...

Mack ainda estava falando, mas suas palavras começaram a se dissolver, submersas por um ruído crescendo na boca do estômago de Ethan como o rugido de um trem de carga avançando em alta velocidade em sua direção. Os pontos negros estavam se multiplicando, o mundo começava a girar. Ele simplesmente não ia conseguir ficar de pé nem por mais cinco segundos se sua cabeça não explodisse antes.

Ergueu os olhos para Mack, a boca do homem ainda se movendo, o trem de carga chegando mais perto com um barulho ensurdecedor, seu ritmo sincronizado com o latejar brutal na cabeça; ele não conseguia tirar os olhos da boca de Mack, os dentes do velho — suas sinapses ligando, tentando se conectar, e o barulho, Deus, o barulho e o latejar...

Não sentiu os joelhos cederem.

Sequer registrou o corpo tombando para trás.

Um segundo e ele estava na varanda.

No próximo, no gramado.

Estirado de costas, a cabeça girando pela batida forte no chão.

Mack agora pairando sobre ele, observando-o com atenção, inclinado com as mãos sobre os joelhos e suas palavras totalmente perdidas para o trem que berrava dentro da cabeça de Ethan.

Estava prestes a perder a consciência — podia sentir aquilo chegando, a segundos de distância — e queria, queria que a dor parasse, mas...

As respostas.

Elas estavam logo ali.

Tão perto.

Não fazia sentido, mas havia algo na boca de Mack. Seus dentes. Não conseguia parar de olhar para seus dentes, e não sabia por que, mas estava tudo ali.

Uma explicação.

Respostas para tudo.

E lhe ocorreu... parar de lutar.

Parar de querer tanto.

Desistir de pensar.

Apenas deixar vir.

Os dentes os dentes os dentes os dentes os dentes os dentes os dentes...

Não eram dentes.

Eram uma grade brilhante e reluzente com as letras “MACK” estampadas na frente.

Stallings, o homem ao seu lado no banco do passageiro não vê o que se aproxima.

No carro, na viagem de três horas saindo de Boise rumo ao norte, tornou-se aparente que

Stallings adora o som da própria voz, e está fazendo o que fez durante todo o tempo: falando. Parou de ouvir uma hora antes, quando descobriu que podia se desligar completamente contanto que interviesse, a cada cinco minutos mais ou menos, com um “Não tinha pensado por esse lado” ou “Hum, interessante”.

Virou-se apenas para fazer uma módica contribuição à conversa quando leu a palavra MACK alguns metros adiante, do outro lado da janela de Stallings.

Sequer tinha começado a reagir — mal leu a palavra — quando a janela ao lado da cabeça de Stallings explodiu numa chuva de estilhaços.

O airbag infla do painel, mas uma fração de segundo atrasado, errando sua cabeça por pouco, que bate na janela com força suficiente para atravessá-la com a pancada.

A lateral direita do Lincoln Town Car amassa num apocalipse de vidro quebrado e metal retorcido, e a cabeça de Stallings é atingida em cheio pela grade do para-choque do caminhão.

Ethan pode sentir o calor do motor do caminhão invadir o carro.

O fedor repentino de gasolina e fluido de freio.

Sangue por toda parte — escorrendo por dentro do para-brisa quebrado, espirrado no painel, em seus olhos, ainda irrompendo do que sobrou de Stallings.

O Town Car está deslizando de lado pelo cruzamento, arrastado pelo caminhão, na direção daquele edifício de pedras marrons com a cabine telefônica próxima ao beco, quando ele perde a consciência.

CAPÍTULO 2

Uma mulher sorria para ele do alto. Pelo menos, considerou que aquela fosse uma boca de belos dentes, embora sua visão embaçada, dupla, tornasse difícil afirmar com certeza. Ela se aproximou um pouco mais, ambas as cabeças se fundindo e suas feições cristalizando-se o suficiente para que ele percebesse que ela era bonita. Seu uniforme de mangas curtas era branco com uma fileira de botões na frente indo de cima até onde a saia terminava, logo acima dos joelhos.

Ela continuava repetindo seu nome.

— Sr. Burke? Sr. Burke, pode me ouvir? Sr. Burke?

A dor de cabeça tinha passado.

Respirou fundo, com cuidado, até a dor nas costelas o interromper.

Devia ter se encolhido, pois a enfermeira disse:

— Ainda está sentindo desconforto no lado esquerdo?

— Desconforto — ele grunhiu entre uma risada. — Sim, estou sentindo desconforto. Com certeza se pode chamar assim.

— Posso trazer algo um pouco mais forte para a dor se quiser.

— Acho que consigo suportar.

— Certo, mas não se martirize, Sr. Burke. Qualquer coisa que eu puder fazer para lhe trazer mais conforto, é só dizer. Estou a seu dispor. Aliás, meu nome é Pam.

— Obrigado, Pam. Acho que me lembro de você da última vez que estive aqui. Nunca esqueci esse uniforme clássico de enfermeira. Nem sabia que ainda faziam desses.

Ela riu.

— Bem, fico contente em saber que sua memória está voltando. Isso é muito bom. O Dr. Miter virá vê-lo em breve. O senhor se importa se eu medir sua pressão?

— Claro que não.

— Maravilha.

A enfermeira Pam pegou um medidor de pressão de um carrinho no pé da cama e prendeu-lhe a braçadeira no bíceps esquerdo.

— O senhor nos deu um belo susto, Sr. Burke — disse ao inflar a braçadeira —, indo embora desse jeito.

Ficou quieta enquanto a agulha do marcador descia.

— Passei? — ele perguntou.

— Nota dez. A pressão sistólica é 12,2. A diastólica é 7,5 — abriu o velcro da braçadeira. — Quando o trouxeram, o senhor estava delirando — disse. — Não parecia saber onde estava. Ele se sentou na cama, a neblina de sua mente começando a se dissipar. Estava no quarto de um hospital particular. Achou que parecia familiar. Havia uma janela ao lado da cama. As persianas estavam abaixadas, mas a luz esgueirando-se por elas parecia tímida o bastante para que fosse ou de manhã cedo, ou no começo da noite.

— Onde me encontraram? — ele perguntou.

— No jardim da frente de Mack Skozie. O senhor desmaiou. Lembra-se do que estava fazendo lá? Mack disse que o senhor estava muito agitado e confuso.

— Acordei ontem perto do rio. Não sabia quem era ou onde estava.

— O senhor foi embora do hospital. Lembra-se de ter saído?

— Não. Fui à residência de Skozie porque ele era o único Mack da lista telefônica.

— Acho que não entendi.

— Mack era o único nome que tinha algum significado para mim.

— Por que o senhor acha isso?

— Porque Mack é a última palavra que li antes que o caminhão nos atingisse.

— Ah, entendi... foi um caminhão Mack que atingiu a lateral do seu carro.

— Exato.

— A mente é uma coisa estranha — a enfermeira comentou, dando a volta na cama e caminhando até a janela. — Funciona de formas misteriosas. Procura conexões estranhas.

— Quanto tempo faz desde que fui trazido de volta para cá?

A enfermeira Pam ergueu as persianas.

— Um dia e meio.

A luz entrou no quarto.

Na verdade era de manhã, o sol revelando de leve o círculo oriental de picos.

— O senhor teve uma concussão grave — ela disse. — Poderia ter morrido lá.

— Senti como se estivesse morrendo.

As primeiras luzes do dia se derramando pela cidade eram deslumbrantes.

— Como está a sua memória? — Pam perguntou.

— A coisa mais estranha. Tudo voltou quando me lembrei do acidente. Como se alguém tivesse ligado um interruptor. Como está o agente Stallings?

— Quem?

— O homem que estava no banco do passageiro quando a colisão aconteceu.

— Oh.

— Não sobreviveu, não é?

A enfermeira Pam voltou para a lateral da cama. Estendeu a mão e tocou o pulso dele.

— Receio que não.

Tinha imaginado. Não via aquele tipo de trauma desde a guerra. Ainda assim, ter a suspeita confirmada era chocante.

— Ele era seu amigo próximo? — perguntou a enfermeira.

— Não. Eu o vi pela primeira vez mais cedo naquele mesmo dia.

— Deve ter sido simplesmente horrível. Sinto muito.

— Qual é o *meu* estrago?

— Perdão?

— Meus ferimentos?

— O Dr. Miter vai poder lhe informar melhor do que eu, mas o senhor sofreu uma concussão, que já está sob controle. Algumas costelas fraturadas. Alguns cortes e lesões superficiais. Considerando tudo, poderia ter sido muito, muito pior.

Ela deu meia-volta e foi em direção à porta. Parou quando começou a abri-la e lançou-lhe um olhar rápido sobre o ombro.

— Então — disse —, tem certeza de que sua memória está voltando?

— Absoluta.

— Qual é o seu primeiro nome?

— Ethan — ele respondeu.

— Excelente.

— Poderia me fazer um favor? — Ethan perguntou.

Um amplo sorriso radiante.

— Diga.

— Existem pessoas para quem preciso telefonar. Minha esposa. Meu superior. Alguém entrou em contato com eles?

— Creio que alguém da delegacia ligou para os seus contatos de emergência logo após o acidente. Informaram o que aconteceu, sua condição.

— Eu estava com meu iPhone no paletó na hora da colisão. Você saberia onde ele está?

— Não, mas com certeza posso colocar meu chapéu de detetive Nancy Drew e descobrir para o senhor.

— Eu agradeceria.

— O botãozinho vermelho na lateral da cama, está vendo?

Ethan olhou para ele.

— Estou a um toque de distância.

A enfermeira Pam lançou mais um sorriso reluzente e saiu.

* * *

Não havia televisão no quarto, nem telefone. O melhor e único entretenimento era o relógio de parede pendurado sobre a porta, e Ethan ficou deitado na cama por várias horas observando o ponteiro dos segundos percorrerem sua órbita infundável, conforme a manhã caminhava para o meio do dia e então para a tarde.

Não podia ter certeza, mas seu quarto parecia ser no terceiro, talvez no quarto andar. A enfermeira Pam havia deixado as persianas abertas, e quando ele se cansou de olhar para o relógio, virou-se com cuidado sobre o lado bom e analisou os acontecimentos de Wayward Pines.

Daquele ponto privilegiado, podia ver a Rua Principal e vários bairros de cada lado dela. Antes de chegar ali, soubera que se tratava de uma cidade minúscula, onde nada acontecia, mas a aguda inatividade ainda o surpreendia. Uma hora se passou, e Ethan contou uma dúzia de pessoas caminhando pela calçada do hospital e nem um único carro percorrendo as vias mais movimentadas da cidade. O objeto de distração mais efetivo estava a duas quadras de distância: uma equipe de construção levantando a estrutura de uma casa.

Pensou na esposa e no filho em Seattle, esperando que estivessem a caminho para visitá-lo. Provavelmente tinham entrado no primeiro avião. Teriam que voar até Boise ou Missoula. Alugar um carro pela longa trilha até Wayward Pines.

Na vez seguinte que olhou no relógio, eram quinze para as quatro.

Ficou deitado na cama o dia todo, e o Dr. Miter, ou qualquer que fosse seu nome, não se incomodou em aparecer. Ethan havia passado tempo significativo em hospitais, e em sua experiência, enfermeiras e médicos nunca deixavam os pacientes sozinhos por mais de dez segundos — alguém sempre estava trazendo uma nova medicação, sempre espetando e cutucando.

Ali praticamente o ignoraram.

A enfermeira Pam sequer havia aparecido com seu iPhone e outros pertences. Que movimento poderia haver naquele hospital no meio do nada?

Esticou o braço até o painel acoplado à grade da cama e pressionou o polegar no botão “CHAMAR ENFERMAGEM”.

Quinze minutos mais tarde, a porta do quarto se abriu e a enfermeira Pam entrou tranquilamente.

— Oh, meu Deus, sinto muitíssimo. Não vi que tinha chamado até dez segundos atrás. Acho que estamos tendo alguns problemas como o nosso interfone — ela parou ao pé da cama e colocou as mãos nas grades metálicas. — O que posso fazer por você, Ethan?

— Onde está o Dr. Miter?

Ela fez uma careta.

— Está preso numa cirurgia de emergência durante toda a tarde. Um daqueles pesadelos de cinco horas — riu. — Mas eu o informei dos seus sinais vitais hoje de manhã e do progresso fantástico que está fazendo com a memória. Ele acha que você está de parabéns.

Ergueu os dois polegares para Ethan.

— Quando vou poder vê-lo?

— Parece que agora ele só vai fazer a ronda depois do jantar, o que deve acontecer na próxima meia hora.

Ethan esforçou-se para mascarar a crescente frustração.

— Alguma notícia do meu celular e das outras coisas que tinha comigo antes do acidente? Isso incluiria minha carteira e minha valise preta.

A enfermeira bateu continência e marchou alguns passos sem sair do lugar.

— Trabalhando nisso, capitão.

— Apenas me traga um telefone fixo imediatamente. Preciso fazer algumas ligações.

— Claro, delegado.

— Delegado?

— Você não é tipo um delegado de polícia, ou algo assim?

— Não, sou um agente especial do Serviço Secreto dos Estados Unidos.

— Sério?

— Sério.

— Pensei que vocês protegiam o presidente.

— Cuidamos de outros assuntos também.

— Então o que está fazendo aqui em nossa pequena porção do paraíso?

Ethan lançou-lhe um sorriso frio, mirrado.

— Não posso falar sobre isso.

Podia, na verdade, mas não estava com vontade.

— Bem, agora você me deixou intrigada.

— O telefone, Pam.

— Oi?

— Eu realmente preciso do telefone.

— Pode deixar.

* * *

Foi quando o jantar enfim chegou — porções de gororoba verde e marrom em compartimentos de uma bandeja metálica brilhante —, mas o telefone não, então Ethan decidiu ir embora. Claro, havia fugido uma vez antes, mas não estava no juízo perfeito na ocasião, sofrendo de uma concussão severa.

Agora estava pensando com clareza.

A dor de cabeça havia passado, ele podia respirar mais facilmente e com menos dor, e, se o

médico tivesse alguma preocupação real com seu estado, talvez o maldito tivesse feito a cortesia de aparecer em algum momento no curso das últimas dez horas.

Ethan esperou até a enfermeira Pam sair, com sua frase de despedida assegurando-lhe que a comida do hospital “tinha o sabor muito melhor do que a aparência!”.

Quando a porta se fechou, tirou o acesso do soro de seu pulso e pulou a grade da cama. O chão de linóleo estava frio na sola de seus pés descalços. Ainda faltava um pouco para que se sentisse completamente estável, mas ainda estava a anos-luz de seu estado de quarenta e oito horas antes.

Ethan caminhou até o armário e abriu a porta.

Sua camisa, paletó e calça estavam num cabide, seus sapatos no chão, logo abaixo.

Nada de meias.

Nada de roupa de baixo.

Acho que vou ter que ir livre, leve e solto.

A única dor veio quando Ethan se curvou para puxar a calça, uma pontada aguda no alto de seu lado esquerdo que se dissipou quando ele endireitou o corpo.

Deu uma olhada nas pernas nuas, e, como sempre, o nexo das cicatrizes o levou para longe do momento presente, lutou para puxá-lo a oito anos antes, para dentro de uma sala de paredes marrons cujo fedor de morte nunca o abandonaria.

Procurou o canivete e o encontrou ainda dentro do paletó. Bom. Era uma relíquia de seus vinte e poucos anos, quando havia trabalhado como mecânico de helicópteros — agora mais um talismã do que uma ferramenta funcional, mas oferecia algum grau de conforto saber onde estava.

Parou em frente a um espelho no banheiro, atrapalhando-se com a gravata. Foram necessárias cinco tentativas para deixá-la do jeito certo. Dedos inseguros e desajeitados, como se não fizessem um nó de gravata havia anos.

Quando finalmente apertou um nó Windsor medíocre, deu um passo para trás e avaliou sua aparência.

Os hematomas no rosto pareciam um pouco melhor, mas seu paletó ainda tinha manchas de grama e de terra e um pequeno rasgo no bolso esquerdo. A camisa branca de oxford, por baixo, também estava manchada: dava para ver o sangue respingado perto do colarinho.

Havia perdido vários centímetros de cintura no curso dos últimos dias e teve que apertar o cinto no último furo. Ainda assim, suas calças pareciam folgadas demais.

Abriu a torneira, molhou as mãos e passou os dedos pelo cabelo.

Repartiu. Tentou dar aos fios alguma aparência de ordem.

Bochechou com água morna várias vezes, mas ainda sentia a boca suja.

Cheirou as axilas — *fedorentas*.

Também precisava fazer a barba. Anos se passaram desde que ficara com a aparência tão rústica.

Calçou os sapatos, amarrou-os e andou na direção da porta do banheiro.

Seu primeiro instinto foi partir sem ser visto, e isso o intrigou. Era um agente federal com toda a autoridade do Governo dos Estados Unidos. Isso significava que as pessoas tinham que fazer o que ele mandasse. Mesmo enfermeiras e médicos. Não queriam deixar que ele fosse embora? Grande coisa. E ainda assim, alguma parte dele estava resistindo ao alarde de criar uma cena. Era idiota, ele sabia, mas não queria que a enfermeira Pam o pegasse no pulo.

Girou a maçaneta e abriu a porta um centímetro.

Do que ele podia ver do corredor, estava vazio.

Apurou os ouvidos.

Nada de conversa distante de enfermeiros.

Nada de passos.

Apenas silêncio ensurdecedor.

Esticou o pescoço para fora.

Uma olhada rápida para a esquerda e para a direita confirmou sua suspeita. Por enquanto, o local estava vazio, mesmo o posto de enfermagem a uns quinze metros adiante, pelo corredor. Saiu do quarto, pisou no chão de linóleo quadriculado e fechou a porta com cuidado atrás de si.

Ali fora, o único som vinha das luzes fluorescentes logo acima — um zumbido suave e constante.

De repente, deu-se conta do que deveria ter feito antes de qualquer outra coisa. Curvou-se, apesar da dor nas costelas, e desamarrou os sapatos.

De pés descalços, avançou pelo corredor.

Todas as portas naquela ala estavam fechadas e nenhuma luz esgueirava-se por baixo delas; nenhum dos quartos além do seu parecia ocupado.

O posto de enfermagem estava vazio. Ali quatro corredores se encontravam, três dos quais levavam a outras alas de quartos.

Um corredor mais curto atrás do posto acabava em portas duplas, em cima das quais estava uma placa exibindo as palavras CENTRO CIRÚRGICO.

Ethan parou no elevador em frente ao posto e apertou o botão para descer.

Ouviu polias começarem a girar do outro lado das portas.

— Vamos.

Demorou anos.

Percebeu que deveria simplesmente ter ido pela escada.

Continuou olhando sobre o ombro, tentando perceber se passos se aproximavam, mas não conseguiu ouvir nada além do barulho da cabine do elevador subindo.

As portas enfim se separaram, com um rangido que fez os dentes de Ethan doerem, e ele deu um passo para o lado, caso alguém tivesse subido junto.

Ninguém saiu do elevador.

Entrou depressa e apertou o “T”.

Analizando os números iluminados sobre as portas, ele observou o elevador começar a descer do quarto andar, e um minuto inteiro se passou, tempo o suficiente para que calçasse de volta os sapatos, antes que o “T” fosse iluminado e as portas comessem a se escancarar.

Espremendo-se, saiu para uma nova intersecção de corredores.

Murmúrio de vozes não muito longe.

O barulho de maca sendo empurrada sobre rodas estridentes.

Foi para o lado oposto, seguindo por três longos corredores, e começava a suspeitar que estivesse perdido quando viu uma placa de SAÍDA.

Desceu às pressas meio lance de escadas, empurrou a porta ao fim delas e saiu para a rua aos tropeços.

Era o começo da noite, o céu límpido escurecendo, e as montanhas assumindo as cores do sol

poente: tons de rosa e alaranjado. Estava parado num pequeno caminho que ligava a rua ao hospital. Tratava-se de um prédio de quatro andares com tijolos vermelhos aparentes que mais lembrava uma escola, ou um hospício.

Inspirou a maior dose de oxigênio que conseguiu sem causar dor, e foi incrível inalar o ar fresco com perfume de pinheiro depois de ter respirado o fedor de antisséptico hospitalar. Alcançou a calçada e começou a descer a Rua Principal em direção aos prédios do centro. Havia mais gente na rua do que durante a tarde.

Passou por um restaurante situado numa casa pequena com um pátio de um dos lados. Pessoas jantavam ao ar livre, sob choupos de onde se penduravam cordões com luzinhas brancas. O cheiro de comida fez seu estômago roncar.

Na esquina da Principal com a Rua Cinco, atravessou e voltou para a cabine telefônica onde tinha perdido a consciência dois dias antes.

Entrou e folheou a lista telefônica até encontrar o endereço da Delegacia de Wayward Pines.
* * *

Sentia-se melhor do que há dias enquanto caminhava na direção leste da cidade com a luz minguando e a temperatura caindo.

Caminhou e viu um churrasco em andamento.

O cheiro de carvão na brasa.

O aroma gostoso e acre de cerveja exalando de copos de plástico.

O som de risada de crianças ecoando pelo vale.

O barulhinho estalado de um irrigador de jardim por perto, parecendo uma cigarra.

Para onde olhava, era uma pintura.

Como um ideal platônico de cidade. Não poderia haver mais de quatrocentos ou quinhentos habitantes, e ele se pegou questionando o que os teria atraído até ali. Quantos tinham conhecido Wayward Pines por acidente, se apaixonado, ficado? Quantos teriam nascido ali e nunca saído?

Por mais que sempre tivesse sido um sujeito de cidade grande, podia entender os que não deixavam um lugar como aquele. Por que abandonar o que parecia ser a total e completa perfeição? O supracitado da cultura típica americana, rodeado de algumas das belezas naturais mais notáveis em que Ethan já havia posto os olhos. Vira fotos de Wayward Pines na noite anterior a deixar Seattle, mas nenhuma delas sequer chegava perto de fazer justiça àquele pequeno vale.

E ainda assim, *ele* estava ali.

E em virtude daquele fato, ou *por causa* dele, aquele lugar não era perfeito.

Experiência própria: havia escuridão onde quer que humanos se reunissem.

O mundo era assim.

Perfeição era algo da superfície. A epiderme. Bastava cortar algumas camadas mais abaixo para ser possível ver as tonalidades mais escuras.

Se cortasse até o osso — negror de carvão.

Não conseguiu tirar os olhos das montanhas enquanto caminhava. O paredão oriental devia alcançar uns mil e duzentos metros. Próximo ao cume, tudo era gelo e rocha.

As derradeiras faixas horizontais de luz do sol atingiam os penhascos pelas costas; Ethan se virou e gastou alguns minutos parado para observar o brilho desvanecer.

Quando a luz se foi, instantaneamente a rocha se tornou da cor do aço enegrecido.

E sua natureza mudou.
Ainda era linda.
Porém mais remota.
Indiferente.
* * *

O letreiro sobre as portas duplas de vidro:

DELEGACIA DE WAYWARD PINES

Andando em direção à entrada principal por um caminho ladeado de mudas de pinheiro, ele sentiu um novo impulso de frustração percorrê-lo.

Através do vidro, podia ver que a recepção estava escura e vazia.

Ainda assim, segurou as portas e deu um puxão brusco.

Trancadas.

Já tinha acabado o expediente, com certeza, mas *que droga*.

Ethan se afastou de costas da entrada e observou a largura do prédio térreo. Na extremidade, parecia que um fecho de luz se esgueirava pelas persianas atrás de uma janela.

Avançou outra vez, bateu o nó dos dedos em uma das portas de vidro.

Nada.

Bateu com ainda mais força, atingindo o vidro tão forte que as portas balançaram no batente.

Cinco minutos se passaram, mas ninguém jamais veio.

* * *

Duas estrelas e um planeta já haviam aparecido à hora que ele alcançou a Rua Principal, e a sensação de frio que era agradável quinze minutos antes havia se tornado desconfortável, penetrando sua camisa fina de oxford, seus pés sem meias começando a ficar adormecidos. Pior, o primeiro sinal de fome verdadeira estava se manifestando como uma dor oca na boca do estômago e uma tontura atrás dos olhos.

Andou vários quarteirões até o Wayward Pines Hotel e subiu os degraus de pedra na entrada. Pelos painéis de vidro na porta, ele viu luzes acesas do lado de dentro e uma mulher jovem sentada atrás de um balcão.

Ethan entrou no *lobby* e sentiu uma baforada bem-vinda de calor.

Um piano de cauda ocupava um canto em frente a uma enorme lareira que, naquele momento, abrigava um fogo vigoroso.

Parou por um momento e estendeu as mãos para a fonte de calor. A resina de pinheiro em ebulição exalava o aroma doce de uma vela. Ele poderia ter se estirado no sofá e tirado uma soneca por dias.

Depois de um instante, arrastou-se dali e caminhou até a recepção.

A moça sorriu para Ethan quando ele se aproximou.

Supôs que ela tivesse vinte e poucos anos. Bonitinha, embora um pouco acima do peso, tinha o cabelo preto preso num rabo de cavalo curto. Usava uma camisa social branca sob um colete preto, e seu crachá a identificava como “Lisa”.

Ethan andou discretamente até o balcão alto e apoiou os antebraços para se equilibrar.

— Boa-noite — Lisa disse. — Bem-vindo ao Wayward Pines Hotel. Como posso ajudá-lo esta noite?

Aquele cumprimento parecia estranho. Não as palavras, mas a entonação. Como se ela estivesse lutando com algo que quase nunca tinha que dizer.

— Tem algum quarto vago para hoje?

— Com certeza temos.

Lisa digitou num teclado.

— Apenas para esta noite? — ela perguntou.

— Sim. Pelo menos por enquanto.

Ethan lançou um olhar para o monitor: uma monstruosidade antiga. Como algo do fim dos anos oitenta. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha visto tal dinossauro.

— Tenho um quarto para hóspedes não fumantes e sem animais no segundo piso, com uma cama *king size*.

— Serve.

Ela terminou de digitar.

— E o senhor gostaria de pagar com cartão de crédito?

Ethan sorriu.

— Essa é uma pergunta interessante.

— Ah é? Em que aspecto?

— Estive envolvido num acidente de carro há vários dias. Um caminhão atingiu a lateral do meu carro. Na verdade, logo aqui na outra esquina. Talvez você tenha visto.

— Não, com certeza não vi.

— Bem, acabei de ter alta do hospital, e a questão é... Não consegui localizar a minha carteira. Aliás, nenhum dos meus pertences pessoais.

— Ah, sinto muito em saber.

Pensou notar o sorriso de Lisa perder apenas um traço de seu entusiasmo inicial.

— Então como exatamente vai pagar, Sr...?

— Burke. Ethan Burke. Veja bem, é o que eu estou tentando lhe dizer. Não vou poder pagar pelo quarto até conseguir minha carteira de volta amanhã. Fui informado de que o xerife está de posse das minhas coisas. Não sei por que, mas... — ele deu de ombros — é isso.

— Hum. Veja, não tenho permissão para abrir uma reserva sem pagamento adiantado em dinheiro ou pelo menos um número de cartão de crédito. É a política do hotel. Caso... e não estou dizendo que isso necessariamente vai ocorrer, mas caso haja qualquer dano ao quarto ou taxa que...

— Entendo. Tenho plena consciência do porquê de se exigir o depósito. Só estou dizendo que poderia pagar você amanhã de manhã.

— O senhor não tem nem uma habilitação?

— Está tudo na minha carteira.

Lisa mordeu o lábio inferior, e ele conseguia ver o que vinha pelo caminho: uma garota legal se preparando para fazer o papel de vilã.

— Senhor... Sr. Burke, receio que sem um cartão de crédito, ou uma identificação, não vou mesmo poder lhe oferecer um quarto esta noite. Eu adoraria. De verdade. Mas é a política do hotel e...

Ela parou de falar quando Ethan se inclinou sobre o balcão.

— Lisa, você sabe por que eu estou usando terno preto?

— Não.

— Sou um agente especial do Serviço Secreto dos Estados Unidos.

— Quer dizer um daqueles caras que protegem o presidente?

— Este é apenas um dos nossos deveres. Nossa missão principal é proteger a integridade da infraestrutura financeira do nosso país.

— Então o senhor está, tipo, numa investigação em Wayward Pines?

— Estou. Eu tinha acabado de chegar à cidade quando o acidente aconteceu.

— Que tipo de investigação?

— Não posso divulgar nenhum detalhe.

— O senhor não está de brincadeira comigo, está?

— Se eu estivesse, estaria cometendo um crime federal.

— O senhor é mesmo um agente especial?

— Sim. E estou cansado e pedindo que você me poupe. Preciso de um quarto para passar a noite. Prometo... pode confiar em mim, eu vou pagar.

— E vai pagar amanhã? Logo cedo?

— Logo cedo.

* * *

Chave em punho, ele subiu até o segundo andar com passos pesados e saiu num corredor longo e quieto. Havia imitações de lampiões pendurados nas paredes a cada seis metros, que emanavam uma luz fraca e amarelada no carpete persa.

Seu quarto era no fim do corredor, o número 226.

Destrancou a porta, entrou, acendeu a luz.

A decoração puxava para um estilo caseiro.

Dois quadros icônicos de Velho Oeste malfeitos.

Um caubói num cavalo xucro saltando.

Grupo de vaqueiros reunidos em volta de uma fogueira.

O quarto era abafado e não tinha televisão.

Apenas um antigo telefone preto de disco sobre uma das mesas de cabeceira.

A cama em si parecia fofa e gigantesca. Ethan sentou com cuidado no colchão e desamarrou os sapatos. Andar por aí sem meias já havia lhe rendido várias bolhas na parte de trás dos tornozelos. Tirou o paletó, a gravata, e abriu os três primeiros botões da camisa de oxford.

Havia uma lista telefônica na gaveta do criado-mudo; ele a tirou de lá, colocou sobre a cama e pegou o fone do aparelho antiquado.

Linha.

Graças a Deus.

De forma estranha, seu número telefônico não saltou à memória de imediato. Precisou passar um minuto visualizando-o, tentando resgatar a imagem do número surgindo quando ele digitava na tela do iPhone. Havia se lembrado outro dia, mas...

— Dois... zero... seis. — Sabia que começava com esses três números, o código de área de Seattle, e cinco vezes ele os discou no telefone, mas cinco vezes teve um branco depois do número seis.

Ligou para o número de lista telefônica.

Depois de dois toques, uma telefonista respondeu:

— Cidade e nome?

— Seattle, Washington. Ethan Burke. B-U-R-K-E.

— Um momento, por favor. — Do outro lado da linha ele podia ouvir a mulher teclando.

Houve uma longa pausa. E então: — B-U-R-K-E?

— Exato.

— Senhor, não há nada registrado nesse nome.

— Está certa disso?

— Sim.

Com certeza era estranho, mas considerando a natureza de seu emprego, seu número telefônico provavelmente não estava na lista. Aliás, para falar a verdade, ele tinha quase certeza de que estava. Quase.

— Certo, obrigado.

Colocou o telefone no gancho e abriu a lista telefônica. Localizou o número da delegacia. Chamou cinco vezes e caiu na caixa postal.

Depois do bipe, Ethan disse:

— Aqui quem fala é o agente especial Ethan Burke, do Serviço Secreto dos Estados Unidos, divisão de Seattle. Como o senhor deve saber, estive envolvido no acidente automotivo na Rua Principal há alguns dias. Preciso lhe falar no primeiro momento oportuno. O hospital me informou que o senhor está de posse dos meus pertences pessoais. Incluindo minha carteira, meu telefone, valise e arma de fogo. Passarei aí amanhã na primeira hora para pegá-los. Se alguém receber esta mensagem antes disso, por favor, ligue para mim no Wayward Pines Hotel. Estou no quarto 226.

* * *

Já era de noite quando Ethan desceu os degraus na entrada do hotel, os pés o matando, morrendo de fome.

A cafeteria adjacente estava fechada, por isso seguiu rumo ao norte sob um céu repleto de estrelas, passando por uma rara livraria, algumas lojas de presentes e um escritório de advocacia.

Não era assim tão tarde, mas com tudo já fechado, as calçadas da Principal estavam vazias. Começava a se conformar com o horror de ficar sem o jantar, além de todos os outros acontecimentos, quando vislumbrou uma luz se derramando sobre a calçada na próxima quadra. Seu ritmo involuntariamente se acelerou quando ele captou a primeira sugestão do aroma de comida quente vindo de uma abertura de ventilação no prédio logo adiante.

Ao alcançar a entrada, olhou pelo vidro para o interior de um *pub* à meia-luz chamado The Biergarten.

Seu coração se aqueceu — ainda estava aberto.

Ele entrou.

Três mesas ocupadas, fora isso o lugar estava morto.

Escolheu uma banquetta no canto do balcão.

Por um par de portas vaivém, chegava o som de carne grelhando.

Sentado naquele *pub*, os braços descansando sobre o balcão bem gasto, sentiu-se em paz pela primeira vez em dias. A memória de Stallings e do acidente estava próxima, ameaçando tomá-lo de assalto, mas Ethan se recusava a deixar que dominasse sua mente. Apenas inspirou e expirou, tentando se manter enraizado o mais firme possível no presente.

Depois de cinco minutos, uma mulher alta, como uma massa de cabelos castanhos presos no alto da cabeça com dois palitos, empurrou as portas e levantou o tampo de uma seção do balcão.

Ela foi até Ethan, toda sorrisos, e jogou uma bolacha para copos diante dele.

— O que vai beber?

Ela usava uma camiseta preta com o nome do pub estampado na frente.

— Uma cerveja seria ótimo.

A *bartender* pegou um copo e foi até as torneiras.

— Uma cerveja clara? Escura?

— Você tem Guinness?

— Tenho algo assim.

Ela já havia acionado a torneira quando ele se lembrou de que não tinha dinheiro algum.

Ela colocou o copo diante dele, espuma cremosa escorrendo pelas laterais, e disse:

— Só vai beber ou quer ver o menu?

— Comida, com certeza — respondeu —, mas você vai me matar.

A mulher sorriu.

— Ainda não. Eu praticamente nem o conheço.

— Não tenho um tostão.

O sorriso morreu.

— Certo, talvez você esteja aprontando alguma.

— Posso explicar. Viu o acidente que aconteceu na Principal há alguns dias?

— Não.

— Ouviu falar, não ouviu?

— Não.

— Bom, aconteceu um, apenas alguns quarteirões ao sul daqui e eu estava nele. Na verdade, acabei de sair do hospital.

— Então foi assim que você ganhou esses hematomas bonitos?

— Acertou.

— Ainda estou tentando entender o que isso tem a ver com você não me pagar.

— Sou um agente federal.

— Mesma pergunta.

— Pelo que me disseram, o xerife está com a minha carteira e o meu telefone. Aliás, tudo. Isso está sendo uma grande dor de cabeça.

— De onde você é? FBI e tal?

— Serviço Secreto.

A mulher sorriu e inclinou-se sobre o balcão, chegando mais perto dele. Seria difícil afirmar à meia-luz, mas, olhando de perto, ela era bem bonitona. Alguns anos mais nova do que Ethan, com maçãs do rosto no estilo de modelo, tronco curto e pernas longas. Era provável que tivesse sido linda de morrer quando estava na casa dos 20, embora os 34 ou 35 anos — ou qual fosse sua idade — não a estivessem tratando tão mal.

— Não sei se você é um golpista e isso tudo faz parte do seu jogo. Aparecer aqui de terno preto e essa loucura...

— Não estou mentindo...

Ela tocou os lábios dele com um dedo.

— Entendo assim: ou você é exatamente quem diz que é, ou é um mentiroso espetacular. Quero dizer, essa é uma boa história, e eu gosto de boas histórias. De qualquer forma, claro que vou deixar você jantar e pendurar a conta.

— Não é mentira... qual o seu nome?

— Beverly.

— Sou Ethan.

Deram um aperto de mãos.

— Prazer em conhecer, Ethan.

— Beverly, assim que eu recuperar minha carteira e minhas coisas amanhã de manhã, volto aqui...

— Vou adivinhar... vai me dar uma bela gorjeta?

Ethan sacudiu a cabeça.

— Agora você está zombando de mim.

— Desculpe.

— Se você não acredita em mim, eu vou...

— Acabei de conhecê-lo — ela respondeu. — Quando tiver terminado o jantar, vou saber se o verei ou não outra vez.

— Cedo demais para dizer, hein? — ele sorriu, sentindo como se estivesse conseguindo convencê-la.

Beverly lhe trouxe o menu; ele pediu batatas fritas largas e um cheeseburger tão malpassado quanto o ministério da saúde permitisse.

Quando Beverly desapareceu na cozinha com o pedido, ele bebericou a cerveja.

Hum. Algo estava esquisito. A cerveja estava choca e, sem falar da mais tênue sugestão de amargor no final, estava completamente desprovida de gosto.

Ele colocou o copo no balcão quando Beverly estava voltando.

— Vou comer sem pagar, então estou meio sem graça de reclamar — ele disse —, mas alguma coisa está errada com essa cerveja.

— Jura? — Ela apontou o copo. — Você se importa se eu...

— Vá em frente.

Ela ergueu o copo, tomou um gole e lambeu a espuma do lábio superior quando o colocou de novo no balcão.

— O gosto está normal para mim.

— Sério? —

É sim.

— Não, a cerveja está choca e... eu não sei... é só que... não tem gosto de nada.

— Estranho. Não percebi nada disso. Quer tentar uma cerveja diferente?

— Não, acho que eu nem deveria estar bebendo, de qualquer forma. Só vou tomar uma água.

Ela trouxe um copo limpo e colocou água sobre o gelo.

* * *

Ethan ergueu um cheeseburger fumegante do prato com as duas mãos.

Beverly estava limpando o outro lado do balcão com um pano quando ele a chamou, o sanduíche suspenso diante da boca.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada. Ainda. Venha aqui.

Ela foi e o encarou.

— Minha experiência — ele disse — é que em mais ou menos oitenta por cento das vezes, quando peço um hambúrguer muito malpassado como acabei de pedir, recebo um bem-passado. Não sei por que a maioria dos cozinheiros é incapaz de fritar um hambúrguer do jeito

certo, mas aqui está. E sabe o que eu faço quando recebo um lanche passado demais?

— Devolve? — ela não parecia achar graça.

— Exatamente.

— Você é um cara bem difícil de agradar, sabia?

— Tenho ciência disso — ele respondeu e abocanhou o sanduíche.

Mastigou por uns bons dez segundos.

— E então? — Beverly perguntou.

Ethan colocou o hambúrguer de volta no prato, engolindo ao limpar as mãos no guardanapo de pano. Apontou o lanche.

— Isso aqui ficou uma obra de arte.

Beverly riu e revirou os olhos.

* * *

Quando Ethan terminou o último farelo de sua refeição, era o único cliente ainda no restaurante.

A atendente do pub recolheu o prato e depois voltou para completar o copo com água.

— Você vai ficar bem esta noite, Ethan? Tem um bom lugar para ficar?

— Tenho, passei a lábia na recepcionista do hotel até convencê-la a me dar um quarto.

— Ela também caiu na sua história horrível, foi isso? — Beverly deu um sorriso espreito.

— De cabo a rabo.

— Bom, já que isso aqui é por minha conta, posso lhe oferecer sobremesa? Nosso bolo de chocolate é de outro mundo.

— Obrigado, mas é melhor eu ir andando.

— O que exatamente você está fazendo aqui? A trabalho, quero dizer. Entendo se você não puder falar a respeito...

— Investigação de desaparecimento.

— Quem desapareceu?

— Dois agentes do Serviço Secreto.

— Desapareceram *aqui*? Em Wayward Pines?

— Há mais ou menos um mês, o agente Bill Evans e a agente Kate Hewson vieram aqui numa investigação confidencial. Até o momento, faz dez dias que não temos notícias deles. Perda total de comunicação. Sem e-mails. Sem telefonemas. Até o rastreador GPS no carro deles perdeu o sinal.

— E eles o enviaram para encontrá-los?

— Eu trabalhava com a Kate. Éramos parceiros quando ela vivia em Seattle.

— Só isso? — Beverly perguntou.

— Não entendi?

— *Apenas* parceiros?

Ele podia sentir o tremor de algo — tristeza, perda, raiva — vibrando dentro de si.

Mas escondeu bem.

— É, só éramos parceiros. Amigos também, na verdade. De qualquer forma, estou aqui no rastro deles. Descobrir o que aconteceu. Levá-los para casa.

— Acha que alguma coisa ruim aconteceu?

Ele não respondeu, apenas a encarou, mas já era uma resposta.

— Bem, espero que encontre o que está procurando, Ethan. — Beverly pegou uma comanda do

bolso da frente do avental e deslizou-a pelo balcão.

— Então isso aqui é prejuízo meu, não é?

Ethan olhou a comanda. Não era uma conta com itens. Beverly havia escrito um endereço por cima das colunas.

Primeira Avenida, 604

— O que é isso? — Ethan perguntou.

— É onde eu moro. Se precisar de alguma coisa, se arrumar confusão, sei lá...

— O quê? Agora está preocupada comigo?

— Não, mas sem dinheiro, sem telefone, sem identidade, você está numa situação vulnerável.

— Então agora acredita em mim?

Beverly inclinou-se sobre o balcão e colocou a mão sobre a dele por apenas um instante.

— Sempre acreditei em você.

* * *

Fora do pub, ele tirou os sapatos e começou a andar pela calçada com pés descalços, o concreto frio, mas pelo menos conseguia andar sem dor.

Em vez de voltar para o hotel, seguiu por uma das ruas que cruzavam a Principal e entrou numa área residencial.

Pensando em Kate.

Casas vitorianas alinhavam-se dos dois lados da rua, valorizadas pelo reluzir das varandas. O silêncio era assombroso.

Nunca havia noites como aquela em Seattle.

Sempre o lamentar distante de alguma ambulância ou alarme de carro ou o tamborilar de chuva pelas ruas.

Ali, o silêncio completo, mortal, era quebrado apenas pelo ruído suave da sola de seus pés sobre a calçada...

Espere.

Não, havia outro som: um grilo solitário cricrilando num arbusto adiante.

Aquilo o levou de volta para sua infância no Tennessee e as noites de meados de outubro, quando se sentava na varanda fechada com tela, enquanto seu pai fumava cachimbo, olhando além dos campos de soja, o coro dos grilos mingando até ser apenas um indivíduo solitário.

O poeta Carl Sandburg não tinha escrito sobre aquela mesma coisa? Ethan não lembrava a estrofe de cor, sabia apenas que tinha algo a ver com a voz do último grilo sobre a geada.

Uma lasca de canto.

Ali estava: era a frase que ele adorava.

Uma lasca de canto.

Parou ao lado da moita, meio esperando que o cricrilar parasse de forma abrupta, mas continuou num ritmo tão constante que quase parecia mecânico. Grilos esfregavam as asas para fazer aquele som, ele havia lido em algum lugar.

Ethan observou o arbusto.

Alguma espécie de junípero.

Perfume forte, fragrante.

Uma lâmpada da rua próxima lançava um raio decente de iluminação nos galhos, e ele se inclinou para a frente a fim de ver se conseguia vislumbrar o grilo.

O cricrilar continuou, incessante.

— Onde você está, menino?

Inclinou a cabeça de lado.

Agora estava de olhos semicerrados observando algo mal aparecendo entre os galhos. Mas não era o grilo. Em vez disso, algum tipo de caixa, mais ou menos do tamanho de seu iPhone. Esticou o braço entre os galhos e tocou a superfície do objeto.

O cricrilar ficou mais suave.

Ele puxou a mão.

Mais alto.

Diabos, qual era o sentido daquilo?

O cricrilar do grilo era emitido por um alto-falante.

* * *

Eram quase dez e meia quando destrancou a porta do quarto do hotel e entrou. Deixou os sapatos caírem, tirou a roupa e subiu na cama sem nem mesmo se importar em apagar as luzes. Havia aberto uma das janelas antes de sair para jantar e podia sentir uma brisa fina, fresca, soprando no seu peito, levando para longe o acúmulo de calor sufocante do dia.

Em um minuto, estava com frio.

Sentou-se, afastou a colcha e o lençol e entrou debaixo.

* * *

Lutando pela própria vida, perdendo, a criatura em cima dele, num frenesi tentando rasgar sua garganta, o único elemento a manter Ethan vivo era o aperto esmagador que fazia no pescoço do monstro — apertando, apertando —, mas a coisa tinha uma força bruta, pura. Ele podia sentir os músculos duros quando seus dedos cravaram na pele leitosa, translúcida. Mas não iria parar por ali, seu tríceps começando a ter câimbras e seus braços cedendo enquanto a cara, os dentes, aproximavam-se centímetro a centímetro...

* * *

Ethan acordou sentando de repente na cama, pingando de suor, esforçando-se para recuperar o fôlego, o coração tão disparado que era menos uma batida do que um estremecimento constante no peito.

Não fazia ideia de onde estava até ver a pintura dos caubóis e da fogueira.

O despertador na mesa de cabeceira mudou para três e dezessete.

Acendeu a luz, fitou o telefone.

Dois... zero... seis...

Dois... zero... seis...

Como não conseguia se lembrar do telefone de casa? Ou mesmo do celular de Theresa? Como era possível?

Trazendo as pernas para a lateral da cama, ele se levantou e caminhou até a janela.

Abriu a persiana, olhou para a rua tranquila lá embaixo.

Prédios escuros.

Calçadas vazias.

Pensando bem, amanhã vai ser melhor.

Recuperaria o celular, a carteira, a arma, a valise. Ligaria para a esposa, para o filho. Ligaria para Seattle e falaria com Hassler, o Agente Especial no Comando, seu superior hierárquico. Retomaria a investigação sobre o que o havia levado até ali, para começo de conversa.

CAPÍTULO 3

Acordou com dor de cabeça e a luz do sol invadindo seu quarto pelas frestas das persianas. Girou de lado, olhou para o relógio.

— Merda.

Meio-dia e vinte e um.

Havia dormido até depois do meio-dia.

Ethan se arrastou para fora da cama e, ao alcançar as calças, enroladas no chão, ouviu alguém batendo na porta. Correção: alguém que estava batendo na porta havia um bom tempo e pela primeira vez ele percebia que a batida distante não estava apenas confinada dentro de sua cabeça.

— Sr. Burke! Sr. Burke!

Lisa, a recepcionista do hotel, gritava do lado de fora.

— Só um segundo! — ele gritou de volta. Vestiu as calças e cambaleou até a porta.

Destrancou, tirou a corrente, abriu com um puxão.

— Sim? — Ethan perguntou.

— O *check-out* é às onze.

— Desculpe, eu...

— O que aconteceu com sua palavra de “logo cedo”?

— Não percebi que...

— O senhor já conseguiu recuperar a carteira?

— Não, estou acordando só agora. Já passou mesmo do meio-dia?

Ela não respondeu, apenas o encarou.

— Vou à delegacia agora mesmo — disse — e assim que eu recup...

— Preciso da sua chave de volta e preciso que desocupe o quarto.

— Para quê?

— Desocupar o quarto. Saia. Não gosto que se aproveitem de mim, Sr. Burke.

— Ninguém está se aproveitando de você.

— Estou esperando.

Ethan olhou com atenção para o rosto dela, procurando por algo... ponto fraco, brechas em sua resolução... mas não encontrou uma migalha de compaixão.

— Só deixe eu me vestir — e começou a fechar a porta, mas Lisa colocou o pé no limiar para impedir.

— Ah, você quer ficar me olhando? De verdade? — ele se afastou da porta. — Certo.

Aproveite o show.

E assim ela fez. Ficou na porta observando-o amarrar os sapatos nos pés sem meias, abotoar a camisa branca de oxford manchada e lutar por dois minutos agonizantes com o nó da gravata. Depois de finalmente ter deslizado os braços para dentro do paletó preto, ele pegou a chave do quarto de cima da mesa de cabeceira e jogou na palma da mão de Lisa ao sair.

— Daqui a duas horas, você vai se sentir péssima por causa disso — disse ao caminhar pelo corredor em direção à escada.

* * *

Na farmácia da esquina da Principal com a Rua Seis, Ethan pegou um frasco de aspirina da prateleira e o levou até o caixa.

— Não posso pagar por isso — ele disse ao depositá-lo no balcão do caixa —, mas prometo que vou voltar aqui com a minha carteira em trinta minutos. É uma longa história, mas estou com uma dor de cabeça dos infernos e preciso tomar alguma coisa imediatamente.

O farmacêutico de jaleco branco estava no meio de uma receita, contando pílulas de uma bandeja de plástico. Abaixou o queixo e olhou para Ethan por cima dos óculos quadrados de armação prateada.

— O que exatamente você está me pedindo?

O farmacêutico era um homem em vias de ficar calvo, na pior metade dos quarenta anos. Pálido. Magro. Com grandes olhos castanhos que pareciam ainda maiores através das lentes fundo de garrafa.

— Para me ajudar. Estou aqui... morrendo de dor.

— Então vá ao hospital. Tenho uma farmácia, não uma agência de crédito.

Um momento de visão dupla abalou Ethan por uma fração de segundo e ele pôde sentir aquele martelar terrível começando a aumentar outra vez na base do pescoço, cada pulso irradiando uma onda de dor lancinante pela espinha.

Não se lembrava de ter deixado a farmácia.

Quando deu por si, já estava andando aos trancos e barrancos pela calçada da Principal. Sentindo-se pior minuto a minuto, perguntando-se se poderia voltar ao hospital; mas era a última coisa que desejava. Apenas precisava de um maldito Advil, algo para aliviar um pouco a dor e permiti-lo fazer alguma coisa.

Ethan parou na próxima faixa de pedestres. Tentava se orientar na direção a seguir para chegar à delegacia, quando se lembrou. Deslizando a mão dentro do bolso do paletó, puxou o pedaço de papel e o desdobrou.

Primeira Avenida, 604

Vacilou. Bater à porta daquela completa estranha e pedir remédio? Por outro lado, não queria ir até o hospital e não poderia aparecer na frente do xerife sofrendo daquela dor de cabeça incapacitante. Planejava dar um sermão e isso geralmente dava mais certo se a pessoa não estivesse tomada pelo desejo de se encolher em posição fetal num quarto escuro.

Qual era o nome dela?

Ah, sim, Beverly.

Era provável que tivesse fechado o bar na noite anterior, o que significava que havia uma boa chance de estar em casa agora. Droga, ela é quem tinha oferecido. Ele poderia dar um pulo, pegar emprestado uns comprimidos, colocar a dor de cabeça sob controle antes de ir à delegacia.

Atravessou, continuou na Principal até chegar à Rua Nove e então dobrou a esquina e seguiu para o leste.

Ruas cruzavam a Principal.

Avenidas percorriam paralelas.

Supôs que tinha umas sete quadras para caminhar.

Depois da terceira, podia sentir o atrito queimando seus pés, mas não parou. Era dor, mas também uma distração bem-vinda do latejar na cabeça.

A escola ocupava um quarteirão inteiro entre a Quarta e Quinta avenidas e ele mancou ao longo de uma cerca de arame que circundava um campo de esportes.

Era a hora do intervalo para a turma de oito ou nove anos, e as crianças estavam

compenetradas num jogo de pega-pega elaborado, uma menina de mairias-chiquinhas loiras perseguindo todos à vista sob um coral de gritos ecoando entre os prédios de tijolos.

Ethan assistiu à brincadeira, tentando não pensar no sangue que começava a se juntar nos sapatos — frio entre os dedos.

Mairias-Chiquinhas, de repente, parou no meio de um grupo de crianças e encarou Ethan. Por um instante, as outras continuaram correndo e gritando, mas aos poucos também foram parando, percebendo, primeiro, que a pegadora não estava mais correndo atrás deles e, então, o que tinha chamado sua atenção.

Uma por uma, cada criança virou e encarou Ethan. Expressões vazias as quais ele poderia jurar que continham algum elemento de hostilidade maldisfarçada.

Sorriu apesar da dor, fez um pequeno aceno.

— Oi, crianças.

Nenhuma delas retribuiu o gesto ou respondeu de qualquer outra forma. Apenas continuaram estacadas no lugar como uma coleção de miniaturas, só movendo a cabeça ao observarem-no passar e sair do campo de visão quando virou a esquina, depois do ginásio.

— Pestinhas esquisitos — Ethan murmurou para si mesmo quando as risadas e gritos começaram mais uma vez, depois que retomaram a brincadeira.

Do outro lado da Quarta Avenida, ele aumentou o ritmo, a dor nos pés ficando mais intensa, mas continuou mesmo assim, pensando *Apenas chegue lá. Agente firme e chegue lá.*

Já tinha passado a Terceira Avenida, e estava trotando, as costelas começando a doer novamente. Passou por uma série de casas que pareciam mais desgastadas. O lado pobre de Wayward Pines?, perguntou-se. Poderia uma cidade daquelas ter uma parte ruim?

Na Primeira Avenida, parou.

A avenida tinha virado estrada de terra. O cascalho havia rareado há muito e a via desnivelada tinha marcas profundas de pneus. Não havia calçada e não havia mais ruas depois dela. Havia chegado ao limite oriental de Wayward Pines e atrás das casas que ladeavam aquela rua, a civilização alcançava um fim abrupto. Uma encosta íngreme cercada por pinheiros se elevava vários metros até a base do círculo de montanhas que abraçavam a cidade.

Ethan mancou até o fim da rua vazia de terra.

Podia ouvir pássaros cantando nas árvores próximas e nada mais. Completamente isolado de qualquer mínimo movimento que o centro de Wayward Pines pudesse produzir.

Estava passando por caixas de correio já depois do número 500, sentindo o primeiro vestígio de alívio, sabendo que a casa de Beverly estaria na próxima quadra.

A vertigem começava outra vez; ondas dela — suaves até então — varriam-no.

O próximo cruzamento estava completamente vazio.

Nem uma alma na rua.

Uma brisa morna deslizando da montanha soprava pequenos redemoinhos de poeira pela via. Ali estava: 604, a segunda casa à direita. Ele podia afirmar que se tratava dela pela pequena placa de aço aparafusada no que havia sobrado da caixa de correio, completamente coberta de ferrugem a não ser pelas aberturas escancaradas e serrilhadas. Um piado baixo saía de dentro dela e por um instante ele pensou que pudesse ser outro alto-falante, mas então vislumbrou a asa de um pássaro que fazia ninho lá dentro.

Ergueu os olhos e observou a casa.

Era provável que tivesse sido linda um dia, com dois andares e estilo vitoriano, com um telhado de caídas íngremes, uma varanda com um balanço e um caminho de pedras que levava pelo jardim da frente até a entrada.

A pintura havia descascado havia muito. Mesmo parado na rua, Ethan podia ver que nem mesmo um resquício dela havia sobrado. As tábuas do cercado da varanda estavam desbotadas e quase brancas pela ação do sol, a maioria delas no estágio final de apodrecimento. Nenhum caco de vidro restava nas janelas.

Ele puxou do bolso a comanda do jantar da noite anterior e verificou o endereço outra vez. A caligrafia era clara — Primeira Avenida, 604 —, mas talvez Beverly tivesse invertido os números ou escrito “avenida” em vez de “rua”.

Ethan abriu caminho por entre a erva daninha batendo na sua cintura, que havia tomado conta do jardim da frente. Apenas relances do caminho de pedra estavam visíveis no meio da vegetação.

Os dois degraus que conduziam à varanda coberta pareciam ter sido atropelados por um picador de madeira. Passou por cima deles e subiu num piso de tábuas, seu peso sobre elas produzindo um rangido ensurdecedor.

— Beverly?

A casa parecia engolir sua voz.

Atravessou a varanda com cuidado, entrou por uma abertura sem porta e chamou por ela mais uma vez. Podia ouvir o vento soprando pela casa, a estrutura de madeira gemendo. Depois de três passos na sala de visitas, ele parou. Molas enferrujavam-se pelo chão em meio à estrutura em ruínas de um sofá antigo. Uma mesa de centro estava coberta por teias de aranha e, embaixo dela, páginas de alguma revista, empapadas e apodrecidas, irreconhecíveis.

Beverly não poderia querer que ele fosse até lá. Nem mesmo de brincadeira. Ela devia ter errado o endereço por acidente...

O cheiro o fez erguer o queixo. Deu um passo hesitante para frente, desviando de um trio de pregos despontando no assoalho.

Farejou o ar uma vez mais.

Outra lufada daquele cheiro percorreu o ambiente quando uma rajada de vento sacudiu a casa, e, no mesmo instante, ele escondeu o nariz na curva do braço. Avançou, passou por metade de uma escada, entrou por um corredor estreito que ligava a cozinha à sala de jantar, onde uma cascata de luz se derramava por cima dos restos lascados de onde o teto havia desabado sobre a mesa de jantar.

Continuou em frente, pisando com cuidado pelo campo minado de tábuas podres e buracos categóricos que retalhavam o piso entre a casa e o porão.

A geladeira, a pia, o fogão — ferrugem cobria cada superfície metálica como um fungo, aquele lugar lembrando-o das antigas propriedades rurais com as quais ele e seus amigos se deparavam em explorações de verão pelos bosques atrás de suas fazendas. Celeiros e cabanas abandonadas, os telhados perfurados com buracos por onde o sol brilhava em tubos de luz.

Uma vez tinha encontrado um jornal de cinquenta anos dentro de uma escrivaninha velha, anunciando a eleição de um novo presidente. Queria ter levado para casa e mostrado a seus pais, mas a coisa era tão frágil que tinha se despedaçado entre seus dedos.

Ethan não se arriscava a inspirar o ar havia mais de um minuto, e ainda podia sentir o fedor ficando mais forte. Jurou que podia sentir o gosto nos cantos da boca, e sua intensidade aguda

— pior do que amônia — estava arrancando lágrimas de seus olhos.

A extremidade do corredor era mais escura, ainda protegida por um teto que gotejava da última grande chuva de sabia-se lá quando.

A porta no fim do corredor estava fechada.

Ethan piscou para tirar as lágrimas dos olhos e esticou o braço até a maçaneta, mas não havia uma.

Empurrou a porta com o pé.

Dobradiças rilhando.

A porta bateu na parede e Ethan avançou um passo para cruzar o limiar.

Exatamente como em suas lembranças das casas antigas do campo, projéteis de luz disparavam por furos na parede do outro lado, cintilando no labirinto de teias de aranha, antes de atingir a única peça de mobília do cômodo.

A estrutura de metal ainda estava de pé, e, através da ruína pastosa do colchão, ele podia ver as molas cor de cobre, feito serpentes enroladas.

Não tinha ouvido as moscas até então, pois elas estavam congregadas dentro da boca do homem — uma metrópole delas, o som de seu zumbido coletivo era como um pequeno motor de popa.

Ele tinha visto coisa pior, em combate, mas nunca tinha sentido um cheiro pior.

O branco se mostrava por toda parte: os ossos do pulso e do tornozelo por onde ele havia sido algemado à cabeceira e aos pés da cama. Onde sua perna direita estava exposta, a carne parecia quase desfiada. A arquitetura interna no lado esquerdo de seu rosto estava à mostra, até as raízes de seus dentes. O estômago também tinha inchado. Ethan podia ver o calombo debaixo do terno esfarrapado, que era preto e de corte simples.

Assim como o seu.

Embora o rosto fosse apenas ruínas, o comprimento e a cor dos cabelos estavam certos.

A altura também batia.

Ethan se afastou com passos incertos e se encostou ao batente da porta.

Maldito Jesus Cristo.

Aquilo era o agente Evans.

* * *

De volta ao lado de fora, na varanda frontal da casa abandonada, Ethan dobrou o corpo para a frente, as mãos abraçando os joelhos, e inspirou fundo várias vezes pelo nariz para purgar o fedor. Mas ele não sumia. O cheiro de morte havia aderido a seus seios da face, e era como uma mordida amarga, pútrida, no fundo da garganta.

Tirou o paletó e desabotoou a camisa, lutou para tirar os braços das mangas. A pestilência agora estava nas fibras de suas roupas.

Sem camisa, caminhou pelo mato emaranhado que um dia havia sido um jardim e finalmente alcançou a rua de terra.

Podia sentir o frio da pele ferida atrás dos tornozelos e o pulsar pesado no crânio, mas a dor aguda havia sido atenuada pela adrenalina pura.

Saiu caminhando depressa pelo meio da rua, a mente fervilhando. Teve a tentação de procurar nos bolsos do casaco e das calças do morto, ver se descobria uma carteira, alguma identificação, mas a jogada de mestre era esperar. Não tocar nada. Deixar que pessoas com luvas de látex, máscaras e tudo do melhor e mais moderno em termos forenses baixassem

naquele quarto.

Ainda não conseguia decifrar nada do que vira.

Um agente federal havia sido assassinado naquele pequeno pedaço do paraíso.

Não era nenhum legista, mas tinha uma intuição certa de que o rosto de Evans não estava apenas apodrecendo. Parte de seu crânio havia sido afundada. Dentes quebrados. Um olho desaparecido.

Também havia sido torturado.

Os seis quarteirões pareceram voar por ele e então estava correndo pela calçada até a entrada da delegacia.

Deixou a camisa e o paletó do lado de fora, sobre um banco, e empurrou uma folha das portas duplas.

A recepção era um cômodo revestido com painéis de madeira com tapetes marrons e cabeças de animais empalhados em cada pedaço vertical disponível do imóvel.

Na mesa da recepção, uma mulher de sessenta e poucos anos com cabelos longos e prateados estava jogando Paciência com um maço de baralho. A plaquinha à sua frente trazia o nome “Belinda Moran”.

Ethan chegou até a borda da mesa e observou-a colocar mais quatro cartas antes de finalmente se arrancar do jogo.

— Posso ajudar...? — seus olhos se arregalaram. Ela o mediu da cabeça aos pés, franzindo o nariz para o que Ethan supôs que fosse o maldito fedor de podridão humana que devia estar exalando dele. — O senhor não está usando camisa — ela disse.

— Agente Especial do Serviço Secreto dos Estados Unidos, Ethan Burke. Estou aqui para ver o xerife. Qual é o nome dele?

— De quem?

— Do xerife.

— Ah. Pope. Xerife Arnold Pope.

— Ele está, Belinda?

Em vez de responder à questão, ela ergueu seu telefone antigo e discou o ramal de três números.

— Oi, Arnie, tem um homem aqui para vê-lo. Ele diz que é um agente secreto, ou alguma coisa assim.

— Agente Especial do...

Ela ergueu um dedo.

— Não sei, Arnie. Ele está sem camisa e... — afastou-se de Ethan na cadeira giratória, sussurrou: — ...está fedendo. Muito... Certo. Certo, vou dizer a ele.

Belinda girou na cadeira e desligou o telefone.

— O xerife Pope vai recebê-lo daqui a pouco.

— Preciso vê-lo agora.

— Compreendo. O senhor pode esperar ali — e apontou um grupo de cadeiras num canto próximo.

Ethan hesitou por um instante, por fim deu meia-volta e foi para a área de espera. Sensato manter o primeiro encontro cordial. Em sua experiência, os representantes locais da lei ficavam na defensiva, até hostis, quando agentes federais já chegavam com tudo, dando uma de mandões. Em vista do que acabava de descobrir na casa abandonada, teria que trabalhar com

aquele cara durante o futuro próximo. Melhor começar com um bom aperto de mão do que com o dedo do meio.

Ethan relaxou o corpo numa das quatro cadeiras estofadas na área de espera.

Tinha começado a transpirar durante a corrida, mas agora que seus batimentos cardíacos tinham voltado ao normal, a camada de suor na pele nua havia começado a lhe dar frio, provocado pelo sistema de ventilação central que soprava por uma saída de ar no teto.

Não havia muito que se pudesse chamar de material de leitura atualizada na mesinha diante da cadeira. Apenas alguns exemplares antigos da *National Geographic* e da *Popular Science*.

Reclinou-se na cadeira e fechou os olhos.

A dor de cabeça estava voltando. Cada pulsar ficando um nível mínimo mais forte, o conjunto só ficando perceptível ao longo de alguns minutos. Na verdade, conseguia ouvir o latejar de sua cabeça no silêncio total da delegacia, onde não havia outro som a não ser o das cartas de baralho.

— Isso! — Ouviu Belinda dizer.

Abriu os olhos a tempo de vê-la colocar a última carta, ganhando o jogo. Ela juntou as cartas, embaralhou e começou de novo.

Mais cinco minutos se passaram.

Mais dez.

Belinda terminou o jogo e estava embaralhando o maço outra vez quando Ethan notou o primeiro impulso de irritação — um espasmo no olho esquerdo.

A dor ainda estava crescendo e, até então, ele estava esperando, segundo sua estimativa, havia quinze minutos. Naquele espaço de tempo, o telefone não havia tocado uma vez sequer, e nenhuma outra alma havia adentrado o prédio.

Fechou os olhos e começou uma contagem regressiva a partir do sessenta, enquanto massageava as têmporas. Quando os abriu outra vez, ainda estava sentado ali, sem camisa e com frio, Belinda ainda virando as cartas e o xerife ainda por vir.

Ethan se levantou, lutou contra um acesso de tontura por dez segundos antes de finalmente firmar o equilíbrio. Foi andando até a mesa da recepção e esperou Belinda erguer o olhar. Ela lançou cinco cartas antes de reconhecer sua presença.

— Sim?

— Sinto incomodar, mas já faz uns vinte minutos que estou esperando.

— O xerife está muito ocupado hoje.

— Tenho certeza de que sim, mas preciso falar com ele imediatamente. Agora ou a senhora pode colocá-lo no telefone outra vez e dizer que eu cansei de esperar, ou vou lá no fundo eu mesmo e...

O telefone sobre a mesa tocou.

— Sim...? — ela atendeu. — Certo, pode deixar — ela colocou o fone no gancho e sorriu para Ethan. — O senhor tem permissão de ir lá no fundo agora. Por aquele corredor. A sala dele fica atrás da porta bem no final.

* * *

Ethan bateu abaixo da placa com o nome.

Uma voz grave gritou do outro lado da porta:

— Entre!

Ele girou a maçaneta, empurrou a porta e deu um passo para dentro.

O assoalho do gabinete era de madeira escura e muito riscada. À esquerda, a cabeça enorme de um alce havia sido pendurada na parede oposta a uma mesa grande, rústica. Atrás dela estavam três armários antigos para armas, repletos de rifles, espingardas, pistolas e o que ele calculou que fossem caixas de munição suficientes para executar três vezes cada residente daquela cidadezinha.

Um homem dez anos mais velho do que Ethan estava reclinado numa cadeira de couro, seus pés com botas de caubói apoiados sobre a mesa. O xerife tinha cabelos loiros e ondulados que provavelmente estariam brancos dentro de uma década, e seu maxilar estava coberto por uma barba grisalha de alguns dias.

Calças de lona marrom-escuras.

Camisa social de manga comprida — verde-caçador.

A estrela do xerife brilhava sob as luzes. Parecia feita de latão sólido, num relevo detalhado, com as letras WP inseridas em preto no centro.

Ao se aproximar da mesa, Ethan pensou que tinha visto o xerife deixar escapar um sorrisinho para si mesmo.

— Ethan Burke, Serviço Secreto.

Estendeu a mão sobre a mesa e o xerife hesitou, como se travando algum debate íntimo a respeito de se mexer ou não. Por fim, ele deslizou as botas de cima da mesa e se inclinou para frente na cadeira.

— Arnold Pope — e apertaram as mãos. — Sente-se, Ethan.

Ethan sentou-se reto em uma das cadeiras de madeira de espaldar.

— Como está?

— Já estive melhor.

— Posso apostar. Você também já deve ter cheirado melhor — Pope desferiu um rápido sorriso sem emoção. — Acidente grave o que você teve há alguns dias. Trágico.

— É, eu tinha esperanças de conseguir mais detalhes sobre ele. Quem nos atingiu?

— Testemunhas dizem que foi um guincho.

— Motorista preso? Indiciado?

— Seria se eu pudesse encontrá-lo.

— Está dizendo que ele causou o acidente e fugiu?

Pope fez que sim.

— Ele se mandou da cidade depois de bater na lateral do seu carro. Já tinha desaparecido quando eu cheguei à cena do crime.

— E ninguém anotou a placa nem nada?

Pope sacudiu a cabeça e ergueu alguma coisa de cima da mesa — um globo de neve com base dourada. Os prédios em miniatura sob a redoma de vidro foram tomados por um redemoinho de neve quando o xerife mexeu o globo para frente e para trás entre as mãos.

— Quais esforços estão sendo feitos para localizar o guincho? — Ethan perguntou.

— As coisas estão andando.

— Estão?

— Pode apostar.

— Gostaria de ver o agente Stallings.

— O corpo está retido no necrotério.

— E onde fica?

— No porão do hospital.

De repente Ethan se lembrou. Assim do nada. Como se alguém tivesse sussurrado em seu ouvido.

— Tem um pedaço de papel para me emprestar? — perguntou.

Pope abriu uma gaveta e tirou um Post-it de um bloquinho e entregou a Ethan com uma caneta.

Ethan arrastou a cadeira para frente, colou o Post-it no tampo da mesa e rabiscou um número.

— Creio que está com as minhas coisas, não está? — disse ao deslizar o bilhete para dentro do bolso.

— Que coisas?

— Meu telefone, arma, carteira, distintivo, valise...

— Quem lhe contou que isso estava comigo?

— Uma enfermeira no hospital.

— Nem imagino de onde ela tirou essa ideia.

— Espere. Então você *não* está com as minhas coisas?

— Não.

Ethan encarou o xerife por cima da mesa.

— É possível que ainda estejam no carro?

— Que carro?

Ele se esforçou para manter o tom de voz sob controle.

— Aquele que o guincho atingiu comigo dentro.

— Suponho que seja possível, mas tenho quase certeza de que os socorristas levaram suas coisas.

— Jesus.

— O quê?

— Nada. Se importa se eu der alguns telefonemas antes de ir embora? Não falo com a minha esposa há dias.

— Eu falei com ela.

— Quando.

— Dia do acidente.

— Ela está a caminho?

— Não faço ideia. Apenas informei a ela o que aconteceu.

— Também preciso telefonar para meu superior...

— E quem é?

— Adam Hassler.

— Ele o enviou aqui?

— Isso.

— Ele também o instruiu a não se incomodar em me ligar antes e avisar que agentes federais mostrariam a cara aqui no pedaço? Ou essa parte foi ideia sua?

— Acha que eu tinha alguma obrigação de...

— Cortesia, Ethan. Cortesia. De qualquer forma, sendo um agente federal, talvez você não saiba muito bem o que esse conceito significa...

— Eu teria lhe contatado em algum momento, Sr. Pope. Não tive nenhuma intenção de tirá-lo da jogada.

— Ah... Bem, neste caso...

Ethan hesitou, querendo ser claro, comunicar a informação que desejava revelar e nenhum detalhe a mais. Mas sua cabeça o estava matando e a visão dupla ameaçava dividir o xerife em dois cretinos.

— Fui enviado aqui para encontrar dois agentes do Serviço Secreto.

As sobranceiras de Pope se arquearam.

— Eles estão desaparecidos?

— Hoje faz onze dias.

— O que estavam fazendo em Wayward Pines?

— Não recebi uma prévia detalhada da investigação que eles conduziam, embora eu saiba que envolvia David Pilcher.

— Esse nome parece vagamente familiar. Quem é?

— Ele sempre aparece nas listas de homens mais ricos do mundo. Um daqueles bilionários reclusos. Nunca fala com a imprensa. É dono de uma porção de empresas biofarmacêuticas.

— E tem uma ligação com Wayward Pines?

— Mais uma vez, não sei. Mas se o Serviço Secreto estava aqui, provavelmente estavam investigando um crime financeiro. É tudo o que sei.

Pope se levantou de repente. Sentado atrás da mesa, Ethan podia perceber que o xerife era um homem alto; porém, sobre as botas, Ethan viu que ele tinha quase dois metros de altura.

— Fique à vontade para usar o telefone na sala de reuniões, agente Burke.

Ethan não se moveu da cadeira.

— Na verdade não terminei, xerife.

— A sala de reuniões é por aqui — Pope deu a volta na mesa e foi em direção à porta. — E talvez uma camisa da próxima vez? É apenas uma sugestão.

O latejar na cabeça de Ethan estava começando a se entrelaçar com a raiva.

— Gostaria de saber por que não estou usando camisa, xerife?

— Na verdade, não.

— Um dos agentes que eu vim procurar está se decompondo numa casa a seis quarteirões daqui.

Pope parou na porta, de costas para Ethan.

— Acabei de encontrá-lo antes de vir para cá — Ethan disse.

Pope se virou e cravou os olhos em Ethan.

— Elabore melhor “acabei de encontrá-lo”.

Ontem à noite, uma atendente do The Biergarten me deu o endereço dela para o caso de eu precisar de alguma coisa. Acordei hoje de manhã com uma dor de cabeça terrível. Não tinha um centavo. Fui expulso do meu quarto de hotel. Fui até a casa dela pegar remédio para minha dor de cabeça, só que o endereço que ela me deu estava errado, ou alguma outra coisa.

— Qual é o endereço?

— Primeira Avenida, 604. No fim das contas, era uma casa velha e abandonada. Em ruínas. O agente Evans estava acorrentado a uma cama em um dos quartos.

— Tem certeza de que era o homem que você veio procurar aqui?

— Tenho oitenta por cento de certeza. Já estava em estágio avançado de decomposição e o rosto sofreu uma contusão de golpe severa.

A carranca que o xerife vinha sustentando desde que Ethan havia adentrado sua sala desapareceu, e sua expressão pareceu suavizar. Ele andou até Ethan e sentou-se numa cadeira

ao seu lado.

— Peço desculpas, agente Burke. Deixei-o esperando na recepção. Fiquei com raiva porque você não ligou antes de chegar à cidade e, bem, você está certo. Não era sua obrigação. Tenho um temperamento terrível, um dos meus muitos defeitos, e minha atitude foi inadmissível.

— Desculpas aceitas.

— Você teve alguns dias bem difíceis.

— Tive.

— Vá fazer seus telefonemas e conversaremos quando terminar.

* * *

Uma mesa comprida ocupava quase toda a sala de reuniões, quase sem espaço suficiente entre as cadeiras e a parede para Ethan caminhar até a outra extremidade, onde estava o telefone de disco.

Tirou o bilhete do bolso e ergueu o fone.

Linha.

Discou o número.

Tocou.

O sol da tarde separando as persianas e atingindo o tampo polido da mesa, feita de compensado, em lâminas de luz ofuscante.

Depois de três toques, ele disse:

— Vamos, querida, atenda.

Depois do quinto toque, conseguiu a secretária eletrônica.

A voz de Theresa: “Oi, você ligou para os Burke. Lamentamos, mas não estamos em casa para atender sua ligação... a menos, é claro, que seja telemarketing... nesse caso, estamos contentíssimos em ter pedido a ligação e, aliás, provavelmente estamos evitando e o encorajamos a esquecer este número. Se não for isso, deixe sua mensagem depois do bipe”.

— Theresa, sou eu. Deus, sinto como se não ouvisse sua voz há anos. Imagino que você saiba que me envolvi num acidente de carro aqui. Ninguém parece encontrar meu celular, por isso, se você andou tentando ligar, sinto muito. Estou no Wayward Pines Hotel, quarto número 226. Também pode tentar ligar para a delegacia. Espero que você e Ben estejam bem. Eu estou. Ainda um pouco dolorido, mas melhor do que estava. Por favor, me ligue no hotel hoje à noite. Vou tentar ligar de novo em breve. Amo você, Theresa. Muito.

Ele desligou o telefone, ficou sentado por um instante tentando conjurar o número do celular da esposa. Conseguiu chegar até o sétimo dígito, mas os três últimos continuaram cobertos de mistério.

O número da seccional de Seattle lhe veio à memória de repente. Discou e, depois de três toques, uma mulher cuja voz Ethan não reconheceu, atendeu:

— Serviço Secreto.

— Oi, aqui é Ethan Burke. Preciso falar com Adam Hassler, por favor.

— Ele não está disponível no momento. Haveria algo com que eu pudesse lhe ajudar?

— Não, realmente preciso falar com ele. Ele está fora do escritório hoje?

— Ele não está disponível no momento. Haveria algo com que eu pudesse lhe ajudar?

— Que tal eu tentar localizá-lo no celular? Pode me informar o número, por favor?

— Ah, infelizmente não tenho permissão para dar essa informação.

— Você entendeu quem eu sou? *Agente* Ethan Burke?

— Haveria algo com que *eu* pudesse lhe ajudar?

— Qual é o seu nome?

— Marcy.

— Você é nova, certo?

— É meu terceiro dia.

— Olhe, estou aqui em Wayward Pines, Idaho, no meio de um mato sem cachorro. Coloque o Hassler no telefone imediatamente. Não me interessa o que ele está fazendo. Se estiver em reunião... se estiver com as calças arriadas... coloque-o no maldito telefone.

— Ah, sinto muito.

— O quê?

— Não vou poder continuar falando com o senhor se usar esse tom comigo.

— Marcy?

— Sim?

— Peço desculpas. Lamento ter erguido a voz com você, mas preciso falar com Hassler. É urgente.

— Posso dar seu recado com todo prazer.

Ethan fechou os olhos.

Estava com o maxilar cerrado para impedir que berrasse ao telefone.

— Diga a ele para ligar para o agente Ethan Burke na delegacia de Wayward Pines, ou no Wayward Pines Hotel, quarto número 226. Ele precisa entrar em contato comigo assim que receber esta mensagem. O agente Evans está morto. Você me entendeu?

— Vou repassar o recado! — Marcy respondeu com voz animada e desligou o telefone.

Ethan afastou o fone do ouvido e o bateu cinco vezes na mesa.

Quando estava erguendo o fone mais uma vez, notou o xerife Pope parado na porta da sala de reuniões.

— Tudo bem, Ethan?

— Sim, é que... estou tendo um pouco de problemas para conseguir falar com meu superior.

Pope entrou na sala e fechou a porta. Sentou-se na ponta oposta da mesa.

— Você disse que há dois agentes desaparecidos? — Pope perguntou.

— Isso mesmo.

— Fale-me sobre o outro.

— O nome dela é Kate Hewson. Trabalhava na seccional de Boise e, antes disso, em Seattle.

— Você a conhecia de lá?

— Fomos parceiros.

— Então ela foi transferida?

— Foi.

— E Kate veio até aqui com o agente...

— Bill Evans.

— ... nessa investigação ultrassecreta.

— Isso.

— Gostaria de ajudar. Você gostaria da minha ajuda?

— Claro, Arnold.

— Tudo bem. Vamos começar com o básico. Como a Kate é?

Ethan se reclinou na cadeira.

Kate.

Ele havia treinado tanto durante o último ano para *não* pensar nela que demorou um minuto para recuperar a visão em sua mente, a memória como que rasgando um ferimento que havia acabado de cicatrizar.

— Ela tem por volta de um metro e sessenta de altura, uns quarenta e sete quilos.

— Moça pequena, hein?

— Melhor defensora da lei que já conheci. Cabelo castanho curto da última vez que a vi, mas pode ter crescido. Olhos azuis. Beleza incomum.

Deus, ele ainda podia sentir seu gosto.

— Alguma característica própria?

— Na verdade, sim. Ela tem uma leve marca de nascença na bochecha. Uma mancha um pouco mais escura do que a pele, do tamanho de uma moeda.

— Vou dar o recado para meus homens, talvez até fazer um retrato falado para mostrar por aí.

— Seria ótimo.

— Por que você disse mesmo que ela foi transferida de Seattle?

— Eu não disse.

— Bem, você sabe?

— Algum tipo de reestruturação de pessoal foi o rumor. Gostaria de ver o carro.

— O carro?

— O Lincoln Town Car preto que eu estava dirigindo quando o acidente aconteceu.

— Ah, claro.

— Onde posso encontrá-lo?

— Existe um pátio de sucata na periferia da cidade — o xerife se levantou. — Qual era mesmo o endereço?

— Primeira Avenida, 604. Eu o levo até lá.

— Não precisa.

— Mas eu quero.

— Eu *não* quero que você me leve.

— Por que não?

— Algo mais que você queira saber?

— Gostaria de saber os resultados da sua investigação.

— Volte amanhã depois do almoço. Até lá vamos saber onde estamos com relação a tudo.

— E você pode me levar ao pátio de sucata para ver o carro?

— Acho que podemos dar um jeito nisso. Mas, por enquanto, vamos, eu o acompanho até a saída.

* * *

O paletó e a camisa de Ethan cheiravam um pouco melhor quando ele deslizou os braços para dentro das mangas e começou a descer a rua, afastando-se da Delegacia de Wayward Pines. Ainda fedia, mas supôs que o cheiro pútrido ofensivo chamaria menos atenção do que um homem andando pela cidade vestindo nada além de calça social.

Apressou o passo tanto quanto pôde, mas a tontura continuava chegando em ondas, e sua cabeça tinha uma dor vívida, cada passo estendendo novos tentáculos de agonia nas profundezas de seu crânio.

O Biergarten estava aberto e vazio, salvo por um atendente com cara de tédio sentado numa

banqueta atrás do balcão, lendo um romance barato — um dos primeiros livros de F. Paul Wilson.

Quando Ethan alcançou o balcão, disse:

— A Beverly está trabalhando hoje?

O homem ergueu um dedo.

Dez segundos se passaram enquanto ele terminava de ler uma passagem.

Enfim, fechou o livro e direcionou sua total atenção a Ethan.

— O que vai beber hoje?

— Nada. Estou procurando a mulher que estava trabalhando aqui ontem à noite. O nome dela era Beverly. Morena bonita. Trinta e poucos anos. Meio alta.

O atendente desceu da banquetta e colocou o livro no balcão. Seus cabelos longos e grisalhos eram da cor de água turva de lavar louça. Ele os prendeu num rabo de cavalo.

— Você esteve aqui? Neste restaurante? Ontem à noite?

— Isso mesmo — Ethan respondeu.

— E está me dizendo que uma morena alta estava cuidando do balcão?

— Exato. Beverly era o nome dela.

O homem sacudiu a cabeça, Ethan detectando um traço de zombaria em seu sorriso.

— Só existem duas pessoas na folha de pagamento aqui que atendem no bar. Um cara chamado Steve e eu.

— Não, essa mulher me atendeu ontem à noite. Eu comi um hambúrguer, sentei bem ali —

Ethan indicou a banquetta do canto.

— Não me leva a mal, amigão, mas quanto você já bebeu?

— Nada. E não sou seu “amigão”. Sou um agente federal. E sei que estive aqui ontem à noite e sei quem me serviu.

— Desculpe, cara, não sei o que lhe dizer. Acho que você deve ter ido a um restaurante diferente.

— Não, eu...

Ethan perdeu o foco de repente.

Cravou a ponta dos dedos nas têmporas.

Agora podia sentir o pulso na artéria temporal, cada batida do coração carregando as pancadas daquelas dores de cabeças que costumava ter na infância quando tomava gelado: aquelas dores rápidas e excruciantes que se seguiam a uma mordida afoita demais num picolé ou sorvete de massa.

— Senhor? Senhor, está tudo bem?

Ethan se afastou de costas do bar com passos incertos, conseguiu dizer:

— Ela estava aqui. Tenho certeza. Não sei por que você está fazendo...

E então estava parado do lado de fora, as mãos nos joelhos, dobrado sobre uma poça de vômito na calçada, que ele supôs depressa ter vindo dele, sua garganta queimando com a bile.

Ethan endireitou a coluna e limpou a boca com a manga do paletó.

O sol já havia se posto atrás dos picos; o frescor da noite sobre a cidade.

Havia coisas que precisava fazer — encontrar Beverly, encontrar os socorristas e recuperar seus pertences —, mas tudo o que queria era se enrodilhar na cama num quarto escuro. Dormir até passar a dor. A confusão. E a emoção na base de tudo estava ficando mais e mais difícil de ignorar.

Terror.

A sensação cada vez mais forte de que algo estava muito, muito errado.

* * *

Subiu vacilante os degraus na frente do hotel e empurrou a porta para entrar.

A lareira aquecia o *lobby*.

Um jovem casal ocupava uma das namoradeiras perto do fogo, bebericando copos de vinho espumante. Férias românticas, ele supôs, desfrutando um lado muito diferente de Wayward Pines.

Um homem de *smoking* sentado no piano de calda, tocando “Always Look on The Brighter Side of Life”.

Ethan chegou até o balcão da recepção, forçando um sorriso apesar da dor.

A mesma recepcionista que o expulsara do quarto de manhã começou a falar antes mesmo de erguer os olhos.

— Bem-vindo ao Wayward Pines Hotel. Como posso ajudá-lo... Ela parou quando viu Ethan.

— Oi, Lisa.

— Estou impressionada — disse.

— Impressionada?

— O senhor voltou para pagar. Disse que viria, mas com toda sinceridade eu não imaginei que fosse vê-lo outra vez. Peço desculpas por...

— Não, escute, não consegui encontrar minha carteira hoje.

— O senhor quer dizer que não está de volta para pagar pelo quarto de ontem à noite? Como me prometeu inúmeras vezes?

Ethan fechou os olhos, respirando para suportar a dor extraordinária.

— Lisa, você não faz ideia do dia que eu tive. Só preciso me deitar por algumas horas. Não preciso de um quarto para a noite inteira. Apenas um lugar para esfriar a cabeça e dormir. Estou morrendo de dor.

— Espere — ela deslizou da cadeira e se inclinou sobre o balcão, aproximando-se de Ethan.

— O senhor ainda não pode pagar e agora está pedindo *outro* quarto?

— Não tenho para onde ir.

— O senhor mentiu para mim.

— Desculpe-me. Eu pensei de verdade que conseguiria a minha...

— Entende que me arrisquei por sua causa? Que eu poderia perder meu emprego?

— Desculpe-me, eu não quis...

— Saia.

— Perdão?

— O senhor não me escutou?

— Não tenho para onde ir, Lisa. Não tenho telefone. Não tenho dinheiro. Não como nada desde ontem à noite e...

— Explique para mim outra vez por que essa história toda é problema meu.

— Só preciso ficar deitado por algumas horas. Estou implorando.

— Olhe, já lhe expliquei da forma mais clara possível. Agora está na hora de o senhor ir embora.

Ethan não se mexeu. Apenas fitou-a, esperando que ela pudesse ver a agonia em seus olhos, apiedar-se.

Em vez disso, Lisa pegou o telefone e começou a discar.

— O que você está fazendo? — Ethan perguntou.

— Ligando para o xerife.

— Tudo bem, certo — ele ergueu as mãos para o alto em sinal de rendição, afastando-se do balcão. — Eu vou embora.

Quando alcançou as portas, Lisa ergueu a voz e disse:

— Não quero vê-lo aqui nunca mais.

Ethan quase caiu ao descer as escadas, a cabeça girando quando alcançou a calçada. A iluminação pública e a luz dos carros passando começaram a espiralar, Ethan percebendo a força vazar de suas pernas como se alguém tivesse puxado o tampão de uma pia.

Apesar disso, ele começou a andar pela calçada e viu aquele prédio de tijolinhos à vista assomando na rua a oito quadras de distância. Ainda tinha medo dele, mas tudo que precisava era do hospital. Queria a cama, o sono, os remédios. Qualquer coisa para deter aquela dor. Ou voltava para o hospital, ou dormiria na rua, num beco, num parque, no tempo.

Mas eram oito quadras, até o momento, cada passo demandando um gasto absurdo de energia; as luzes desintegrando-se em toda sua volta — espiralando, fâcheres longos ficando mais intensos, mais pronunciados, tornando sua visão oblíqua como se ele pudesse apenas ver o mundo como uma foto noturna da cidade em movimento, a luz dos carros se prolongando formando riscos de brilho, as luminárias públicas queimando como maçaricos.

Esbarrou em alguém.

Um homem o empurrou. Disse:

— Vai naquela direção?

No cruzamento, Ethan parou, duvidando de que pudesse completar a travessia.

Cambaleou para trás e caiu sentado com força na calçada de um prédio.

A rua havia ficado cheia. Ele não podia ver nada claramente, mas conseguia ouvir passos pelo concreto e fragmentos da conversa de passantes.

Perdeu toda a noção do tempo.

Podia ter sonhado.

E então estava deitado de lado no concreto frio, sentindo o hálito de alguém, a voz bem no seu rosto.

Palavras vieram até ele, embora não conseguisse reuni-las em nenhuma ordem sensata.

Abriu os olhos.

Noite havia caído.

Estava tremendo.

Uma mulher ajoelhada ao seu lado; sentiu as mãos dela agarradas em seus ombros. Ela o estava sacudindo, falando com ele.

— O senhor está bem? Consegue me ouvir? Senhor? Consegue olhar para mim e dizer o que está errado?

— Ele está bêbado — disse a voz de um homem.

— Não, Harold. Ele está doente.

Ethan tentou colocar o rosto da mulher em foco, mas estava escuro e borrado, tudo o que ele podia ver eram as luzes da rua brilhando como pequenos sóis e um raio ocasional de luz de um carro passando.

— Minha cabeça está doendo — ele disse com uma voz que parecia por demais fraca, doída e

cheia de medo para ser dele. — Preciso de ajuda.

Ela pegou sua mão e lhe disse para não se preocupar, para não ter medo, que a ajuda já estava a caminho.

E embora a mão que segurava a sua claramente não pertencesse a uma mulher jovem — a pele muito fina e sem elasticidade, como papel velho — havia algo tão familiar na voz dela que lhe partiu o coração.

CAPÍTULO 4

Pegaram a balsa de Seattle para Brainbridge Island e seguiram para o norte, pela península, até Port Angeles, um comboio de quatro carros carregando quinze dos amigos mais próximos dos Burke.

Theresa tivera esperanças de um dia bonito, mas estava frio, cinzento, chuvoso, e a Península Olympic estava obscura; nada era visível além do corredor estreito da rodovia.

Mas nada daquilo importava.

Estavam indo independentemente do clima, e, se ninguém mais quisesse ir junto, ela e Ben fariam a caminhada sozinhos.

A amiga Darla estava dirigindo. Theresa, no banco de trás, segurava a mão do filho de sete anos e observava, através da janela com pingos de chuva, a floresta úmida riscando a margem da estrada como um borrão verde-escuro.

Alguns quilômetros a oeste da cidade, pela Rodovia 112, eles alcançaram o começo da trilha para Striped Peak.

O céu ainda estava encoberto, mas a chuva havia parado.

Começaram em silêncio, trilhando a margem das águas, nenhum som além das pegadas chapinhando na lama e o ruído indistinto da arrebentação.

Theresa lançou um olhar para a enseada conforme a trilha subia, a água não tão azul quanto se lembrava. Culpava a cobertura de nuvens por tirar a intensidade da cor e não uma falha de sua memória.

O grupo passou pelos *bunkers* da Segunda Guerra Mundial, subiu por entre bosques de samambaias e então para a floresta.

Musgo em toda parte.

Árvores ainda pingando.

Exuberância mesmo no início do inverno.

Aproximaram-se do topo.

O tempo todo, ninguém falou.

Theresa conseguia sentir as pernas queimando e as lágrimas chegando.

Começou a chover quando chegaram ao cume. Nada pesado, apenas alguns pingos revoltos soprando de lado com o vento.

Theresa entrou na clareira.

E, então, estava chorando.

Num dia de céu limpo, a vista alcançaria quilômetros, com o mar a trezentos metros lá embaixo.

Naquele dia o pico estava encoberto pelas nuvens.

Ela se encolheu e sentou na grama molhada, colocou a cabeça entre os joelhos e chorou.

Havia o barulhinho da garoa caindo sobre o capuz de seu poncho impermeável e nada mais.

Ben sentou-se ao seu lado e ela passou um braço em volta dele.

— Você fez uma boa trilha, amigão — disse. — Como está se sentindo?

— Bem, eu acho. É só isso?

— É, é só isso. Daria para ver bem mais longe se não fosse pela neblina.

— O que a gente faz agora?

Ela enxugou os olhos e inspirou fundo, trêmula.

— Agora eu vou lhe dizer algumas coisas sobre o seu pai. Talvez outras pessoas digam também.

— Eu preciso?

— Só se você quiser.

— Eu não quero.

— Tudo bem.

— Não significa que eu não o ame mais.

— Sei disso.

— Ele ia querer que eu falasse sobre ele?

— Não se isso fosse deixar você encabulado.

Theresa fechou os olhos, usou alguns minutos para se recuperar.

Levantou-se com dificuldade.

Seus amigos andavam sem rumo pelas samambaias, soprando ar nas mãos para esquentá-las. O tempo no cume estava sombrio, frio e úmido, uma ventania forte soprando as samambaias em ondas verdes, e o ar tão frio que transformava a respiração em vapor.

Ela chamou os amigos e todos ficaram juntos para se proteger da chuva e do vento.

Theresa contou a história de como ela e Ethan haviam feito uma viagem até a península vários meses depois de terem começado a namorar. Havia ficado numa pousada em Port Angeles e, no fim de uma tarde, encontraram por acaso a trilha para o Striped Peak. Alcançaram o cume ao pôr do sol, num dia tranquilo de céu claro, e enquanto ela observava além do estreito, o sul do Canadá lá longe, Ethan se ajoelhou e a pediu em casamento.

Ele havia comprado um anel de brinquedo numa máquina automática de uma loja de conveniência naquela manhã. Disse que não tinha planejado nada daquilo, mas que tinha percebido naquela viagem que queria passar o resto da vida com ela. Disse-lhe que nunca tinha sido mais feliz na vida do que naquele momento, parado no topo da montanha, e o mundo espalhado sob seus pés.

— Eu também não tinha planejado nada daquilo — Theresa continuou —, mas disse “sim” e ficamos lá em cima e assistimos ao sol mergulhando no mar. Ethan e eu sempre falamos sobre voltar aqui por um fim de semana, mas vocês sabem o que dizem sobre a vida e fazer outros planos. Enfim, tivemos nossos momentos perfeitos... — ela beijou o topo da cabeça do filho — ... e os não tão perfeitos assim, mas acho que Ethan nunca foi mais feliz, nunca mais despreocupado e cheio de esperanças do que naquele pôr do sol no topo da montanha há treze anos. Como vocês sabem, as circunstâncias em torno do desaparecimento dele... — ela tentava repelir a tempestade de emoções que estava à espreita, sempre à espreita. — ... bem, não temos um corpo ou cinzas, nem nada. Mas... — um sorriso entre lágrimas. — Eu trouxe isso — e tirou um velho anel de plástico de dentro do bolso, a pintura dourada do aro há muito havia descascado, pequenas hastes frágeis ainda segurando o prisma de vidro cor de esmeralda. Alguns dos outros também estavam chorando. — Algum tempo depois ele me comprou um de diamante, mas me pareceu apropriado, se não mais sensato do ponto de vista financeiro, trazer este aqui — ela puxou uma pá de jardim de dentro da mochila molhada. — Quero deixar algo próximo de Ethan aqui, e sinto que este é o objeto certo. Ben, você me ajuda?

Theresa ajoelhou-se e afastou a folhagem da samambaia até ver o chão, e a pá entrou fácil no solo. Tirou várias porções de terra e deixou Ben fazer o mesmo.

— Amo você, Ethan — sussurrou —, e sinto muito a sua falta.

Em seguida, deixou o anel cair na cova rasa, cobriu-a com a terra revolvida e nivelou com as costas da pá.

* * *

Naquela noite, de volta à casa na parte alta do bairro de Queen Anne, em Seattle, Theresa deu uma festa.

Lotou a casa de amigos, conhecidos, colegas de trabalho e um monte de bebida.

O grupo de amigos mais próximos — agora profissionais adestrados e responsáveis —, um dia desenfreado e com tendência a excessos, havia prometido se embebedar no caminho, em homenagem a Ethan.

Mantiveram a palavra.

Beberam como esponjas.

Contaram histórias sobre Ethan.

Riram e choraram.

* * *

Às dez e meia, Theresa estava parada no deque que fazia vista para um pequeno quintal e, em raros dias de céu límpido, para a linha de prédios no horizonte de Seattle e para a massa disforme do Monte Rainier, no sul. Naquela noite, os prédios do centro estavam obscurecidos pela bruma, e sua existência, relegada a radiar um brilho de neon por entre a massa de nuvens. Inclinou-se sobre o cercado do deque, fumando um cigarro com Darla, algo que não fazia desde os dias de república da época da faculdade, e bebericando o quinto gim-tônica da noite. Não bebia tanto assim havia muito tempo, sabia que pagaria por isso na manhã seguinte, mas naquele instante deleitou-se no belo acolchoado que a protegia da realidade pontiaguda — as perguntas não respondidas, o medo que sempre estava junto dela. Que assombrava seus sonhos.

— E se o seguro de vida não for liberado? — perguntou a Darla.

— E por que não seria, querida?

— Não há comprovação de morte.

— Isso é ridículo.

— Vou ter que vender esta casa. Não consigo pagar a hipoteca com o meu salário de paralegal.

Sentiu o braço de Darla se enlaçar no seu.

— Não pense nisso agora. Apenas saiba que você tem amigos que a amam. Que nunca deixariam nada acontecer com você ou com o Ben.

Theresa colocou o copo vazio sobre o cercado do deque.

— Ele não era perfeito — disse.

— Eu sei.

— Nem de muito, muito longe. Mas os erros que ele cometia, quando a coisa ficava séria... ele admitia. Eu o amei. Sempre. Mesmo quando fiquei sabendo pela primeira vez, eu sabia que o perdoaria. Ele poderia ter feito aquilo de novo, e a verdade é que eu continuaria aqui. Ele me tinha *na mão*, sabe?

— Então vocês tinham se reconciliado por completo antes que ele partisse?

— Sim. Quero dizer, ainda existiam sentimentos muito... ásperos. O que ele fez foi...

— Eu sei.

— Mas tínhamos superado a pior parte. Estávamos fazendo terapia. Teríamos conseguido. E

agora... sou mãe solteira, D.

— Vamos colocar você na cama, Theresa. Foi um longo dia. Não toque em nada. Eu venho aqui amanhã de manhã, ajudo você a limpar.

— Faz quase quinze meses que ele se foi, e todo dia, quando acordo, ainda não acredito que isso está realmente acontecendo. Fico esperando meu celular tocar. Uma mensagem de texto dele. Ben me pergunta o tempo todo quando o papai vai voltar para casa. Ele sabe a resposta, mas é a mesma coisa comigo... o mesmo motivo que me faz ficar verificando o celular.

— Por que, querida?

— Porque quem sabe desta vez terá uma ligação perdida do Ethan. Porque quem sabe desta vez quando o Ben me perguntar, vou ter uma resposta diferente para ele. Vou dizer que o papai vai voltar da viagem dele na semana que vem.

Alguém chamou Theresa.

Ela se virou com cuidado, um pouco sem equilíbrio por causa do gim.

Parker, um dos jovens funcionários do escritório de advocacia onde ela trabalhava, estava parado no limiar da porta de vidro de correr.

— Tem alguém aqui para ver você, Theresa.

— Quem é?

— Um cara chamado Hassler.

Theresa sentiu um aperto no estômago.

— E quem é esse? — Darla perguntou.

— O chefe do Ethan. Merda, estou bêbada.

— Quer que eu diga que você não pode...

— Não, eu quero falar com ele.

Theresa entrou em casa atrás de Parker.

Todo mundo tinha se esbaldado e a festa havia minguado.

Jen, colega de quarto no terceiro ano da faculdade, estava desmaiada no sofá.

Várias das outras amigas estavam reunidas na cozinha em volta do iPhone de alguém, muito bêbadas e tentando chamar um táxi pelo viva-voz.

Sua irmã, Margie, uma abstinência e possivelmente a única sóbria entre os adultos da casa, segurou Theresa pelo braço quando ela passou e sussurrou que Ben estava dormindo tranquilo em seu quarto, no andar de cima.

Hassler estava parado no vestíbulo, de terno preto, gravata preta com o nó folgado, bolsas sob os olhos. Ela se perguntava se ele tinha vindo direto do escritório.

— Oi, Adam — cumprimentou.

Trocaram um abraço rápido, um beijo rápido no rosto.

— Desculpe não ter vindo mais cedo — Hassler disse. — Foi... bem, foi um dia e tanto. Mas quis dar uma passadinha rápida.

— Significa muito. Posso trazer uma bebida?

— Cerveja seria ótimo.

Theresa tropeçou num barril meio vazio de cerveja Fat Tire e encheu um copo de plástico.

Sentou-se com Adam no terceiro degrau da escada.

— Peço desculpas — ela disse. — Estou um pouco bêbada. Quisemos nos despedir do Ethan como nos velhos tempos.

Hassler tomou um gole da cerveja. Ele era um ano ou dois mais velho do que Ethan. Tinha um

leve cheiro de desodorante Old Spice e ainda usava o mesmo cabelo curto simples desde quando ela o conhecera, na confraternização de Natal da empresa havia tantos anos. Uma sombra avermelhada — de apenas um dia — estava começando a delinear seu maxilar. Ela podia sentir o volume da arma de fogo ao lado do quadril.

— Você ainda está tendo problemas com o seguro de vida do Ethan? — Hassler perguntou.

— Estou. Eles estão se arrastando para pagar. Acho que vão me fazer entrar com uma ação.

— Se estiver tudo bem para você, eu gostaria de ligar na primeira hora, na semana que vem. Ver se consigo dar uma carteirada, acelerar as coisas.

— Eu o agradeceria de verdade, Adam.

Ela notou que estava falando devagar e com cuidado extremo, num esforço para impedir que suas palavras saíssem arrastadas.

— Você me envia o contato da pessoa responsável pelo seu caso na seguradora? — ele perguntou.

— Envio.

— Quero que você saiba, Theresa, que todos os dias esta é a coisa mais importante na minha cabeça: descobrir o que aconteceu com o Ethan. E vou descobrir.

— Acha que ele está morto?

Uma pergunta que ela nunca ousaria fazer sóbria.

Hassler ficou em silêncio por um tempo, olhando fixamente para a cerveja cor de âmbar.

Disse por fim:

— Ethan... era um grande agente. Talvez o meu melhor. Não estou falando da boca para fora.

— E você acha que nós já teríamos tido notícias dele a essa altura ou...

— Exato. Sinto muito.

— Não, é que... — ele entregou-lhe um lenço, e Theresa chorou por um instante antes de enxugar os olhos. — Não saber... é tão difícil. Eu costumava rezar para que ele ainda estivesse vivo. Agora apenas rezo por um corpo. Algo tangível para me dar respostas e me deixar seguir em frente. Posso perguntar uma coisa, Adam?

— Claro.

— O que *você* acha que aconteceu?

— Talvez esta não seja a hora...

— Por favor.

Hassler terminou o copo de cerveja.

Foi até o barril, encheu-o de novo, voltou.

— Vamos pegar o que já temos como ponto de partida, tudo bem? Ethan chegou a Boise num voo direto saindo de Seattle às oito e meia da manhã, no dia 24 de setembro do ano passado. Ele foi até a seccional de lá, que fica no centro, no Edifício do Banco dos EUA e se encontrou com o agente Stallings e sua equipe. Ficaram em reunião por duas horas e meia, e então Ethan e Stallings deixaram Boise, aproximadamente às onze e quinze.

— E eles estavam indo a Wayward Pines investigar...

— Entre outras coisas, o desaparecimento do agente Bill Evans e da agente Kate Hewson.

Só o som do nome dela era como uma faca penetrando suas costelas. De repente, ela queria outra bebida.

Hassler continuou:

— Você falou com Ethan pela última vez numa ligação pelo celular à uma e vinte da tarde, de

Lowman, Idaho, onde eles haviam parado para abastecer.

— O sinal estava ruim porque estavam nas montanhas.

— A essa altura, eles estavam a uma hora de Wayward Pines.

— A última coisa que ele me disse foi: “Vou ligar para você hoje à noite do hotel, querida”. E eu tentei dizer “tchau” e que o amava, mas a ligação caiu.

— E esse foi o último contato que qualquer pessoa teve com seu marido. Pelo menos qualquer um que ainda esteja vivo. Claro... você sabe do resto.

Ela sabia, e não precisava ouvir outra vez.

Às três e sete da tarde, num cruzamento em Wayward Pines, o agente Stallings saía de cena em frente a um caminhão Mack. Morreu na hora, e por causa da violência da colisão e da devastação do banco dianteiro do carona, o carro precisou ser levado a outro lugar para extraírem o corpo de Ethan. Só que, quando arrancaram a porta e levantaram o teto o suficiente para entrar, encontraram o interior vazio.

— O outro motivo que me fez vir aqui, Theresa, foi para contar uma pequena novidade. Como você sabe, não ficamos satisfeitos com o exame interno realizado no Lincoln Town Car de Stallings.

— Certo.

— Então eu resgatei um favor com a equipe de análise científica do FBI, o Sistema Combinado de Índices de DNA. Eles fazem um trabalho incrível, o melhor de todos, e acabaram de passar uma semana com o carro.

— E...

— Posso enviar o relatório por e-mail amanhã, mas, para resumir a história, eles não encontraram nada.

— O que você quer dizer?

— Que eles não encontraram nada. Nenhum vestígio de células epiteliais, sangue, cabelo ou qualquer resíduo de suor. Nem mesmo o que eles chamam de DNA degradado. Se Ethan tivesse andado naquele carro por três horas na viagem de Boise até Wayward Pines, essa equipe teria pelo menos encontrado algum vestígio molecular dele.

— Como isso é possível?

— Ainda não sei.

Theresa se agarrou ao corrimão e levantou com dificuldade.

Foi até o bar improvisado sobre um móvel.

Sequer se incomodou em preparar outro gim-tônica. Apenas colocou um pouco de gelo num copo baixo com vodka *premium*.

Tomou uma golada, cambaleou até a escada.

— Não sei como processar essa informação, Adam — ela disse e, com o próximo gole, sabia que aquela seria a dose que finalmente a levaria além do seu limite.

— Eu também não. Você me perguntou o que acho que aconteceu?

— Sim, e...?

— Não tenho nenhuma resposta para dar. Ainda não. Estritamente aqui entre nós, estamos investigando o agente Stallings. Investigando todo mundo que teve acesso à cena do acidente antes que eu assumisse. Mas, até o momento, não chegamos a lugar algum. E como você sabe, isso aconteceu há mais de um ano.

— Algo não está certo — ela disse.

Hassler a fitou, os olhos duros, perturbados.

— Não mesmo — respondeu.

* * *

Theresa o acompanhou até o carro e ficou parada na rua molhada tomando chuva e observando as lanternas do carro ficarem menores e menores antes de desaparecerem no topo da colina. Para um lado e para o outro da rua, ela podia ver as luzinhas das árvores de Natal dentro das casas de seus vizinhos. Ela e Ben não haviam montado a sua ainda, e duvidava que colocariam o plano em prática naquele ano. O gesto pareceria muito com a aceitação do pesadelo, o reconhecimento derradeiro de que ele nunca voltaria para casa.

* * *

Mais tarde, depois de todos terem voltado para casa de táxi, ela deitou no sofá do andar de baixo, ainda no clima pós-festa, enfrentando a cabeça girando.

Não conseguia dormir, não conseguia apagar.

Toda vez que abria os olhos, focalizava o relógio da parede, e o ponteiro do minuto se arrastava entre as duas e as três da manhã.

Às duas e quarenta e cinco, incapaz de suportar a náusea e a tontura nem mais por um segundo, ela rolou do sofá, se colocou de pé e caminhou com passos instáveis até a cozinha.

Pegou do armário um dos poucos copos limpos remanescentes e o encheu sob a torneira.

Bebeu e completou o copo mais duas vezes antes que a sede fosse aplacada.

A cozinha estava um desastre.

Diminuiu a intensidade da iluminação em trilho e começou a encher a lava-louças. Havia algo satisfatório em vê-la encher. Iniciou o ciclo de lavagem e então andou pela casa com um saco plástico, recolhendo copos de cerveja, pratos de papel, guardanapos sujos.

Pelas quatro da manhã, a casa estava com a aparência melhor, e Theresa não se sentia nem de longe tão bêbada, embora um latejar se tornasse pronunciado atrás de seus olhos — o primeiro indício de uma enxaqueca se aproximando.

Tomou três comprimidos de Advil da cartela e ficou parada na pia da cozinha, no silêncio antes da aurora, ouvindo a chuva tamborilar no deque do lado de fora.

Encheu a pia de água quente e esguichou detergente, observando as bolhas começarem a povoar a superfície.

Enfiou as mãos na água.

Deixou-as ali até que o calor se tornasse insuportável.

Estava parada no exato lugar daquela última noite, quando Ethan chegou em casa do trabalho.

Não ouviu a porta da frente se fechar.

Não ouviu seus passos.

Estava esfregando uma frigideira quando sentiu as mãos dele enlaçarem sua cintura, a respiração em sua nuca.

— *Desculpe, T.*

Ela continua esfregando. Diz:

— *Sete horas, oito. Isso é tarde. São dez e meia, Ethan. Nem sei que nome dar a isso.*

— *Como está o nosso rapazinho?*

— *Dormiu na sala, esperando para lhe mostrar o troféu.*

Ela odeia como a mera presença das mãos dele em seu corpo pode desarmar sua raiva numa fração de segundo. Sentiu uma atração cega na primeira vez em que pôs os olhos

nele, do outro lado do bar em Tini Bings. Vantagem injusta.

— Tenho que pegar um voo para Boise amanhã logo cedo — ele diz no seu ouvido.

— O aniversário dele é sábado, Ethan. Ele só vai fazer seis anos uma vez na vida.

— Eu sei. E odeio isso. Mas tenho que ir.

— Você sabe como ele vai ficar se você não estiver aqui? Quantas vezes vai me perguntar por que você não está...

— Entendi, Theresa, está bem? Acha que isso dói em você mais do que em mim?

Ela tira as mãos dele de seu quadril e gira para encará-lo. Pergunta:

— Essa nova missão tem alguma coisa a ver com tentar descobrir onde ela está?

— Não vou ter essa conversa agora, Theresa. Tenho que estar de pé daqui a cinco horas para pegar o meu voo. Nem fiz as malas.

Ele para no meio do caminho ao sair da cozinha e se vira.

Por um instante, eles apenas sustentam o olhar um no outro, a mesa de café da manhã entre eles e nela o prato de comida fria que vai ser a última refeição que Ethan comerá sob aquele teto.

— Você sabe — ele diz —, acabou. Superamos. Mas você não age como se nada tivesse...

— Só estou cansada disso, Ethan.

— Do quê?

— Você trabalha, e trabalha, e trabalha, e o que sobra para nós? Os restos.

Ele não responde, mas ela pode ver os músculos trêmulos em seu maxilar.

Mesmo tão tarde da noite, depois de um dia de quinze horas, ele está com a aparência incrível, parado sobre o trilho de lâmpadas naquele terno preto no qual ela nunca se cansa de vê-lo.

Tão rápido, a raiva já recedendo.

Uma parte dela precisando ir até ele, ficar com ele.

Ele exerce tanto magnetismo.

Algum tipo de magia nisso.

CAPÍTULO 5

Ela cruza a cozinha e vai até ele. Ele a enlaça nos braços, enterra o nariz nos seus cabelos. Ele faz isso com frequência, tentando nos últimos tempos recapturar aquele aroma do primeiro encontro — alguma mistura de perfume, condicionador e cheiro do corpo que um dia fez seu coração dar um salto no peito. Mas agora ou havia mudado, ou se perdido, ou se tornado uma parte tão integrante dele, que não conseguia mais detectar o perfume que, quando conseguia, sempre o levava de volta para aqueles primeiros dias. Mais característico ainda do que o cabelo loiro curto e os olhos verdes. Um sentimento de novidade. Mais uma vez. Como uma tarde fria de outubro e o céu azul e claro e as montanhas Cascade e Olympic com neve fresca e as árvores na cidade que apenas começavam a amarelar.

Ele a abraça.

A dor e a vergonha de tudo o que ele a fez passar ainda estão vivos. Ele não pode afirmar com certeza, mas suspeita que se ela tivesse feito o mesmo, ele já teria ido embora.

Maravilha-se com o amor que ela lhe dedica. Sua lealdade. Tão além de qualquer coisa que ele mereça, apenas intensifica a vergonha.

— Vou dar uma olhada nele — Ethan sussurra.

— Tudo bem.

— Quando eu descer, você se senta comigo enquanto como?

— Claro.

Joga o casaco sobre o corrimão, tira os sapatos pretos e sobe as escadas, pulando o quinto degrau, que range.

Não há tábuas ruins no resto do caminho e logo ele está parado na porta do quarto, abrindo-a com cuidado até que uma lasca de luz penetra o espaço entre a porta e o batente.

No quinto aniversário de Ben eles pintaram as paredes para imitar o espaço. Escuridão.

Estrelas. O espiralar de galáxias distantes. Planetas. Um ou outro satélite perdido no espaço ou um foguete. Um astronauta flutuando.

Seu filho dorme num emaranhado de cobertas, um pequeno troféu preso entre suas mãos — um garoto de plástico chutando uma bola de futebol, pintado de dourado.

Ethan caminha em silêncio pelo chão, desviando-se de peças de Lego espalhadas e carrinhos Hot Wheels.

Agacha-se ao lado da cama.

Seus olhos se ajustaram à escuridão apenas o suficiente para delinear os detalhes do rosto de Benjamin.

Maciez.

Serenidade.

Estão fechados, mas ele tem os olhos da mãe.

A boca de Ethan.

Há uma dor tangível, ajoelhar-se ali no escuro ao lado da cama de seu filho de quase seis anos depois de outro dia inteiro que ele perdeu.

Seu menino é a coisa mais linda e perfeita em que ele jamais pousou os olhos, e ele sente, de forma aguda, a passagem inexorável de milhares de momentos com aquela pessoinha que vai se tornar um homem mais rapidamente do que ele consegue imaginar.

Ele toca as bochechas de Ben com as costas da mão.

Inclina-se para a frente, beija a testa do menino.

Coloca uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Estou tão orgulhoso de você — sussurra. — Nem imagina o quanto.

No ano anterior, na manhã em que morreu numa casa de repouso, gasto de idade e pneumonia, o pai de Ethan perguntou com uma voz áspera:

— Você passa tempo com o seu filho?

— Tanto quanto consigo — respondeu, mas seu pai pegou a mentira em seus olhos.

— A perda será sua, Ethan. Vai chegar um dia, quando ele estiver crescido e for tarde demais, que você daria um reino para voltar e passar uma única hora com o seu filho criança. Segurá-lo. Ler um livro para ele. Jogar bola com uma pessoa a cujos olhos você nunca está errado. Ele ainda não vê os seus defeitos. Ele o olha com amor puro e isso não vai durar, por isso aproveite enquanto ainda é tempo.

Ethan pensa com frequência naquela conversa, principalmente quando está deitado na cama, acordado, e todo o resto das pessoas está dormindo, sua vida a passar gritando por ele na velocidade da luz — o peso das contas e do futuro e de suas falhas anteriores e de todos os momentos que ele está perdendo — toda a alegria perdida — pesando como um rochedo sobre seu peito.

— Consegue me ouvir? Ethan?

Algumas vezes ele sente como se não conseguisse respirar.

Algumas vezes seus pensamentos vêm tão rápido que ele precisa encontrar uma memória perfeita.

Agarrar-se a ela.

Um bote salva-vidas.

— Ethan, quero que você se concentre na minha voz e deixe que ela o traga para a superfície da sua consciência.

Deixar que ela se repita em sua mente uma e outra vez até que a ansiedade receda e que a exaustão venha para que ele finalmente possa se desligar do mundo.

— Sei que é difícil, mas você tem que tentar.

Ir para a única porção de seus dias que ainda lhe traz paz.

— Ethan.

Sonhos.

Seus olhos se abrem de repente.

A luz direto no rosto: um ponto focal pequeno de um azul de brilho ofuscante.

Uma lanterninha.

Ele piscou, ela desapareceu e, quando abriu os olhos novamente, um homem o olhava de cima através de óculos de armação de arame dourado, a menos de trinta centímetros de distância.

Olhos pequenos, pretos.

Cabeça raspada.

Uma barba tênue, grisalha, como a única indicação de idade, sua pele, de outra forma, lisa e limpa.

Ele sorriu. Dentes pequenos, perfeitamente brancos.

— Consegue me ouvir agora, não consegue?

Havia formalidade no tom de voz do homem. Polidez subentendida.

Ethan assentiu.

— Sabe onde está?

Ethan teve que pensar por um instante. Havia sonhado com Seattle, Theresa e Ben.

— Vamos começar com outra coisa. Sabe seu nome? — perguntou o homem.

— Ethan Burke.

— Muito bem. E mais uma vez, sabe onde está, Ethan?

Podia sentir a resposta na ponta da língua, mas também havia confusão, várias realidades competindo.

Em uma, estava em Seattle.

Em outra, num hospital.

Em outra, numa cidade montanhosa idílica chamada... havia um buraco onde o nome deveria estar.

— Ethan.

— Sim?

— Se eu lhe dissesse que está num hospital em Wayward Pines, isso resgataria alguma memória?

Não apenas resgatou: trouxe tudo de volta de uma só vez, como uma pancada rápida e repentina de um jogador de futebol americano. As memórias dos últimos quatro dias se puseram em funcionamento, em uma sequência de eventos na qual ele conseguia se apoiar com segurança.

— Tudo bem — Ethan disse. — Tudo bem, eu me lembro.

— Tudo?

— Acho que sim.

— Qual é a sua última lembrança?

Foi preciso um instante para recuperá-la, para tirar as teias de aranha das sinapses, mas ele a encontrou.

— Eu tive uma enxaqueca terrível. Estava sentado na calçada da Rua Principal, e eu...

— Perdeu a consciência.

— Exato.

— Você ainda está com enxaqueca?

— Não, passou.

— Meu nome é Dr. Jenkins.

O homem cumprimentou Ethan com um aperto de mão e em seguida sentou-se ao lado de seu leito.

— É que tipo de médico? — Ethan perguntou.

— Um psiquiatra. Ethan, preciso que você responda algumas perguntas para mim, se não tiver problema. Você disse coisas interessantes ao Dr. Miter e a enfermeira dele no primeiro dia em que foi trazido aqui. Sabe a que estou me referindo?

— Não.

— Você estava falando sobre um cadáver em uma das casas aqui na cidade. E que você não tinha conseguido entrar em contato com a sua família.

— Não me lembro de falar com a enfermeira ou com o doutor.

— Estava delirando na ocasião. Você tem algum histórico de transtorno mental, Ethan?

Até então estava deitado na cama.

Agora ele se esforçava para se sentar.

Retalhos de claridade esgueiravam-se pelas persianas fechadas.

Dia lá fora.

Em algum nível primário, ele ficou contente pelo fato.

— Que tipo de pergunta é essa? — Ethan quis saber.

— Do tipo das que sou pago para fazer. Você apareceu aqui ontem à noite sem carteira, sem identidade...

— Fui resgatado de um acidente de carro há vários dias e, ou o xerife, ou os paramédicos do resgate não fizeram seu maldito trabalho e agora estou perdido aqui sem um telefone, dinheiro ou identidade. Eu não perdi a minha carteira.

— Relaxe, Ethan, ninguém está dizendo que você fez nada de errado. Mais uma vez, preciso que responda às minhas perguntas. Você tem algum histórico de transtorno mental?

— Não.

— Há algum histórico de transtorno mental na sua família?

— Não.

— Você tem histórico de estresse pós-traumático?

— Não.

— Mas serviu na Segunda Guerra do Golfo.

— Como sabe disso?

Jenkins apontou seu pescoço.

Ethan lançou um olhar para o próprio peito, viu a chapa de identificação pendurada numa corrente de bolinhas. Estranho. Ele sempre a mantinha na gaveta do criado-mudo. Não conseguia se lembrar da última vez em que tinha usado. Não achava que tivesse trazido com ele naquela viagem e certamente não se lembrava de ter colocado na mala, nem de ter tomado a decisão de usá-la.

Passou os olhos pelo nome, patente, número de seguro social, tipo sanguíneo e preferência religiosa (“SEM PREF. RELIGIOSA”) gravados em aço inoxidável.

Subtenente-Chefe Ethan Burke.

— Ethan?

— Quê?

— Você serviu na Segunda Guerra do Golfo?

— Servi, eu pilotava o UH-60.

— O que é isso?

— Um helicóptero Black Hawk.

— Você viu combate, eu presumo.

— Vi.

— Muito?

— Pode-se dizer que sim.

— Você se feriu?

— Não entendo o que isso tem a ver com qualquer...

— Apenas responda às minhas perguntas, por favor.

— Fui abatido no ar na segunda batalha de Fallujah, no inverno de 2004. Era uma missão de resgate, e tínhamos acabado de colocar a bordo alguns fuzileiros navais feridos.

— Alguém morreu?

Ethan inspirou fundo.

Expirou.

Se fosse sincero, a pergunta o havia surpreendido, e agora ele se via tentando se proteger da sucessão de imagens que muitas sessões de terapia fizeram Ethan superar.

A onda do choque quando o lança-granadas explode logo atrás dele.

A cauda da aeronave partida e a falha do mecanismo de rotação a 150 pés de altura em relação ao solo.

A repentina força g quando o helicóptero gira.

Alarmes descontrolados.

A rigidez impossível do bastão de controle.

O impacto nem de longe tão ruim como ele temia.

Consciência perdida apenas por meio minuto.

Cinto de segurança emperrado, não consegue alcançar sua faca Ka-Bar.

— Ethan, alguém morreu?

Fogo inimigo já dilacerando a outra lateral dos escombros, alguém abrindo espaço como um fuzil AK.

Pelo para-brisa quebrado, dois médicos militares saindo mancando do helicóptero.

Em choque.

— Ethan...

Direto para o rotor das quatro hélices ainda girando rápido o bastante para...

Ali.

Foram-se.

Uma lâmina de sangue no para-brisa.

Mais tiros.

Os inimigos se aproximando.

— Ethan?

— Todos foram mortos, exceto eu — Ethan disse.

— Você foi o único sobrevivente?

— Isso. Fui capturado.

Jenkins rabiscou alguma coisa num bloquinho com capa de couro. Disse:

— Preciso fazer algumas perguntas mais, Ethan. Quanto mais sincero você for, maior a chance que eu terei de ajudá-lo, que é tudo que quero fazer. Você anda ouvindo vozes?

Ethan tentou suprimir um olhar feio.

— Está de brincadeira?

— Se você apenas pudesse responder...

— Não.

Jenkins rabiscou no bloco.

— Teve alguma dificuldade para falar? Por exemplo, talvez a sua fala fique confusa, com as palavras misturadas?

— Não. E não estou delirando. E não tenho alucinações, ou...

— Bem, você não saberia realmente se estivesse tendo alucinações, não é? Você acreditaria que as coisas que está vendo e ouvindo são reais. Quero dizer, se eu e o fato de você estar neste quarto, de estarmos tendo essa conversa, fossem alucinações suas, nada pareceria diferente, ou sim?

Ethan deslizou as pernas para a lateral da cama e apoiou os pés com cuidado no chão.

— O que está fazendo? — Jenkins perguntou.

Ethan cravou os olhos no armário.

Fraco, instável sobre as próprias pernas.

— Você não está em condições de sair daqui, Ethan. Ainda estão avaliando a sua ressonância magnética. Você pode ter algum dano cerebral do qual não sabemos a gravidade. Precisamos continuar com a nossa avaliação...

— Vou fazer uma avaliação, mas não aqui. Não nesta cidade.

Ethan puxou a porta do armário, pegou o paletó do cabide.

— Você entrou na delegacia sem camisa, correto?

Ethan enfiou os braços na camisa branca, que parecia ter sido lavada desde que a havia usado pela última vez. O fedor de decomposição humana substituído pelo perfume de sabão de lavar roupa.

— Estava fedendo — Ethan disse. — Tinha o cheiro do cadáver que eu tinha acabado de...

— Está se referindo ao corpo da casa abandonada que você disse que encontrou.

— Eu não *disse* que encontrei. Eu encontrei.

— E você foi à residência de Mack e Jane Skozie, os quais você não conhecia, e ameaçou o Sr. Skozie verbalmente na varanda da casa dele. Essa afirmação procede?

Ethan começou a fechar os botões, os dedos trêmulos, lutando para colocá-los dentro das casas. Trocou os botões de lugar, mas não se importou. Vestir-se. Dar o fora dali. Sumir daquela cidade.

— Andar por aí com uma potencial lesão cerebral não está na lista de coisas sensatas a fazer

— Jenkins disse. Havia se levantado da cadeira.

— Há algo de errado aqui — Ethan disse.

— Eu sei, é o que eu estou tentando...

— Não. Esta cidade. As pessoas daqui. Você. Algo está errado e se acha que vou ficar sentado aqui, deixar você tirar uma com a minha cara por mais um segundo...

— Não estou tirando uma com a sua cara, Ethan. Ninguém aqui está. Faz alguma ideia do quanto essa afirmação soa paranoica? Estou apenas tentando determinar se você está em meio a um surto psicótico.

— Bem, não estou.

Ethan colocou as calças com um puxão, abotoou-as, abaixou-se para pegar os sapatos.

— Perdoe-me se não vou aceitar a *sua* palavra quanto a isso. “Uma condição anormal da mente caracterizada pela perda de contato com a realidade.” Essa é a definição de psicose que consta nos livros, Ethan. Pode ter sido causada pelo acidente de carro. Por ter visto seu parceiro ser morto. Ou o ressurgimento de algum trauma enterrado da época da guerra.

— Saia do meu quarto — disse Ethan.

— Ethan, a sua vida poderia ser...

Ele olhou para Jenkins do outro lado do quarto, e algo em seu olhar fixo, sua linguagem corporal, deve ter sugerido ameaça real de violência, pois os olhos do psiquiatra se arregalaram e, pela primeira vez, ele se calou.

* * *

Detrás do balcão do posto de enfermagem, a enfermeira Pam ergueu os olhos de sua papelada.

— Sr. Burke, mas posso saber o que o senhor está fazendo de pé, vestido e fora da cama?

— Indo embora.
— Indo embora? — ela repetiu como se não compreendesse as palavras. — Do hospital?
— Wayward Pines.
— O senhor não está em condições nem de estar fora da...
— Preciso dos meus pertences pessoais imediatamente. O xerife disse que os paramédicos podem tê-los removido do carro.
— Eu achei que estavam com o xerife.
— Não.
— Tem certeza disso?
— Tenho.
— Bem, posso colocar meu chapéu de Nancy Drew e...
— Pare de desperdiçar meu tempo. Sabe onde eles estão?
— Não.

Ethan deu meia-volta e começou a andar.

A enfermeira Pam chamou por ele.

Ele parou no elevador, apertou o botão para descer.

Ela estava vindo agora — Ethan podia ouvir os passos rápidos no linóleo quadriculado.

Virou-se e a observou se aproximar naquele lindo uniforme retrô de enfermeira.

Ela parou a alguns passos de distância.

Ethan tinha uns dez ou doze centímetros a mais de altura. Alguns anos também.

— Não posso deixá-lo ir, Ethan — ela disse. — Não até sabermos o que há de errado com você.

As portas do elevador se abriram com um rangido.

Ethan se afastou da enfermeira e entrou.

— Obrigado pela ajuda e por sua preocupação — disse, apertando o “T” três vezes até o botão se iluminar —, mas acho que tenho tudo sob controle.

— O quê?

— É com essa cidade que há algo de errado.

Pam esticou o pé na porta do elevador, impedindo-a de fechar.

— Ethan. Por favor. Você não está pensando com clareza.

— Tire seu pé.

— Estou preocupada com você. Todo mundo está.

Ele estava encostado na parede. Agora caminhava para frente, parando a centímetros de distância de Pam, olhando-a fixamente pelos dez centímetros entre uma porta e outra.

Olhou para baixo, batendo de leve na ponta do sapato branco dela com a ponta de seu sapato preto.

Por um longo tempo, ela ficou no mesmo lugar, Ethan começando a se perguntar se teria que recorrer à força física para tirá-la do elevador.

Enfim ela puxou o pé.

* * *

Parado na calçada, Ethan achou que a cidade parecia quieta para uma tarde avançada. Não conseguiu ouvir um motor de carro sequer. Nada, na verdade, além do som de pássaros gorjeando e vento soprando na copa dos pinheiros altos que se avultavam no gramado em frente ao hospital.

Foi andando até o meio da rua.

Ficou parado observando, ouvindo.

O sol estava gostoso e quente em seu rosto.

A brisa carregava um frescor agradável.

Ergueu os olhos para o céu — cristal azul-escuro.

Sem nuvens.

Sem máculas.

Aquele lugar era lindo, sem dúvida, mas pela primeira vez as muralhas das montanhas que confinavam o vale instilavam algo nele além de espanto. Não conseguia explicar por que, mas elas o enchiam de medo. Um temor que não conseguia compreender muito bem.

Sentia-se... estranho.

Talvez tivesse sofrido alguma lesão. Mas talvez não.

Talvez estar isolado do mundo exterior já pelo quinto dia estivesse começando a fazer efeito.

Sem iPhone, sem internet, sem Facebook.

Parecia impossível quando pensava a respeito: não ter contato com a família, nem com Hassler, nem com ninguém fora de Wayward Pines.

Começou a andar em direção à delegacia.

Melhor apenas ir embora. Começar de novo. Reavaliar já estando do outro lado daqueles paredões de rocha.

Do conforto de uma cidade normal.

Pois alguma coisa ali estava definitivamente fora de prumo.

* * *

— O xerife Pope está?

Belinda Moran ergueu os olhos de seu jogo de Paciência.

— Olá — ela cumprimentou. — Posso ajudar?

— O xerife está? — Ethan perguntou elevando uma oitava na voz.

— Não, saiu por um instante.

— Então volta logo?

— Não sei quando vai voltar.

— Mas a senhora disse “por um instante”, então achei que...

— É só um modo de dizer, meu jovem.

— A senhora se lembra de mim? Agente Burke do Serviço Secreto?

— Sim. O senhor está de camisa desta vez. Gosto bem mais deste visual.

— Ligaram me procurando?

Ela apertou os olhos e inclinou a cabeça de lado.

— E por que ligariam?

— Porque eu disse a algumas pessoas que poderiam procurar por mim aqui.

Belinda sacudiu a cabeça.

— Ninguém procurou pelo senhor.

— Nem minha esposa, Theresa, nem o agente Adam Hassler?

— Ninguém ligou o procurando, Sr. Burke, e o senhor não deveria ter dito para ligarem aqui.

— Preciso usar o telefone na sala de reuniões mais uma vez.

Belinda franziu o cenho.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Por que não?

Ela não tinha o que responder, apenas sustentou a expressão hostil.

* * *

— Theresa, sou eu. Estou tentando falar com você. Estava no hospital outra vez. Não sei se você ligou na delegacia ou no hotel, mas não recebi nenhum recado. Ainda estou em Wayward Pines. Não consegui encontrar nem meu telefone, nem minha carteira, mas estou farto deste lugar. Vou pegar uma viatura emprestada da delegacia. Ligo hoje à noite de Boise. Saudades. Amo você.

Inclinou o corpo para frente na cadeira, conseguiu outro sinal de linha, fechou os olhos e tentou invocar.

O número estava ali.

Discou, ouviu os quatro toques e então a mesma voz da última vez atendeu:

— Serviço Secreto.

— Aqui é Ethan Burke ligando novamente para falar com Adam Hassler.

— Ele não está disponível no momento. Haveria algo com que eu pudesse lhe ajudar?

— É a Marcy?

— Sim.

— Você se lembra da conversa que tivemos ontem pelo telefone?

— Sabe, senhor, recebemos muitas ligações todos os dias, e não consigo gravar tudo que...

— Você disse que iria passar uma mensagem para o agente Hassler.

— A respeito do quê?

Ethan fechou os olhos, respirou fundo. Se a insultasse, ela apenas desligaria o telefone. Se esperasse até que estivesse de volta a Seattle, poderia comer seu fígado em público, demiti-la por justa causa.

— Marcy, é a respeito da morte de um agente do Serviço Secreto em Wayward Pines, Idaho.

— Hum. Bem, se eu disse que daria o recado, então com certeza fiz isso.

— Mas ele não me retornou. Não acha isso estranho? Que um agente da seccional de Hassler, eu, localizou outro agente que foi assassinado, um agente o qual fui enviado aqui para encontrar, e agora vinte e quatro horas se passaram e Hassler ainda não retornou minha ligação?

Uma breve pausa e então:

— Haveria algo com que *eu* pudesse lhe ajudar?

— Sim, eu gostaria de falar com o agente Hassler imediatamente.

— Ah, sinto muito, ele não está disponível no momento. Haveria algo que...

— Onde ele está?

— Não está disponível.

— Onde. Ele. Está.

— Ele não está disponível no momento, mas tenho certeza de que vai retornar a ligação assim que possível. É que ele anda muito atolado em serviço.

— Quem é você, Marcy?

Ethan sentiu arrancarem o telefone de sua mão.

Pope o bateu no gancho, seus olhos perfurando Ethan como um par de carvões em brasa.

— Quem disse que você podia vir aqui usar meu telefone?

— Ninguém, eu só...

— Exato. Ninguém. De pé.

— Como é?

— Eu disse “de pé”. Pode sair daqui com as próprias pernas ou posso arrastá-lo eu mesmo pela recepção.

Ethan levantou-se devagar, encarou o xerife do outro lado da mesa.

— Está falando com um agente federal, senhor.

— Não estou convencido disso.

— Que diabos isso quer dizer?

— Você aparece aqui, sem identidade, sem telefone, nada...

— Já expliquei a minha situação. Você deu um pulo no número 604 da Primeira Avenida para ver o corpo do agente Evans?

— Sim.

— E?

— Está sendo investigado.

— Chamou peritos criminais para processar o...

— Estamos lidando com tudo.

— E o que isso significa?

Pope apenas o encarou. Ethan pensava: *Ele enlouqueceu e você não tem nenhum apoio nesta cidade. Só consiga um carro, dê o fora. Denuncie-o quando voltar com toda a cavalaria. Ele vai perder o distintivo, vai ser processado por obstruir uma investigação federal.*

— Tenho um favor a pedir — Ethan disse, colocando panos quentes.

— O quê?

— Gostaria de pegar emprestado um dos seus veículos.

O xerife deu risada.

— Por quê?

— Bem, é obvio que desde o acidente eu não tenho um.

— Aqui não é uma locadora de carros.

— Preciso de transporte, Arnold.

— Simplesmente não é possível.

— Essa delegacia é *sua*, não é? Você pode fazer o que quiser, não pode?

O xerife piscou.

— Não tenho um carro para emprestar. — Pope começou a andar pela lateral da mesa de reuniões. — Vamos, Sr. Burke.

Pope parou na porta aberta e esperou por Ethan.

Quando Ethan entrou em seu raio de alcance, Pope o agarrou pelo braço e o puxou para perto, a mão grande e poderosa esmagando-lhe o bíceps.

— Posso ter perguntas para você num futuro não muito distante — o xerife disse.

— Sobre o quê?

Pope apenas sorriu.

— Nem pense em sair da cidade.

* * *

Saindo da delegacia, Ethan olhou por cima do ombro e viu Pope observá-lo pela abertura entre as persianas da sala de reuniões.

O sol havia se escondido atrás das montanhas.

A cidade estava em silêncio.

Ethan colocou um quarteirão entre ele e a delegacia de Pope e sentou-se no meio-fio de uma rua tranquila.

— Isso não está certo — sussurrou e continuou repetindo aos sussurros.

Sentiu-se fraco e faminto.

Tentou repassar tudo, a totalidade do que havia acontecido desde que chegara a Wayward Pines. Tentava compor uma fotografia do cenário completo, pensando que, se pudesse enxergar tudo de uma só vez, poderia reunir aqueles encontros bizarros num único problema a ser resolvido. Ou, pelo menos, um que fizesse sentido. Mas quanto mais se esforçava, mais sentia a mente anuviada.

Uma epifania: ficar sentado ali não mudaria coisa alguma.

Colocou-se de pé, pegou a Rua Principal.

Vá para o hotel. Talvez tenha um recado da Theresa ou do Hassler esperando por você.

Esperança vã. Ele sabia. Não haveria recado. Nada além de hostilidade.

Não estou ficando louco.

Não estou ficando louco.

Recitou o próprio nome. Seu número de seguro social. Seu endereço físico em Seattle. O nome de solteira de Theresa. A data do aniversário do filho. Tudo parecia real. Como migalhas de informações que formavam sua identidade.

Conforto em nomes e números.

Um tinido no quarteirão seguinte chamou sua atenção.

Havia um terreno baldio do outro lado da rua com várias mesas de piquenique, algumas grelhas e um campo de arremesso de ferraduras. Famílias reunidas para uma festa: um grupo de mulheres paradas conversando perto de duas caixas térmicas vermelhas. Dois homens viravam hambúrgueres e cachorros-quentes numa grelha, fumaça levantando-se em espirais azuladas pelo ar parado do entardecer. O aroma de carne assando fez o estômago de Ethan doer, e ele se deu conta de que estava ainda mais faminto do que pensava.

Próximo objetivo: comer.

Cruzou a rua ao som do cricrilar de grilos e do ruído de irrigadores de jardim à distância.

Perguntou-se: eram reais?

Crianças perseguiam umas às outras no gramado. Gritando, rindo, guinchando.

Clichê.

O tilintar vinha da brincadeira de ferraduras. Dois grupos de homens frente a frente em caixas de areia opostas, fumaça de charuto como halos em volta de suas cabeças.

Ethan havia quase chegado ao terreno. Pensando que a melhor jogada seria abordar as mulheres. Jogar um charme. Pareciam pessoas decentes vivendo um momento perfeito do sonho americano.

Arrumou o paletó ao sair da calçada e entrar no gramado, alisando os vincos, acertando o colarinho.

Cinco mulheres. Uma de vinte e poucos anos, três entre os trinta e os quarenta, uma com cabelos prateados — cinquenta e tantos anos.

Estavam bebendo limonada em copos de plástico transparente e discutindo alguma fofoca da vizinhança.

Ninguém ainda o havia notado.

A três metros de distância, enquanto ele tentava inventar alguma forma não intrusiva de entrar na conversa, uma mulher da sua idade o notou e sorriu.

— Ah, olá — ela disse.

Vestia uma saia abaixo do joelho, sapatos baixos vermelhos e uma blusa xadrez. Seu corte de cabelo era curto e antigo, como algo saído de um seriado de humor dos anos 1950.

— Oi — Ethan respondeu.

— Veio dar uma de penetra na festinha do nosso quarteirão?

— Tenho que admitir, o cheiro do que quer que seja que vocês estão assando naquela grelha me atraiu.

— Sou Nancy — ela se separou do grupo e estendeu a mão. Ethan a cumprimentou.

— Ethan.

— É novo por aqui? — ela perguntou.

— Cheguei à cidade só há alguns dias.

— E o que está achando do nosso vilarejo?

— Sua cidade é adorável. Muito aconchegante, calorosa.

— Ah, que fofo, talvez possamos alimentar você, afinal — ela riu.

— Mora por aqui? — Ethan perguntou.

— Moramos a alguns quarteirões daqui. A vizinhança tenta se reunir para comer ao ar livre pelo menos uma vez por semana.

— Vocês parecem o bairro Mayberry daqueles seriados antigos.

A mulher corou profundamente.

— Então, o que está fazendo em Wayward Pines, Ethan? — ela perguntou.

— Apenas turistando.

— Deve ser gostoso. Nem consigo me lembrar das minhas últimas férias.

— Quando se mora num lugar desses — Ethan disse, indicando as montanhas circundantes —, por que sair?

— Aceita um copo de limonada? — Nancy perguntou. — É caseira e deliciosa.

— Claro.

Ela tocou seu braço.

— Já volto. E depois vou apresentar você aos outros.

Quando Nancy foi até as caixas térmicas, Ethan lançou um olhar para as outras mulheres, procurando uma brecha para entrar na conversa.

A mais velha do grupo, uma mulher de cabelo todo branco, estava rindo de alguma coisa, e quando ocorreu a Ethan que já tinha ouvido aquela risada antes, ela colocou os cabelos, que batiam nos ombros, atrás das orelhas.

A marca de nascença do tamanho de uma moeda no rosto dela fez o coração de Ethan parar. Não podia ser, mas...

Altura certa.

Silhueta certa.

Ela agora estava falando, sua voz familiar era quase inquestionável. Afastou-se do grupo de mulheres, apontando a mais nova com um sorriso malicioso.

— Vou cobrar isso de você, Christine — disse.

Ethan a observou se virar e caminhar até o campo de ferraduras mais distante, onde enlaçou os dedos nos de um homem alto, de ombros largos, com uma cabeleira ondulada e cor de prata.

— Venha, Harold, vamos perder nosso programa na TV.

Ela tentou puxá-lo.

— Só mais um arremesso — ele protestou.

Ela o soltou, e Ethan ficou parado sem fala enquanto Harold erguia uma ferradura da areia, mirava com cuidado e arremessava.

A ferradura fez um arco sobre a grama e acertou a estaca de metal.

O time de Harold comemorou. Ele se curvou algumas vezes de forma dramática para agradecer e deixou a mulher de cabelos de neve arrastá-lo do grupo.

Os amigos lhes deram “boa-noite”.

— Ethan, aqui está a sua limonada — Nancy ofereceu o copo.

— Desculpe, mas preciso ir.

Ele deu meia-volta e pegou a rua novamente. Nancy o chamou:

— Não quer ficar e comer?

Quando Ethan dobrou a esquina, o casal estava uma quadra na sua frente.

Apressou o passo.

Seguiu-os por vários quarteirões enquanto eles prosseguiram caminhando devagar, no ritmo de duas pessoas que não tinham uma preocupação sequer na vida, de mãos dadas, a cadência das vozes e risadas se elevando até os pinheiros.

Dobraram uma rua e desapareceram.

Ethan deu uma corrida até o próximo cruzamento.

Casas vitorianas pitorescas enfileiravam-se dos dois lados da rua.

Ele não os viu em parte alguma.

O som de uma porta fechando ecoou pela quadra. Notou a casa de onde tinha vindo: verde contornada de branco. Varanda frontal com um balanço. A terceira do lado esquerdo.

Atravessou a rua e pegou a calçada até parar em frente.

Um quadradinho de grama verde perfeita. A varanda sob a sombra de um pinheiro. Na caixa de correio, um sobrenome que ele não reconheceu. Colocou as mãos na cerca de madeira.

Caía o crepúsculo. Luzes começando a abrir os olhos dentro das casas ao seu redor. Um fragmento ocasional de conversa escapando por uma janela levantada.

O vale silente e esfriando e as mais altas elevações das montanhas circundantes capturando o restinho da luz do dia.

Destravou o portão, abriu.

Entrou por um caminho de pedras antigas até a varanda.

Os degraus rangiam sob seu peso.

E então parou na porta da frente.

Conseguia ouvir vozes do outro lado.

Passos.

Uma parte de si não queria bater.

Bateu o nó dos dedos no vidro da porta externa, deu um passo para trás.

Esperou um minuto inteiro, mas ninguém veio.

Bateu mais forte da segunda vez.

Passos se aproximaram. Ouviu uma trava girar. A porta de madeira se abriu.

O homem de ombros largos olhou para ele através do vidro.

— Posso ajudar?

Ethan apenas precisava vê-la de perto, sob a luz da varanda. Confirmar que não era ela, que ele não estava enlouquecendo. Seguir em frente com a miríade de outros problemas naquela cidade.

— Estou procurando pela Kate.

Por um momento, o homem apenas o encarou.

Finalmente, abriu a porta de vidro.

— Quem?

— Ethan.

— Quem?

— Um velho amigo.

O homem deu um passo para trás e entrou na casa; virou a cabeça e disse:

— Querida, pode vir aqui na porta um minuto?

Ela respondeu com algo que Ethan não conseguiu entender, e o homem replicou:

— Não faço ideia.

Então ela apareceu: uma sombra no final do corredor que levava à cozinha. Passou brevemente pela luz de uma lâmpada e caminhou a pés descalços pela sala de estar até a porta.

O homem deu um passo ao lado e ela assumiu seu lugar.

Ethan fixou os olhos nela pela porta de vidro.

Fechou os olhos e os abriu de novo. Estava ainda parado naquela varanda e ela ainda estava, de forma impassível, atrás do vidro.

— Sim?

Aqueles olhos.

Inconfundíveis.

— Kate?

— Sim?

— Hewson?

— Esse era meu nome de solteira.

— Ah, meu Deus.

— Desculpe... eu o conheço?

Ethan não conseguia desviar os olhos dela.

— Sou eu — disse. — Ethan. Vim aqui encontrar você, Kate.

— Acho que está me confundindo com alguém.

— Eu a reconheceria em qualquer lugar. Em qualquer idade.

Ela lançou um olhar sobre o ombro.

— Está tudo bem, Charles. Vou entrar num instante.

Kate abriu a porta, desceu ao capacho. Estava vestindo calças cor de creme e regata de um azul desbotado.

Uma aliança de casamento.

Tinha o cheiro de Kate.

Mas estava velha.

— O que está acontecendo? — Ethan perguntou.

Ela o pegou pela mão e o levou até o balanço no fim da varanda.

Sentaram-se.

A casa ficava sobre uma pequena elevação com vista para o vale, para a cidade. As luzes das outras casas estavam por toda parte agora e três estrelas haviam despontado no céu.

Um grilo, ou a gravação de um grilo, cricrilava num dos arbustos.

— Kate...

Ela colocou a mão na perna dele e apertou, aproximando-se.

— Estão nos observando.

— Quem?

— Shh — ela apontou o teto, um gesto de leve para cima com o dedo. Sussurrou: — E nos ouvindo.

— O que aconteceu com você? — Ethan perguntou.

— Não acha que ainda estou bonita? — o tom sarcástico, mordaz, era Kate pura. Ela baixou os olhos para o colo por um minuto e quando olhou para cima novamente, seus olhos brilhavam. — Quando fico de frente para o espelho e escovo meu cabelo à noite, penso nas suas mãos no meu corpo. Não é como costumava ser.

— Quantos anos você tem, Kate?

— Já não sei mais. É difícil não perder a conta.

— Eu vim até aqui procurar por você há quatro dias. Perderam contato com você e com Evans e me enviaram para procurá-los. Evans está morto — a declaração parecia ter pouco impacto.

— O que você e Bill estavam fazendo aqui?

Ela apenas sacudiu a cabeça.

— O que está acontecendo aqui, Kate?

— Não sei.

— Mas você mora aqui.

— Sim.

— Há quanto tempo?

— Anos.

— Isso é impossível — Ethan se levantou, um enxame de pensamentos.

— Não tenho respostas para você, Ethan.

— Preciso de um telefone, de um carro, uma arma se você tiver...

— Não posso, Ethan — ela ficou de pé. — Você tem que ir.

— Kate...

— Agora.

Ele segurou-lhe as mãos.

— Era você quando eu perdi a consciência na rua ontem à noite — ele observou seu rosto com atenção: marcas de expressão nos cantos da boca, pés de galinha, mas ainda tão linda. — Você sabe o que está acontecendo comigo?

— Pare — ela tentou se desvencilhar.

— Estou em apuros — ele disse.

— Eu sei.

— Diga-me o que...

— Ethan, agora você está colocando a *minha* vida em risco. E a do Harold.

— Quem está ameaçando?

Ela se libertou dele, começou a andar até a porta. Quando a alcançou, olhou para trás e, por um momento, parada na penumbra, ela poderia ter 36 anos outra vez.

— Você poderia ser feliz, Ethan.
— Do que está falando?
— Poderia ter uma vida incrível aqui.
— Kate...

Ela empurrou a porta, deu um passo para dentro.

— Kate?

— O quê?

— Estou maluco?

— Não — ela respondeu. — Não mesmo.

A porta se fechou atrás dela, e então ele ouviu o trinco ser passado. Andou até a porta e observou seu reflexo no vidro, meio esperando ver um homem de sessenta anos; mas ainda era o mesmo.

Não estava mais com fome.

Não estava cansado.

Descendo os degraus, indo pelo caminho de pedras e pisando na calçada ele apenas sentia um aperto no centro do peito, uma sensação familiar que costumava atingi-lo logo antes de uma missão: chegando ao helicóptero enquanto a equipe de terra carregava a metralhadora Gatling calibre 50 e os mísseis Hellfire.

Medo.

* * *

Ethan só viu um carro no próximo quarteirão — um Buick LeSabre de meados dos anos 1980, o para-brisa tomado de agulhas secas de pinheiro, e a carcaça apoiada em quatro pneus que fariam bom uso de um pouco de ar.

As portas estavam trancadas.

Ethan se esgueirou pela varanda da casa mais próxima e ergueu um querubim de pedra de seu lugar debaixo de uma janela. Pelas cortinas finas, ele viu um garotinho do lado de dentro, sentado num piano vertical, tocando alguma peça musical belíssima, as notas viajando até a varanda através de uma abertura de dez centímetros na janela que havia sido levantada.

Uma mulher estava sentada ao lado dele, virando as folhas da partitura.

Embora tivesse apenas trinta centímetros, o querubim era de concreto sólido e pesava mais de treze quilos.

Ethan o carregou para a rua.

Simplesmente não tinha como fazer aquilo sem barulho.

Ele o bateu na janela atrás do banco do motorista, o anjo entrando fácil no vidro. Ethan destrancou a porta, abriu-a, entrou no carro sobre os estilhaços nos bancos e atrás do volante. O impacto havia decapitado o anjo, e Ethan tirou sua cabeça do banco traseiro.

Duas batidas foram suficientes para arrebentar a tampa de plástico sob a coluna de direção e expor o cilindro de ignição.

A luz dentro do carro estava ruim.

Trabalhou apenas com o tato, os dedos puxando para fora os fios da bateria e do arranque.

A música do piano dentro da casa havia parado. Espiou a varanda, viu duas silhuetas paradas atrás da cortina.

Ethan pegou o canivete de dentro do paletó, abriu a lâmina maior e cortou o par de fios brancos os quais apostava que levavam potência ao carro. Em seguida, descascou as pontas e

torceu-as juntas.

O painel acendeu.

A porta da frente da casa se abriu quando ele encontrou o fio mais escuro do arranque.

Uma voz de menino:

— Olhe a janela do carro.

Ethan descascou a ponta do cabo do arranque, expondo os fios de cobre.

— Espere aqui, Elliot — a mulher disse.

Por favor, por favor, por favor.

Ethan tocou o fio do arranque no fio da bateria, uma faísca azul rasgando a escuridão.

O motor engasgou.

A mulher caminhava em sua direção pelo quintal.

— Vamos — Ethan disse.

Tocou os fios mais uma vez e o motor girou.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Na quarta pegou e o carro ganhou vida com um crepitar.

Ethan pisou no acelerador, engatou a primeira marcha e acendeu os faróis enquanto a mulher chegava à porta do lado do passageiro, gritando através do vidro.

Ethan acelerou pela rua.

No primeiro cruzamento, dobrou à esquerda e tirou um pouco o pé do acelerador, reduzindo a velocidade ao reino do racional — uma que não chamasse a atenção; alguém na rua dando uma volta agradável no começo de noite.

O marcador indicava que havia um quarto do tanque cheio. A luz da reserva ainda não tinha acendido. Não era problema. Havia combustível o suficiente para zarpar de Wayward Pines.

Uma vez que cruzasse a passagem entre as montanhas, haveria uma cidade de um semáforo só a uns sessenta quilômetros ao sul. Lowman, Idaho. Logo na rodovia. Eles haviam parado ali para abastecer na vinda. Ainda podia visualizar Stallings perto da bomba, vestido no terno preto, enchendo o tanque. Ethan havia caminhado até a beirada da pista vazia e observado prédios abandonados do outro lado — uma hospedaria fechada e um armazém geral, um restaurante ainda vivo mas mal das pernas, o cheiro de gordura na fumaça que escorria de uma abertura no telhado.

Havia ligado para Theresa daquele lugar com apenas uma barra de sinal no celular.

Mal se lembrava da conversa. Sua mente estava em outro lugar.

A última vez que tinha falado com a esposa.

Esperava que tivesse lhe dito que a amava.

Os freios guincharam quando Ethan fez o Buick parar, seta para a esquerda piscando. Fora uma meia dúzia de pessoas nas calçadas, o centro estava morto, e, a Rua Principal, vazia até onde ele podia ver.

Ethan entrou numa rua com uma curva suave para a esquerda e acelerou devagar, em direção ao sul.

Passou pelo pub, pelo hotel, pela cafeteria.

Depois de sete quadras, o hospital.

Não havia periferia.

As construções simplesmente acabavam.

Acelerou.

Deus, como era bom estar de partida, finalmente indo embora, um peso palpável sendo removido de seus ombros com cada giro dos eixos do carro. Devia ter feito isso há dois dias. Não havia sinais de habitação ali; a estrada, uma trajetória reta através de pinheiros tão gigantes que poderiam ser mata virgem.

O ar entrando no carro era frio, fragrante.

Bruma pairava entre as árvores e, em alguns lugares, sobre a estrada.

Os faróis incendiavam o caminho, a visibilidade caindo.

A luz da reserva acendeu.

Merda.

A estrada ao sul da cidade seguia subindo num terreno íngreme e sinuoso por muitos e muitos metros, até a passagem entre as montanhas e, a qualquer minuto, a verdadeira subida começaria. Queimaria o pouco combustível que ainda restava. Ethan deveria dar meia-volta naquele mesmo instante, retornar à cidade, sifonar gasolina suficiente para garantir que alcançasse Lowman.

Pisou no freio antes de uma curva longa e fechada.

A bruma parecia sopa no coração da curva, a neblina branca era ofuscante na luz dos faróis altos, Ethan diminuindo a velocidade até se arrastar, sem nada para guiá-lo além do amarelo duplo desbotado.

A estrada ficou plana, saiu da bruma, das árvores.

À distância: um *outdoor*.

Ainda uns duzentos metros à frente, tudo o que ele podia discernir era a pintura de quatro figuras paradas de braços dados.

Sorrisos largos de dentes brancos.

Um garoto de bermuda e camiseta listrada.

Mãe e filha de vestido.

O pai, combinando, usava um chapéu fedora, acenava.

Em letras maiúsculas, sob a família de sorriso perfeito:

BEM-VINDO A WAYWARD PINES

ONDE O PARAÍSO É O LAR

Ethan acelerou e passou pela placa, a estrada seguindo paralela a uma cerca de madeira, os faróis pastando sobre um gramado e um rebanho de gado.

Luzes à distância.

O pasto diminuindo lá atrás.

Logo, estava passando por casas novamente.

A estrada se alargou, perdeu as faixas amarelas que dividiam a pista.

Havia se transformado em Primeira Avenida.

Estava de volta à cidade.

Ethan estacionou no meio-fio, observou pelo para-brisa, tentando manter o pânico sob controle. Havia uma explicação simples: perdera o desvio para o caminho entre as montanhas. Passara direto naquele trecho de neblina cerrada.

Fez um retorno na pista e acelerou pela estrada no sentido oposto, já passando dos noventa quilômetros por hora quando alcançou o pasto.

De volta à bruma, e aos pinheiros muito altos, ele procurou por alguma placa, alguma indicação de onde a estrada desviava para a passagem entre as montanhas, mas não havia nada.

Na parte mais fechada da curva, parou o carro na beira da estrada e o colocou em ponto-morto.

Deixou o motor funcionando, saiu para a noite.

Atravessou para o outro lado e começou a andar pela borda da pista.

Depois de três metros, a neblina estava tão fechada que escondia o carro por completo. Ainda podia ouvir o motor, mas o som ficava mais tênue a cada passo.

Caminhou uns duzentos metros antes de parar.

Havia chegado ao outro lado da curva, onde a estrada se endireitava e voltava para a cidade. O ronco do motor do carro havia morrido totalmente.

Não tinha vento, e a floresta era alta e silenciosa.

A bruma pairava por tudo ao redor, parecendo carregar uma carga elétrica, mas Ethan sabia que o zumbido era apenas algum barulho microscópico dentro dele mesmo, de *sua* cabeça, exposta à simples e total ausência de som.

Impossível.

A estrada não deveria fazer curva ali.

Deveria correr por entre os pinheiros por mais uns oitocentos metros e então começar uma longa série de zigue-zagues subindo pelo flanco da montanha, ao sul.

Desceu com cuidado pela lateral da pista, em direção às árvores.

O solo da floresta, repleto de agulhas de pinheiro, era como caminhar sobre almofadas.

O ar úmido e gelado.

Aquelas árvores... nunca tinha visto pinheiros tão altos e, com tão pouco em termos de vegetação rasteira para disputar espaço, mover-se entre os troncos enormes era fácil — uma floresta com pausas. Era possível se perder antes que se desse conta.

Saiu da bruma, e, quando olhou para cima, vislumbrou pontas geladas da luz das estrelas entre a copa das árvores.

Depois de mais quinze metros ele parou. Já era hora de voltar. Com certeza havia outras estradas saindo da cidade, e ele já conseguia sentir a desorientação à espreita. Lançou um olhar por cima do ombro, pensou ver mais ou menos o caminho que tinha tomado para chegar até aquele ponto, mas não dava para ter certeza. Tudo parecia igual.

De fora da floresta, mais além: um grito.

Ele ficou imóvel.

Havia a batida pesada de seu coração e nada mais.

O grito só poderia ser comparado a sofrimento humano ou terror. Como uma hiena ou algum espírito do bosque. Coiotes dos mais desvairados. Um grito rebelde mitológico. Alto e estridente. Frágil. Terrível. E em algum nível, zumbindo sob a superfície como cabos elétricos enterrados, estava uma tênue consciência de que aquela não era a primeira vez que ouvia o barulho.

Mais uma vez, o grito.

Mais perto.

Um alarme disparando entre seus olhos, na boca do estômago: Saia deste lugar agora. Não pense. Apenas. Vá.

E em seguida estava correndo entre as árvores, ofegando depois de vinte passos, de volta à bruma e ao frio.

Adiante, o terreno começava a subir e ele andou de gatinhas até chegar, aos trancos e barrancos, de volta à estrada. Apesar do frio, estava transpirando, os olhos ardendo com o suor salgado. Correu de volta à curva pelas linhas duplas amarelas que dividiam a pista, até que viu dois cilindros de luz à distância, perfurando a neblina.

Diminuiu a velocidade, começou a andar e, acima do ruído de seu esforço físico, ouviu o motor do carro roubado.

Alcançou-o, abriu a porta do motorista. Entrou atrás do volante, colocou o pé no freio e estendeu o braço para o câmbio, desesperado para sair daquele lugar.

Captou um movimento com o canto do olho esquerdo: uma sombra na lateral do espelho. Seus olhos se desviaram para o retrovisor acima do painel e, no brilho avermelhado das luzes de freio, viu o que tinha falhado em perceber: uma viatura parada a dez metros da traseira de seu carro, quase invisível em meio à cerração.

Quando olhou para trás pela janela do lado do motorista, o cano de uma espingarda o encarava, apenas a alguns centímetros de distância. Uma lanterna iluminava do lado de dentro, incendiando o interior do carro com uma luz dura que refletia no cromado e no vidro.

— Você só pode ter enlouquecido.

Xerife Pope.

A aspereza irada de sua voz soou um tanto abafada pelo vidro.

Ethan ainda estava com a mão no câmbio, perguntando-se se engatava a primeira e enterrava o pé no acelerador. Pope iria atirar nele? Aquela distância, uma espingarda doze milímetros significava decapitação.

— Bem devagar — Pope disse —, coloque as duas mãos no volante e use a direita para desligar o carro.

Ethan disse através do vidro:

— Você sabe quem eu sou e deveria saber melhor do que qualquer um que não convém interferir. Estou saindo desta cidade.

— Até parece.

— Sou um agente do governo dos Estados Unidos, com a total...

— Não, você é um cara sem identidade e sem distintivo, que acabou de roubar um carro e que deve ter assassinado um agente federal.

— Do que está falando?

— Não vou repetir, parceiro.

Algo cutucou Ethan para que aceitasse, sussurrou que provocar aquele homem poderia ser perigoso. Até mesmo fatal.

— Tudo bem — respondeu. — Só me dê um segundo. Fiz ligação direta no carro. Preciso desconectar os cabos para desligá-lo.

Ethan acendeu a luz da cabine, colocou as mãos sob a coluna de direção, separou os fios com um puxão.

As luzes se apagaram.

O motor desligou.

Nada a não ser o brilho doloroso da lanterna de Pope.

— Fora!

Ethan achou a maçaneta, precisou bater com o ombro na porta para abri-la. Saiu. A bruma pairava pelo facho de luz. Pope era uma sombra raivosa atrás da lanterna e da espingarda, olhos escondidos sob a aba de seu chapéu de *cowboy*.

Ethan sentiu o cheiro de óleo de arma, imaginou Pope como um homem dedicado aos cuidados amorosos e ternos com seu arsenal.

— Lembra-se daquela parte em que eu disse para você não deixar a cidade? — Pope grunhiu. Ethan teria respondido, mas a luz da lanterna mirou no chão. Ele percebeu com a antecedência de uma fração de segundo que a sombra se movendo na direção de sua cabeça era a coronha da espingarda.

* * *

O olho esquerdo de Ethan havia se fechado por causa da pancada — sentia que estava quente e enorme e que latejava no ritmo de sua pulsação. Pela direita, viu a sala de interrogatório. Claustrofóbica e estéril. Parede branca de blocos de concreto. Chão de concreto. Uma mesa de madeira nua na qual Pope estava sentado, do lado oposto, sem o chapéu e sem o paletó, as mangas de sua camisa verde-caçador enroladas expondo os antebraços: grossos e sardentos, musculosos.

Ethan limpou uma nova linha de sangue escorrendo da lateral de seu rosto, fluindo da ferida acima da sobrancelha esquerda.

Olhou para o chão.

— Poderia me dar uma toalha, por favor?

— Não. Você poderia ficar aí sentado sangrando e respondendo às minhas perguntas.

— Mais tarde, quando tudo isso tiver acabado e você tiver saído da cadeia, vou convidá-lo para ir à minha casa para ver seu distintivo. Ele vai estar atrás de um vidro, numa moldura, pendurado sobre a minha lareira.

O comentário arrancou um sorriso amplo.

— Você acha, é?

— Você atacou um agente federal. Isso é algo que encerra uma carreira.

— Diga-me mais uma vez, Ethan, como exatamente você ficou sabendo do corpo no número 604? E nada dessa palhaçada de garçoneiro que desapareceu.

— Do que está falando?

— A verdade.

— O que eu contei é a verdade.

— É mesmo? Quer continuar seguindo por esse caminho? Porque eu fui até o pub — Pope tamborilou os dedos no tampo da mesa. — Eles não têm nenhuma *bartender* mulher na equipe, e ninguém viu você lá algumas noites atrás.

— Alguém está mentindo.

— Então, o que eu gostaria de saber é... para que, *realmente*, você veio a Wayward Pines?

— Já disse.

— A — fez um gesto de aspas — “investigação”?

Ethan respirou fundo, sentiu a raiva despejando-se no peito como areia num crânio descorado. Sua cabeça o estava matando outra vez, e ele sabia que era parte do trauma no rosto, cortesia de Pope. Mas também parecia aquela batida antiga e conhecida, na base do crânio, a qual o havia parasitado desde que tinha acordado à beira do rio, sem saber quem era ou onde estava. E havia algo mais: o *déjà-vu* em torno daquele interrogatório.

— Há algo de errado com este lugar — declarou Ethan, o sentimento tomando corpo como nuvens negras em seu peito, o acúmulo de quatro dias de dor, confusão e isolamento. — Eu vi minha antiga parceira esta noite.

— Quem?

— Kate Hewson. Eu lhe falei sobre ela. Só que estava mais velha. Com pelo menos vinte anos a mais do que deveria ter. Como isso é possível? Diga-me.

— Não é.

— E por que não consigo entrar em contato com ninguém de fora? Como pode não existir uma estrada que saia da cidade? É algum tipo de experimento?

— Claro que existe uma estrada que sai da cidade. Faz alguma ideia de como você parece um louco de pedra falando?

— Há algo de errado com essa cidade.

— Não, há algo de errado com você. Eu é que sei.

— O quê?

— Que tal eu lhe dar uma folha de papel? Deixar você escrever tudo o que quer me contar? Talvez eu lhe dê uma hora para fazer isso.

A oferta acalmou Ethan. Pope continuou:

— Ou talvez você responda às minhas perguntas mais rápido se eu estiver usando um capuz negro? Ou se eu o pendurar pelos pulsos e lhe fizer cortes. Gosta que cortem você, Ethan? — Pope enfiou as mãos nos bolsos, jogou algo sobre a mesa para Ethan.

— Estava com você? — Ethan perguntou. Levantou a carteira, abriu: credencial do Serviço Secreto numa capa de plástico transparente, mas não era dele.

O distintivo havia sido emitido em nome de William V. Evans.

— Onde está o meu?

— É. Onde. William Evans. Agente Especial. Serviço Secreto. Divisão de Boise. Como, mesmo, você sabia que era ele na casa abandonada?

— Eu disse. Fui enviado aqui para encontrá-lo e também a Kate Hewson.

— Ah, é verdade. Eu esqueço o tempo todo. Aliás, liguei para o seu agente Hassler em Seattle. Ele nunca ouviu falar de você.

Ethan limpou mais sangue do rosto e inclinou-se para frente na cadeira.

— Não sei o que você está tentando fazer, que jogo...

— Minha teoria: o agente Evans andava perseguindo você, até que finalmente conseguiu flagrá-lo aqui em Wayward Pines. Então você o mata e sequestra o parceiro dele, agente Stallings, com a intenção de fugir no carro dele. Só que na saída um pequeno acontecimento azarado o pega de jeito, e você se envolve num acidente de trânsito. Stallings morre, você recebe uma grande pancada na cabeça. Talvez algum parafuso tenha se soltado e, quando acorda, começa a acreditar que *você* é esse tal agente do Serviço Secreto.

— Eu sei quem sou.

— Ah, é? Não acha estranho que ninguém consiga localizar sua identificação?

— É, isso é porque está sendo deliberadamente...

— Isso, estamos todos envolvidos numa enorme conspiração — Pope riu. — Você chega a levar em consideração que talvez ninguém consiga localizar o distintivo de Ethan Burke porque ele não existe? Porque *você* não existe?

— Você é louco.

— Acho que você pode estar tramando alguma coisa. Você assassinou o agente Evans, não assassinou, seu...

— Não.

— ... seu maluco psicopata, doente. Espancou-o até a morte com o quê?

— Vá se danar!

— Onde está a arma do crime, Ethan?

— Vá se danar.

Ethan conseguia sentir a ira explodindo dentro dele. Raiva inflamável, em estado puro.

— Veja bem — continuou Pope —, não sei se você é apenas um maldito de um bom mentiroso, ou se acredita de verdade nessa mentira elaborada que construiu.

Ethan ficou de pé.

Instável sobre os pés.

Uma náusea profunda florescendo na boca do estômago.

Sangue escorrendo por seu rosto, pingando de seu queixo numa pequena poça no concreto.

— Estou de saída — afirmou Ethan, indo em direção à porta atrás do xerife. — Abra.

Pope não se mexeu.

— Você vai voltar agora e sentar de novo antes que realmente se machuque, e bastante, por sua própria vontade — o xerife disse com a confiança de um homem que havia consumado aquela ameaça muitas vezes, e que faria de novo, com prazer.

Ethan deu a volta na mesa e passou pelo xerife a caminho da porta.

Pegou a maçaneta.

Trancada.

— Ponha seu traseiro de volta na cadeira. Ainda nem começamos.

— Abra a porta.

Pope se colocou de pé devagar, virou-se, aproximou-se de Ethan. Perto o bastante para que sentisse o café em seu hálito. Visse as manchas em seus dentes. Era quase dez centímetros mais alto do que Ethan e talvez pesasse uns vinte quilos a mais.

— Acha que *não consigo* fazer você se sentar, Ethan? Que fazer algo assim estaria além da minha capacidade?

— Esta é uma detenção ilegal.

Pope sorriu.

— Você está pensando tudo errado, rapaz. Não existe essa história de lei ou de governo dentro desta sala. Somos apenas eu e você. Sou a única autoridade no seu mundinho cujas fronteiras são essas paredes. Eu poderia matá-lo agora mesmo se quisesse.

Ethan deixou os nós de tensão de seus ombros relaxarem, erguendo as duas mãos, palmas abertas no que ele esperava que Pope fosse confundir com um sinal de deferência ou derrota. Jogou a cabeça para trás, enterrou o queixo no peito, disse:

— Tudo bem, você está certo. Devemos continuar falando...

... e subiu na ponta dos pés, como se impulsionado por molas, bateu o centro da testa direto no nariz de Pope.

A cartilagem esmigalhou e Ethan sentiu sangue escorrendo no seu cabelo quando pegou Pope pelas coxas, que pareciam tábuas de cedro, erguendo-o com as pernas, o xerife lutando para prender o pescoço de Ethan entre seu bíceps e antebraço, porém tarde demais.

Os calcanhares das botas de Pope deslizaram debaixo de seu corpo, escorregando no sangue

que havia tornado o chão pegajoso, e Ethan sentiu voar o peso substancial do xerife.

Enfiou o ombro no estômago do homem e o empurrou com força no concreto.

Uma expiração explodiu dos pulmões de Pope e Ethan se sentou sobre ele, colocando uma perna de cada lado do corpo do xerife, recuando seu braço direito para dar uma pancada com a parte inferior da palma da mão.

Pope girou o quadril e jogou o rosto de Ethan contra a perna da mesa de madeira usando velocidade suficiente para abrir um corte em sua face.

Ethan se esforçou para se levantar com a dor excruciante que o fazia ver estrelas, mas ao se levantar sobre as pernas e se esforçar para ficar de pé, viu que tinha se endireitado um segundo tarde demais.

Ethan poderia ter se defendido da paulada se estivesse pensando com clareza, os reflexos prontos, mas, no estado em que se encontrava, reagiu a meia velocidade.

A força por trás do soco fez a cabeça de Ethan se virar com tanta força que ele sentiu a coluna torácica estalar.

Percebeu-se confuso e de bruços na superfície daquela mesa de madeira, olhando fixamente com o único olho bom para o xerife maníaco baixando o braço para outro soco, seu nariz quebrado inchando no rosto como algo que havia explodido.

Ethan ergueu os braços com um esforço de proteger o rosto, mas o punho do xerife perfurou a barreira das mãos e caiu com tudo sobre seu nariz.

Lágrimas escorreram de seus olhos; o sangue, dentro da boca.

— *Quem é você?* — rugiu o xerife.

Ethan não poderia ter respondido nem se quisesse, sua consciência se dissipando; o que ele podia ver da sala de interrogatório, começando a girar, intercalada como recortes de outra...

Está no fundo daquela sala de paredes marrons com um chão de terra, num lugar miserável de Golan, observando a luz nua de uma lâmpada oscilando sobre sua cabeça, enquanto Aashif o encara através de um capuz de tecido negro que apenas revela um par de olhos castanhos malevolentes e uma boca cheia de dentes, sorrindo brancos e perfeitos demais para ser o produto de um lugar qualquer de quarto mundo, um buraco imundo do Oriente Médio.

Ethan preso pelos punhos, pendurado por uma corrente atada ao teto, seus pés tocando o chão apenas com a ponta, o suficiente para aliviar o formigamento quando se eleva sobre os dedões. Mas apenas consegue fazer aquilo por segundos de cada vez antes que suas falanges desabem sob seu peso. Quando finalmente se quebrarem, ele não vai ter como impedir a perda de circulação sanguínea de suas mãos.

Aashif fica parado a alguns centímetros do rosto de Ethan, nariz com nariz, quase se tocando.

— *Vamos tentar uma pergunta à qual você não deve ter problema em responder... de que parte dos Estados Unidos você é, subtenente-chefe Ethan Burke?* — o homem pergunta em inglês excelente, tingido com um sotaque britânico.

— *Washington.*

— *Da capital?*

— *Não, do estado.*

— *Ah. Você tem filhos?*

— *Não.*

— *Mas é casado.*

— *Sim.*

— *Qual o nome da sua esposa?*

Ethan não responde, apenas se prepara para outro soco. Aashif sorri.

— *Relaxe. Sem mais socos por enquanto. Conhece a expressão “morte de mil cortes”? — Aashif segura uma gilete que brilha sob a luz da lâmpada. — Vem de um método de execução chinês, abolido em 1905, chamado lingchi, traduzido como “retalhar lentamente”, ou “morte demorada”.*

Aashif vai até a maleta aberta numa mesa próxima, forrada com espuma preta dura, em cima da qual repousa uma coleção aterrorizante de facas que Ethan havia tentado ignorar durante as últimas duas horas.

Pope atingiu Ethan novamente, e, com o cheiro de seu próprio sangue, o soco resgatou a memória do odor de um sangue velho e rançoso no chão da casa de tortura em Fallujah...

— *Você agora vai ser levado para uma sala, vai receber uma caneta, um pedaço de papel e tem uma hora. Já sabe o que quero — Aashif diz.*

— *Não sei.*

Aashif soca Ethan no estômago.

Pope socou Ethan no rosto.

— *Estou me cansando de bater em você. Sabe o que quero. Como poderia não saber? Já pedi vinte vezes até agora. Diga-me que sabe. Apenas me diga.*

— *Quem é você? — Pope berrou.*

— *Eu sei — Ethan fala com dificuldade.*

— *Uma hora, e se o que escrever não me deixar feliz, você vai morrer por lingchi.*

Aashif tira uma Polaroid de dentro de sua túnica preta.

Ethan fecha os olhos, mas os abre de novo quando Aashif diz:

— *Olhe para ela ou vou cortar fora suas pálpebras.*

É a foto de um homem naquela mesma sala, também pendurado no teto pelos pulsos.

Americano. Provavelmente um soldado, embora fosse impossível dizer.

Três meses de combate e Ethan nunca tinha visto uma mutilação chegar àquele nível.

— *Seu contrerrâneo está vivo nesta fotografia — o torturador diz, uma sugestão de orgulho esgueirando-se em sua voz.*

Ethan tentou abrir os olhos para ver Pope. Sentia-se prestes a perder a consciência, desejando perdê-la também para o alívio da dor que sentia, porém mais para bloquear a imagem perfeita que sua mente havia conjurado de Aashif, da sala de tortura.

— *A próxima pessoa pendurada neste teto verá uma Polaroid semelhante de você — Aashif diz. — Entende? Tenho seu nome. Também tenho um website. Vou postar as fotos do que eu fizer com você para o mundo ver. Talvez sua esposa veja também. Escreva tudo o que eu quero saber, o que até agora você guardou aí dentro.*

— *Quem é você? — Pope perguntou.*

Ethan deixou os braços caírem ao lado do corpo.

— *Quem é você?*

Sem sequer tentar mais se defender, pensando: *Há uma parte de mim que nunca deixou aquela sala em Fallujah, que fedia a sangue rançoso.*

Desejando que Pope desse o golpe de misericórdia, clemente a ponto de tirar-lhe a

consciência, matar as velhas memórias, matar sua agonia presente.

Dois segundos mais tarde, ele veio: um soco que se conectou ao seu queixo e trouxe uma explosão de luz branca, quente, como uma câmera fotográfica disparando o flash.

CAPÍTULO 6

A lava-louças estava cheia e resmungava durante o ciclo de lavagem, e Theresa, muito além do nível de exaustão total, estava na pia secando a última travessa. Guardou-a de volta no armário, pendurou o pano de prato na porta da geladeira e apagou a luz.

Caminhando pela sala de estar escura até a escada, sentiu que algo a parasitava, algo muito pior do que o desgaste emocional daquele longo, longo dia.

Um vazio que a tudo engolia.

Em algumas poucas horas, o sol iria nascer e, em muitos aspectos, seria a primeira manhã do resto de sua vida sem ele. O último dia servira para se despedir, para escavar em busca do resquício de paz que pudesse encontrar num mundo sem Ethan. Seus amigos haviam sofrido pela perda dele, com certeza sempre sentiriam sua falta, mas seguiriam em frente — já estavam seguindo em frente — e o esquecimento seria inevitável.

Ela não conseguia se livrar da sensação de que, ao chegar o dia seguinte, estaria sozinha. Em seu sofrimento.

Seu amor.

Sua perda.

Havia uma solidão tão devastadora naquele pensamento, que ela teve que parar ao pé da escada, segurar o corrimão e recuperar o fôlego.

O bater na porta a alarmou, deu um pontapé para acelerar de leve seu coração.

Theresa virou-se e olhou fixamente para a porta, o pensamento cruzando sua mente: ela havia imaginado o som.

Eram dez para as cinco da madrugada.

O que será que alguém podia querer...

Outra batida. Mais forte do que a primeira.

Ela cruzou o vestíbulo a pés descalços e se esticou na ponta dos dedos para espiar pelo olho mágico.

Sob a iluminação da varanda, vislumbrou um homem parado no alpendre sob um guarda-chuva.

Era baixo. Todo calvo. O rosto, uma sombra inexpressiva sob a cobertura que pingava. Estava vestido num terno preto; Theresa sentiu uma fígada no peito — um agente federal com notícias de Ethan? Que outra razão poderia haver para alguém bater à sua porta àquela hora? Mas a gravata estava toda errada.

Listras azuis e amarelas: chamativo e estiloso demais para um federal.

Pelo olho mágico, ela observou a mão do homem levantar para bater na porta uma vez mais.

— Sra. Burke — ele disse. — Sei que não estou acordando a senhora. Eu a vi na pia da cozinha há alguns minutos.

— O que o senhor quer? — ela respondeu de trás da porta.

— Preciso lhe falar.

— Sobre o quê?

— Seu marido.

Fechou os olhos, abriu-os novamente.

O homem ainda estava ali, e agora ela estava desperta.

— O que tem ele? — perguntou.

— Podia ser mais simples se a senhora pudesse apenas se sentar e conversar cara a cara.

— Estamos no meio da madrugada e eu não faço ideia de quem o senhor seja. Não posso deixá-lo entrar na minha casa.

— A senhora vai querer ouvir o que eu tenho a dizer.

— Pode falar pela porta.

— Não posso fazer isso.

— Então volte de manhã. Vou falar com o senhor amanhã.

— Se eu for embora, Sra. Burke, a senhora nunca mais vai me ver e, acredite, isso seria uma tragédia para a senhora e para o Ben. Juro... não tenho más intenções.

— Saia da minha propriedade, ou vou chamar a polícia.

O homem colocou a mão dentro do casaco e tirou uma Polaroid.

Quando a segurou no olho mágico, Theresa sentiu algo se romper dentro dela.

Era uma foto de Ethan deitado numa mesa metálica de cirurgia, nu, sob uma luz azul suave, clínica. A lateral de seu rosto estava toda roxa, e Theresa não conseguia discernir se ele estava vivo ou morto. Antes que soubesse o que estava fazendo, sua mão foi até a corrente do trinco e a desenganchou.

Theresa abriu a porta com um puxão enquanto o homem fechava o guarda-chuva e o apoiava nos tijolos. Atrás dele, uma chuva fria e constante emitia um ruído de estática sobre a cidade adormecida. Uma Mercedes Sprinter de cor escura estava estacionada a algumas casas mais para baixo. Nenhuma pessoa na rua. Ela se perguntava se a van era dele.

— David Pilcher — o homem se apresentou, estendendo a mão.

— O que fez com ele? — Theresa perguntou, sem aceitar o cumprimento. — Ele está morto?

— Posso entrar?

Ela deu um passo para trás e Pilcher parou no limiar da porta, o bico de seus sapatos sociais brilhavam com gotas da chuva.

— Posso tirá-los — ele ofereceu, indicando os sapatos.

— Não se preocupe com isso.

Ela o conduziu à sala de estar, e sentaram-se frente a frente, Theresa no sofá, Pilcher numa cadeira de madeira de espaldar reto que ela havia arrastado da mesa da sala de jantar.

— A senhora deu uma festa aqui ontem? — perguntou.

— Uma celebração à vida do meu marido.

— Ah, que lindo.

Theresa sentiu um grande e repentino cansaço, a lâmpada acima de sua cabeça quase clara demais para suas retinas suportarem.

— Por que o senhor tem uma foto do meu marido, Sr. Pilcher?

— Isso não importa.

— Importa para mim.

— E se eu lhe dissesse que seu marido está vivo?

Por dez segundos, Theresa não respirou.

Havia o barulho da lava-louças, de chuva caindo no teto, de seu coração palpitante, e de nada mais.

— Quem é o senhor? — ela perguntou.

— Não importa.

— Então como posso confiar...

Ele ergueu uma das mãos, seus olhos negros franzindo nos cantos.

— É melhor ouvir agora mesmo.

— O senhor é do governo?

— Não, mas novamente quem eu sou não importa, e sim o que tenho a lhe oferecer.

— Ethan está vivo?

— Sim.

A garganta dela se contraiu, mas Theresa se segurou.

— Onde ele está? — Só conseguia sussurrar.

Pilcher sacudiu a cabeça.

— Eu poderia ficar aqui sentado e contar tudo, mas a senhora não acreditaria em mim.

— Como sabe?

— Experiência.

— Não vai me dizer onde meu marido está?

— Não, e se a senhora perguntar outra vez, vou me levantar, sair por aquela porta e nunca me verá outra vez, o que significa que nunca verá Ethan outra vez.

— Ele está ferido? — ela conseguia sentir uma massa compacta de sentimentos começando a afrouxar atrás de seu esterno.

— Ele está bem.

— O senhor quer dinheiro? Eu posso...

— Ethan não está sendo oferecido em troca de resgate. Isso não tem nada a ver com dinheiro, Theresa — Pilcher deslizou para frente, agora sentado na ponta da cadeira e a encarando com aqueles olhos negros penetrantes cuja intensidade sugeria a existência de um enorme intelecto por trás deles. — Estou oferecendo à senhora e ao seu filho uma oferta única.

Pilcher colocou a mão no bolso interno do casaco, tirou com cuidado um par de frasquinhos de vidro, de pouco mais de um centímetro cada, contendo um líquido claro, e os colocou sobre a mesa de centro. Havia sido fechados com duas rolhas microscópicas.

— O que é isso? — Theresa perguntou.

— Uma reunião.

— Uma reunião?

— Com o seu marido.

— Isso é uma piada...

— Não, não é.

— Quem é você?

— Meu nome é tudo o que posso dizer.

— Bem, isso não significa nada para mim. E você espera que eu... o quê? Beba isso e veja o que acontece?

— Tem todo o direito de recusar, Theresa.

— E o que tem nos frascos?

— Um sedativo rápido e poderoso.

— E quando eu acordar, vou estar com Ethan como num passe de mágica?

— É um pouco mais complicado do que isso, mas, falando em linhas gerais, sim.

Pilcher virou a cabeça, lançou um olhar para as janelas frontais e então retornou o foco a Theresa.

— Vai amanhecer logo — disse. — Preciso da sua resposta.

Ela tirou os óculos, esfregou os olhos.

— Não estou em condições de tomar uma decisão desse jeito.

— Mas deve.

Theresa apoiou os pés no chão e se levantou lentamente.

— Isso poderia ser veneno — respondeu, apontando a mesa.

— Por que acha que eu iria querer machucá-la?

— Não faço ideia. Talvez o Ethan tenha se metido em alguma coisa.

— Se eu quisesse matá-la, Theresa... — ele parou. — Você me parece uma pessoa adepta a interpretar os outros. O que seu instinto diz? Que estou mentindo?

Ela caminhou até o console da lareira. Parou ali observando atenta o retrato da família que tinham tirado no ano anterior: Ethan e Ben vestidos de camisa polo, Theresa num vestido branco de verão, a pele de todos retocada no Photoshop até a perfeição, e as feições destacadas sob a luz do estúdio. Naquela ocasião, haviam dado risada de como tinha ficado cafona e ensaiado, mas agora, parada ali na imobilidade de sua sala antes do amanhecer, recebendo uma chance de vê-lo outra vez, a foto dos três trouxe à tona um nó na garganta.

— O que você está fazendo — ela disse, os olhos ainda fixos no marido —, se for mentira... é da maior crueldade. Oferecer a uma viúva de luto uma chance de ver o marido de novo — olhou para Pilcher. — Isso é real? — perguntou.

— É.

— Quero acreditar em você — respondeu.

— Eu sei.

— Quero demais.

— Entendo que isso é dar um voto de confiança às cegas — ele respondeu.

— Você aparecer aqui esta noite — ela continuou —, entre todas as noites. Quando estou cansada e bêbada e transbordando de pensamentos sobre ele. Suponho que não seja por acaso. Pilcher pegou e ergueu um dos frascos.

Segurou.

Ela o observava.

Inspirou e soltou o ar.

Em seguida, começou a cruzar a sala de estar em direção à escada.

— Onde está indo? — Pilcher perguntou.

— Pegar meu filho.

— Aceita, então? Vai vir comigo?

Ela parou na base da escada e virou o rosto para observar Pilcher do outro lado da sala.

— Se eu for — ela disse —, vamos ter nossa antiga vida de volta?

Pilcher respondeu:

— O que quer dizer com “antiga vida”? Esta casa? Esta cidade? Seus amigos?

Theresa assentiu.

— Se você e Ben escolherem vir comigo, nada jamais vai ser igual. Não vão ver essa casa de novo. Por isso, nesse sentido, não.

— Mas estaremos com o Ethan. Nossa família vai ficar unida.

— Sim.

Ela começou a subir as escadas para acordar o filho. Talvez fosse a exaustão, talvez a emoção, mas tudo parecia muito surreal. O ar, elétrico. Havia uma parte dela, no fundo da

consciência, dizendo aos gritos que ela era tola. Que nenhuma pessoa sã jamais levaria em consideração tal proposta. Mas ao alcançar o segundo piso e caminhar pelo corredor até o quarto de Ben, reconheceu que não estava sã, não estava funcionando à base de lógica ou razão. Estava de coração partido, solitária e, acima de tudo, sentia tanta falta do marido que mesmo a possibilidade incerta de uma vida com ele — da família reunida — valeria o preço de renunciar a todo o resto.

Theresa sentou-se na cama de Ben e sacudiu o ombro do filho.

O menino se virou.

— Ben — ela chamou. — Acorde.

Ele bocejou e esfregou os olhos. Ela o ajudou a se sentar.

— Ainda está escuro — ele disse.

— Eu sei. Tenho uma surpresa para você.

— Sêrio?

— Tem um homem lá embaixo. O nome dele é Sr. Pilcher. Ele vai nos levar até o papai.

Ela podia ver o rosto de Ben se iluminar na luz noturna suave ao lado da cama.

Suas palavras o haviam atingido como uma explosão de luz do sol, a neblina do sono logo se dissolvendo, um estado de alerta se cristalizando nos olhos dele.

— O papai está vivo? — perguntou.

Ela nem sabia se acreditava totalmente.

Como Pilcher tinha chamado?

Um voto de confiança às cegas.

— Sim. Papai está vivo. Venha. Precisamos vestir você.

* * *

Theresa e Ben sentaram-se de frente para Pilcher.

O homem sorriu para o menino, estendeu a mão, disse:

— Meu nome é David. E você é?

— Ben.

Trocaram um aperto de mão.

— Quantos anos você tem, Ben?

— Sete.

— Ah, ótimo. A sua mãe explicou por que estou aqui?

— Ela disse que você ia nos levar até o meu papai.

— Isso mesmo — Pilcher pegou os vidrinhos e os entregou a Theresa. — Chegou a hora — anunciou. — Vamos, tire os fechos. Não precisa ter medo de nada, nenhum de vocês. Vai demorar quarenta e cinco segundos depois que engolirem. O efeito vai ser repentino, mas não desagradável. Dê a Ben o frasco contendo a dose menor e depois pegue o seu.

Ela pinçou as rolhas entre as unhas e destampou os frascos.

Um cheiro potente de algum produto químico estranho escapou no ar.

Senti-lo de alguma forma tornou tudo aquilo real, sacudiu Theresa do estado confuso e de ações automáticas, inconscientes, que havia mantido controle sobre ela durante as várias últimas horas.

— Espere — ela interrompeu.

— O que foi? — Pilcher perguntou.

Que diabos ela estava pensando? Ethan a mataria. Se fosse apenas ela, talvez, mas como

poderia arriscar o filho?

— O que foi, mamãe?

— Não vamos fazer isso — ela respondeu, colocando as rolhas de volta nos frascos e os depositando na mesa de centro.

Pilcher a encarou por cima da mesa.

— Tem certeza absoluta disso?

— Sim. Eu... eu simplesmente não posso.

— Entendo — Pilcher recolheu os frascos.

Quando ficou de pé, Theresa olhou para Ben, lágrimas cintilando nos olhos do menino.

— Volte para a cama.

— Mas eu quero ver o papai.

— Conversamos sobre isso depois. Vá — Theresa voltou-se para Pilcher. — Sinto muito...

A palavra enroscou na garganta.

Pilcher estava segurando no rosto uma máscara de oxigênio transparente, que tinha um pequeno tubo alimentador serpenteando até seu paletó. Na outra mão, segurava uma latinha aerossol.

— Não, por favor... — ela disse.

Um jato de névoa fina explodiu pela abertura.

Theresa tentou não respirar, mas já conseguia sentir aquilo na ponta de sua língua: metal líquido adocicado. A névoa grudava na pele. Sentiu que seus poros a ingeriam. Estava em sua boca, bem mais frio do que a temperatura da sala, como um fio de nitrogênio líquido escorrendo pela garganta.

Enlaçou os braços em torno de Ben e tentou ficar de pé, mas não tinha pernas.

A lava-louças havia parado e a casa estava num silêncio absoluto, exceto pela chuva tamborilando no telhado.

Pilcher disse:

— Você vai servir a um propósito muito mais valioso do que jamais conseguirá conceber.

Theresa tentou perguntar o que ele queria dizer, mas sua boca parecia ter congelado.

Todas as cores foram drenadas da sala — tudo se desintegrando em variados tons cinzentos — e ela podia sentir um peso irrefreável puxando suas pálpebras para baixo.

O corpo pequeno de Ben já havia se tornado inerte, o tórax caído sobre o colo dela. Theresa ergueu o rosto para cravar os olhos em Pilcher, que estava sorrindo para ela atrás da máscara de oxigênio e se tornando escuridão, como todo o resto.

Pilcher pegou um rádio comunicador do casaco e falou no receptor:

— Arnold, Pam, estou pronto para vocês.

CAPÍTULO 7

— Ethan, preciso que você relaxe. Está me ouvindo? Pare de lutar.

Pela neblina, Ethan reconheceu a voz — o psiquiatra.

Lutou para abrir os olhos, mas o esforço apenas produziu fendas de luz.

Jenkins o espiava através dos óculos de armação aramada, e Ethan tentou movimentar os braços outra vez, mas ou estavam quebrados, ou presos.

— Seus pulsos foram algemados às laterais da cama — Jenkins esclareceu. — Ordens do xerife. Não se assuste, mas você está tendo um episódio severo de fuga dissociativa.

Ethan abriu a boca; sentiu no mesmo instante a secura da língua e dos lábios como se tivessem sido queimados pelo calor do deserto.

— O que isso significa? — Ethan perguntou.

— Significa que você está tendo um colapso de memória, de consciência, até de identidade. A real preocupação aqui é que isso foi disparado pelo acidente de carro, e você está tendo esses sintomas porque seu cérebro está sangrando. Estão se preparando para levá-lo para a cirurgia. Entende o que eu estou lhe dizendo?

— Eu não autorizo — Ethan respondeu.

— Perdão?

— Não autorizo a cirurgia. Quero ser transportado para um hospital em Boise.

— É arriscado demais. Você pode morrer antes de chegar lá.

— Quero sair desta cidade imediatamente.

Jenkins desapareceu.

Uma luz ofuscante vinda de cima foi trazida até o rosto de Ethan.

Ouviu a voz de Jenkins:

— Enfermeira, acalme-o, por favor.

— Isso?

— Não, aquilo.

— Não sou louco — Ethan disse.

Sentiu Jenkins dar um tapinha em sua mão.

— Ninguém está dizendo que você é. A questão é apenas que a sua mente está danificada, e precisamos consertá-la.

A enfermeira Pam inclinou-se e apareceu no campo de visão de Ethan.

Linda, sorridente, algo reconfortante em sua presença; talvez fosse apenas uma postura amigável mecânica, profissional, mas Ethan se agarrou a ela mesmo assim.

— Minha nossa, Sr. Burke, o senhor está com uma aparência péssima. Vamos ver se consigo deixá-lo pelo menos um pouco mais confortável, tudo bem?

A agulha era colossal, a maior que Ethan já tinha visto, sua ponta pingando gotas prateadas de seja lá qual fosse a droga que a seringa continha.

— O que tem aí? — perguntou.

— Apenas uma coisinha para acalmar esses seus nervos irritadiços.

— Não quero isso.

— Agora, não se mexa.

Ela deu batidinhas na veia cefálica, na parte interna de seu braço direito, Ethan ficando tão rígido contra as algemas de aço que conseguia sentir os dedos amortecendo.

— Eu *não* quero isso.

A enfermeira Pam ergueu os olhos e chegou tão perto do rosto de Ethan que ele podia ver os cílios dela roçando nos seus quando piscava. Sentiu o cheiro do batom e, tão de perto, ele podia ver a claridade esmeralda pura de seus olhos.

— Não se mexa, Sr. Burke — sorriu —, ou vou enfiar essa maldita agulha até o osso.

As palavras o deixaram gelado, Ethan se contorcendo ainda mais, a corrente das algemas raspando forte contra a proteção da cama.

— Não me toque — ele disse entre dentes.

— Ah, então quer brincar desse jeito? — a enfermeira perguntou. — Tudo bem. — O sorriso nunca desaparecendo, ela mudou a pegada na seringa, agora empunhada como uma faca, e antes que Ethan percebesse sua intenção, ela o apunhalou na lateral do glúteo, a agulha enterrada até a seringa.

Dor penetrante se prolongando enquanto a enfermeira caminhava de volta pelo quarto até o psiquiatra.

— Você não pegou uma veia? — Jenkins perguntou.

— Ele estava se mexendo demais.

— E então, quanto tempo até perder a consciência?

— Quinze no máximo. Estão prontos para ele no centro cirúrgico?

— Estão, pode levar — Jenkins dirigiu o último comentário a Ethan enquanto ia de costas até a porta. — Volto para dar uma olhada em você depois que terminarem o seu corte e cole. Boa sorte, Ethan. Vamos deixar você certinho.

— Não autorizo — Ethan disse com tanta força quanto conseguiu conjurar, mas Jenkins já estava fora do quarto.

Pelos olhos inchados, ele seguiu o movimento da enfermeira Pam até a cabeceira da maca. Ela agarrou o puxador e o leito começou a se movimentar, uma das rodas da frente rangendo ao oscilar pelo linóleo.

— Por que não estão respeitando meus desejos? — Ethan perguntou, lutando para controlar a voz, tentando uma abordagem mais branda.

Ela não respondeu, apenas continuou a conduzir a maca saindo do quarto e pegando o corredor, que estava vazio e silencioso como sempre.

Ethan levantou a cabeça, viu o posto de enfermagem se aproximando.

Todas as portas pelas quais passavam estavam fechadas, nenhum retalho de luz emanando por debaixo delas.

— Não tem mais ninguém nesse piso, tem? — Ethan perguntou.

A enfermeira assobiou um tom no ritmo da roda que rangia.

— Por que estão fazendo isso comigo? — perguntou. E havia uma nota de desespero em sua voz que não era ensaiada, que jorrava diretamente da fonte de terror, que ficava cada vez maior, instante a instante, na boca de seu estômago.

Ele a encarou — um ângulo estranho de sua posição deitada na maca, que mostrava a parte de baixo do queixo dela, seus lábios, seu nariz, os painéis do forro no teto e as lâmpadas fluorescentes compridas passando acima ele.

— Pam — ele disse. — Por favor. Fale comigo. Diga o que está acontecendo.

Ela sequer baixou os olhos.

Do outro lado do posto de enfermagem, ela soltou a maca, deixou-a rolar até parar e caminhou

na direção das portas duplas, no término do corredor.

Ethan notou a sinalização acima deles.

CIRÚRGICO.

Uma das portas se abriu e um homem saiu de dentro vestindo roupas cirúrgicas azuis, as mãos já cobertas por luvas de látex.

Uma máscara escondia tudo, exceto um par de olhos calmos e intensos que combinava quase perfeitamente com a cor do traje.

Ele perguntou para a enfermeira numa voz macia, baixa:

— Ele ainda está acordado?

— Estava lutando demais. Não consegui acertar uma veia.

O cirurgião lançou um olhar rápido para Ethan.

— Tudo bem, deixe-o aqui até ele ficar inconsciente. Quanto tempo mais você acha?

— Dez minutos.

Ele fez um aceno curto de cabeça e então voltou para o centro cirúrgico, abrindo caminho entre as portas ao empurrar forte com os ombros, sua linguagem corporal agressiva, raivosa.

— Ei! — Ethan o chamou. — Quero falar com você!

Nos vários segundos em que a porta esteve aberta, Ethan vislumbrou o centro cirúrgico...

Uma mesa operatória no centro de uma sala, flanqueada por grandes luzes muito claras.

Ao lado, um carrinho metálico de rodízios sustentando uma travessa de aparatos cirúrgicos.

Tudo organizado, limpo e brilhante em tecido esterilizado.

Bisturis de todos os tamanhos.

Serras para ossos.

Fórceps.

Instrumentos que Ethan não conseguia nomear, mas que pareciam ferramentas elétricas.

Um segundo depois das portas vaivém se fecharem de novo, Ethan viu o cirurgião parar ao lado do carrinho e tirar uma furadeira do invólucro.

Olhou para Ethan ao acionar o gatilho várias vezes, o ruído agudo do motor preenchendo a sala de cirurgia.

O peito de Ethan arfava sob o avental hospitalar e ele podia sentir a batida grave de seu pulso acelerando. Olhou de volta para o posto de enfermagem, vislumbrou Pam desaparecendo ao dobrar o corredor.

Por um momento, ficou sozinho ali.

Nenhum som, exceto o tilintar de bisturis e equipamentos cirúrgicos do outro lado daquelas portas duplas. O sapateado da enfermeira ficando mais distante.

O zumbido da lâmpada fluorescente logo acima dele.

Um pensamento desvairado: e se ele fosse, *de fato*, maluco? E se o cirurgião naquela sala o abrisse e realmente o curasse? Tudo isso desapareceria? Ele perderia a identidade? Iria se tornar outro homem num mundo em que sua esposa e filho não existiam?

Conseguiu se sentar.

Sua cabeça confusa, pesada, mas aquilo poderia ser produto do espancamento capitaneado pelo xerife Pope.

Ethan olhou para seus punhos, os dois algemados à proteção lateral da maca.

Puxou os braços, as correntes se retesando, suas mãos ficando roxas.

Dor excruciante.

Aliviou a tensão e em seguida puxou com tanta força que as bordas de aço das algemas cravaram nos pulsos. No da esquerda, feriu a pele, sangue vazando no lençol.

As pernas estavam soltas.

Jogou a direita sobre a lateral da maca, esticando-se para alcançar a parede, mas faltaram alguns centímetros.

Ethan se deitou novamente, fazendo, pela primeira vez, uma imagem fria, dura, de como estava realmente danado: drogado, acorrentado e prestes a ser carregado para uma sala de cirurgia onde fariam sabe-se lá Deus o que com ele.

Tinha que admitir que da última vez que tinha acordado no hospital e falado com o Dr. Jenkins, havia duvidado um pouco de si mesmo, questionando-se, temendo que talvez tivesse sofrido algum dano de efeitos neurológicos.

Que distorcesse sua percepção de pessoas, tempo e espaço.

Pois nada em Wayward Pines fazia sentido.

Mas naqueles últimos momentos — o comportamento sociopata da enfermeira Pam, a recusa em atender sua objeção à cirurgia — haviam confirmado: não havia nada de errado com ele; nada além do fato de que as pessoas naquela cidade queriam lhe fazer mal.

Já tinha vivenciado medo o suficiente, saudades de casa e impotência desde que chegara a Wayward Pines, mas agora havia chegado ao fundo do poço do completo desespero.

Até onde podia supor, a morte esperava por ele do outro lado daquelas portas.

Nunca veria Theresa outra vez. Nunca veria o filho.

Apenas tal possibilidade era o suficiente para trazer lágrimas aos seus olhos, pois havia falhado com sua família. Falhado com a esposa e com o filho em vários aspectos.

Sua ausência física. Sua ausência emocional.

Só havia resvalado aquele nível de terror e arrependimento uma outra vez na vida: Aashif e a favela de Golan.

Lingchi.

Agora o medo estava finalmente começando a consumi-lo, a amortecer suas habilidades de processar informação e reagir de forma adequada.

Ou talvez fosse a droga finalmente alcançando a corrente sanguínea, chegando ao cérebro, tomando controle.

Pensando, *Deus, agente firme. Devo manter o controle.*

Ouviu o ruído estridente das portas do elevador se abrindo a três metros de distância, seguido pela aproximação de passos leves e rápidos.

Ethan tentou virar o pescoço para ver quem vinha, mas, quando conseguiu, a maca entrou rapidamente em movimento, alguém o conduzindo de volta ao elevador.

Olhou para cima e viu um rosto bonito, conhecido, as maçãs do rosto proeminentes acionando seu reconhecimento. No seu atual estado, demorou cinco segundos para classificá-la como a atendente desaparecida do pub.

Ela o empurrou até o elevador, manobrando a maca para fazê-la entrar na cabine.

Apertou um dos botões.

Seu rosto estava tenso e pálido, e ela vestia um poncho impermeável azul-marinho que pingava água no chão.

— Anda, anda — ela apertava repetidas vezes o SS iluminado.

— Conheço você — Ethan disse, mas ainda não conseguia se lembrar do nome.

— Beverly — ela sorriu, mas foi um sorriso nervoso. — Nunca recebi aquela gorjeta boa que me prometeu. Jesus, você está péssimo.

As portas começaram a se fechar; outro rangido comprido pior que unhas riscando um quadro negro.

— O que está acontecendo comigo? — ele perguntou quando as polias giraram para baixar a cabine.

— Estão tentando acabar com o seu juízo perfeito.

— Por quê?

Ela ergueu o poncho e tirou uma chave de algemas do bolso de trás do jeans.

Os dedos trêmulos.

Foram necessárias três tentativas para enfim colocar a chave na fechadura.

— Por quê? — Ethan perguntou novamente.

— Vamos conversar quando estivermos seguros.

A algema abriu com um clique.

Ethan se sentou, pegou a chave da mão dela, começou a abrir a outra.

O elevador desceu se arrastando entre o quarto e o terceiro pisos.

— Se parar e alguém entrar, nós lutamos. Entendeu? — ela perguntou.

Ethan assentiu.

— Não importa o que aconteça, você não pode deixar que o levem de volta para aquele centro cirúrgico.

A segunda algema abriu e Ethan desceu da maca.

Sentiu-se razoavelmente estável sobre os pés, nem sinal do efeito da droga.

— Vai conseguir correr?

— Eles acabaram de me drogar. Não vou conseguir andar muito.

— Merda.

Um sino tilintou sobre as portas do elevador.

Terceiro piso.

Continuou descendo.

— Quando? — Beverly perguntou.

— Há cinco minutos. Mas foi uma injeção intramuscular, não intravenosa.

— Qual foi a droga?

— Não sei, mas eu os ouvi dizer que eu estaria inconsciente dentro de dez minutos. Bem... está mais para oito ou nove agora.

O elevador chegou ao térreo, ainda descendo. Beverly disse:

— Quando as portas se abrirem, vamos pegar a esquerda, até o final do corredor. Há uma porta lá na frente que vai nos colocar na rua.

O elevador parou com um tremor.

Por um longo momento, as portas não se moveram.

Ethan ficou na ponta dos pés, pronto para explodir para o corredor se houvesse pessoas esperando por eles, adrenalina fluindo por seu sistema com aquele alerta eletrificado que ele sempre sentia logo antes de uma missão, quando os rotores começavam a girar.

As portas se partiram dois centímetros, pararam por dez segundos e então rangeram devagar pelo resto do caminho.

— Espere — Beverly sussurrou. Deu um passo sobre o limiar da porta e espiou. — Está

limpo.

Ethan a seguiu por um longo corredor vazio.

O linóleo quadriculado percorria pelo menos quarenta e cinco metros até as portas na outra extremidade, e tudo estava impecável e brilhando de leve sob a dura luz fluorescente.

Uma porta que bateu à distância os fez parar onde estavam.

Passos se tornaram audíveis, embora fosse impossível determinar quantas pessoas vinham.

— Estão descendo as escadas — Beverly sussurrou. — Venha.

Ela deu meia-volta e correu na direção oposta, Ethan atrás, tentando amortecer o barulho dos pés descalços no linóleo e grunhindo com a agonia dissonante do que ele só poderia supor que fossem costelas lesionadas.

Chegaram a um posto de enfermagem vazio quando uma porta atrás deles, em algum lugar na extremidade do corredor, se escancarou.

Beverly acelerou, virando e disparando por um dos corredores perpendiculares, Ethan lutando para acompanhar, aventurando-se a um olhar rápido sobre o ombro enquanto corria, mas estava virando em outra intersecção rápido demais para ver alguma coisa.

A ala estava vazia e tinha a metade do tamanho da anterior.

No meio do caminho, Beverly parou e abriu uma porta à esquerda.

Tentou colocar Ethan para dentro, mas, em vez disso, ele sacudiu a cabeça, inclinou-se e sussurrou no ouvido dela.

Beverly assentiu e correu para o quarto, puxando a porta para fechá-la atrás de si.

Ethan andou até a porta do lado oposto.

A maçaneta girou. Ele deslizou para dentro.

Estava vazio, envolto em escuridão e, pela pequena luz vazando do corredor, parecia ter a mesma disposição de onde eles o haviam mantido no quarto andar.

Fechou a porta com o máximo silêncio que conseguiu e entrou no banheiro.

Tateou no escuro até seu dedo encontrar um interruptor.

Acendeu a luz.

Havia uma toalha de mão pendurada de um suporte ao lado do chuveiro. Ele a pegou, enrolou na mão, olhou no espelho.

Puxou o braço para trás.

Você tem trinta segundos, talvez menos.

Mas seu reflexo o fez parar no meio do caminho.

Meu Deus. Ele sabia que estava mal, mas Pope o havia espancado com gosto: seu lábio superior com o dobro do tamanho, seu nariz gigante e ferido como um morango podre, um corte na lateral da bochecha direita com o que parecia ter sido vinte pontos, e seus olhos...

Um milagre que ele ainda conseguisse enxergar. Estavam pretos, roxos e encasulados em dobras de pele inchadas como se estivesse no auge de uma reação alérgica quase fatal.

Não havia tempo para sofrer com aquilo.

Socou a parte inferior direita do espelho e segurou seu punho envolto na toalha contra o vidro quebrado para que não caísse tudo de uma vez.

Acertou um soco perfeito: dano mínimo, cacos grandes. Pegou os pedaços depressa com a mão livre, colocou-os na pia e escolheu o maior entre eles.

Em seguida desenrolou a mão direita, apagou a luz e foi tateando pelo caminho para voltar ao quarto.

Não havia nada para ver, exceto uma fresta de luz da largura de uma lâmina embaixo da porta. Chegando mais perto, ele encostou a orelha.

O som era baixo, dava para ouvir o ruído distante de portas abrindo e fechando.

Haviam verificado cada quarto, e as batidas pareciam vir de tão longe que Ethan supôs que ainda estivessem no corredor principal.

Esperava não estar enganado.

Perguntou-se se as portas do elevador ainda estavam abertas. Se vissem a cabine parada ali, sem dúvida suspeitariam que ele havia fugido pelo subsolo. Ele e Beverly deviam ter mandado o elevador de volta para o quarto andar, mas já não havia mais como consertar esse descuido.

Baixando a mão, ele encontrou a maçaneta e a agarrou.

Ao girá-la devagar, tentou estabilizar a respiração, pôr seus batimentos cardíacos de volta numa frequência que não o fizesse se sentir a ponto de desmaiar.

Quando a lingueta da fechadura se recolheu inteira, Ethan deu o mais delicado dos empurrões.

A porta abriu cinco centímetros, as dobradiças num silêncio misericordioso.

Um triângulo comprido de luz caiu no linóleo xadrez sob seus pés descalços.

O som de portas batendo estava mais alto.

Segurou o caco do espelho e o posicionou entre a porta aberta e o batente, avançando centímetro a centímetro, milímetro a milímetro, até que mostrasse o reflexo do corredor.

Vazio.

Outra porta se fechou.

Entre as batidas, havia o impacto de sapatos com solado de borracha no chão e nada mais.

Uma das luzes fluorescentes próximas estava falhando, piscando de forma intermitente e jogando o corredor em estados alternados de luz e escuridão.

A sombra precedeu a pessoa — um escurecer tênue através do piso, na vizinhança do posto de enfermagem — e então a enfermeira Pam entrou caminhando em seu campo de visão.

Parou na intersecção dos corredores e ficou absolutamente imóvel, segurando alguma coisa em sua mão direita que Ethan não conseguia identificar à distância, embora uma das pontas refletisse raios de luz.

Trinta segundos se passaram, e então ela se virou e pegou o corredor de Ethan, caminhando com cuidado, com propósito, a passos curtos, controlados, e seu sorriso parecia largo demais para caber no rosto.

Depois de vários passos, ela parou, aproximou as pernas e se ajoelhou para observar algo no linóleo. Com a mão livre, passou o dedo sobre o chão e o ergueu; Ethan percebeu o que era com uma descarga de ansiedade, notou como a enfermeira havia escolhido qual corredor seguir.

Água do poncho impermeável de Beverly.

E ela conduziria a enfermeira diretamente para a porta do outro lado do corredor. Até Beverly.

A enfermeira Pam se levantou.

Devagar, ela começou a caminhar, analisando o linóleo conforme cruzava cada placa.

Ethan viu que o objeto em sua mão era uma seringa com uma agulha.

— Sr. Burke?

Não esperava que ela falasse, e o som de sua voz aguda, maligna, ecoando pelos corredores vazios do hospital causaram um arrepio gelado na base de sua coluna.

— Sei que o senhor está perto. Sei que pode me ouvir.

Estava chegando perto demais para Ethan ficar à vontade. Ele temia que a qualquer segundo ela visse o espelho em sua mão.

Ethan puxou o caco de espelho de volta para dentro do quarto e puxou a porta com ainda mais cuidado e precisão, até fechar.

— Já que o senhor é meu paciente favorito — a enfermeira continuou —, vou fazer uma proposta especial.

Ethan notou algo na base de seu crânio: um calor começando a se esticar e descer pela espinha, pelos ossos dos braços e das pernas, pontadas de calor irradiando da ponta de seus dedos das mãos e dos pés.

Também conseguia senti-la atrás dos olhos.

A droga estava começando a fazer efeito.

— Seja bonzinho, saia imediatamente e eu lhe darei um presente.

Ele não conseguia ouvir os passos dela, mas sua voz ficava progressivamente mais alta quanto mais ela se aprofundava no corredor.

— O presente, Sr. Burke, é anestesia para sua cirurgia. Espero que entenda que, se ainda não fez efeito, o medicamento que administrei no senhor há dez minutos vai deixá-lo inconsciente a qualquer momento. E se eu tiver que passar uma hora vasculhando cada quarto até encontrá-lo, isso vai me deixar muito, muito zangada. E o senhor não vai querer me ver muito, muito zangada, porque sabe o que vai acontecer? Quando eu finalmente o encontrar, não vamos conduzi-lo direto para a cirurgia. Vamos antes deixar a droga que está no seu organismo perder o efeito. O senhor vai acordar na mesa de operação. Sem correias, sem algemas; porém não vai conseguir se mexer. Isso é porque eu vou ter injetado uma dose monstruosa de Suxametônio, que é uma droga paralisante. O senhor já parou para pensar como é ser operado? Bem, Sr. Burke, o senhor vai ter sua demonstração particular.

Pela forma como a voz dela percorria o espaço, Ethan sabia que agora estava parada no meio do corredor, a pouco mais de um metro de distância, do outro lado da porta.

— O único movimento que o senhor vai ser capaz de fazer é piscar. Não vai conseguir gritar quando sentir cortarem, serrarem e furarem. Nossos dedos dentro do senhor. A cirurgia vai demorar horas, e o senhor vai estar vivo, acordado e totalmente alerta durante cada segundo de agonia. É coisa de história de terror.

Ethan colocou a mão na maçaneta, o fluxo da droga agora subindo, envolvendo seu cérebro, fluindo para a ponta de suas orelhas. Ele se perguntava quanto mais conseguiria ficar de pé antes que suas pernas cedessem.

Gire-a devagar, Ethan. Gire-a muito, muito devagar.

Apertando mais firmemente a maçaneta, esperou que a enfermeira Pam falasse outra vez, e quando ela finalmente o fez ele começou a girar.

— Sei que pode ouvir a minha voz, Sr. Burke. Estou parada bem em frente ao quarto onde o senhor está escondido. Está no chuveiro? Debaixo da cama? Talvez parado atrás da porta, esperando que eu passe direto sem o notar?

Ela riu.

A lingueta se recolheu.

Ele acreditava com todas as suas forças que ela estava parada de costas, olhando para o quarto de Beverly, mas e se não estivesse?

— O senhor tem dez segundos para sair, e depois a minha oferta generosa de anestesia vai expirar. Dez...

Ele puxou a porta.

— Nove...

Sete centímetros.

— Oito...

Quinze centímetros.

Ele conseguia ver o corredor novamente, e a primeira coisa que notou foi a massa de cabelos acobreados nas costas da enfermeira Pam.

Ela estava bem diante de seus olhos.

— Sete...

De frente para a porta de Beverly.

— Seis...

A agulha segura como uma faca na mão direita.

— Cinco...

Ele continuou puxando a porta, deixando que ela deslizesse em silêncio nas dobradiças.

— Quatro...

Parou-a antes que batesse na parede. Agora parado no limiar.

— Três...

Olhou atento para o chão querendo se certificar de que não estivesse fazendo sombra, mas, mesmo que estivesse, a luz intermitente a teria mascarado.

— Dois, e um e agora estou zangada. Muito, muito zangada — a enfermeira tirou algo de dentro do bolso, disse: — Estou no subsolo, ala oeste, muito certa de que ele está aqui. Vou esperar até vocês chegarem, câmbio.

Um rádio comunicador emitiu estática e uma voz masculina respondeu:

— Entendido, a caminho.

A droga agora estava tomando conta de Ethan, seus joelhos fraquejando, sua visão começando a sair dos eixos em explosões borradas e de visão dupla.

Mais gente estaria ali logo mais.

Precisava fazer aquilo imediatamente.

Dizendo a si mesmo *vá, vá, vá*, mas não tinha certeza se ele sequer tinha a força ou a presença de espírito.

Deu vários passos para trás entrando no quarto para aumentar seu espaço de corrida, respirou fundo, demorado, e partiu para cima.

Sete passos percorridos em dois segundos.

Atingiu as costas da enfermeira a toda velocidade, empurrando-a em direção ao lado oposto do corredor, chocando-a, o rosto primeiro, contra a parede de concreto.

Foi uma pancada forte, devastadora, que a pegou totalmente desprevenida, por isso a velocidade e a precisão de seu reflexo o surpreenderam, o braço se movendo para trás, enterrando a agulha pela lateral.

Dor profunda, penetrante, cegante.

Cambaleou para trás, oscilando, instável sobre os pés.

A enfermeira girou, sangue cobrindo o lado direito de seu rosto onde havia beijado o concreto, recuando o braço da agulha, avançando sobre ele.

Ethan poderia ter se defendido se tivesse conseguido enxergar um palmo diante dos olhos, mas sua vista estava piorando, desenhando imagens no seu campo de visão como um delírio de *ecstasy*.

Ela investiu e ele tentou se esquivar, mas julgou mal a distância, a agulha furando-o no ombro esquerdo.

A dor de quando a seringa foi arrancada de volta quase o colocou de joelhos.

A enfermeira o atingiu com um chute frontal perfeito no plexo solar, e a força absurda por trás dele jogou Ethan de encontro à parede e arrancou o ar de seus pulmões. Nunca havia batido numa mulher em sua vida, mas quando Pam partiu para cima outra vez ele não conseguiu evitar o pensamento de que seria muito prazeroso juntar seu cotovelo direito ao maxilar da vagabunda.

Seus olhos se fixaram na agulha na mão dela. Pensando, *Chega disso, por favor, Deus*.

Ergueu os braços para defender o rosto, mas pareciam rochedos.

Lentos e esquisitos.

A enfermeira disse:

— Aposto que o senhor está desejando que apenas tivesse saído quando eu pedi com educação, não é?

Ele investiu à meia-velocidade com um gancho muito aberto, do qual ela facilmente se esquivou, revidando com um soco rápido como um raio, que quebrou o nariz dele novamente.

— Quer a agulha outra vez? — ela perguntou, e ele teria avançado, tentado jogá-la no chão, prendê-la com o peso de seu corpo, mas a proximidade, considerando a agulha e seus sentidos ficando mais imprecisos, parecia uma má ideia.

Pam deu risada. Disse:

— Posso perceber o senhor apagando. Sabe, isso na verdade é meio divertido.

Ethan se esforçou para escorregar pela parede, embaralhando os pés para sair do alcance, mas ela previu seu movimento, ficando diante dele e alinhando-se para outro golpe.

— Vamos jogar um joguinho — ela disse. — Eu o espeto com a agulha e o senhor tenta me impedir.

Ela investiu, mas não houve dor.

Apenas uma finta: ela estava brincando com ele.

— Agora o próximo, Sr. Burke, vai...

Algo acertou a lateral da cabeça dela com um duro *tum*.

Pam atingiu o chão e não se mexeu, Beverly se erguendo sobre ela, a luz frenética piscando contra seu rosto. Ainda segurava a cadeira de metal com cujas pernas tinha derrubado a enfermeira Pam, aparentando estar um pouco mais do que chocada com o que tinha acabado de fazer.

— Mais pessoas estão vindo — Ethan anunciou.

— Consegue andar?

— Veremos.

Beverly jogou a cadeira de lado e foi até Ethan enquanto o objeto caía com um clangor no assoalho de linóleo.

— Segure-se em mim caso perca o equilíbrio.

— Já perdi.

Ele se agarrou ao braço de Beverly enquanto ela o puxava pelo corredor, e alcançaram o

posto de enfermagem. Ethan lutava apenas para colocar um pé na frente do outro. Lançou um olhar para trás quando viraram em outro corredor e viu a enfermeira Pam tentando se sentar com dificuldade.

— Mais rápido — Beverly pediu.

O corredor principal ainda estava vazio e agora trotavam.

Duas vezes Ethan tropeçou, mas Beverly o segurou e o manteve de pé.

Seus olhos estavam ficando mais pesados, a sedação caindo sobre ele como um cobertor quente, molhado, e tudo o que queria era encontrar algum nicho tranquilo onde pudesse se enrodilhar e dormir até a sensação passar.

— Ainda está comigo? — Beverly perguntou.

— Por um fio.

A porta no fim do corredor assomava-se a uns quinze metros.

Beverly apressou o passo.

— Vamos — disse. — Consigo ouvi-los descendo pela escada.

Ethan também ouvia: uma mixórdia de vozes e numerosos passos atrás de uma porta diante da qual passaram, a que conduzia ao lance de escadas.

Beverly abriu a porta no fim do corredor com um empurrão e arrastou Ethan pelo limiar até uma escadaria apertada, cujos seis degraus levavam a mais uma porta no topo, sobre a qual brilhava a sinalização vermelha SAÍDA.

Beverly parou quando a atravessaram e a deixou fechar suavemente atrás deles. Do outro lado, Ethan conseguia ouvir vozes preenchendo o corredor, como se os passos estivessem se afastando deles, mas não conseguia ter certeza.

— Eles nos viram? — perguntou.

— Não sei.

Ethan precisou de todo seu foco para subir aqueles últimos degraus até a saída, por onde correram às pressas e cambalearam para a escuridão, os pés de Ethan molhados na calçada e o tamborilar da chuva fria em seus ombros já começando a encharcar o tecido fino como papel de sua camisola.

Mal conseguia ficar de pé e Beverly já estava puxando-o em direção à calçada.

— Aonde estamos indo? — Ethan perguntou.

— Para o único lugar onde sei que eles não podem encontrá-lo.

Ele a seguiu pela rua escura.

Nenhum carro na rua, apenas um punhado de luzes dos postes da rua e das casas, tudo turvo e obscuro por causa da chuva.

Pegaram a calçada em uma rua tranquila e, depois do segundo quarteirão, Ethan parou e tentou sentar na grama, mas Beverly não deixaria que ele desistisse.

— Ainda não — ela disse.

— Não consigo ir adiante. Mal posso sentir minhas pernas.

— Mais um quarteirão, está bem? Você consegue. Tem que conseguir se quiser viver. Prometo que em cinco minutos vai poder se deitar e deixar isso passar.

Ethan se levantou e foi em frente aos trancos e barrancos, seguindo Beverly por mais um quarteirão, além do qual a luz das casas e ruas terminava.

Entraram num cemitério repleto de lápides caindo aos pedaços, entremeadas por carvalhos e pinheiros. Não via manutenção há eras, mato e ervas daninhas chegando à cintura de Ethan.

— Aonde você está me levando? — Suas palavras se arrastavam, pareciam pesadas e estranhas caindo de sua boca.

— Logo adiante.

Serpentearam por lápides e monumentos, a maioria tão erodida que Ethan não conseguia discernir o que estava gravado na pedra.

Sentia frio, sua camisola encharcada inteira, seus pés enlameados.

— Ali está — Beverly apontou um pequeno mausoléu de pedra, em meio a um bosque de choupos. Ethan se esforçou pelos últimos seis metros, e então desabou na entrada, entre um par de floreiras de pedra que haviam se desintegrado em forma de cascalho.

Foram necessários três empurrões com o ombro para que Beverly forçasse a abertura da porta de ferro, as dobradiças rangendo alto o bastante para despertar os mortos.

— Preciso de você lá dentro — ela disse. — Vamos, está quase lá. Mais um metro.

Ethan abriu os olhos, arrastou-se pelos degraus e cruzou uma porta estreita, saindo da chuva. Beverly fechou a porta com um puxão depois de entrarem e, por um momento, a escuridão dentro da cripta era total.

Uma lanterna foi ligada, o feixe de luz margeando o interior e acendendo a cor do vitral incrustado na parede dos fundos.

A imagem: raios de luz perfurando nuvens e iluminando uma única árvore flutuante.

Ethan desabou no chão de pedra congelante enquanto Beverly abria o zíper de uma mochila cilíndrica alojada num dos cantos.

Tirou um cobertor de dentro, desdobrou-o, jogou sobre Ethan.

— Também tenho roupas para você — ela disse —, mas pode vesti-las quando acordar.

Ele tremia violentamente, lutando contra o recuo da consciência, pois havia coisas que queria perguntar, que precisava saber. Não queria arriscar que Beverly não estivesse lá quando ele acordasse outra vez.

— O que é Wayward Pines? — perguntou.

Beverly sentou-se perto dele, respondeu:

— Quando acordar, eu...

— Não, me diga agora. Nos últimos dois dias, eu vi coisas que eram impossíveis. Coisas que me fizeram duvidar da minha sanidade.

— Você não é louco. Eles só estão tentando fazer você pensar que é.

— Por quê?

— Isso eu não sei.

Ele se perguntava se podia acreditar nela, supunha que, levando tudo em consideração, provavelmente era sensato ficar do lado cético.

— Você salvou minha vida — ele disse — e eu agradeço por isso. Mas preciso perguntar... por que, Beverly? Por que você é minha única amiga em Wayward Pines?

Ela sorriu.

— Porque eu e você queremos a mesma coisa.

— Que coisa?

— Sair.

— Não tem estrada que saia desta cidade, tem?

— Não.

— Eu cheguei aqui de carro há vários dias. Então como isso pode ser possível?

— Ethan, apenas deixe que a droga o leve e quando acordar vou lhe contar tudo o que sei e como acho que podemos sair. Feche os olhos.

Ele não queria, mas não conseguia impedir que acontecesse.

— Não sou louco — afirmou.

— Sei disso.

Seus tremores começavam a diminuir, o calor de seu corpo criando um bolsão sob o cobertor.

— Diga-me uma coisa — ele pediu. — Como você veio parar em Wayward Pines?

— Eu era representante da IBM. Vim até aqui para um plantão de vendas, tentando equipar o laboratório de informática da escola local com nossos Tandy 1000s. Mas quando estava chegando à cidade, sofri um acidente. Um caminhão apareceu do nada, atingiu meu carro — sua voz ficando mais suave, mais distante, mais difícil de seguir. — Eles me disseram que eu havia sofrido um ferimento na cabeça e perda de memória, motivo pelo qual minha primeira recordação desta cidade é acordar uma tarde ao lado do rio.

Ethan queria dizer que a mesma coisa havia acontecido com ele, mas não conseguia abrir a boca para falar, a droga varrendo seu sistema como uma onda gigantesca, engolindo-o.

Ele desmaiaria dentro de um minuto.

— Quando? — perguntou com a voz esganiçada.

Ela não o ouviu, precisou inclinar-se bem perto, colocar seu ouvido na boca dele, e foi preciso todo seu esforço para conseguir entender a pergunta.

— Quando... você... chegou... aqui? — sussurrou, agarrando-se às palavras dela agora como se fossem um salva-vidas que o manteria na superfície, acordado, mas ainda assim, estava desfalecendo, segundos de consciência ainda restando.

Ela disse:

— Nunca vou me esquecer do dia em que cheguei, pois em alguns aspectos foi o dia em que morri. Desde então, nada foi o mesmo. Era uma bela manhã de outono. Céu de um azul profundo. Os choupos amarelando. Era 3 de outubro de 1985. Aliás, na semana que vem é meu aniversário. Vou completar um ano inteiro em Wayward Pines.

CAPÍTULO 8

Ela não ousou abrir a porta. Em vez disso, espiou por um dos vidros faltantes na estrutura do vitral. Não encontrou nada para ser visto através da chuva da meia-noite e nada para ser ouvido além do som dela sobre as ervas daninhas, árvores e o teto do mausoléu.

Ethan havia apagado, perdido para a droga e, em alguns aspectos, ela o invejava.

Durante o sono, os sonhos vinham até ela.

De sua Vida Anterior.

De um homem com quem, com todas as probabilidades, ela teria se casado.

De seu lar em Boise.

Todos os planos que tinham feito juntos.

Os filhos que um dia haviam desejado trazer ao mundo — às vezes, ela até sonhava com seus rostos.

Acordando, era Wayward Pines.

O belo inferno.

Logo quando chegou, os picos circundantes a haviam enchido de espanto e deslumbramento.

Agora ela os odiava pelo que eram, pelo que tinham se tornado: barras de uma cela de prisão cercando aquela linda cidade de onde ninguém podia sair, e aqueles poucos que tinham tentado...

Ela ainda tinha pesadelos com aquelas noites.

O som de quinhentos telefones tocando de uma vez.

A gritaria.

Esta noite não... isso não vai acontecer esta noite.

Beverly tirou o poncho e foi até Ethan, encolhido sob o cobertor, encostado na parede. Quando o padrão de sua respiração enfim se estabilizou em inspirações longas, ela engatinhou até a bolsa e tirou a faca de um bolso exterior.

Era dobrável, enferrujada e sem corte, mas era tudo o que tinha sido capaz de encontrar.

Afastou o cobertor, puxou para cima a camisola de hospital que Ethan usava e passou a mão por sua perna esquerda até encontrar uma saliência atrás da coxa.

Deixou a mão pousada ali um pouco mais do que deveria, odiando-se por isso, mas, Deus, fazia muito tempo desde que tinha tocado ou sido tocada por um homem.

Havia considerado contar a Ethan antes da hora, mas seu estado debilitado a havia impedido, e talvez fosse para o melhor. A despeito disso, ele tinha sorte. Ela não tivera o benefício da anestesia quando fez aquilo em si mesma.

Beverly apoiou a lanterna no chão de pedra para que iluminasse a parte posterior da coxa dele.

Estava coberta de cicatrizes.

Não dava para ver a saliência, apenas senti-la — e ainda assim, bem mal — se soubesse onde tocar.

Abriu a faca que tinha esterilizado duas horas antes com bolas de algodão e álcool, seu estômago dando um aperto só de pensar no que tinha que fazer, rezando para que a dor não interrompesse a sedação.

CAPÍTULO 9

Ethan sonhava que estava amarrado e que algo comia sua perna, dando mordidinhas, testando, mordidas que de vez em quando iam fundo o suficiente para que gritasse no sono.

* * *

Acordou de repente.

Gemendo.

Escuridão em toda parte e sua perna esquerda, no alto da parte de trás da coxa, queimando com uma dor que ele conhecia muito bem — alguém o estava cortando.

Por um momento terrível, ele estava de volta àquela sala de tortura com Aashif e seu capuz negro, pendurado no teto pelos pulsos, seus tornozelos acorrentados ao chão, seu corpo rígido para que não conseguisse lutar, para que não conseguisse nem se mover, não importando a intensidade da dor.

Mãos sacudiram seus ombros.

Uma voz feminina disse seu nome.

— Ethan, você está bem. Acabou.

— Por favor, pare, oh Deus, por favor, pare!

— Você está seguro. Eu tirei.

Ele notou um facho de luz, piscou várias vezes até que entrasse em foco.

Um feixe de luz de lanterna iluminava o chão.

Na luz direta, vislumbrou paredes de pedra, duas criptas, um vitral, e então tudo voltou como um turbilhão.

— Você sabe onde está? — Beverly perguntou.

— Minha perna... algo está errado...

— Eu sei. Eu tive que fazer um corte e tirar algo daí de dentro.

Sua cabeça estava clareando, o hospital, o xerife, sua tentativa de deixar a cidade, tudo voltando, as memórias tentando se reunir numa sequência que fazia sentido. Ele pensou ter visto Kate também, mas não tinha certeza. Aquela parte parecia demais com um sonho, ou com um pesadelo.

Com clareza de pensamento recém-encontrada, a dor na perna tornava difícil Ethan se concentrar em qualquer outra coisa.

— Do que você está falando? — ele perguntou.

Beverly ergueu a lanterna e a deixou iluminar sua mão direita, onde, entre seus dedos indicador e polegar, segurava algo que se assemelhava a um microchip, pequenos coágulos de sangue secando ainda grudados ao semicondutor.

— O que é isto? — ele perguntou.

— Como eles o monitoram e seguem.

— Isto estava na minha perna?

— Inseriram na perna de todo mundo.

— Dê-me.

— Por quê?

— Para que eu possa esmigalhar.

— Não, não, não. Você não vai querer fazer isso. Assim eles vão saber que você o removeu

— e ela o entregou. — Apenas jogue no cemitério quando formos embora.

— Eles não vão nos encontrar aqui?

— Eu já me escondi aqui com um chip antes. Essas paredes grossas de pedra interrompem o sinal. Mas não podemos ficar por muito tempo. Eles podem rastrear o chip a uma distância de uns cem metros de onde o sinal caiu.

Ethan sentou-se com esforço. Dobrou o cobertor e descobriu uma pequena poça de sangue brilhando na pedra sob a luz da lanterna. Mais respingos trilhando desde o local de uma incisão na parte de trás de sua coxa. Ele se perguntava a profundidade a que Beverly precisara chegar. Sentiu a cabeça girar, sua pele dolorida e pegajosa de febre.

— Você tem algo na bolsa para fechar o corte? — ele perguntou.

Ela negou.

— Apenas fita adesiva.

— Pegue. Melhor do que nada.

Beverly puxou a mochila cilíndrica e enfiou a mão dentro. Ethan disse:

— Sonhei que você me disse que chegou aqui em 1985, ou isso aconteceu de verdade?

— Isso aconteceu — ela tirou o rolo de fita. — O que eu faço? — perguntou. Não tenho treinamento médico.

— Apenas enrole na minha perna várias vezes.

Ela começou com um pedaço de fita e então seguiu em frente, dando voltas cuidadosas em volta da coxa de Ethan.

— Está apertado demais?

— Não, está bom. Precisa parar o sangramento.

Ela deu cinco voltas, então rasgou a fita e a alisou no lugar.

— Vou contar uma coisa — Ethan disse. — Algo que você não vai acreditar.

— Tente.

— Eu cheguei aqui há cinco dias...

— Você já me disse isso.

— A data era 24 de setembro de 2012.

Por um momento ela apenas o encarou.

— Já ouviu falar em iPhone? — Ethan perguntou.

Ela sacudiu a cabeça...

— Internet? Facebook? Twitter?

... e continuou sacudindo.

Ethan disse:

— Seu presidente é...

— Ronald Reagan.

— Em 2008, os Estados Unidos elegeram o primeiro presidente negro, Barack Obama. Você nunca ouviu falar do desastre do ônibus espacial Challenger?

Ele notou a lanterna começando a tremer na mão dela.

— Não.

— A queda do Muro de Berlim?

— Não, nada disso.

— As duas Guerras do Golfo? Onze de Setembro?

— Você está fazendo algum jogo mental comigo? — os olhos dela se estreitaram: uma medida de raiva, duas de medo. — Oh, Deus. Você está com eles, não está?

— Claro que não. Quantos anos você tem?
— Tenho 34.
— E seu aniversário é...
— Primeiro de novembro.
— Em que ano você nasceu?
— Em 1950.
— Você deveria ter 61 anos, Beverly.
— Não entendo o que isso significa — ela respondeu.
— Somos dois.
— As pessoas aqui... não conversam umas com as outras sobre nada que não seja Wayward Pines — ela acrescentou. — É uma das regras.
— Do que está falando?
— Eles chamam de “viver no momento”. Nenhuma conversa sobre política é permitida. Nenhuma conversa sobre a vida anterior. Nenhuma discussão sobre cultura pop: filmes, livros, música. Pelo menos nada que não esteja disponível aqui na cidade. Não sei se você notou, mas quase não há nomes de marcas. Até o dinheiro é esquisito. Não tinha percebido até recentemente, mas toda a moeda é dos anos 1950 ou 1960. Nada depois. E não existem calendários, nem jornais. Eu só sei quanto tempo faz que estou aqui porque tenho um diário.
— Por que é assim?
— Não sei, mas a punição por fugir das regras é severa.
A perna de Ethan latejava pela constrição da fita adesiva, mas pelo menos o sangramento havia sido contido. Deixaria assim por enquanto, mas logo teria que afrouxar.
Beverly disse:
— Se eu descobrir que você está com eles...
— Não estou com eles, quem quer que *eles* sejam.
Havia lágrimas brotando dos olhos dela. Beverly piscou e enxugou os riscos úmidos das laterais de seu rosto.
Ethan se inclinou na parede.
Arrepios e dores ficando piores.
Ele ainda podia ouvir a chuva batendo no teto sobre eles, e além do vitral ainda era noite.
Beverly levantou o cobertor do chão e o enrolou nos ombros de Ethan.
— Você está queimando — ela disse.
— Perguntei o que é este lugar, mas você nunca me respondeu.
— Porque não sei.
— Você sabe mais do que eu.
— Quanto mais eu sei, mais estranho fica. Quanto menos você souber...
— Faz um ano que você está aqui. Como sobreviveu? Ela riu triste e resignada.
— Fazendo o que todo mundo aqui faz... comprando a mentira.
— Que mentira?
— A de que tudo está bem. Que todos nós vivemos numa cidadezinha perfeita.
— Onde o paraíso é o lar.
— O quê?
— Onde o paraíso é o lar. É algo que eu vi numa placa na saída da cidade quando estava tentando fugir de carro ontem à noite.

— A primeira vez que acordei aqui, estava tão desorientada e com tanta dor por causa do acidente que acreditei quando me disseram que eu morava aqui. Depois de perambular na neblina o dia todo, o xerife Pope me encontrou. Ele me escoltou até o The Biergarten, o pub onde eu encontrei você pela primeira vez. Ele me disse que eu era *bartender* lá, embora eu nunca tivesse trabalhado num bar em toda a minha vida. Então ele me levou a uma casinha vitoriana que eu nunca tinha visto antes e me disse que era onde eu morava.

— E você simplesmente acreditou nele?

— Eu não tinha outras memórias para rivalizar com essas, Ethan. Àquela altura, eu apenas sabia meu nome.

— Mas as memórias voltaram.

— Sim. E eu sabia que algo estava muito errado. Não conseguia fazer contato com o mundo exterior. Sabia que aquela não era a minha vida. Mas havia algo, não sei, sinistro, no Pope. Em algum nível instintivo, eu sabia que era melhor não perguntar nada a ele.

“Eu não tinha carro e então comecei a fazer longas caminhadas até os limites da cidade. Mas algo estranho aconteceu. Cada vez que eu chegava aonde a estrada fazia a curva e voltava, advinha quem aparecia? Comecei a entender que o Pope não era realmente um xerife. Era um carcereiro. Para todos os que moram aqui. Percebi que ele devia estar me rastreando de alguma forma, então durante dois meses mantive minha cabeça abaixada, fui trabalhar, voltei para casa, fiz novos amigos...”

— E eles também acreditavam em tudo isso?

— Não sei. Num nível superficial, parecia que estava sempre tudo bem. Nunca deram nenhuma indicação de que as coisas estivessem fora do normal. Depois de um tempo, percebi que devia ser medo o que mantinha todo mundo na linha, mas de que eu não sabia. E com certeza não perguntei.

Ethan lembrou-se da festa da vizinhança com a qual tinha se deparado — Deus, tinha sido apenas ontem? — e como havia parecido normal. Como havia parecido comum. Pensou nas casas vitorianas antiquadas de Wayward Pines e em todas as famílias que moravam dentro delas. Quantos residentes — prisioneiros — mantinham um semblante forte, despreocupado durante o dia, mas que passavam noites em claro, insones, mentes fervilhando, aterrorizados e lutando para compreender por que haviam sido trancados naquela prisão pitoresca? Ele imaginou que fossem mais do que alguns. Mas seres humanos eram, se nada mais fossem, adaptáveis. Imaginou que a mesma quantidade de pessoas devia ter se convencido e convencido os filhos de que as coisas eram exatamente o que deveriam ser. Como sempre tinham sido. Quantos viviam de um dia ao outro, no momento, banindo qualquer pensamento ou lembrança da vida que tinham conhecido antes? Era mais fácil aceitar o que não podia ser alterado do que arriscar tudo e buscar o desconhecido. O que havia além. Prisioneiros de longa data com frequência cometiam suicídio, ou reincidiam quando se deparavam com o prospecto de uma vida fora das muralhas do cárcere. O que era tão diferente ali?

Beverly continuou:

— Uma noite no bar, alguns meses depois da minha chegada, um cara me passou um bilhete. Dizia: “A parte de trás da sua coxa esquerda”. Naquela noite, no chuveiro, apalpei pela primeira vez em busca daquilo: uma pequena saliência, algo sob a pele. Mas eu não sabia o que deveria fazer a respeito. Na noite seguinte, ele estava de volta no meu bar. Rabiscou uma nova mensagem, desta vez no tíquete: “Corte fora, mantenha em segurança, é como eles a

rastream”.

“Nas primeiras três vezes eu me acovardei. Na quarta, tomei coragem e fiz. De dia, eu sempre mantinha o chip comigo. Carregava como qualquer outra pessoa. E a coisa estranha é que algumas vezes quase parecia normal. Eu ia à casa de alguém para jantar, ou a uma festa da vizinhança, e tinha uma certa impressão de que talvez tudo sempre tivesse sido daquele jeito, e que a minha vida anterior fosse um sonho. Comecei a ver como as pessoas haviam passado a aceitar a vida em Wayward Pines.

“À noite, depois que meu turno terminava no pub, eu ia para casa, deixava meu chip na minha cama, onde devia estar, e saía. Cada noite, numa direção diferente. E sempre terminava em lugares sem saída. Ao norte, ao leste e ao oeste estão os paredões enormes, e eu podia subir por eles uns trinta metros, mas então os lugares em que me apoiar iam ficando mais finos e eu sempre acabava sem ter onde me segurar, ou chegava a um ponto em que não tinha coragem de continuar escalando. Cruzei com mais do que alguns esqueletos na base daqueles penhascos. Ossos velhos, quebrados. Humanos. Pessoas que haviam tentado sair escalando e que tinham caído.

“Da quarta vez que me aventurei, fui para o sul, pela estrada principal, a que eu tinha pegado para chegar a Wayward Pines. Descobri o que você descobriu: dava a volta e retornava para a cidade, sempre no mesmo lugar, num círculo sem fim. Mas eu continuei seguindo para o sul, me embrenhando na floresta. Devo ter avançado uns oitocentos metros antes de finalmente chegar até a cerca.”

— Uma cerca?

O latejar na perna de Ethan havia começado a ficar insuportável, pior do que a dor da incisão feita por Beverly. Ele afrouxou a fita.

— Tinha seis metros de altura e seguia pela floresta tanto para um lado como para o outro, até onde eu conseguia enxergar. Tinha arame farpado no topo e zumbia como se fosse eletrificada. A mesma placa estava presa na cerca a cada quinze metros. Dizia: “Volte a Wayward Pines. Além deste ponto, você morrerá”.

Ethan passou a fita outra vez na perna.

O latejar havia desaparecido e ainda havia dor, mas parecia ter diminuído.

— Você encontrou um jeito de ultrapassar?

— Não. Estava quase amanhecendo, e achei que era melhor voltar para a cidade. Quando dei meia-volta, havia um homem parado na minha frente. Ele me assustou até a alma, até que eu me desse conta de quem era.

— O cara que contou sobre o chip?

— Exato. Ele disse que tinha me seguido. Em todas as noites em que eu saí.

— Quem era ele? — Ethan perguntou, e não conseguiu ter certeza na luz baixa, mas parecia que uma sombra havia cruzado o rosto de Beverly.

— Bill.

Uma sensação de formigamento, semelhante a uma corrente elétrica de baixa amperagem, percorreu o corpo de Ethan.

— Qual era o sobrenome do Bill? — perguntou.

— Evans.

— Jesus!

— O quê?

— Evans era o homem morto na casa. Aquele a quem você me levou.

— Certo. Eu queria que você entendesse logo de início o quanto este lugar é perigoso.

— Mensagem recebida. Evans é um dos agentes do Serviço Secreto em busca dos quais fui enviado a Wayward Pines.

— Não sabia que o Bill era do Serviço Secreto. Ele não me dizia nada sobre o que nós chamávamos de “vidas anteriores”.

— Como ele morreu?

Beverly levantou a lanterna do chão, a lâmpada começando a iluminar com menos intensidade.

Ela a desligou.

Escuridão total.

O sussurro da chuva e nada mais.

— Aconteceu uma noite, quando tentamos escapar. Ainda não entendo exatamente como eles descobriram, pois deixamos nossos microchips na cama como havíamos feito tantas vezes antes. Bill e eu nos encontramos no lugar combinado com suprimentos e provisões... mas nunca tivemos chance.

Ethan podia ouvir sofrimento entrecortando a voz dela.

— Tivemos que seguir por caminhos diferentes — ela disse. — Voltei para a minha casa, mas eles o alcançaram. Acabaram com ele.

— Quem acabou com ele?

— Todos.

— Quem é todos...

— A cidade inteira, Ethan. Eu conseguia... ouvi-lo gritando da minha casa, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Enfim entendi. Eu me dei conta do que mantinha todos aqui.

Pelo que pareceu um longo, longo tempo, nenhum dos dois falou.

Finalmente, Ethan disse:

— Nunca cheguei até a cerca, mas já me embrenhei pela floresta além da curva na estrada, na extremidade sul da cidade. Inclusive isso foi ontem à noite. Podia jurar que ouvi alguma coisa.

— O quê?

— Era um grito. Ou um choro. Talvez algo entre os dois. E o estranho era a sensação de que eu já o tinha ouvido antes. Num sonho. Ou em outra vida. Fui tomado por terror no meu íntimo, como o uivo de um lobo. Algo intrínseco. Minha única reação foi correr. Então agora ouço você me falando sobre essa cerca elétrica, e estou aqui pensando, por que ela está lá? Para nos manter do lado de dentro? Ou manter algo do lado de fora?

De início, Ethan pensou que o som estivesse vindo de dentro de sua cabeça — alguns efeitos colaterais da droga que a enfermeira Pam havia dado a ele, ou o trauma do espancamento de Pope e tudo o que tinha vivenciado desde então.

Mas o barulho aumentou depressa.

Algo estava tocando.

Não.

Muitas coisas estavam tocando.

Centenas e centenas daquilo.

— O que é isso? — Ethan perguntou, esforçando-se para se colocar de pé.

Beverly já estava na porta, lutando para abri-la, dobradiças rangendo, e então a lufada de ar mais frio varreu pela cripta e o barulho de súbito ficou alto.

Ethan percebeu o que era.

O som de quinhentos telefones de disco disparando de uma vez, preenchendo o vale com seus toques agudos e agourentos.

— Oh, Deus — Beverly disse.

— O que está acontecendo?

— Foi assim que começou na noite em que Bill morreu.

— Não entendo.

— Todos os telefones em todas as casas de Wayward Pines estão tocando nesse exato instante. As pessoas estão recebendo a ordem de encontrar e matar você.

Ethan tentou se proteger do impacto daquela informação, mas a consciência de que deveria estar aterrorizado foi apenas vaga, algo que ele sabia, mas que não sentiu; sua mente já se desligando, deslizando para aquele estado mecânico de sobrevivência, entorpecido, cheio de adrenalina, que tinha experimentado nas poucas vezes em que tivera o infortúnio de travar os olhos com a morte. Não havia lugar para pensamentos ou emoções exteriores, nem para desperdiçá-los. Toda a força desviada e canalizada para que pudesse elevar o único instinto capaz de mantê-lo vivo: a percepção sensorial.

— Vou jogar o chip fora e me esconder aqui — ele disse. — Esperá-los ir embora.

— Só há pouco mais de quinhentas pessoas vivendo em Wayward Pines e cada uma delas vai estar procurando por você. Acho que a qualquer momento alguém vai acabar aparecendo por esta porta e você não vai querer estar aqui quando isso acontecer.

Ethan pegou a lanterna da mão dela, acendeu e cambaleou até a grande mochila cilíndrica.

— O que tem aqui? — Ele perguntou, caindo de joelhos ao lado da bolsa.

— Roupas para você. Sapatos. Tive que adivinhar seu número.

— Armas?

— Desculpe. Não consegui colocar minhas mãos em nenhuma.

Ethan começou a tirar as coisas: uma camiseta de manga longa preta, calça jeans preta, sapatos pretos, duas dúzias de garrafas d'água...

— Apague a luz! — Beverly sibilou.

Ethan a desligou.

— Você tem que sair imediatamente — ela o apressou. — Eles estão chegando.

— Apenas deixe eu me vestir e...

— Eles já estão no cemitério. Já consigo ver as lanternas.

Ethan deixou tudo jogado no chão e mancou até a porta de ferro. Do lado de fora, na escuridão, ele enxergou quatro pontos de luz oscilando entre as lápides.

Pareciam estar a algumas dezenas de metros, embora julgar a distância fosse um desafio naquele clima.

Os telefones silenciaram.

Beverly sussurrou no ouvido de Ethan:

— Você precisa encontrar o rio no limite sudoeste da cidade. É a rota que Bill e eu tínhamos planejado seguir. É a única direção que ainda não tínhamos explorado por completo. Bill avançou um pouco e achou que parecia promissora.

— Onde nos encontramos?

— Apenas chegue até o rio e siga o curso contrário da correnteza. Eu o encontro.

Beverly puxou o capuz do poncho por cima da cabeça, saiu do mausoléu e disparou pela noite,

Ethan ouvindo o som de seus passos minguarem e logo se perderem na chuva constante. Demorou-se no limiar da porta, alternando a atenção entre as luzes que se aproximavam e a escuridão cerrada da cripta, perguntando-se se tinha dois minutos para gastar se vestindo e pegando suprimentos, ou se simplesmente deveria ir. Os feixes de luz se aproximaram, todos os quatro se movimentando próximos ao mausoléu e trazendo vozes consigo.

Decida, droga.

Estava perdendo segundos preciosos.

Se o alcançarem enquanto ainda estiver na cripta, você está morto. Não há escapatória, e eles estarão aqui em menos tempo do que você vai demorar para se vestir.

Ele correu.

Vestindo nada a não ser uma camisola de hospital, sem sapatos, os pés descalços silvando pelo mato e chapinhando em porções de lama fria.

Chuva o bombardeando.

Dolorido.

Sacudindo com arrepios.

Sua coxa esquerda gritando em cada flexão.

Desligou-se de tudo — do medo, da agonia, do frio — e disparou entre os pinheiros, esquivando-se de lápides.

Os quatro pontos de luz atrás dele não pareciam ter notado sua fuga, já que ainda seguiam uma rota perpendicular ao mausoléu.

No escuro quase total, a desorientação era incapacitante. Ele não fazia ideia se estava seguindo para o norte ou para o sul, indo para a cidade ou se afastando dela, mas continuou correndo até alcançar uma parede de pedra que formava os decrepitos limites do cemitério. Subindo, sentando com uma perna de cada lado, tomando um instante para recuperar o fôlego e lançar um olhar pelo caminho por onde tinha vindo.

Mais luzes.

Pelo menos mais meia dúzia delas em adição às quatro primeiras, e havia mais aparecendo a cada segundo, um verdadeiro exército de lanternas emergindo da escuridão e todas indo até ele com um tipo de movimento oscilante que o fez temer que as pessoas por trás dos facho de luz estivessem correndo.

Ethan deixou cair o microchip na parede de pedra.

Depois passou as pernas por cima e desceu do outro lado, encolhendo-se com a pontada de dor na coxa esquerda. Mas ele a ignorou e se jogou no campo de mato cortado.

Na extremidade, brinquedos de um parquinho cintilavam, e era possível ver a chuva caindo no feixe de luz de uma lâmpada da rua.

Mais adiante, em um grupo de pinheiros escuros — mais lanternas, mais vozes.

Alguém gritou lá atrás no cemitério, e embora Ethan não conseguisse dizer se era direcionado a ele, teve o efeito de acelerar seu passo.

Aproximando-se do conjunto de balanços e escorregador, deu-se conta de onde estava, e o gorgolejar de água corrente que se sobressaía à chuva e ao palpitir de seu coração confirmou. Embora não conseguisse ver no escuro, do seu lado esquerdo estava a relva à margem do rio, onde primeiro havia recuperado a consciência em Wayward Pines cinco dias antes.

E o rio.

Quase mudou a rota para ir até lá, mas então uma luz piscou onde Ethan havia imaginado que estaria a linha d'água.

Disparou passando pelo escorregador, abriu caminho com os ombros por uma sebe de arbustos pingando que quase arrancaram sua camisola de hospital muito fina, e cambaleou até a rua.

A vestimenta estava em retalhos e presa a seu pescoço como uma capa rasgada.

Ele a arrancou, desesperadamente precisando de oxigênio — um minuto inteiro de inalações profundas não seria suficiente —, mas não havia tempo de parar e reabastecer seus pulmões. Luzes vindas do cemitério, do rio e dos pinheiros na fronteira norte do parque convergiam naquele campo aberto num enxame luminescente que avançava em sua direção como uma única entidade, acompanhada por uma confusão de vozes inebriadas com a vivacidade boba de uma caçada.

Um novo disparo de adrenalina percorreu seu sangue.

Seus pés enlameados chegaram a um pavimento molhado e ele disparou pelado pelo meio da rua, uma camada de chuva escorrendo por seu rosto.

Percebeu que seu objetivo havia se movido.

Esquecer o rio, ele precisava encontrar algum lugar para se esconder e deixar aquela loucura se afastar. Não sabia quantas pessoas estavam atrás dele, quantas já o tinham visto, mas correr nu pela cidade iria matá-lo bem depressa.

— Ali! — uma voz grave gritou.

Ethan olhou para trás, viu três sombras correndo de uma grande casa vitoriana, o homem na frente rasgando pelos degraus, depois pelo quintal da frente, e saltando uma cerca branca de tábuas com considerável graciosidade enquanto seus companheiros se amontoavam no portão, atrapalhados com a fechadura.

O saltador aterrissou no meio da calçada e acelerou, vestido todo de preto, botas palpitando na rua. Carregava um facão cuja lâmina molhada brilhava sob o facho oblíquo de seu farolete, correndo muito rápido, respirando pesado. Uma voz na cabeça de Ethan dizia de forma categórica e com a calma impressionante de um senador obstruindo alguma votação ao ler uma lista telefônica às três da manhã: *este homem está a uns cinquenta metros, está armado e vai pegar você.*

O que vai fazer a respeito?

CAPÍTULO 10

Acessada pelo ático, é a janela mais alta da casa.

Em forma de lágrima, com um beiral saliente que mantém o vidro protegido da chuva.

É tarde e escuro e o sussurro de chuva no teto de lata sobre sua cabeça seria um som pacífico em qualquer outra noite.

Um som para dormir ouvindo.

Sonhar ouvindo.

Seu telefone não tocou como todos os outros e por esse fato ela era grata.

Havia rezado para que não esperassem que ela tomasse parte nisso, e essa confirmação era um pequeno conforto no meio do pesadelo.

De seu local privilegiado no terceiro piso, consegue ver as lanternas aparecendo por todo o vale como as luzes de uma cidade grande tomando vida. Centenas delas. Muito distantes, nada mais do que partículas de brilho na chuva pesada. Outras perto o suficiente para ver cones iluminados individuais varrendo pela bruma que começava a se formar nos becos e depressões.

Quando ele entra no campo de visão, seu coração para.

Nu.

Pálido.

Correndo como um fantasma pelo meio da rua e perseguido por um trio de homens vestidos de preto e empunhando facões.

Ela sabia que isso estava para acontecer, pensava que estivesse preparada tanto quanto fosse possível para algo assim, mas ao vê-lo em carne e osso — seu pânico, seu desespero — ela tem que morder o lábio para impedir-se de gritar por ele.

Estou assistindo a sua execução.

Ethan sai do campo de visão, movimentando-se em direção aos prédios que ladeiam a Rua Principal, e isso a atinge como uma carga de chumbo pesado no peito — ela o viu pela última vez, pois não vai até a casa na Primeira Avenida para ser testemunha do que sobrou dele, para ver o dano infligido sobre seu marido, o pai de seu filho.

Mais pessoas inundam a rua em massa, todas correndo para a Principal.

Apesar do clima horrível, é uma atmosfera de carnaval, e mais e mais ela vê fantasias, muitas, sem dúvida, preparadas com antecedência.

Embora ninguém nunca fale do festival, ela sabe que há pessoas que anseiam pelos telefones tocando.

Pela chance de correr enlouquecidas na calada da noite.

Para arrancar sangue.

Ela e Ben haviam se juntado à multidão da última vez — como se tivessem tido escolha — e, mesmo que não tivessem encontrado o caminho até o olho do furacão que tinha, de fato, espancado Bill Evans até a morte, haviam sido apanhados na periferia.

Ouviram seus gritos e súplicas em contraste com a risada e o deboche maníaco da multidão.

Depois, a cidade inteira havia festejado na Rua Principal até o amanhecer — bebida rolando solta, estourando fogos de artifício, dançando, cantando, banquetando — e, enquanto ela só conseguia se sentir enojada com tudo aquilo, uma inquestionável unidade emanava zumbindo da multidão, como se o próprio ar fosse eletrificado.

Todos se abraçando.

Efervescentes.

Uma noite para a humanidade em toda sua perversidão, alegria e loucura.

Uma celebração no inferno.

Em seus cinco anos em Wayward Pines houve apenas quatro festivais.

Esta noite era o quinto.

Theresa enxuga seu rosto e desvia os olhos da janela.

Movimenta-se tranquila pelo ático vazio, atenta para fazer de seus passos os mais suaves possíveis sobre a madeira que range. Se acordar Ben e ele vir o festival em andamento, vai querer ir lá fora, participar.

Ela desce pela escada do alçapão, dobra-a, levanta a porta do ático até seu lugar no teto.

Tão estranho estar no segundo andar desta casa silenciosa considerando o que está acontecendo lá fora.

Caminha pelo corredor e para na porta aberta do quarto de Benjamim.

Ele dorme.

Doze anos e ele a cada dia se parecendo mais com o pai.

Observando-o, ela se pergunta se quando finalmente o pegarem Ethan vai gritar.

Será que ela vai ouvi-lo?

E se ouvir, vai conseguir aguentar?

Às vezes as coisas parecem tão normais, tão *como sempre foram*, mas então chegam momentos em que a tensão enterrada de perguntas que ela não mais se permite fazer ameaça arrebenhá-la como cristal antigo.

Logo vai haver música na Rua Principal que, possivelmente, acordará seu filho.

Ben vai querer saber o que está acontecendo e não vai ser possível mentir para ele.

Fantasiar.

Ele é muito esperto para isso.

E ela o respeita demais.

Ela lhe contará?

E a pergunta mais difícil...

Daqui a uma semana, quando acordar no meio da noite, sozinha no quarto escuro, sem possibilidade de jamais ver o marido outra vez...

Ela contará a si mesma?

CAPÍTULO 11

Ethan correu até o cruzamento seguinte, mais luzes aparecendo cada vez que olhava para trás, mas seu perseguidor mais próximo — o saltador — era sua preocupação imediata. O homem havia disparado à frente de seus compatriotas mais lentos, Ethan pensando que ele parecia familiar — a cabeça careca, os óculos enormes com armações prateadas — e quando o homem ficou a um raio de dez metros, Ethan se deu conta de quem se tratava: o imbecil do farmacêutico de quem tinha tentado comprar aspirina dois dias antes.

Rua Principal assomando-se a um quarteirão, um ruído perturbador borbulhante subindo pelos prédios de dois e três andares — o murmurejar de uma multidão se reunindo.

Sob nenhuma circunstância ele poderia correr nu pela Rua Principal.

Mas naquele passo e sem alterar a trajetória, em mais vinte segundos estaria fazendo exatamente isso.

Uma rua separava Ethan da Principal, e não era nem uma rua — apenas um beco que rasgava atrás de fileiras de prédios. Deu-lhe um último jato de adrenalina embebida em fúria o fato de perceber que se dobrasse a esquina naquele beco e topasse com alguém, qualquer um, estaria perdido.

Retalhado até a morte por um farmacêutico empunhando um facão.

Que jeito legal de partir.

Uma garagem de um andar num dos lados da rua e ele supôs que a esquina do prédio, quando virasse, interromperia a linha de visão do farmacêutico por uns dois segundos.

Se não houvesse uma multidão esperando por ele no beco, poderia ser o suficiente.

Ethan tinha corrido em disparada pelo meio da rua morta, mas agora era a hora de fazer sua jogada.

Deu uma guinada para a direita, cortando sobre a calçada escorregadia por causa da chuva.

Não posso cair.

Cruzou uma tira de grama, depois calçada, depois grama novamente, e quando alcançou a abertura do beco ocorreu-lhe que não tinha ideia do que iria fazer.

Não há tempo para planejar. Apenas reaja.

Pela proximidade do som dos solados, estimava que o farmacêutico estivesse a seis passos de distância.

Ethan disparou para o beco.

Concreto para terra.

Mais escuro.

Névoa com um toque do fedor de lixo molhado.

Não viu ninguém nas imediações além de um par de lanternas, a dezenas de metros de distância, vagueando em sua direção.

Ethan virou os pés de lado paralelamente, como se freando sobre um par de esquis, interrompendo o movimento para frente com uma derrapada terminou numa parada muito abrupta: ele podia sentir a gravidade lutando para fazê-lo girar no ar.

Endireitou o corpo e explodiu de volta para o lugar por onde tinha vindo, acelerando reto pelo canto de um prédio.

Esteja lá. Esteja lá. Esteja lá.

A colisão foi tremenda, a testa de Ethan atingindo em cheio a metade inferior do maxilar do

farmacêutico numa batida de quebrar ossos, um impacto tão intenso que levantou Ethan do chão por meio segundo.

Caiu para trás, sangue lavando seu rosto.

O farmacêutico sentado, atordoado e cuspidando dentes na rua.

Após a colisão de chacoalhar cérebros, Ethan levou dois segundos para perceber que aquele objeto de metal longo na calçada era o facão do homem.

Esticou-se até ele e o pegou quando o farmacêutico ergueu os olhos na sua direção, o horror de saber o que estava prestes a acontecer arrastando-o de volta para um estado coerente com mais efetividade do que um balde de substâncias de cheiro forte que pudesse aspirar.

Ethan apertou os dedos pelas reentrâncias no cabo do facão, que tinha sido envolvido com fita adesiva para uma pegada melhor sob a chuva.

O homem ergueu os braços numa tentativa frágil de se defender do que não podia ser defendido.

Ethan fingiu um golpe e o atingiu no rosto com um chute frontal; seu calcanhar enfiando-se nos restos do nariz quebrado e lançando a parte de trás de sua cabeça no chão com um ruído de crânio fraturando-se.

O homem gemeu e ficou caído, mas seus dois amigos estavam se aproximando — estariam ali em dez segundos — e atrás deles, quadra a quadra, o exército de lanternas avançava como uma manada de gado pela rua, o som de numerosos passos no asfalto molhado ficando mais e mais alto.

Ethan fugiu de volta para o beco, aliviado de descobrir que aquele par de luzes que tinha visto da última vez havia desaparecido.

Ele correu; a necessidade de fazer o máximo de sua breve janela de invisibilidade.

Vinte passos mais à frente, aproximou-se de uma caçamba de lixo e não hesitou nem por um instante. Abaixou-se na lateral, atingiu o chão, arrastou-se atrás dela, colocando-se entre o metal e a parede de tijolos do prédio contra o qual a caçamba se acomodava.

Não conseguia ouvir nada além dos batimentos furiosos de seu coração e sua respiração ofegante, suor e sangue brotando de seu rosto e caindo nos olhos, congelando, músculos queimando de ácido láctico como se ele acabasse de atingir a parede numa maratona.

Passos correndo avançaram direto pela caçamba e o som deles se afastando, ficando cada vez mais leves, era como música.

A lateral do rosto de Ethan estava apoiada no chão, sujeira e cacos de vidro e cascalho enterrando-se em sua face.

Chuva tamborilava em suas costas e se juntava ao seu redor em poças que tremulavam com cada novo pingo.

Ele poderia ter ficado deitado ali a noite inteira e continuar pelo dia seguinte.

Levante seu traseiro daí. Você não pode se dar ao luxo de ficar com o corpo rígido.

Ethan colocou as palmas no cascalho molhado e fez um esforço para se apoiar nas mãos e nos joelhos.

Saiu de costas do espaço entre a caçamba e o prédio e ficou agachado por um instante atrás da lata de lixo, ouvindo.

Vozes distantes.

Passos distantes.

Comoção na Principal.

Mas nada soava perigosamente perto.

Ficou de pé, lançou um olhar pela abertura do beco e viu a multidão passando por ali numa corrida leve, movimentando-se em direção ao que quer que estivesse acontecendo na Principal.

Mantendo-se perto da parede de tijolos, Ethan se pôs a seguir na direção oposta, na escuridão enevoadada do beco.

Dez metros mais adiante, havia um intervalo no tijolo: uma porta de madeira.

Olhou de volta para a caçamba, para a rua mais além.

Agora alguém estava vindo: um feixe de luz varrendo o beco de um lado para o outro, unido a um ruído de pés pisando cascalho.

Ethan puxou a porta e a abriu, a luz de dentro lançando pelo beco um caminho de claridade que se difundia pela bruma.

Entrou depressa e encontrou uma escadaria iluminada, fechou a porta atrás de si e virou-se para passar o trinco na porta.

O cilindro havia sido vazado e a cavidade preenchida com metal sólido.

Não havia jeito de trancar.

Ethan correu escada estreita acima, o esforço da subida lançando novas pontadas de dor na parte de trás de sua perna esquerda.

Quando chegou ao patamar do segundo piso, a porta do beco abriu com um estrondo. Ethan olhou de volta para baixo e viu um homem grande parado, vestido num poncho amarelo pingando, lanterna em uma das mãos, um facão de carne, que Ethan supôs haver sido retirado de um faqueiro de casa, na outra.

Os olhos do homem estavam escondidos sob a sombra de um capuz, mas seu maxilar estava pronto e suas mãos, em particular a que segurava a faca, tinham a firmeza de uma rocha, sem trair nenhuma sugestão de nervosismo.

Ethan correu pelo patamar até o próximo lance de escadas enquanto o caminho abaixo dele era preenchido pela reverberação de pés calçados em botas.

No patamar do terceiro andar, atravessou uma porta com um esbarrão.

O corredor estava silencioso, vazio, mal-iluminado.

Candelabros que pareciam lanternas tradicionais haviam sido presos na parede a intervalos de seis metros.

Um bom número de latões centralizados em cada porta.

Um prédio de apartamentos?

Ethan ouviu passos batendo na escadaria.

Começou a andar pelo corredor, tentando todas as maçanetas pelas quais passava.

Trancada.

Trancada.

Trancada.

Trancada.

Sabendo que a qualquer momento a porta que dava para a escada se abriria.

Trancada.

Trancada.

A da sétima porta que tentou abrir, a número 19, girou.

Ele apertou a mão no cabo do facão, caso alguém esperasse do lado de dentro, e empurrou a

porta com os dedos dos pés.

Um pequeno apartamento escuro.

Parecendo vazio.

Deslizou para dentro e fechou a porta no mesmo instante em que a da escadaria se abriu com um empurrão.

Ethan ergueu a mão, passou a corrente no trinco.

Demorando-se na entrada, ele ouviu a porta do corredor se fechar.

Passos sobre assoalho de madeira.

Sem mais correria.

Sem mais sapatear frenético.

Ethan podia quase visualizar o homem de poncho amarelo se movendo metodicamente pelo corredor. Ele podia saber que Ethan tinha se esgueirado para um dos apartamentos, mas não teria como saber qual deles.

Os passos se aproximaram...

E agora que sua porta estava trancada...

... e pararam do outro lado, tão perto que, quando Ethan olhou para baixo, conseguiu ver a luz que penetrava por baixo da porta ser dividida em duas.

Como diabos aquele homem sabia exatamente onde parar?

Merda.

Pegadas enlameadas.

Uma das sombras dos pés no chão desapareceu e o assoalho no corredor rangeu com a pressão sobre a madeira.

Ethan cambaleou para trás, deslizando para o canto direito de uma cozinha conjugada.

O som de madeira rachando.

Corrente arrebatando.

Luz do corredor se derramou sobre o apartamento escurecido.

Poncho Amarelo havia aberto a porta com um chute.

Parado com as costas contra um refrigerador zumbindo, Ethan conseguia ver a silhueta da sombra do homem se aproximando pelo carpete do apartamento.

A sombra se esticou quando o homem passou pelo limiar da porta e caminhou devagar pelo corredor curto que se abria na sala de estar.

Vários passos antes da cozinha, ele parou.

Ethan conseguia ouvir o poncho pingando no tapete, a respiração alta do homem enquanto tentava suprimir a sua.

Um “clique” suave e então o facho de luz disparou na sala de estar e vasculhou pela parede onde havia prateleiras de livros cercadas por duas janelas grandes, com as cortinas fechadas. Através delas, Ethan podia ouvir o ruído na Principal aumentando gradativamente.

A luz atingiu um sofá de couro e uma mesa de centro, na qual havia uma xícara sobre um porta-copos, exalando fumaça espiralada que preenchia o apartamento com a doçura sonolenta do chá de camomila.

A luz se movimentou sobre uma fotografia emoldurada — um bosque de choupos nas cores do outono alto, montanhas cobertas de neve como pano de fundo, céu azul de outubro por cima de tudo — e então varreu até a cozinha, passando por fogão, armários, cafeteira, brilhando na pia de aço inoxidável no caminho até Ethan.

Ele se encolheu, engatinhou sobre o linóleo e se agachou na sombra entre a ilha e a pia. O homem avançou, Ethan observando o facho de luz atingir o refrigerador onde esteve parado cinco segundos antes.

Os passos avançaram.

Na porta do micro-ondas sobre o fogão, Ethan travou os olhos no reflexo do homem de poncho amarelo que agora estava parado na sala, olhando com atenção para uma abertura na parede norte que dava para um quarto.

Ethan se esforçou para se levantar devagar, o ruído da multidão mascarando o estalar de seus joelhos. Ele ficou de pé, de frente para as costas de Poncho Amarelo enquanto o homem prosseguia com propósito e cautela em direção ao quarto.

Ethan deu a volta na ilha agachado e então saiu da cozinha.

Na mesa de centro, ele parou.

Poncho Amarelo estava parado no limiar da porta do quarto, a três metros de distância, iluminando o aposento com a lanterna.

Ethan apertou mais forte o punho do facão envolto em fita adesiva e passou o dedão sobre o fio de corte da lâmina comprida.

Poderia estar mais afiada. Muito mais afiada. Teria que golpear com força.

Vá. Corra até ele. Agora mesmo, enquanto você ainda tem o elemento surpresa.

Ele hesitou.

Ethan havia infligido sofrimento e morte o suficiente, mas a intimidade nua com a violência era mais difusa quando se estava na cabine de um Black Hawk. Disparar mísseis com mira a *laser* num alvo a três quilômetros de distância não estava na mesma categoria de matar um civil com um facão assim tão de perto.

O primeiro estava um pouco mais difícil do que jogar videogame. O segundo...

O homem girou de repente na porta e encarou Ethan.

Ambos começaram a respirar mais rápido.

— Por que você está fazendo isso? — Ethan perguntou.

Nenhuma resposta.

Agora não conseguia ver nada no rosto do homem.

Apenas seu perfil, a sombra de uma faca em sua mão direita, e um raio de iluminação sobre suas botas, a lanterna mirando o chão.

Ethan abriu a boca para repetir a pergunta quando a luz se ergueu, um clarão direto em seu rosto, em seus olhos.

Escuridão outra vez.

Algo caiu ruidosamente no chão.

Ethan não conseguia ver nada, suas pupilas se dilatando outra vez, cego na escuridão cinzenta, sem forma ou detalhe.

Passos se aproximavam, o assoalho de madeira sob o tapete esticando-se a cada passada, o jeans do homem fazendo barulho conforme ele avançava.

Ethan deu passos incertos para trás, sua visão se recuperando.

Capturando a visão de Poncho Amarelo a pouco mais de um metro, a faca de açougueiro erguida e posicionada para um golpe descendente.

Ethan brandiu sua arma — um golpe duro, rápido como um raio.

A lâmina não encontrou resistência, e a força de seu ataque fez o homem girar e perder o

equilíbrio, Ethan pensando: *Errei, estou morto.*

O homem passou por ele, cambaleando desajeitado pela sala até finalmente se agarrar ao balcão da ilha no centro da cozinha.

Ethan recuperou o equilíbrio e, ao melhorar o aperto no punho do facão, certificando-se de que estava incólume, notou sangue pingando da extremidade da lâmina.

O olhar de Ethan disparou de volta para a cozinha.

O homem havia derrubado a própria faca e o estava encarando, inclinado na ilha, as duas mãos agarradas ao lado esquerdo do pescoço, que fazia um ruído assobiante de ar comprimido escapando de um pneu.

Ethan caminhou para trás pela porta do quarto, se abaixou, ergueu a lanterna do tapete.

Direcionou o fecho de luz ao homem de poncho amarelo.

A quantidade de sangue era atordoante.

Parecia teia vermelha de aranha no plástico amarelo do abrigo, expandido como no ciclo vital de um vírus que se replicava, escorrendo em doze riscos separados e empoçando no chão. O sangue vazava de um corte de quinze centímetros na intersecção do ombro e do pescoço, sangue jorrando de uma das extremidades numa névoa diáfana e escorrendo da outra num pulsar de vermelho arterial vivo, o arco de cada jorro diminuindo conforme os batimentos do homem ficavam mais lentos.

Seu rosto estava branco como papel, e ele encarava Ethan sem expressão nenhuma, apenas piscava devagar, como se estivesse hipnotizado, perdido num sonho acordado.

Enfim ele escorregou da ilha, desabou numa banquetta e caiu no chão.

* * *

No armário do quarto, Ethan recolheu uma calça jeans, uma camiseta de manga longa, um agasalho de capuz preto. A camiseta e o jeans eram um pouco apertados, mas nada que Ethan não conseguisse dar um jeito. Os tênis que encontrou eram outra história. Conseguiu enfiar os pés dentro encolhendo os dedos, amarrá-los, mas caminhar era angustiante e garantia de produzir bolhas num piscar de olhos.

As botas do homem morto, já que eram muito maiores, pareciam promissoras.

Ethan as arrancou dele e colocou várias camadas de meia até que seus pés se encaixassem bem no sapato maior.

Era bom estar vestido outra vez, e ainda melhor estar protegido da chuva naquele apartamento aquecido. Havia uma tentação forte de passar mais meia hora ali dentro, cuidando de tantos ferimentos quanto pudesse, mas ele precisava continuar se mexendo. Se um grupo grande aparecesse para vasculhar aquele piso, não haveria para onde correr.

Ethan pegou a lanterna e o facão e foi até a pia.

Passou um minuto inteiro com a boca sob a torneira, quase louco de sede e ainda assim tentando não se encher de água.

Abriu a geladeira.

Estranho.

Havia garrafas de vidro com leite. Hortaliças frescas. Uma caixa de ovos. Carne embrulhada em papel de açougue.

Mas nada de alimento processado.

Ele enfiou o braço, pegou um pacote de cenouras, um pedaço pequeno de pão e os enfiou nos bolsos laterais do jeans.

Um barulho fez Ethan parar quando ia até a porta — vozes e gritos jorrando da Rua Principal. Correu pelo apartamento até uma das janelas e puxou a cortina só o necessário para espiar o lado de fora.

Seis metros mais para baixo: pandemônio.

Os prédios e a frente das lojas brilhavam e escureciam com a troca incessante entre iluminação e sombras; a fonte — uma fogueira gigante faiscando no meio da rua apesar da chuva, alimentada com mudas de pinheiro e tábuas longas de madeira arrancada das casas. Dois homens carregavam um banco de madeira até as chamas, Ethan lhes assistindo jogá-lo na pira para grande deleite das massas, encharcadas pela chuva, que lotavam o quarteirão, a concentração de corpos aumentando quanto mais próximos das chamas.

As pessoas lá embaixo não se assemelhavam em nada aos residentes que ele havia encontrado até aquele momento.

A maioria exibia fantasias extravagantes.

Bijutérias falsas, grandes, coloridas se penduravam nos pulsos e pescoços das mulheres. Colares de contas e pérolas e tiaras. Seus rostos estavam adornados com brilho e com maquiagem pesada, olhos destacados com delineador e todas com pouca roupa a despeito do frio e da chuva, como uma multidão de prostitutas em festa.

Os homens tinham a aparência tão absurda quanto.

Um usava agasalho esportivo; calças, não.

Outro, calças escuras e suspensórios vermelhos, mas não usava camisa, com um gorro de Papai Noel empoleirado no topo da cabeça. Ele apontava um taco de *baseball* para o céu, a arma de um branco frio, coberta por desenhos grotescos de monstros que Ethan mal podia ver de seu lugar privilegiado.

Parado num canteiro de tijolos, cabeça e ombros acima da massa de pessoas, uma figura imensa chamou sua atenção. O homem monstruoso estava vestido em pele de urso marrom — ainda preso com sua estrela dourada — e tinha algum tipo de adorno de cabeça com uma galhada de cervo, o rosto riscado com pintura vívida de guerra, uma espingarda pendurada num dos ombros, uma espada embainhada pendurada do outro.

Pope.

O homem vasculhava a multidão como se fosse algo que lhe pertencesse, as poças líquidas de seus olhos refletindo a fogueira como um par de estrelas.

Tudo o que teve que fazer foi olhar pela rua e, na riqueza da luz do fogo, não falhou em perceber Ethan espiando do apartamento no terceiro andar.

Sabia que deveria ir embora, mas não conseguia se virar.

Um seguimento da multidão além da linha de visão de Ethan irrompeu em gritos que chamaram a atenção de Pope, um grande sorriso expandindo-se no rosto do homem da lei.

De um bolso interior no casaco de pele de urso, Pope retirou uma garrafa transparente, sem rótulo, contendo algum líquido castanho, ergueu-a para o céu e disse algo que incendiou o povo num frenesi de vivas de punhos cerrados.

Enquanto Pope tomava um longo gole da garrafa, a multidão começava a se dividir, um corredor se formando no meio da Rua Principal, todos se esticando para ver.

Três silhuetas apareceram, movimentando-se pelo grupo de pessoas em direção à fogueira. Os dois das extremidades — homens vestidos em roupas escuras com facões pendurados em alças no ombro — seguravam a pessoa no meio, pelos braços.

Beverly.

Ethan sentiu algo se soltar dentro dele, um núcleo de raiva liquefeita em processo de metástase na boca de seu estômago.

Ele podia ver que ela não tinha forças para ficar em pé, seus pés deslizando pelo asfalto enquanto seus captores a arrastavam. Tinha um olho fechado pelo que parecia ter sido um soco selvagem, e o que ele podia ver de seu rosto estava coberto de sangue.

Mas ela estava consciente.

Consciente e aterrorizada, seu olhar fixo no asfalto molhado sob seus pés, como se estivesse tentando se desligar de todo o resto.

Os dois homens a conduziram até uns dez metros de distância da fogueira e então a empurraram para frente. Soltaram-na.

Pope gritou algo quando Beverly desabou no chão.

As pessoas em volta se afastaram, formando um círculo de espaço aberto ao redor dela, seis metros de diâmetro.

Pela janela, Ethan ouviu Beverly chorando.

Ela parecia um animal ferido — algo tão desesperado em seu grito agudo de sofrimento.

Em toda parte, pessoas se acotovelavam pela multidão, tentando chegar às bordas do círculo, o grupo de corpos que formavam o perímetro ficando mais e mais apertado.

Pope enfiou a garrafa de volta no casaco e empunhou a espingarda.

Ele a armou e apontou para o céu.

O ruído do disparo ecoou entre os prédios, fazendo vibrar o vidro na esquadria da janela.

A multidão ficou silenciosa.

Ninguém se movia.

Ethan podia ouvir a chuva outra vez.

Beverly levantou-se com esforço e limpou um rastro de sangue escorrendo pelo meio do rosto.

Mesmo da janela do terceiro andar, Ethan não podia deixar de notar o estremecimento que a envolvia, o medo que tudo engole consumindo uma pessoa que sabe exatamente que tipo de coisa horrível está prestes a vivenciar.

Beverly ficou de pé, vacilando na chuva, apoiando o peso do corpo no pé esquerdo.

Virou-se devagar, mancando, absorvendo a imagem dos rostos no seu entorno e, apesar de Ethan não poder ouvir suas palavras, o tom da voz dela era impossível de não ser notado.

Implorando.

Desesperada.

Chuva, lágrimas e sangue escorrendo de seu rosto.

Um minuto inteiro se passou.

Alguém abriu caminho empurrando com os ombros pela massa de pessoas e chegou ao centro do círculo.

Vivas irromperam.

Aprovação selvagem.

Era o homem sem camisa com suspensórios vermelhos e chapéu de Papai Noel.

Primeiro ele ficou na borda, como se estivesse se preparando — um boxeador em seu canto, momentos antes do sino.

Alguém o entregou uma garrafa.

Ele a entornou, tomou uma longa e displicente golada.

Então pegou seu bastão pintado e entrou no círculo.

Na direção de Beverly.

Ele a circundou.

Ela se afastou, dando uma guinada na direção da borda da multidão.

Alguém a empurrou com força para o meio do círculo, o impulso levando-a direto para o homem com o bastão.

Ethan não estava esperando.

Nem Beverly.

Aconteceu rápido, como se o homem tivesse decidido no último segundo possível.

Um único movimento fluido.

Ergueu o bastão e golpeou.

O som de madeira atingindo crânio fez Ethan instintivamente fechar os olhos e se virar.

A multidão rugiu.

Quando abriu os olhos outra vez, Beverly estava no chão, lutando para engatinhar.

Ethan sentiu o fluxo de bile ameaçando a subir.

O homem de gorro de Natal havia derrubado o bastão no asfalto e saiu pavoneando-se para o meio do povo.

O bastão rolou pela rua até Beverly.

Ela esticou o braço, seus dedos a centímetros.

Uma mulher, vestida de biquíni preto, sapatos pretos de saltos, coroa preta e asas de anjo pretas entrou no círculo.

Exibindo-se vaidosa.

Os expectadores vibraram.

A mulher caminhou tranquila até onde Beverly estava deitada, esticando-se para pegar o bastão.

Ela se abaixou, desferiu um sorriso radiante para Beverly, cheio de dentes, e ergueu a arma, pegando-a com as duas mãos e elevando-a acima da cabeça, como se fosse um machado de batalha de uma rainha demoníaca.

Não, não, não, não, não...

Ela bateu com força bem no meio das costas de Beverly.

Berros de alegria tomaram conta da rua enquanto Beverly se contorcia no chão.

Ethan dava tudo para estar sobrevoando a bordo de um Black Hawk a duzentos pés de altura sobre a Rua Principal controlando uma metralhadora GAU-19, queimando dois mil tiros por minuto na população, rasgando aqueles filhos da mãe na metade.

Ethan se afastou da janela, ergueu a mesa de centro com as duas mãos e a atirou na parede, madeira quebrando, vidro estilhaçando.

O esforço apenas aguçou sua raiva.

Ansiava por violência, uma vozinha dentro dele sugerindo que descesse até a multidão com a faca em punho naquele mesmo instante e fizesse tudo em picadinhos. Sim, em algum momento, eles superariam sua força, mas, Deus, não havia nada que quisesse mais do que sair retalhando por entre as massas, um massacre de um homem só.

Mas então você vai morrer.

Nunca mais vai ver sua família de novo.

Nunca saberá afinal o que significava tudo isso.

Ethan voltou para a janela.

Beverly estava estirada imóvel na rua, um lago de sangue se formando ao redor de sua cabeça. O círculo estava se desfazendo e se fechando.

Então, de uma só vez, a multidão caiu sobre ela.

Era traição partir, mas ele não podia suportar ficar ali e assistir, e não havia uma maldita coisa que pudesse fazer para impedir — quinhentas pessoas contra uma.

Não há nada que você possa fazer por ela. Ela se foi. Agora vá enquanto ainda pode.

Quando Ethan disparou outra vez até a porta, ouviu Beverly berrar, o som de sua dor, sua absoluta impotência, e aquilo trouxe lágrimas a seus olhos.

Acalme-se.

Pode haver pessoas do lado de fora desta porta esperando por você.

Devo ser vigilante.

Ethan deu um passo pelo corredor.

Vazio.

Fechou a porta do apartamento.

A comoção na Rua Principal se tornou um murmúrio indistinto.

Enxugou os olhos e voltou pelo caminho por onde tinha vindo, pelo corredor, através da porta em direção à escadaria.

No patamar do terceiro andar, ele hesitou, ouvindo, olhando pelo vão do corrimão.

Nenhum som.

Nenhum movimento.

Tudo misteriosamente parado.

Ele desceu.

Lá embaixo, abriu a porta apenas o bastante para se espremer para fora.

Uma fenda de luz escapou pelo beco.

Ethan pisou numa poça e fechou a porta.

Estava chovendo mais forte do que antes.

Por trinta segundos, ele não se mexeu, esperando que os olhos se reajustassem à escuridão.

Em seguida, puxando o capuz sobre a cabeça, ele foi em direção ao sul, pelo meio do beco.

À distância, a chuva caía pela iluminação esférica de uma lâmpada da rua, mas, fora isso, a escuridão entre os prédios era tão completa que Ethan não conseguia ver seus pés sob o corpo.

A multidão explodiu com um berro ainda mais alto.

Pensou em Beverly, precisou se impedir de imaginar o que estava acontecendo com ela, seu aperto ficando mais firme no facão, os molares cerrados.

Passos fizeram Ethan parar de repente.

Estava a dez metros de onde o beco cruzava a próxima rua, confiante em sua invisibilidade nas sombras.

Um homem de capa de chuva escura entrou em seu campo de visão, indo para o oeste, vindo da Principal.

Ele parou sob a luz da rua e olhou fixo para o beco.

Trazia uma machadinha e uma lanterna.

Ethan podia ouvir a chuva tamborilando em seu abrigo.

O homem atravessou a rua e entrou no beco.

Girou a lanterna, iluminou Ethan.

— Quem está aí?

Ethan conseguia ver sua própria respiração formando vapor no ar frio.

— Sou eu — respondeu, caminhando até ele. — Você o viu?

— Eu quem?

A luz ainda estava no rosto de Ethan, e ele esperava que o homem pudesse vê-lo sorrindo, esperava que se agarrasse à loucura a ele direcionada.

Os olhos do homem se arregalaram quando Ethan se aproximou o suficiente para que ele visse os hematomas, os riscos de sangue escorrido e a ruína geral de seu rosto, mas sua reação — erguendo a machadinha para um golpe — aconteceu meio segundo tarde demais.

Ethan brandiu o facão paralelo ao chão com um golpe de apenas uma das mãos, o que gerou força suficiente para abrir o homem pelo meio.

As pernas desabaram, seus joelhos atingiram o chão e Ethan acabou com ele em três golpes devastadores.

Começou a correr, disparando com a adrenalina da morte como se tivesse usado uma dose de metanfetamina.

Ethan saiu rasgando pelo beco e cruzou a Rua Sete.

Direita: meia dúzia de pontos de luz, a dois quarteirões de distância, subindo a rua até o centro da cidade.

Esquerda: cinquenta pessoas, ou mais, inundando a esquina da Principal, lanternas piscando ao encontrar a escuridão na lateral da rua.

Ethan acelerou, penetrando no próximo beco, sem luzes à frente, mas sobre o som de sua respiração ofegante podia ouvir múltiplos passos tocando o chão atrás de si.

Olhou por cima do ombro — uma parede de luz trovejando pelo beco.

Pessoas gritando.

Adiante, a Rua Oito se aproximava depressa.

Precisava de uma mudança de direção, já estava calculando as possibilidades, mas não podia acionar o estopim antes de ver o que havia em frente.

Ethan explodiu para a Rua Oito.

Esquerda: ninguém.

Direita: uma única luz a dois quarteirões de distância.

Ethan deu uma guinada para a direita, avançando a uma velocidade impressionante ao se virar para a rua.

Pulou o meio-fio e atingiu a calçada oposta, quase tropeçando sobre uma placa levantada de concreto, mas, de alguma forma, conseguiu ficar de pé.

Menos de vinte metros o levaram até a próxima quadra, no lado oeste da Principal, e ele olhou para trás por dois segundos antes de dobrar a esquina, vendo o primeiro grupo de luzes irromper pelo beco.

Se tivesse sorte, não o teriam visto.

Dobrou a esquina em disparada.

Bendita escuridão.

Manteve-se na calçada, queimando o chão sob as sombras dos pinheiros, escuras como piche. A próxima rua também estava vazia, e um olhar rápido sobre os ombros confirmou apenas um punhado de luzes em perseguição, ainda a uns bons vinte segundos de distância, se fosse fazer uma estimativa.

Ethan deixou para trás mais uma quadra do lado oeste e saiu correndo para o sul.

A rua chegava a um ponto-final.

Havia alcançado os limites da cidade.

Parou no meio da rua, dobrou o corpo para frente, apoiado nos joelhos, tentando recuperar o fôlego.

Pessoas vinham chegando, tanto atrás dele como pelo oeste.

Supôs que poderia subir correndo mais dois quarteirões até chegar à Principal, mas parecia insensato.

Se manda. Você está desperdiçando distância segura.

Indo reto, uma mansão vitoriana dava as costas para a floresta circundante.

Sim.

Suas pernas queimaram quando forçou o passo mais uma vez, atravessando a rua, disparando pela lateral da casa.

Três passadas antes de alcançar os pinheiros, a voz de uma criança gritou:

— Ele está entrando na floresta!

Ethan olhou para trás.

Vinte ou trinta pessoas surgiram pelo canto da mansão, lanternas incendiando o caminho, correndo até ele como se fossem uma só e, por um momento, Ethan se perguntou por que suas proporções pareciam todas erradas.

Pernas curtas demais, cabeças muito grandes, luzes seguras muito mais próximas ao chão.

Crianças.

É porque são todas crianças.

Ele correu para as árvores, engolindo ar perfumado com a fragrância agridoce de pinheiro molhado.

Tinha sido bem difícil enxergar na cidade, mas dentro da floresta era impossível.

Precisou ligar a lanterna, deixar seu feixe de luz oscilante o guiar entre as árvores, sobre troncos apodrecidos, mudas e galhos baixos chicoteando em seu rosto.

As crianças entraram na floresta seguindo seus calcanhares, passos esmagando folhas molhadas, quebrando galhos caídos. Ele tinha uma ideia vaga de onde o rio deveria estar, pensando que, se continuasse avançando para a direita, não o perderia, mas já estava se sentindo desorientado, seu senso de direção se desmanchando como um nó malfeito.

Uma garota gritou.

— Estou vendo!

Ethan olhou para trás, apenas um breve giro de cabeça, mas seu momento não poderia ter sido pior: cruzou uma armadilha, seus pés se enganchando numa massa de galhos retorcidos e raízes que o jogaram contra o chão, arrancando a lanterna e o facão de suas mãos.

Passos em toda parte, ao seu redor.

Aproximando-se de todos os lados.

Ethan tentava se colocar de pé, mas uma trepadeira havia capturado seu tornozelo direito e foram necessários cinco segundos para arrancá-la.

A lanterna havia se apagado quando Ethan caiu e ele não conseguia ver o facão ou nenhuma outra coisa. Tateou pelo chão, desesperado para recuperá-los, mas tudo o que agarrou foram raízes e trepadeiras.

Colocou-se de pé, lutando cegamente para encontrar seu caminho por entre a bagunça de

galhos caídos enquanto as luzes e vozes chegavam mais perto.

Sem lanterna, ele estava arruinado.

Reduzido a caminhar apressado com as mãos estendidas: sua única defesa contra esbarrões em árvores.

Feixes de luz frenéticos se entrecruzavam à sua frente, dando fugazes vislumbres do terreno adiante — uma floresta de pinheiros sendo sufocada até a morte por um matagal que já tinha visto passar a hora de um fogo que limpasse o terreno.

Riso infantil — despreocupado, bobo, maníaco — preencheu o bosque.

Uma versão de pesadelo de algum jogo de sua juventude.

Ethan cambaleou em algo que tomou por uma clareira, ou uma campina — não que pudesse ver uma maldita coisa que fosse, mas a chuva agora pingava sobre ele com mais intensidade, como se não mais estivesse protegido sob o guarda-chuva da floresta.

Adiante, pensou ter ouvido o gorgolejar do rio, mas o perdeu para o som de respiração pesada se aproximando atrás dele.

Algo caiu nas suas costas — não exatamente um golpe muito forte, mas o suficiente para fazê-lo perder o equilíbrio para o que veio em seguida.

E depois...

E depois...

E depois...

E depois, e assim Ethan atingiu o chão, de cara na lama, tudo se afogando pela risada das crianças, um ataque encorpado vindo de todos os lados, de todos os ângulos. Socos superficiais que não tinham a menor chance de feri-lo, o ardor de cortes rasos, o ocasional e muito mais desconcertante peso de objetos cegos atingindo sua cabeça, e todos eles, a cada segundo que passava, aumentando de frequência, como se Ethan estivesse sendo atacado por um cardume de piranhas.

Uma facada na lateral de seu corpo.

Ele gritou.

Eles zombaram.

Outra facada — dor oceânica.

Seu rosto ficou vermelho de raiva e ele puxou o braço esquerdo da posse de alguém, e depois o direito.

Colocou as palmas no chão.

Empurrou o chão e se levantou.

Algo duro — uma pedra, ou tronco — o atingiu atrás da cabeça com força suficiente para sacudir o que tinha dentro.

Seus braços cederam.

De cara, de volta para a lama.

Mais risos.

Alguém disse:

— Acerte a cabeça dele!

Mas Ethan se levantou de novo, gritando desta vez, o que devia ter pego as crianças de surpresa, pois, por uma fração de segundo, os socos pararam.

Era tudo de que ele precisava.

Ethan apoiou os pés sob o corpo e se forçou a levantar, deu um tabefe na primeira cara que viu

— um menino alto de doze ou quatorze anos — e o nocauteou de uma vez.

— Voltem — ele sibilou.

Havia luz para que pela primeira vez pudesse, de fato, ver com quem estava lidando — duas dúzias de crianças de sete a quinze anos o circundavam, a maioria segurando lanternas e uma variedade de armas improvisadas: paus, pedras, facas de cozinha, um com o cabo de uma vassoura com o lado do esfregão quebrado, deixando as lascas da madeira à mostra.

Pareciam vestidas para o Dia das Bruxas: uma reunião heterogênea de fantasias caseiras feitas com material retirado do guarda-roupa dos pais.

Ethan estava quase grato por ter perdido o facão, pois teria retalhado aqueles pirralhos.

Havia uma abertura à esquerda de Ethan: um elo fraco no círculo por onde poderia avançar, passando por duas crianças não mais altas do que sua cintura.

Mas então o quê?

Eles o perseguiriam sem parar pela floresta, como a um cervo ferido.

Virando-se lentamente, ele travou o olhar com o mais intimidador do grupo, um menino passado da puberdade, de cabelos loiros, e armado com uma meia esticada ao máximo, o seu interior pesado com uma esfera de aparência ameaçadora: talvez uma bola de beisebol ou um globo de vidro sólido. O adolescente estava vestido num terno que devia pertencer a seu pai: vários números maior que o seu, as mangas penduradas passando de seus dedos.

Ethan rugiu aproximando-se do garoto com seu braço direito recuado e o teria atingido, mas o menino recuou, tropeçou, caiu e então correu para a floresta no momento em que se colocou de pé, gritando a plenos pulmões que o tinham encontrado.

Metade das crianças, depois de ver seu líder dar meia-volta e fugir, seguiu de perto.

Nos que não seguiram, Ethan avançou, sentindo-se um pouco como um alce tentando dispersar uma matilha de coiotes predadores, até que, depois de algum tempo, havia afastados todos, menos um; as crianças gritando ao desaparecer pelos pinheiros como se o demônio estivesse no seu encalço.

O menino que havia ficado para trás observava Ethan através da chuva.

Devia ser o mais jovem do grupo — sete ou oito anos no máximo.

Estava vestido como um caubói: chapéu vermelho e branco, botas, gravata de cordão, uma camisa estilo Velho Oeste.

Segurava uma lanterna e uma pedra e estava parado ali sem nenhuma expressão.

— Você está com medo de mim? — Ethan perguntou.

O menino sacudiu a cabeça, água pingando da aba de seu chapéu. Ele ergueu os olhos, e, quando o fecho de luz da lanterna iluminou as sardas em seu rosto, Ethan pôde ver que ele tinha mentido. Estava com medo, seu lábio inferior tremendo incontrolavelmente. Era a cara mais corajosa que o menino conseguia fazer e Ethan não pôde deixar de admirá-lo.

Questionou-se o que teria motivado o garoto a enfrentá-lo.

— O senhor deveria parar de correr, Sr. Burke.

— Como você sabe meu nome?

— O senhor poderia levar uma vida ótima aqui e nem ia perceber.

— O que é este lugar?

— Só uma cidade pequena — o menino respondeu.

Vozes de adultos soaram, um novo esquadrão de lanternas piscando nos pinheiros como estrelas despontado no céu.

— Onde é o seu lar? — Ethan perguntou.

O menino inclinou a cabeça de lado, intrigado com a pergunta.

— Como assim?

— Onde você morava antes de Wayward Pines?

— Sempre morei aqui.

— Nunca saiu desta cidade? — Ethan perguntou.

— Não dá para sair — o menino respondeu.

— Por que não?

— Porque não dá.

— Não aceito isso.

— É por isso que o senhor vai morrer — o menino de repente gritou: — Ele está aqui!

Rápido!

Luzes dispararam dos pinheiros para a campina.

Ethan correu, chegando à floresta do outro lado, nem mesmo se importando em proteger o rosto, ou olhar para trás, para seus perseguidores, rasgando pela noite, perdendo toda a noção de tempo e direção, lutando para manter a cabeça no lugar, passando por cima do acorde de pânico absoluto que ameaçava colocá-lo de joelhos, enrodilhado em posição fetal, e finalmente acabar com seu juízo.

Por causa do medo.

Por causa da dor.

Porque nada daquilo fazia o menor e maldito resquício de sentido.

Não foi o som do rio que o fez parar, mas o cheiro.

Uma repentina doçura no ar.

O terreno se inclinou, Ethan descambou pela margem enlameada e caiu dentro de água frígida, feroz, o rio entrando nas suas botas como aço líquido.

Apesar do choque gelado, Ethan se recusou a fraquejar, apenas continuou aos trancos e barrancos, afastando-se da margem, cada vez mais e mais fundo pela correnteza.

A água alcançou sua cintura, Ethan engasgando com o frio que chegava ao âmago, a corrente implacável, desesperada para arrastá-lo rio abaixo.

Deu passos lentos, cuidadosos, as pedras do leito se mexendo sob seu peso e rolando devagar pelo fluxo do rio.

Entre cada passo, ele tentava se proteger, inclinando-se contra a força da água.

No meio da travessia, estava imerso até o peito.

A correnteza levantando seus pés.

Carregando Ethan com fluxo do rio.

Na quase escuridão, ele não fazia ideia de quais rochedos despontavam pelo canal, apenas sabia que atingir um deles seria fatal.

Lutou contra a corrente, usando braçadas laterais fortes, deliberadas.

Seus braços trabalharam bem, mas com as botas cheias de água ele não conseguia bater as pernas com nenhuma eficiência ou força.

O peso delas o puxava para baixo mais do que o impulsionava.

Depois de um minuto alvoroçado, seus músculos já à beira de um motim, ele sentiu as solas das botas roçarem o fundo.

De pé, ele enfrentou a corrente, o nível da água abaixo de sua cintura.

Mais uma dúzia de passos reduziram a água ao nível de seus joelhos, e então ele correu pelo resto do rio, desabando na margem.

Rolando de lado, sem fôlego, exausto, tremendo.

Olhou de volta para a outra margem do canal.

Em toda parte, novos fachos de luz apareciam.

Podia ouvir as pessoas gritando, pensou ser possível que estivessem chamando seu nome, mas daquela distância o ruído da água espumosa destruía qualquer chance de ouvir com mais precisão.

Ethan queria se mover, sabia que tinha que se mover, mas não conseguia se levantar sobre as próprias pernas. Só precisava de outro minuto deitado ali para respirar.

Agora havia mais luzes na margem oposta do que ele podia contar, a maior concentração a cerca de trinta metros rio acima, onde Ethan tinha entrado na água; porém, mais e mais, as pessoas pareciam se aventurar para o norte e para o sul daquele ponto, raios de luz varrendo sobre a correnteza numa dúzia de lugares.

Ele rolou sobre os joelhos.

Mãos incontroladas de frio como se sofresse de paralisia.

Começou a rastejar, dedos enfiados na areia molhada.

Só aquele minuto em que havia ficado deitado imóvel tinha feito enrijecer suas juntas.

Quando chegou à próxima pedra grande, ele se ergueu, apoiou-se nela e ficou de pé.

Suas botas estavam cheias d'água.

Devia haver uma centena de pessoas do outro lado do rio e ainda mais luzes aparecendo na margem a cada novo segundo. A maioria dos feixes de luz chegava apenas até a metade do leito, mas uma porção deles tinha potência suficiente para alcançar a margem de Ethan, seus tubos compactos de luz claramente visíveis com a chuva que caía.

Ethan se afastou da água às pressas, esperando colocar mais distância entre ele e as luzes, mas depois de três metros alcançou um paredão de rocha.

Caminhou margeando-a enquanto as vozes de várias centenas de pessoas se sobressaíam ao ruído da água espumosa.

Uma luz atingiu o penhasco três metros mais à frente.

Ethan se escondeu atrás de um rochedo e espiou pela lateral enquanto o facho de luz cruzava o penhasco.

Uma cascata de luzes se derramava da margem em direção à correnteza. De onde Ethan estava agachado, viu algumas pessoas caminhando com dificuldade pelo rio com água na altura dos joelhos, vasculhando, mas nenhuma tentou nadar até o outro lado.

Começava a dar passos para sair de trás do rochedo quando uma voz, amplificada por um megafone, berrou pelo rio.

— Ethan, volte para nós e tudo vai ser perdoado.

Ele a reconheceria em qualquer lugar: o ribombar grave e gutural da voz do xerife Pope, ricocheteando dos penhascos de volta para o pinheiral atrás da multidão.

— Você não sabe o que está fazendo.

Na verdade, sei exatamente o que estou fazendo.

Sem feixes de luz atingindo nenhum lugar nas imediações, Ethan se colocou de pé com dificuldade, cambaleando em direção ao sul, na lateral do penhasco.

— Se você voltar, não vamos machucá-lo.

Claro que não. Já estou indo.

— Você tem minha palavra.

Ethan desejou que também tivesse um megafone.

Outras vozes gritavam seu nome, vindas da margem oposta.

— Ethan, por favor!

— Você não entende o que está fazendo!

— Volte!

Pope continuava a chamá-lo também, mas Ethan seguiu em frente pela chuva negra.

Quanto mais se afastava da multidão, mais impossível ficava de enxergar.

Ethan, agora mancando em passos lentos e instáveis, sua única orientação espacial era o barulho do rio à esquerda.

Atrás: vozes ficando mais fracas, pontos de luz encolhendo.

Seu corpo havia queimado os últimos resquícios de adrenalina e ele conseguia sentir um colapso de proporções gigantescas se aproximando cada vez mais.

Apagão total do sistema.

Contudo, não podia parar. Não ainda.

O impulso de se encolher na areia ao lado do rio e dormir era quase avassalador, mas aquelas pessoas poderiam decidir cruzar o rio.

Tinham luzes e armas e superioridade numérica.

Ele não tinha nada.

Risco grande demais.

E assim, com o que lhe sobrava de combustível no tanque reserva, ele prosseguiu.

CAPÍTULO 12

Ethan não tinha como saber por quanto tempo havia caminhado sozinho na escuridão.

Uma hora.

Talvez duas.

Talvez menos.

Seu passo era tal que ele não poderia ter percorrido mais do que um quilômetro e meio. Se de nada mais, pelo menos disso tinha certeza. A cada poucos minutos, ele se forçava a parar e olhar rio abaixo, procurando por luzes que se aproximavam, apurando os ouvidos para passos comprimindo pedregulhos.

Mas cada vez que olhava para trás, havia sempre o mesmo — completa escuridão — e, se alguém o estivesse seguindo, o rugido do rio mascarava efetivamente todos os outros sons.

* * *

A chuva diminuiu até se tornar uma garoa, depois um gotejar intermitente e então parou por completo.

Ethan ainda caminhava com as pernas pesadas, prosseguindo apenas pelos sentidos, suas mãos agarrando rochedos invisíveis, seus pés dando os menores passos possíveis de modo que, quando era inevitável que se chocasse com um impedimento, o desequilíbrio resultante não o lançava no chão.

* * *

E então conseguiu ver.

Num momento, escuridão.

No seguinte, a lua crescente, cada vez maior, sua luz brilhando por uma fresta entre as nuvens, a superfície de cada rocha molhada reluzindo como se tivesse sido laqueada.

Ethan sentou-se num rochedo plano, as pernas trêmulas, no fim de sua resistência.

A largura do rio havia diminuído a quase a metade, mas a corrente era mais violenta, golpeando um conjunto de pedras num jato furioso de água espumosa.

Pinheiros enormes — vinte, vinte e cinco metros de altura — se erguiam das margens do rio de ambos os lados.

De repente, ele se deu conta de como tinha sede.

Caindo de joelhos, arrastou-se até a beira do rio e enfiou o rosto numa pequena porção isolada de água.

O líquido tinha o gosto deliciosamente puro e doce, mas era de uma frieza amarga.

Entre os goles, Ethan lançou um olhar para a jusante do rio.

À parte a loucura das águas, nada se movia em nenhuma das margens.

Ethan queria dormir, poderia ter deitado ali nas pedras e apagado em segundos, mas sabia que seria tolice.

Devo encontrar abrigo antes que eu perca o luar.

Antes que eu perca a capacidade de andar.

Rápido demais, nuvens começavam a deslizar para a frente da lua.

Ele se forçou a ficar de pé.

A travessia do rio ali, ainda mais no estado enfraquecido em que se encontrava, seria fatal.

Teria que procurar abrigo na margem em que estava, mas isso seria um desafio. Do outro lado, um velho pinheiral se erguia pela encosta da montanha, a centenas e centenas de metros para

dentro das nuvens turvas. Numa floresta daquela, ele se sentia confiante em poder encontrar algum lugar para se esconder durante a noite, mesmo que não fosse nada mais além de uma treliça de galhos caídos para se cobrir. Galhos suficientes por cima do corpo proporcionariam abrigo da chuva e talvez até aprisionassem calor corporal o bastante para criar um oásis aquecido.

Mas isso não aconteceria.

Do lado em que Ethan estava, a margem se erguia íngreme por uns doze metros até justamente os penhascos de pedra avermelhada que circundavam Wayward Pines.

E acima disso — saliências sobre saliências ascendendo rumo à escuridão.

Ele não estava em condições de escalar.

Ethan seguiu em frente como deu.

Água dançando no estômago.

Podia sentir os pés — inchados e latejando dentro das botas. Sabia que deveria ter parado para esvaziar a água dos sapatos uma hora antes, mas estivera preocupado, pois, se sentasse, não teria forças para amarrá-los novamente e seguir em frente.

A caminhada estava ficando mais difícil deste lado do rio, com pouco em termos de piso nivelado: o terreno era pedregoso e subia rapidamente.

Passou por um grupo de pinheiros muito altos.

O solo cheio de pedras deu lugar à terra macia, molhada, coberta por uma almofada de agulhas caídas das árvores, Ethan pensando: *Na pior das hipóteses, durmo aqui*. Não era ideal: perto demais do rio, sem galhos para se cobrir, e qualquer um no seu encalço o encontraria. Mas pelo menos ele teria alguma proteção sob a copa dos pinheiros anciãos. Deu uma última olhada em volta, já decidido que, se não visse nada de interessante, faria daquele lugar o seu lar durante a noite.

Ethan espiou o terreno íngreme que daria na base do penhasco.

Pensou ver um caminho de escuridão lá em cima.

Não pensou, não questionou, apenas foi.

Arrastando-se de quatro por entre os pinheiros, e depois além deles, num campo de pedra esmigalhada.

Mais e mais íngreme.

Estava ofegando outra vez, suor escorrendo pelo rosto, seus olhos ardendo em consequência. Perto da encosta, o cascalho se tornou mais solto e mais fino, os pés de Ethan escorregando em cada passo como se estivessem escalando uma duna de areia.

Alcançou o penhasco.

A escuridão se assentando outra vez, no máximo uma cutícula de lua amortalhada pelas nuvens, o ar ficando mais pesado com o cheiro da chuva que retornava.

Ali estava: a porção de negror que vislumbrara do rio era uma reentrância na rocha. Erguia-se por mais um ou dois metros, o interior suave e seco, protegido das forças da natureza.

Ethan subiu na base da abertura e se arrastou para dentro.

O paredão atrás tinha uma subida natural e ele se apoiou nela, o mundo escurecendo emoldurado pelas paredes de um pequeno nicho. Não podia ver o rio daquele ponto, o som já muito reduzido a algo como um sussurro alto.

Quando o luar morreu, o pinheiral do outro lado do rio foi desaparecendo aos poucos, deixando Ethan mais uma vez em absoluto negrume.

Começou a chover.

Sentou-se e, com dedos trêmulos, tentou desamarrar os calçados que havia tirado do homem morto no apartamento. Foram precisos vários minutos para finalmente desfazer o nó e tirar as botas. Despejou quase meio litro de água de cada uma e depois tirou as camadas de meias, torceu-as, e as depositou na rocha para secarem.

Suas roupas estavam ensopadas.

Tirou a blusa de capuz, a camiseta, o jeans, até as cuecas. Passou dez minutos sentado nu no espaço incrustado na montanha, torcendo as roupas encharcadas até que ficassem apenas molhadas.

Esticou a blusa no peito; a camiseta de manga comprida, nas pernas, e dobrou o jeans para fazer um travesseiro. Deitado contra a parede dos fundos da caverna, ele se virou de lado e fechou os olhos.

Nunca em toda sua vida tinha sentido tanto frio.

De início, temeu que o fato o impedisse de dormir, seu corpo tremendo tão violentamente num esforço fracassado de se aquecer que ele teve que agarrar as mangas da blusa para que não escorregassem.

Mas, por mais frio que sentisse, a exaustão era maior.

Em questão de cinco minutos, o sono o nocauteou.

CAPÍTULO 13

O tornozelo direito de Ethan está algemado e acorrentado a um aro no chão.

Está sentado atrás de uma mesa em ruínas com três objetos em cima...

Uma folha de papel A4 em branco.

Uma esferográfica preta.

E uma ampulheta cuja areia preta está descendo, em cascata, de um bulbo para o outro.

Aashif alertou Ethan de que, quando a areia acabasse, ele voltaria. Se, àquela altura, o que estivesse escrito no papel não o agradasse, Ethan morreria por lingchi.

Mas Ethan sabe que mesmo que tivesse conhecimento específico, vindo de cima, a respeito de uma grande ofensiva já planejada, se escrevesse as datas, os locais, os alvos, os detalhes das forças terrestres adiantadas e apoio aéreo, não seria suficiente.

Nada nunca seria suficiente, porque não importava o que escrevesse, ele morreria — e morreria de forma horrível.

Tudo o que conhece de Aashif é sua voz e seus olhos castanhos, maléficos, em que não intui haver nenhum desejo de conhecer informações, mas apenas de infligir dor.

À guisa de interrogatório, isso são meras preliminares.

Algo para deixar Aashif rígido e úmido.

Ele é um sádico. Provavelmente al-Qaeda.

De alguma forma, Ethan não permitiu que a compreensão plena se fizesse enquanto estava pendurado pelos pulsos na sala de tortura, mas sentado ali, sozinho na mesa, em silêncio, ela o atinge com força total.

Não importa o que escreva, em pouco menos de uma hora, sua vida vai se tornar infinitamente pior.

Há uma única janela no quarto, mas foi pregada com tábuas.

Por frestas minúsculas entre os painéis de madeira penetravam os raios brilhantes do sol iraquiano.

O calor é escaldante, suor brotando de cada poro.

O hiper-realismo do momento se torna insuportável, Ethan bombardeado por percepções sensoriais.

... Um cachorro latindo lá fora.

... O riso distante de crianças.

... A quilômetros de distância, o Ra-ta-ta-tá parece cigarra, mas é tiroteio. ...

Uma mosca zumbindo no seu ouvido esquerdo.

... O aroma de Masgouf, peixe condimentado, assando por perto.

... Em algum lugar nas entranhas daquele complexo, um homem gritando.

Ninguém sabe que estou aqui. Pelo menos ninguém que possa me ajudar.

Seus pensamentos se voltam de repente para Theresa — grávida em casa —, mas o golpe da emoção e da saudade do lar é maior do que ele pode suportar à luz do que o aguarda. A tentação de repassar sua última conversa — uma chamada VoIP na sala de recreação — é poderosa, seria sua ruína.

Não posso pensar nisso. Ainda não. Nos meus momentos finais talvez.

Ethan ergue a caneta.

Só preciso de algo para ocupar minha mente. Não posso ficar aqui sentado e com o

pensamento fixo no que vai acontecer.

Porque é o que ele quer.

Esse é o objetivo.

* * *

Jogado para fora dos sonhos de guerra.

Por um minuto inteiro, ele não fez ideia de onde estava, ao mesmo tempo tremendo e ardendo de febre.

Ethan se sentou, tateando na escuridão ao redor, e quando seus dedos encontram as paredes de pedra do nicho, seu GPS interno atualizou e o horror daquilo em que sua vida havia se tornado voltou como um turbilhão.

Havia derrubado as roupas durante o sono, e elas estavam espalhadas na pedra em volta, frias e molhadas. Ele as estendeu para que tivessem mais chance de secar, em seguida deslizou ainda sentado, até se empoleirar na borda do nicho.

A chuva havia parado.

O céu noturno sangrando o brilho das estrelas.

Nunca tivera o menor interesse em astronomia, mas se pegou à procura de constelações familiares, perguntando-se se as estrelas que via brilhavam de seus lugares de sempre.

É esse o céu noturno que sempre vi?

Quinze metros abaixo, o rio cantava.

Ele começou a descer a encosta em direção à água, e quando o viu seu sangue se congelou.

A primeira inclinação de Ethan foi a de voltar às pressas para a reentrância, mas lutou contra o impulso, temendo qualquer movimento repentino que pudesse atrair atenção.

Filhos da mãe, eles me seguiram.

Cruzaram o rio, afinal de contas.

Estavam lá embaixo, entre os pinheiros gigantes, próximos ao rio e tão bem escondidos nas sombras que ele não conseguia avaliar quantos eram.

A passo de tartaruga, centímetro a centímetro, Ethan voltou para a reentrância, abaixando-se até que seu peito estivesse grudado na rocha gelada, agora apenas espiando pela beira do nicho.

Misturaram-se às sombras, e por um momento, à exceção do rio, o mundo estava absolutamente parado, Ethan começando a se perguntar se ele havia, de fato, visto mesmo alguma coisa. Considerando o que havia passado nos últimos cinco dias, as alucinações costumeiras teriam sido um retorno bem-vindo à sanidade.

Trinta segundos depois, emergiram da sombra dos pinheiros, em direção à rocha esmigalhada na base da encosta.

Que diabos?

Havia apenas um e, embora fosse do tamanho de um homem, não se movia como um — percorria o cascalho de quatro, sem cabelos e pálido sob as estrelas.

Um gosto metálico — produto do medo — preencheu a boca de Ethan quando se deu conta de que as proporções daquele ser estavam todas erradas, braços parecendo duas vezes maiores do que deveriam ser.

A coisa ergueu a cabeça, e mesmo daquela distância Ethan podia ver seu nariz enorme apontando para o céu.

Farejando.

Ethan se contorceu para longe da abertura, o mais fundo que conseguiu no nicho de rocha, onde se encolheu com os braços agarrados às pernas, tremendo e se esforçando para ouvir o som de passos se aproximando ou de pedregulhos se assentando no solo.

Mas tudo o que conseguia ouvir era o ronronar do rio, e quando arriscou um olhar para fora novamente, o que quer que tinha visto — ou pensado que tinha visto — desaparecera.

* * *

Nas poucas horas de escuridão restantes, o sono se esquivou.

Ethan tinha frio demais.

Dor demais.

Estava aterrorizado demais por tudo o que tinha vivenciado para se aventurar de volta aos sonhos.

Estava deitado na rocha, tomado por um desejo. Uma necessidade.

Theresa.

Em casa, havia acordado no meio da noite com frequência para sentir o braço dela sobre si, o corpo dela contornando o seu. Mesmo nas noites mais difíceis. Noites em que tinha chegado muito tarde. Noites em que tinham brigado. Noites em que ele a traía. Ela trazia para a relação muito mais do que ele jamais trouxera. Ela amava à velocidade da luz. Sem hesitação. Sem arrependimentos. Sem condições. Sem reservas. Enquanto ele escondia o jogo e uma parte de si mesmo, ela pulava de cabeça. Sempre.

Há momentos em que é possível enxergar a pessoa amada como ela realmente é, isolada da bagagem de projeções e histórias compartilhadas. Quando se consegue vê-la com olhos renovados, como um estranho veria, e se capta aquele sentimento da primeira vez em que se amou. Antes das lágrimas e das fissuras. Quando ainda há a possibilidade da perfeição.

Ele nunca tivera uma imagem mais clara da esposa, nunca a amara mais — nem mesmo no início — do que naquele momento, num lugar frio e escuro, ao imaginá-la com os braços em volta dele.

* * *

Observou as estrelas se apagarem e o sol soprar fogo no céu, e quando finalmente a encosta clareou do lado mais distante do rio, ele se banhou nos raios de maravilhoso calor que brilhavam no nicho e assavam a pedra congelada.

Na luz da manhã, finalmente conseguia ver os danos sofridos ao fugir de Wayward Pines.

Ferimentos contornados com hematomas amarelados cobriam seus braços e suas pernas.

Perfurações da agulha da enfermeira Pam coalhavam seu ombro esquerdo e a lateral direita do corpo.

Desatou a fita adesiva na coxa esquerda, descobrindo o local na parte de trás da perna de onde Beverly havia retirado o microchip. A pressão da fita teve sucesso em estancar o sangramento, mas a pele em volta da incisão estava inflamada. Seriam necessários antibióticos e uma boa sutura para afugentar a infecção.

Passou as mãos pelo rosto, pensando em como aquilo não parecia com nada que lhe pertencesse. A pele estava inchada, partida em alguns lugares, e seu nariz, fraturado duas vezes nas últimas vinte e quatro horas, era fonte de dor excruciante. Suas faces estavam encrespadas pelos cortes superficiais dos galhos chicoteando em seu rosto durante a fuga pela floresta, e um galo havia aparecido na parte de trás de sua cabeça, cortesia das crianças da pesada.

Nada, entretanto, rivalizava com a dor insana dos músculos das pernas, os quais tinha forçado muito além do limite.

Ele se perguntava se ao menos tinha forças para andar.

* * *

No meio da manhã, com as roupas um tanto secas, Ethan se vestiu, amarrou as botas ainda molhadas, desceu pela beirada do nicho e foi até a base do penhasco.

A descida até o rio lhe deu um gostinho brutal do que o resto do dia lhe prometia, e quando chegou à margem seus músculos berravam.

Não havia escolha senão descansar, fechando os olhos e deixando que a luz do sol se derramasse por sua face como água morna. Naquela elevação, os raios eram maravilhosamente concentrados.

Havia o cheiro de agulhas secas de pinheiro tostando ao sol.

A água doce e fria.

O som claro do rio gorgolejando pelo desfiladeiro.

O retinir de pedras mudando de lugar sob a corrente.

O azul cortante do céu.

Estar aquecido outra vez renovou suas energias, e estar na natureza, apesar de tudo, comunicou-se com algo enterrado lá no fundo de sua alma.

Na noite anterior, estivera cansado demais para fazer qualquer coisa a não ser ficar deitado, imóvel, na pedra.

Agora a fome retornava.

Tirou as cenouras e o pão esmagado dos bolsos.

* * *

De pé outra vez, ele vasculhou até encontrar um galho de pinheiro no bosque próximo e quebrou uma ponta para que o comprimento fosse adequado ao uso como bastão de apoio para a caminhada. Passou vários minutos se alongando, tentando atenuar a dor debilitante dos músculos, mas estava perdendo a batalha.

Enfim seguiu em frente pelo desfiladeiro, num ritmo que pensou conseguir manter, mas depois de dez minutos o trauma do esforço físico do dia anterior o forçou a diminuir o passo.

Oitocentos metros pareciam oito quilômetros.

Com cada passo ele dependia mais e mais do bastão para se sustentar, agarrava-se a ele, como a um salva-vidas, como se sua única perna decente.

* * *

No começo da tarde, a natureza do desfiladeiro havia começado a mudar, o rio se estreitando até que só pudesse ser chamado de riacho, pinheiros se encolhendo, cada vez em menor número e mais espaçados, e aqueles que encontrava estavam atrofiados e retorcidos, vítimas anãs da punição dos invernos.

Precisava parar com frequência, agora descansando mais do que andando, e numa constante falta de ar, seus pulmões queimando com a falta de oxigênio quanto mais alto subia.

* * *

Perto do ocaso, ele estava deitado esparramado numa rocha coberta de líquens, ao lado do que havia sobrado do rio — menos de dois metros de largura, a correnteza rápida que marulhava sobre um leito de pedras coloridas.

Fazia quatro ou cinco horas que havia deixado o nicho, e o sol já estava deslizando para trás

do paredão do desfiladeiro, do outro lado do córrego.

Quando desapareceu, a temperatura despencou.

Ele ficou ali observando a cor ser drenada do céu, encolhido contra o frio que se intensificava, e a cruel consciência de que não conseguiria se colocar de pé.

Virando-se de lado, ele puxou o capuz sobre a cabeça.

Fechou os olhos.

Estava com frio, mas as roupas estavam secas, e ele tentava organizar a confusão de pensamentos e emoções que competiam, a exaustão o jogando à beira do delírio, e então sentiu o sol batendo no capuz.

Abriu os olhos, sentou-se.

Ainda estava na rocha ao lado do riacho, só que agora era manhã, o sol acabando de despontar sobre o desfiladeiro em suas costas.

Dormi a noite inteira.

Ele se arrastou até o riacho e bebeu a água tão fria que fez sua cabeça doer.

Ainda tinha uma cenoura e algumas mordidas de pão; fez um esforço para se colocar de pé e tirar água do joelho. Era surpreendente como se sentia melhor, a dor nas pernas menos assoladora. Quase suportável.

Pegou o bastão.

* * *

Os paredões do desfiladeiro se fecharam, o riacho minguou até se tornar um risco e finalmente desapareceu de uma vez por todas na fonte de onde havia brotado.

Na ausência de água corrente, o silêncio era ensurdecedor.

Nada além do ruído das botas pisando o cascalho.

O piado solitário de uma ave passando lá em cima.

Sua própria respiração ofegante.

As muralhas dos dois lados estavam ficando mais íngremes, e não havia mais árvores, nem mesmo arbustos.

Apenas a rocha esmigalhada, líquen e céu.

* * *

Ao meio-dia, Ethan abandonou o bastão, obrigado a andar apoiado nas mãos e nos joelhos sobre o terreno mais íngreme até o momento. Ao trilhar o caminho por uma curva no desfiladeiro, um novo som se interpôs sobre o constante ruído de rochas sendo pisadas. Ele se inclinou sobre um rochedo do tamanho de um carro compacto, tentando concentrar a atenção no barulho, a despeito da própria respiração entrecortada.

Ali estava.

Feito pelo homem.

Constante.

Um zumbido baixo.

A curiosidade o fez prosseguir, Ethan escalando depressa até terminar a curva, o zumbido ficando mais claro a cada passo, a expectativa disparando.

Quando finalmente a viu, um jato de júbilo percorreu seu corpo.

O desfiladeiro continuava sua ascensão íngreme por mais dois ou três quilômetros, as encostas encimadas por torreões pontiagudos e cumes serrilhados, uma crueldade imperdoável à paisagem que parecia quase alienígena.

A quinze metros encosta acima, Ethan olhou fixo para a fonte do zumbido — uma cerca de seis metros de altura, coroada com espirais de arame farpado que se estendia por quase vinte metros pela largura do desfiladeiro em seu ponto mais afilado. A sinalização na cerca alertava...

ALTA VOLTAGEM
RISCO DE MORTE

e

RETORNE A WAYWARD PINES
ALÉM DESTE PONTO, VOCÊ MORRERÁ

Ethan parou a um metro e meio da barreira e fez uma inspeção completa: a cerca era construída por painéis quadrados de arame e a lateral de cada um tinha aproximadamente dez centímetros. Estando próximo, o zumbido era ainda mais agourento, dando à cerca um autêntico aspecto de não-me-desafie.

Ethan captou odor de podridão nas imediações e foi preciso um momento para perceber a origem. Um grande roedor — provavelmente uma marmota — havia cometido o erro de tentar atravessar um dos quadrados junto ao chão. Parecia que tinha sido cozido no micro-ondas por oito horas. Chamuscado, carvão. Alguma pobre ave, ao que tudo indicava, pensando que havia se deparado com uma refeição inofensiva, havia feito mau juízo, tentando se servir dos restos da criatura, sofrendo o mesmo destino.

Ethan lançou um olhar para os paredões do desfiladeiro.

Ambos eram íngremes, mas havia apoios, em especial do lado direito, que pareciam servir a alguém que estivesse motivado e com coragem de suportar um pouco de exposição.

Ethan foi até o paredão e começou a subir.

Não era o melhor tipo de rocha e algumas porções se esmigalharam entre seus dedos, mas havia muito apoios dispostos, perto uns dos outros, para que ele não tivesse de amparar o peso do corpo em nenhum deles por mais de alguns segundos.

Logo, ele estava a mais de cinco metros do solo, uma sensação leve de ansiedade em suas entranhas quando arame farpado eletrificado passou a zumbir a apenas alguns metros de distância abaixo de suas botas.

Atravessou uma plataforma de rocha sólida, pisando com cuidado de lado ao cruzar até o flanco proibido da cerca. A altura o abalou, mas o abalava ainda mais a realidade do que ele havia acabado de fazer — uma travessia ilícita de fronteira.

Uma premonição incômoda no fundo de sua mente sussurrou que ele havia acabado de se colocar em perigo terrível pela própria vontade.

* * *

Ethan alcançou o solo do desfiladeiro em segurança e prosseguiu, o zumbido da cerca eletrificada mais baixo conforme seu sistema entrava num estado intensificado e desconcertante de alerta. A mesma coisa havia acontecido com ele no Iraque: uma percepção sensorial aguçada sempre parecia atingi-lo no auge de missões que, no fim das contas, iam para o brejo. Suas palmas começavam a suar; seu pulso, acelerar. Sua audição, olfato, paladar, tudo sobrecarregado além dos limites. Nunca havia contado para ninguém, mas quando perdeu o Black Hawk em Fallujah, ele soube que o míssil estava chegando cinco segundos antes da explosão.

Era um local solitário ali em cima, do outro lado da cerca, a rocha toda fraturada e devastada

por raios.

Céu vazio.

A ausência de nuvens apenas enfatizando o espírito de absoluta desolação.

Depois de seu período em Wayward Pines, parecia surreal estar tão sozinho outra vez, tão deslocado de outras pessoas. Mas no fundo de sua mente, uma nova preocupação começava a consumi-lo. O desfiladeiro parecia subir mais centenas de metros até um espinhaço dilapidado pelo vento. Se ainda tivesse forças, poderia chegar até lá ao pôr do sol. Passar outra noite longa e fria tentando dormir sobre o cascalho. Mas então o quê? Ele logo ficaria sem comida e embora a água ainda dançasse em seu estômago desde que havia bebido antes de o riacho desaparecer, o esforço físico ao qual estava submetendo o corpo poderia deixá-lo desidratado num piscar de olhos.

Mas ainda mais do que a ameaça à espreita da fome e da sede, ele temia o que estava além do cume distante, no topo do desfiladeiro.

Quilômetros e quilômetros de natureza selvagem, se fosse dar um palpite e, embora ainda retivesse um pequeno treinamento de sobrevivência dos seus dias do exército, quando parava para pensar, estava acabado, morto de cansaço. O prospecto de sair daquelas montanhas e alcançar a civilização novamente lhe parecia algo muito mais do que atemorizante.

E ainda assim, que escolha tinha?

Voltar a Wayward Pines?

Preferia morrer de frio sozinho lá adiante do que colocar os pés naquela cidade outra vez.

Ethan seguiu caminho por uma porção do desfiladeiro fechada entre enormes rochedos, pulando de um para o outro com cuidado. Podia ouvir água correndo mais abaixo outra vez, mas o córrego estava invisível, inalcançável, escondido no meio do espaço negro sob o amontoado de rochedos.

Em cima, do lado esquerdo do paredão do desfiladeiro, algo lançou um reflexo agudo de luz do sol.

Ethan parou, fez uma proteção sobre os olhos com a mão e apertou a visão para o brilho ofuscante. De onde estava, nas entranhas do desfiladeiro, tudo o que podia ver era a superfície metálica e quadrada a uma boa altura da muralha, as proporções perfeitas demais, exatas demais, para ser qualquer coisa que não produto de mãos humanas.

Ele pulou no próximo rochedo, agora avançando com maior velocidade, maior intensidade, e constantemente olhando para cima, pela parede, ao subir cada vez mais; porém, a natureza da superfície refletora ainda não podia ser distinguida.

Mais adiante, o desfiladeiro parecia mais razoável, os rochedos diminuídos a proporções que os tornavam possíveis de atravessar.

Estava considerando se devia escalar até o pedaço de metal, quando o barulho de pedras caindo interrompeu seus pensamentos.

Por um instante aterrorizante, Ethan imaginou uma avalanche descendo em sua direção, milhares de toneladas de pedras chovendo da muralha, esmagando-o até a morte.

Mas o som havia se originado atrás dele, não acima. Ethan se virou, lançou um olhar para trás pelo caminho que tinha percorrido e se deu conta de que era apenas uma rocha sobre a qual havia pisado havia alguns minutos e que se deslocara, finalmente despertando do sono.

Ainda assim, havia algo misterioso em registrar um som que não fosse sua respiração difícil ou o movimento de rochas na sua vizinhança imediata. Havia se acostumado demais à

imobilidade da encosta isolada.

Podia enxergar pelo vão entre as paredes do desfiladeiro até uma grande distância, seus olhos inicialmente se fixando na cerca elétrica a quase meio quilômetro e, depois, num movimento muito mais próximo, a menos de uma centena de metros. Primeiro pensou que fosse uma das marmotas, mas estava escalando com uma agilidade leve, felina, quase rápido demais, pulando de pedra em pedra, e, quando apertou os olhos para conseguir focalizar, viu que a criatura não tinha um pelo sequer. Parecia albina, coberta por uma pele pálida, leitosa. Ethan instintivamente cambaleou para trás ao se dar conta de que tinha feito uma estimativa muito errada do tamanho. Não estava pulando sobre as pedras pequenas. Estava se movimentando sobre o campo de rochedos gigantes que havia acabado de cruzar, o que significava que tinha o tamanho mais próximo do de um ser humano, e avançava a uma velocidade intimidadora, quase nem parando entre um pulo e outro.

Ethan tropeçou numa rocha e se colocou de pé num pulo, sua respiração se acelerando. A coisa estava próxima o bastante para que ele pudesse ouvir sua respiração — seu ofegar — as garras fazendo *clique-clique* sobre as pedras cada vez que ela aterrissava num novo rochedo, cada salto trazendo-a para mais perto, já apenas a cinquenta metros e um calor doentio começando a fermentar no estômago de Ethan.

Era o que tinha visto, duas noites antes, de cima do nicho sobre o rio.

Era com aquilo que tinha sonhado.

Mas que diabos era?

Como uma coisa daquelas existia?

Ele começou a subir pela encosta tão rápido quanto havia ousado se movimentar o dia todo, lançando olhares para trás a cada passo.

A coisa saltou do último dos grandes rochedos e tocou o chão com a graça de uma bailarina, agora sobre as quatro patas, próxima do chão como um javali selvagem, o ruído rangente de sua respiração ficando mais alto conforme ela encurtava a distância entre eles a uma velocidade tão alarmante que Ethan chegou à instantânea conclusão de que não havia sentido em tentar fugir.

Parou e virou o rosto para a coisa, dividido entre tentar processar o que estava acontecendo e simplesmente se preparar para sobreviver.

Vinte metros agora, e quanto mais perto chegava, menos Ethan gostava do que via.

O torso era curto.

Pernas longas e braços ainda mais longos, todos terminando em uma fileira de garras pretas.

Quarenta e cinco, talvez cinquenta quilos.

Musculosa.

Esguia.

E acima de tudo, humanoide, a pele na luz do sol era translúcida como num filhote de rato — mapeada com uma rede de veias azuis e artérias roxas e, até o coração estava quase visível como um pulsar rosado logo à direita do peito.

A dez metros, Ethan se preparou, a cabecinha da criatura abaixando-se para o ataque, rosnando enquanto fios de saliva sangrenta se dependuravam dos cantos da boca sem lábios, olhos cor de creme muito focados na presa.

Ethan captou o fedor dois segundos antes do impacto — fétido, carne apodrecida com sangue rançoso.

Gritou ao atacar — um som estranhamento humano —, Ethan tentando se esquivar para o lado no último instante possível, mas a criatura havia previsto o movimento, golpeando um dos braços de mais de um metro de comprimento e o enganchando pela cintura, garras penetrando fácil no tecido grosso do agasalho e perfurando-lhe o flanco.

Uma explosão lancinante de dor, o impulso da criatura o privando do apoio dos pés, jogando-o contra as rochas com força suficiente para arrancar o ar de seus pulmões.

Ethan tentou sugar oxigênio enquanto a coisa atacava.

Feroz como um pitbull.

Velocidade da luz.

Força brutal.

Rasgando com selvageria enquanto Ethan erguia os braços num esforço de proteger o rosto das patas de cinco garras tão afiadas como as de uma ave de rapina, retalhando com facilidade a roupa, a pele.

Conseguiu se colocar em cima de Ethan em questão de segundos, as garras nas pontas de suas patas enterrando-se nas panturrilhas dele como pregos o prendendo no chão.

Em meio a toda a fúria, Ethan vislumbrou o rosto.

Narinas grandes, crateras.

Olhos pequenos, opacos.

Crânio sem pelos e a pele se esticava tanto, tão fina, que ele conseguia ver as placas dos ossos da cabeça se unindo como um quebra-cabeças.

Gengivas com duas fileiras de minúsculos dentes pontiagudos.

Parecia que estava lutando com aquela coisa por horas — o tempo se arrastava em incrementos lentos, terríveis —, embora, na realidade, apenas alguns segundos tivessem se passado, o treinamento de combate de Ethan tentando se colocar em ação com dificuldade, sua mente começando a se erguer acima do medo e da confusão, num esforço de aplacar o pânico insano que o tinha engolido. Quanto mais perigosa e caótica a situação, mais claramente era preciso pensar para avaliar o que fazer pela sobrevivência e, até então, ele estava falhando. Permitindo que o encontro drenasse a maior parte de sua força, e, se não assumisse o controle do uso de sua energia em mais sessenta segundos, não teria a capacidade — mental ou física — de sequer revidar o ataque.

A criatura desferiu o golpe mais profundo até o momento, um rasgo cruzado excruciante na barriga de Ethan, cortando tecido, pele, a fina camada de gordura no abdome definido e, finalmente, alcançando a superfície do músculo exposto.

Quando a criatura enterrou a cara em sua barriga, Ethan conseguiu sentir os dentes perfurando o agasalho e chegou à conclusão horrenda do que o monstro, na verdade, estava tentando fazer: estripá-lo com as garras-punhais e banquetear ali mesmo, no desfiladeiro, sua presa assistindo e sangrando.

Ethan golpeou o punho cerrado na lateral da cabeça do bicho: um soco estranho, mas dado com força.

A coisa ergueu os olhos, produziu um guincho raivoso.

Ergueu a pata direita e brandiu as garras no pescoço de Ethan.

Ele bloqueou com o braço esquerdo o golpe que vinha na sua direção, ao mesmo tempo que tentava tocar o solo com o direito, os dedos desesperadamente procurando uma arma.

O brilho de absoluta raiva nos olhos da criatura era inequívoco.

Afastou a cabeça da barriga de Ethan, a face horrível buscando-lhe o pescoço, dentes arreganhados.

Vai rasgar minha garganta.

A mão de Ethan agarrou uma pedra, os dedos lutando para uma aderência melhor.

Golpeou com mais força do que jamais tinha golpeado qualquer coisa na vida, a pedra pesada, do tamanho de um peso de papel, e quando sua superfície arredondada se enterrou na lateral da cabeça do monstro, a coisa vacilou, pupilas negras como carvão dilatando nos olhos leitosos, a mandíbula se afrouxando com um tipo de espanto atordoado.

Ethan não hesitou.

Ergueu-se de repente e enterrou a pedra naquela boca cheia de caninos marrons, dentes quebrando quando o bicho vacilou para trás, Ethan seguindo com outro golpe, desta vez um soco catastrófico no nariz arreganhado.

A coisa caiu no chão, sangue vermelho-escuro se derramando do nariz e da boca em meio a gritos de lívida incredulidade, patadas fracas que não tinham a força nem a velocidade para sequer ferir a pele.

Ethan sentou sobre a coisa com uma perna de cada lado, uma das mãos firme na traqueia, a outra agarrada na rocha.

Sete golpes de fraturar crânios e, por fim, a coisa parou de se mexer.

Ethan jogou a pedra ensanguentada e caiu de lado, inspirando o ar longa e profundamente, o rosto respingado de sangue e ocasionais estilhaços de ossos.

Forçou-se a se sentar e erguer a camiseta.

Jesus.

Parecia que tinha participado de uma luta de facas, sangramento de numerosos pontos por todo o tórax — os cortes compridos e feios daquelas garras. O golpe na barriga havia causado o maior dano de todos: um desfiladeiro de quinze centímetros entalhado no abdome. Se dois centímetros mais fundo, o corte teria aberto suas entranhas.

Olhou para os restos do que diabos fosse a criatura.

Nem sabia como começar a processar a informação.

Não conseguia fazer as mãos pararem de tremer, ainda tanta adrenalina girando por seu sistema circulatório.

Ficou de pé.

O desfiladeiro imóvel outra vez.

Lançou um olhar para o paredão mais próximo, o objeto misterioso de metal ainda brilhando ao sol. Impossível ter certeza, mas daquela perspectiva, parecia uma subida de vinte e cinco, trinta metros, e, embora ele não conseguisse bem captar o motivo, sentiu um impulso forte de sair do solo do desfiladeiro o mais rápido possível.

Ethan limpou o sangue do rosto com as mangas do moletom e desceu da encosta para que pudesse ter uma vista melhor. Levou um momento para estudar todas as rotas possíveis subindo a face do penhasco, finalmente decidindo por uma que o conduziria por uma série de patamares cada vez menores até a base da larga fratura na rocha que subia em direção ao objeto de sua curiosidade.

Andou até o paredão.

Após o calor da batalha, sentia o corpo absolutamente eletrificado.

Seria uma boa ideia direcionar a energia para a escalada.

Chegando ao primeiro patamar largo, Ethan encontrou um apoio decente na rocha e se impulsionou para cima.

A flexão dos músculos da barriga era agonia, sem contar o fato de que eles eram essenciais para quase todos os movimentos.

Contudo, prosseguiu apesar da dor. Seis metros encosta acima, Ethan encontrou um ponto sobre uma pequena plataforma onde podia ficar de pé com facilidade, e se encostou à rocha. Haviam se passado anos desde que ele tinha praticado qualquer tipo de escalada e sua ineficiência era evidenciada pelo esforço físico intenso que apenas a pequena distância percorrida já havia requisitado. Escalava com os braços, em vez de confiar no poder das pernas, e já estava ensopado de suor, a água salgada escorrendo em cada arranhão, cada ferida, cada corte.

Virou-se de encontro à rocha com cuidado e apoiou as mãos. A plataforma estava sombreada do sol, e a pedra, fria como gelo. Do chão, a próxima seção havia parecido um tanto simples: uma riqueza de apoios para os pés e o tipo de saliências arredondadas que se emprestavam para a escalada. Mas agora, a seis metros do solo do desfiladeiro, e olhando para cima numa inclinação quase vertical, os apoios para as mãos não pareciam assim tão convidativos, e a distância até o próximo patamar — onde ele poderia conseguir mais um minuto muito necessário de descanso — era de pelo menos dez metros.

Ethan fechou os olhos e inspirou duas vezes num esforço de restabelecer a pulsação ao nível normal.

Você consegue. Você tem que conseguir.

Uns trinta centímetros acima da cabeça, ele se agarrou à menor saliência até então e em seguida pisou numa superfície levemente inclinada que continha pedra o suficiente apenas para dar à sola de suas botas alguns segundos de apoio.

O medo se elevou vários níveis enquanto se projetava para o segundo patamar, tentando ignorar a voz baixa alojada no fundo de sua mente como uma lasca, sussurrando que ele estava ultrapassando o território de pernas e coluna quebradas para um calibre de altura em que um erro significava morte.

De forma cada vez mais arriscada, ele se agarrava a porções cada vez menores de apoios para mãos e pés.

No começo, havia hesitado entre um movimento e outro, testando e retestando cada apoio, porém não mais. Àquela altura, suas pernas haviam começado a endurecer esporadicamente — um precursor de câimbras. Se fosse atingido por uma ali no paredão, isso podia muito bem significar o fim.

E assim ele escalava o mais rápido que conseguia, pegando cada apoio decente que encontrava, tentando buscar conforto na distância que aumentava entre ele e o chão do desfiladeiro, assegurando a si mesmo que, se acontecesse de cair, seria bem melhor morrer de uma vez, pois uma perna quebrada, ou uma coluna, naquela imensidão vazia, apenas resultaria em morte lenta e agonizante.

E ainda assim, quanto mais alto subia, mais forte apertava o terror, Ethan lutando contra o impulso de olhar para baixo, mas não pôde resistir à fascinação mórbida com a distância que já havia percorrido do chão até ali.

Sua mão direita finalmente alcançou o terceiro patamar.

Fez um esforço para elevar o corpo, enterrando o joelho esquerdo na beirada.

Quando percebeu que não havia nada óbvio para sua mão esquerda agarrar, ele já tinha se comprometido com a subida.

Houve um segundo interminável, em que ficou pendurado no ar, um joelho apoiado na plataforma enquanto seu centro de gravidade aos poucos o afastava do paredão, rumo ao terrível vazio que se estendia às suas costas.

Ele tentou se impulsionar para frente em total desespero, as duas mãos cravando na rocha, a esquerda conseguindo por pouco um apoio na altura do peito.

Por um momento, não sabia se tinha aderência suficiente para reverter a investida da gravidade e se jogar para cima do patamar, a mão deslizando, os nós dos dedos ficando brancos pelo esforço.

O movimento para trás parou e ele se puxou para frente com a ponta dos dedos, até que a testa encostasse na rocha.

Foram necessários todos os seus esforços para erguer a perna direita e se colocar de pé. Esse patamar tinha a metade da largura do anterior e seus pés estavam com as pontas para fora.

Teria sido impossível se sentar ou permanecer ali por qualquer tempo adicional.

A fratura na rocha que percorria a distância restante até o pedaço de metal se abria logo acima dele. Parecia larga o suficiente para que Ethan se espremesse entre ela e conseguisse chegar até lá, mas ele ainda não tinha forças para tentar se impulsionar para cima.

Quase havia morrido, e seu corpo, da cabeça aos pés, ainda estava tremendo.

O berro o arrancou do próprio medo que sentia.

Olhou fixo quinze metros para baixo, perplexo.

Ele havia dilacerado o crânio da criatura.

Como diabos...

Espere.

Não estava se movendo e sequer tinha uma boca para produzir tal ruído.

Quando o grito seguinte — esse, alguns tons mais grave — ressoou pelo desfiladeiro, reverberando entre as muralhas, Ethan olhou de volta para a cerca eletrificada.

Oh, Deus.

Havia cinco deles avançando desfiladeiro acima numa formação que quase lembrava um esquadrão, ascendendo para aquele campo de grandes rochedos em saltos rápidos, elegantes. Ethan pressionou as costas na parede, tentando se empoleirar com tanta firmeza quanto possível.

O líder da matilha subiu disparando da base dos rochedos a toda velocidade, tão rápido quanto um cachorro, e quando alcançou o monstro que Ethan havia matado, derrapou até parar e baixou a cabeça no chão, farejando o crânio amassado de seu compatriota.

Conforme os outros se aproximavam, o primeiro ergueu a cara para o céu e liberou um gemido longo, doloroso, que parecia o uivo de um lobo.

Os outros quatro chegaram e, num intervalo de dez segundos, estavam todos uivando como um coro num velório, Ethan ficando gelado, imóvel na pequena plataforma, ouvindo, o suor esfriando na pele e os restos do sangue da coisa secando no rosto como pequenas cicatrizes.

Tentou compreender o que estava vendo ou ouvindo, mas não havia explicação.

Era tudo muito além de suas experiências e, possivelmente, de sua imaginação.

Quando o uivo cessou, o grupo se entreolhou e conversou na língua mais estranha que Ethan

jamais ouvira.

Como pássaros aterrorizantes, o aspecto de um gorjeio horripilante nos guinchos rápidos e agudos.

Ethan endureceu o aperto na rocha, lutando contra a onda de tontura, o mundo girando sob seus pés.

Todos os cinco estavam farejando o solo nas imediações da criatura morta — ancas elevadas, caras enterradas entre as rochas.

Ethan tentou não ceder ao pânico que o atingiu, mas se deu conta de algo, ali parado acima dos monstros: depois que comesçassem a subir, não haveria como ele descer. Nem mesmo sair da plataforma. A única saída do paredão, o qual tinha encarado com o olho maior que a barriga, era subir.

Uma das criaturas de repente emitiu um ruído alto, perfurante.

Os outros correram para se aproximar, agrupando-se e chiando de forma frenética, e então, o maior do bando, facilmente duas vezes maior do que o que tinha atacado Ethan, adiantou-se aos demais, o nariz ainda colado ao solo.

Apenas quando alcançou a base do penhasco foi que Ethan por fim entendeu.

Meu rastro.

A criatura pressionou o nariz na rocha e então se colocou sobre as próprias patas mais uma vez.

Afastou-se para trás lentamente...

... e olhou para cima, direto para Ethan.

Estão seguindo meu rastro.

O desfiladeiro ficou em silêncio.

Cinco pares de olhos leitosos analisando-o ali em cima, na plataforma.

Ele podia ouvir o coração desesperado no peito, como alguém tentando fugir ao se jogar contra as paredes da prisão acolchoada de um manicômio.

Um único pensamento girando em sua mente numa volta infundável...

Eles conseguem escalar?

Como se em resposta, o maior deles, o que primeiro havia captado seu rastro, apoiou-se nas pernas traseiras e disparou do chão num salto de um metro e meio, sem tomar impulso antes.

Grudou na parede como se ela fosse coberta de velcro, as pontas de suas garras se enterrando em pequenas reentrâncias na rocha que Ethan nunca poderia ter usado.

Olhou pela face da muralha até Ethan, enquanto os outros começavam a saltar.

Ethan olhou para a fratura na rocha acima de sua cabeça, procurando algo, até que encontrou um apoio para as mãos que poderia ser usado, mas um pouco além do seu alcance.

Pulou, espalmando um conjunto de cristais de rocha pontudos e escuros, enquanto ouvia o toque de garras na pedra aproximando-se dele.

Tentou subir, colocou a outra mão numa superfície nivelada dentro da fratura e se impulsionou o resto do caminho, subindo pela abertura.

Era apertada, pouco mais de um metro de largura, mas forçou suas botas nas paredes e criou pressão apenas o suficiente para se manter suspenso.

Olhou para baixo.

A maior das criaturas já havia chegado ao segundo patamar, subindo rápido, destemida, sem nenhum sinal de fadiga.

As outras seguiam de perto.

Ethan direcionou a atenção ao que o aguardava acima — uma canaleta fechada em três dos lados. Sem muitos apoios para as mãos, mas ele supôs que poderia se impulsionar pressionando as laterais.

Começou a subir, o cercado de rocha proporcionando uma bem-vinda, ainda que falsa, sensação de segurança.

A cada poucos metros, ele olhava para baixo entre as pernas, sua visão agora obscurecida pela rocha que o cercava, mas conseguia ver a coisa que vinha à frente, movimentando-se sem esforço entre a segunda e terceira plataformas até uma seção da encosta onde Ethan tivera dificuldade.

Pouco mais de cinco metros subindo pela fratura na rocha, mais de vinte em relação ao solo do desfiladeiro, as coxas queimando.

Não sabia dizer qual distância teria que percorrer para alcançar o metal que o tinha lançado em tal enrascada, para começo de conversa. Por outro lado, se estivesse lá embaixo quando as coisas haviam aparecido, estaria sendo devorado nesse exato instante. Então, talvez em retrospecto, o metal reluzente que o havia propulso à escalada destemida e presunçosa havia, na verdade, prolongado, senão salvado, sua vida.

O monstro alcançou a terceira plataforma e, sem um instante de hesitação para descansar ou considerar o próximo passo, saltou do pequeno patamar de rocha.

Uma única garra na ponta de sua pata dianteira esquerda atingiu um milímetro quadrado da superfície logo dentro da canaleta e, numa demonstração de força bruta, o bicho se impulsionou para cima com uma pata só e se espremeu no espaço cercado.

Ethan travou os olhos com a criatura quando ela começou a subir por apoios tão insignificantes que ele mesmo havia desconsiderado, e prosseguia com pelo menos o dobro da velocidade com que Ethan conseguia avançar.

Nada a fazer senão continuar subindo.

Subiu com muito custo mais um metro e meio.

Três.

O monstro sete metros abaixo e perto o bastante para que Ethan conseguisse ver o rosa pulsante de seu enorme coração, obscurecido através da pele como se enfiado atrás de vidro opaco, grosso.

Mais três metros e a fratura parecia dar lugar a um paredão plano, vertical, horrendo.

Os apoios próximos ao topo pareciam bons, Ethan se dando conta de que, se continuasse subindo daquela forma, a coisa o alcançaria antes que conseguisse sair.

Mudou a escalada para o estilo convencional, mão após mão, apressando os últimos metros.

Logo antes do topo, um dos apoios se soltou e ele quase perdeu o equilíbrio.

Conseguiu se restabelecer antes de cair.

Conseguia sentir o vento soprando pela abertura do canal.

Vislumbrou algo captando o sol lá em cima.

Estacou.

Olhou para baixo.

Quase jogou pelos ares a chance de se salvar.

Com o monstro a menos de cinco metros abaixo e mais dois subindo logo atrás pelo mesmo caminho, Ethan tateou para baixo, o apoio solto que quase o tinha matado, mal ao alcance.

Arrancou a porção de rocha de seu alojamento e a ergueu acima da cabeça.

Enchia a mão, era ainda maior do que tinha pensado — quase um quilo de granito incrustado de quartzo.

Alavancou-se na rocha, mirou e deixou voar.

Atingiu a criatura no meio da cara bem quando tentava um novo ponto de apoio.

Não conseguiu aderência.

Despencou pela canaleta.

Garras riscando rocha.

A velocidade grande demais para se agarrar a qualquer lugar.

Atingiu a que vinha abaixo, numa velocidade suficiente para fazê-la soltar dos apoios, o par atingindo como um só o terceiro monstro e todos os três berrando por dois longos segundos ao se aproximarem na base da fratura na rocha; em seguida, quicaram na terceira plataforma e aceleraram em direção aos rochedos abaixo, onde atingiram o chão num emaranhado de membros dobrados para os lados errados e crânios partidos.

Ethan emergiu acima do canal apertando os olhos para se proteger do brilho ofuscante que agora estava a apenas alguns poucos metros acima de sua cabeça.

Estava no mínimo a trinta metros acima do chão do desfiladeiro, e seu estômago se contorceu.

Do novo ponto privilegiado, podia ver que a parede oposta se elevava a cento e cinquenta, cento e oitenta metros, até o cume em forma de navalha que, em si, parecia intransponível.

Se o paredão em que estava fizesse o mesmo, era melhor simplesmente se jogar, pois não conseguiria subir nem mais quinze metros, que dirá cento e cinquenta.

As duas criaturas restantes na parede avançaram até ele em desespero. Em vez de seguir os outros pelo canal, eles escalaram por fora, um de cada lado — mais lentos, mas ainda estavam vivos e agora a dez metros abaixo de Ethan.

Ele estendeu os braços, agarrou um patamar na rocha sob o metal brilhante, colocou os dois cotovelos na saliência mais larga de rocha que tinha visto e se impulsionou para cima, face a face com um respiradouro de aço proeminente vários centímetros a partir da encosta. Era quadrado, talvez uns sessenta centímetros de largura, as pás de um ventilador girando no sentido horário logo à frente.

Garras tocaram a rocha abaixo.

Ethan agarrou as laterais do respiradouro, puxou.

Não se moveu, tinha sido soldado ao duto.

Ficou de pé no patamar e passou as mãos sobre a superfície da parede até encontrar o que estava buscando: uma cunha de pedra grande, de dez quilos de granito, que parecia prestes a cair.

Ele a ergueu e golpeou no respiradouro no ponto onde se encontrava ao duto.

A solda se desintegrou, a extremidade superior esquerda do respiradouro se soltou.

As criaturas agora estavam a três metros abaixo, tão perto que ele conseguia sentir o cheiro pútrido da última caçada exalando como uma colônia das selvas.

Ele ergueu a rocha outra vez, baixou-a com uma pancada forte no canto direito.

O respiradouro se soltou e despencou com um clangor pelo despenhadeiro, quicando na rocha e quase atingindo uma das criaturas em sua queda.

Tudo o que se interpunha entre Ethan e a escuridão de um duto de ventilação eram as pás girando e sugando o ar.

Ele chocou a rocha ao ventilador e fez as rotações pararem.

Três pancadas fortes separaram a estrutura de onde ela se fixava, Ethan enfiando a mão, pegando as pás e as jogando penhasco abaixo.

Pegou a rocha, segurou alto e a deixou cair na criatura mais próxima no momento em que suas garras alcançaram a beirada.

Despencou guinchando.

Seu parceiro observou-o até que atingisse o chão, e então olhou de volta para Ethan.

Ele sorriu e disse:

— Você é o próximo.

A coisa o observou com atenção, a cabeça pendendo para o lado, como se pudesse entender, ou pelo menos quisesse. Agarrou-se à rocha abaixo da plataforma, a uma distância de fácil alcance, Ethan esperando que se movesse, mas ela se manteve no mesmo lugar.

Ethan girou, procurando na parede da encosta ao seu alcance por outra pedra solta, mas não encontrou nada.

Quando se virou outra vez, o monstro ainda estava empoleirado na rocha.

Ajeitando-se.

Ethan se perguntando se deveria subir até encontrar outra pedra de tamanho considerável.

Má ideia. Você teria que descer para voltar a este patamar.

Ethan se agachou, desamarrou a bota esquerda. Descalçou e então fez a mesma coisa com a direita.

Ele a ergueu — nem de longe o peso da rocha, mas talvez desse conta do recado. Segurando pelo salto, ele fez uma encenação dramática de puxar o braço para trás enquanto olhava fixo para os olhos leitosos do monstro.

— Você sabe o que o espera, não sabe?

Ethan fingiu um lançamento.

A criatura não se abalou e se afastou da rocha, como ele esperava, apenas tocando de leve o paredão.

Da vez seguinte não foi um fingimento, mas Ethan jogou com tanta força que a bota passou pela cabeça da criatura e seguiu seu curso ininterrupto até cair na base do desfiladeiro.

Ele ergueu a outra, mirou, atirou.

Ataque direto na cara.

A bota quicou e caiu, a criatura, ainda agarrada ao paredão, olhou para Ethan e silvou.

A expressão de intenções assassinas.

— Quanto tempo você acha que vai conseguir aguentar? — Ethan perguntou. — Já deve estar ficando cansado — ele esticou o braço para baixo, como se para oferecer uma mãozinha. — Eu ajudo o resto do caminho. Você só precisa confiar em mim — a forma como o bicho o encarava era enervante. Havia com certeza inteligência ali, o que era mais assustador, pois Ethan não sabia a que nível de profundidade ela chegava.

Ethan sentou-se na rocha.

— Vou continuar bem aqui — ele disse. — Até você cair.

Observou o coração da criatura batendo.

Observou-a piscando.

— Você é um filho da mãe horroroso — Ethan gargalhou. — Desculpe, não consegui resistir. É de um filme. Sério, o que diabos é você?

Quinze minutos se arrastaram.

Já era tarde avançada.

O sol começando a cair, o solo do desfiladeiro já na escuridão.

Era frio ali em cima na rocha.

Algumas nuvens navegando acima, mas eram irrelevantes e foram engolidas em todo aquele céu azul cristalino como pensamentos tardios.

As cinco garras na pata dianteira esquerda da criatura começaram a tremer, sacudindo contra o apoio microscópico, e algo em seus olhos se alterou. Ainda cheio de fúria, mas agora havia outro elemento — medo?

A cabeça dela girou, analisando toda a rocha no raio de alcance.

Ethan já tinha feito a mesma inspeção e chegado à mesma conclusão.

— É, é isso aí, cara. Este patamar. Meu patamar. Sua única opção.

Um tremor percorreu a perna direita da criatura e Ethan havia aberto a boca para sugerir que apenas se soltasse, quando ela saltou de onde estava, subindo quase um metro e meio e simultaneamente brandindo a pata direita num arco amplo, contínuo.

Poderia ter rasgado o rosto dele, mas Ethan se abaixou, garras roçando o topo de sua cabeça, e então ele se ergueu nas duas pernas, pronto para chutar aquela coisa para fora do despenhadeiro.

Contudo, não foi preciso.

A coisa nunca teve a chance de alcançar a borda da plataforma em seu estado enfraquecido — apenas tentou um último golpe para puxar Ethan ao chão junto com ela.

A queda, aparentemente, não foi surpresa, porque o bicho não emitiu som algum e não debateu braços ou pernas no caminho.

Apenas olhou fixo para Ethan ao despencar na direção do solo sem sol do desfiladeiro, corpo tão imóvel como se no meio de um salto ornamental.

Resignação completa, talvez até mesmo em paz, com o próprio destino.

CAPÍTULO 14

Ontem, ela não havia deixado o quarto.

Sequer deixado a cama.

Havia se preparado para a morte dele.

Sabia que era iminente.

Mas ver o sol nascer num mundo sem Ethan quase havia a matado independentemente de qualquer coisa. De alguma forma, a luz tinha tornado real. As pessoas em caminhadas matinais. Mesmo as gralhas tagarelas no comedouro do jardim lateral. Era a continuidade das coisas que esmigalhava seu coração já partido. As engrenagens do mundo ainda girando, enquanto ela vivia a ausência dele como um tumor negro no peito, o sofrimento tão potente que ela mal conseguia se fazer respirar.

Hoje, havia se aventurado a sair, agora sentada letárgica na grama fofa do quintal numa porção de sol. Olhou para as montanhas circundantes por horas, observando a luz se mover por elas e tentando não pensar em nenhuma coisa sequer.

O som de passos se aproximando interromperam o sonho.

Olhou para trás.

Pilcher vinha até ela.

Durante seu tempo em Wayward Pines, ela havia visto o homem pela cidade em numerosas ocasiões, mas nunca tinham se falado — ela tinha sido alertada quanto a isso desde o início. Nenhuma palavra trocada desde aquela noite chuvosa de cinco anos antes, em Seattle, quando ele apareceu em sua porta com a mais bizarra das propostas.

Pilcher sentou ao seu lado na grama.

Tirou os óculos, colocou-os sobre a perna, disse:

— Fiquei sabendo que você perdeu o dia da colheita na cooperativa.

— Não deixo a minha casa há dois dias.

— E qual é o objetivo disso? — ele perguntou.

— Não sei. Mas não aguento que as pessoas fiquem me olhando. Não podemos falar sobre ele, claro, mas eu via pena nos olhos delas. Ou pior, elas me ignoravam. Agindo como se nada tivesse acontecido. Como se ele nunca tivesse existido. Eu sequer disse ao meu filho que o pai dele está morto. Não sei por onde começar.

Logo seria noite.

O céu estava livre de nuvens.

A fileira de choupos jovens que separava o seu do quintal do vizinho havia se tornado dourada da noite para o dia, as folhas arredondadas oscilando na brisa. Ela conseguia ouvir os sinos de vento cantando na varanda de trás da casa, ao lado da porta. Eram momentos como esse — a perfeição visual enfatizada por uma realidade que ela nunca conheceria — que ela temia que um dia a levassem à insanidade.

— Você se deu bem aqui — Pilcher disse. — As dificuldades com Ethan eram a última coisa que eu queria. Espero que acredite nisso.

Ela olhou para Pilcher, fitou dentro daqueles olhos negros.

— Não sei em que acreditar — respondeu.

— O seu filho está em casa.

— Sim, por quê?

— Quero que você entre e o pegue. Tenho um carro parado lá na frente.

— Aonde vai nos levar?

Ele sacudiu a cabeça.

— Vai machucar o Benjamim?

Pilcher se ergueu com dificuldade.

Olhou para baixo, na direção dela.

— Se eu quisesse tê-la machucado, Theresa, teria levado você e seu filho no meio da noite e ninguém saberia de vocês dois nunca mais. Mas você já sabe disso. Agora traga-o aqui.

Encontro vocês lá na frente em dois minutos.

CAPÍTULO 15

Ethan olhou para dentro do duto de ar.

Seria apertado, talvez impossível com o agasalho.

Puxou as mangas, tirou a blusa e jogou pela beirada do patamar, um arrepio ericando seus braços nus. Supôs que seus pés fossem responsáveis pela maior parte da propulsão e resolveu se livrar das meias também, para que não escorregasse.

Enfiou a cabeça pela abertura.

Num primeiro momento, seus ombros pareciam não caber, mas depois de um minuto de esforço, ele finalmente conseguiu encaixar metade do corpo lá dentro, braços esticados na frente, pernas lutando para impulsioná-lo o resto do caminho, o metal fino, gelado nos dedos dos pés.

Quando estava de corpo inteiro dentro do duto de ar, uma onda de pânico varreu seu corpo. Sentiu como se não conseguisse respirar, os ombros espremidos entre as duas paredes, e a consciência cada vez mais clara de que se mover para trás agora era impossível. Pelo menos sem deslocar os dois ombros.

Seu único método de movimento era o reles impulso que seus dedos dos pés conseguiam desferir, e não tinham marcha à ré.

Avançou alguns centímetros, literalmente, deslizando pela superfície do duto.

Ainda sangrando.

Músculos revoltados no pós-escalada e seus nervos em frangalhos.

À distância, nada senão escuridão absoluta, o túnel reverberando com o eco de seu movimento.

Exceto quando ele parava.

Pois então silêncio perfeito se assentava, interrompido apenas por *bangs* aleatórios que faziam disparar seu coração, o expandir e contrair do metal em resposta à flutuação de temperatura.

Cinco minutos depois, Ethan tentou olhar para trás pela abertura, algo em si ansiando pelo menos por um vislumbre de luz — o menor consolo —, mas ele não conseguia sustentar o pescoço o bastante para virar e ver.

* * *

Arrastou-se, arrastou-se e arrastou-se.

Cercado por todos os lados e em completa escuridão.

Em dado momento, talvez trinta minutos lá dentro, talvez cinco horas, talvez um dia... ele teve que parar.

Os dedos dos pés tiveram câimbra pelo esforço.

Ele soltou o corpo no metal.

Tremendo.

Uma sede dos infernos.

Uma fome de outro mundo e incapaz de alcançar a comida que tinha no bolso.

Conseguia ouvir o coração batendo no peito contra o metal e nada mais.

* * *

Dormiu.

Ou perdeu a consciência.

Ou morreu por um minuto.

Quando acordou novamente, debateu-se com violência contra as laterais do duto, sem fazer ideia de onde estava ou quando estava, seus olhos abertos para a escuridão penetrante. Por um instante de terror, ele pensou que havia sido enterrado vivo, o som da própria respiração hiperventilando, como alguém gritando em seus ouvidos.

* * *

Arrastou-se pelo que pareceram dias.

Seus olhos conjurando pontos estranhos de luz que apareciam com mais frequência, quanto mais tempo passava nas trevas.

Explosões vívidas de cor.

Auroras imaginárias.

Radiância assombrando o preto.

E quanto mais tempo se arrastava na escuridão confinada, com mais agressividade um pensamento continuava a consumi-lo: nada disso é real.

Nem Wayward Pines, nem o desfiladeiro, nem as criaturas, nem mesmo você.

Então o que é isso? Onde estou?

Num túnel comprido e escuro. Mas para onde acha que está indo?

Não sei.

Quem é você?

Ethan Burke.

Não, quem é você?

O pai de Ben. Marido de Theresa. Vivo num bairro em Seattle chamado Queen Anne. Eu era piloto de um helicóptero Black Hawk na segunda Guerra do Golfo. Depois disso, agente do Serviço Secreto. Sete dias atrás, eu cheguei a Wayward Pines...

Esses são apenas fatos. Eles não dizem nada sobre sua identidade, sua natureza.

Amo minha esposa, mas fui infiel.

Isso é bom.

Amo meu filho, mas eu quase nunca estava presente. Apenas uma estrela distante no céu dele.

Melhor ainda.

Tenho boas intenções, mas...

Mas o quê?

Mas eu falho todas as vezes. Magoo as pessoas que amo.

Por quê?

Não sei.

Você está enlouquecendo?

Às vezes eu acho que ainda estou naquela sala de tortura, que nunca sai.

Você está enlouquecendo?

Diga-me você.

Não posso.

Por que não?

Porque eu sou você.

* * *

A princípio, ele pensou que fosse apenas outro show de fantasmas iluminados, mas não havia

explosões erráticas de cor. Sem fogos de artifício ópticos.

Apenas um ponto contínuo de azul em algum lugar adiante, tão tênue como uma estrela moribunda.

Quando fechou os olhos, desapareceu.

Quando os abriu, voltou, como o único vestígio de sanidade que restava em seu mundo claustrofóbico. Era apenas um ponto de luz, porém um que podia fazer desaparecer e reaparecer, e mesmo essa centelha de controle era algo em que se agarrar.

Uma âncora. Um porto de escala.

Ethan pensando. *Por favor. Seja real.*

* * *

A tênue estrela azul ficou maior, e com sua expansão veio um zumbido baixo.

Ethan parou para descansar, uma vibração suave agora propagando pelo duto, propagando por ele.

Depois de horas na escuridão, a nova sensação parecia tão reconfortante como os batimentos cardíacos maternos.

* * *

Algun tempo depois, a estrela azul mudou de forma e se tornou um quadradinho mínimo.

Aumentou até dominar o campo de visão dele, a expectativa se retorcendo em suas entranhas.

Então estava a três metros de distância.

Então um e meio.

Então ele estava esticando os braços para fora da abertura do duto, seus ombros estralando, a nova liberdade de movimento tão doce como imaginava que a água teria sido.

Pendurado na saída do duto, ele começou a olhar para baixo, por outro duas vezes mais amplo, cruzado por outros ainda.

Uma luz azul suave preenchia o duto principal, emanando de uma lâmpada lá embaixo.

No fundo, vislumbrou um ventilador.

Devia ser uma queda de trinta metros até aquelas lâminas.

Como olhar por um poço.

Em intervalos de três metros, mais dutos de ar alimentavam o principal, alguns deles consideravelmente maiores.

Ethan olhou para cima. O teto estava a sessenta centímetros de sua cabeça.

Merda.

Ele sabia qual era seu próximo movimento, qual tinha que ser, e não gostou.

* * *

Ethan desceu pelo canal de ventilação com a mesma técnica que tinha usado para subir pela fenda na rocha: pressionando os pés nas laterais.

Os pés descalços conseguiram aderência decente no metal e, apesar da queda à espreita nas lâminas giratórias que esperavam até mesmo o menor erro, ele sentiu quase uma alegria boba de estar livre daquele duto apertado.

* * *

Desceu meticulosamente milímetro a milímetro, um passo de cada vez, mantendo a pressão contra as paredes com os braços enquanto abaixava as pernas, depois mudando a pressão novamente para a parte da frente dos pés.

Descendo mais doze metros, ele descansou na abertura do primeiro duto horizontal mais largo

que encontrou, sentando-se na beirada e olhando para baixo, para as lâminas zumbindo, enquanto comia a última das cenouras e o pão.

Estava tão concentrado em sobreviver que só agora tinha lhe ocorrido questionar a que propósito servia toda aquela infraestrutura.

Em vez de continuar para baixo, ele olhou de volta pelo duto, notando que a escuridão era interposta por painéis de luz posicionados a intervalos regulares. Estendiam-se por tão longe quanto a vista podia alcançar.

Ethan se virou, apoiou-se nas mãos e nos joelhos e se arrastou pelo metal por mais de cinco metros, até que encontrasse o primeiro painel.

Parou na beirada, uma descarga de empolgação com um toque de medo percorrendo seu corpo.

Não era um painel de luz.

Era um respiradouro.

Olhou através dele e viu o chão de assoalho quadriculado.

O ar soprando pelo duto tinha um calor agradável como a brisa oceânica no auge do verão.

Por um longo tempo, ele esperou.

Observando.

Nada aconteceu.

Havia o som do movimento de ar, de sua respiração, de metal expandindo e contraindo, e de nada mais.

Ethan se agarrou ao respiradouro pelas grades.

Foi fácil de erguer, sem parafusos, sem pregos, sem soldas segurando-a no lugar.

Colocando a grade de lado, ele segurou as beiradas da passagem, tentou arranjar coragem para descer.

CAPÍTULO 16

Ethan baixou o corpo pela abertura do duto até que seus pés descalços tocassem o piso quadriculado preto e branco. Estava parado no meio de um longo corredor vazio. Havia o zumbido de lâmpadas fluorescentes e o suave ruído do vento vindo pelo duto de ventilação acima de sua cabeça, mas nenhum outro som.

Seus pés fizeram um barulho discreto sapateando no piso quando ele começou a andar.

Havia portas numeradas e espaçadas a cada cinco ou seis metros, e a mais próxima, à direita, malfechada, derramava um pouco de luz pelo chão.

Ele a alcançou — número 37 — e colocou as mãos na maçaneta.

Parou para ouvir.

Nenhuma voz. Nenhum movimento. Nada para dissuadi-lo.

Empurrou a porta mais alguns centímetros e olhou dentro.

Havia uma única cama numa estrutura de metal encostada na parede oposta, arrumada de forma impecável. Uma escrivaninha decorada com fotografias emolduradas e algumas tulipas em um vaso. Seus olhos passaram por uma estante de livros do teto ao chão, uma reprodução de Matisse, um cavalete. Ao lado da porta, um roupão estava pendurado num gancho na parede, e um par de pantufas de coelhinho estava logo abaixo.

Ele prosseguiu pelo corredor silencioso.

Nenhuma das portas estava trancada, e cada uma que ele assumiu o risco de abrir revelou um espaço minimalista semelhante, iluminado por alguns prósperos toques de individualidade.

Depois de uma distância considerável, o corredor terminava numa escadaria; Ethan parado no topo e olhando para baixo, contando quatro lances até o fim.

A sinalização na parede dizia *Nível 4*.

Ele se esgueirou até o próximo patamar, o qual o levou até outro corredor que parecia idêntico ao de cima.

Risada alta, repentina, ressoou pelo corredor.

Levou Ethan de volta pela escadaria e o preparou para a fuga. Já estava imaginando que poderia voltar ao Nível 4, usar a cadeira de um dos apartamentos, subir outra vez no duto de ventilação. Mas a risada morreu e depois de um minuto inteiro o corredor continuava vazio. Avançou dez metros, finalmente parando em frente a um par de portas vaivém, cada uma com uma janelinha.

Um grupo de três homens e duas mulheres ocupava uma entre uma dúzia de mesas numa modesta cantina, o cheiro de comida quente fazendo o estômago de Ethan resmungar.

Uma das mulheres disse:

— Você sabe que isso não é verdade, Clay — e apontou na direção dele um garfo espetado no que parecia ser uma porção de purê de batata.

Ethan avançou pelo corredor.

Passou por uma lavanderia.

Uma sala de recreação.

Uma biblioteca.

Um ginásio vazio.

Vestiários masculinos e femininos.

Uma academia onde duas mulheres trotavam lado a lado em esteiras e um homem levantava

peso.

Ethan chegou a uma escadaria na extremidade do corredor e desceu um lance de escadas que levava ao corredor do Nível 2.

Na primeira porta a que chegou, ele parou e espiou dentro por uma janela circular.

Havia uma maca no centro, rodeada por luminárias, carrinhos repletos de instrumentos cirúrgicos, monitores cardíacos, suportes para soro, estações para cauterização e sutura, uma mesa de fluoroscopia, tudo imaculadamente limpo e reluzindo sob a luz baixa.

As três portas seguintes não tinham janelas e estavam identificadas apenas com placas:

Laboratório A, Laboratório B, Laboratório C.

No fim do corredor, uma janela brilhava, e Ethan ficou de costas na lateral, encostado na parede.

Do outro lado do vidro, leves batidas e o murmúrio baixo de vozes.

Espiou pela janela.

A sala era quase toda escura, o brilho vindo de numerosos monitores — vinte e cinco deles alinhados em cinco fileiras de cinco telas cada, acoplados na parede e empoleirados sobre um grande console que parecia sério o suficiente para lançar um foguete.

A três metros de Ethan, um homem estava sentado observado os monitores, os dedos se movimentando à velocidade da luz sobre um teclado enquanto as imagens nas telas mudavam constantemente. Ele usava na cabeça um conjunto de fones de ouvido e microfone, e Ethan podia ouvir sua voz ressoando muito de leve, embora as palavras se perdessem.

Numa das telas, Ethan analisou uma sucessão de imagens...

A fachada de uma casa vitoriana.

A varanda de uma casa diferente.

Um beco.

Um quarto.

Uma banheira vazia.

Um banheiro com uma mulher em frente ao espelho, escovando os cabelos.

Um homem sentado numa cozinha, comendo de uma tigela de cereal.

Uma criança sentada num vaso sanitário, lendo um livro.

Uma vista da Rua Principal em Wayward Pines.

O *playground* do parque.

O cemitério.

O rio.

O interior da cafeteria.

A recepção do hospital.

O xerife Pope sentado atrás de sua mesa com os pés para cima, falando ao telefone.

O campo de visão de Ethan era limitado através da janela, mas podia discernir na extremidade esquerda outro bloco de monitores e o som de outras pessoas digitando.

Uma piscina de raiva fervendo se tornou uma supernova dentro dele.

Colocou as mãos na maçaneta, começou a girar. Nada o agradaria mais do que se esgueirar atrás do homem assistindo às pessoas em suas vidas cotidianas e quebrar-lhe o pescoço.

Mas se impediu.

Ainda não.

Ethan se afastou da central de vigilância e se dirigiu pela escadaria, saindo no corredor de

baixo — *Nível 1*.

Embora difícil de dizer à distância, a outra extremidade parecia se estender além da escada, em outra seção do complexo.

Ethan apressou o passo.

A cada três metros, ele passava por uma porta sem maçaneta, nenhum método aparente de entrar além de um leitor de cartão.

Na terceira à esquerda, ele parou.

Lançou um olhar pela janelinha para a escuridão — apenas uma sala vazia.

Fez o mesmo na décima porta, parando e colocando as mãos sobre os olhos para que conseguisse extrair mais detalhes das sombras.

A cara de uma das criaturas do desfiladeiro bateu contra o vidro pelo lado de dentro, arreganhando os dentes, silvando.

Ethan cambaleou para trás na parede oposta, seu corpo aceso pelo susto quando a coisa guinchou detrás do vidro — grosso o bastante para abafar a maior parte do som.

Passos ecoaram pela escada de onde ele acabava de vir.

Ethan correu pelo corredor, tão rápido quanto possível, as lâmpadas fluorescentes deslizando acima dele como um riacho de luz artificial.

Ele olhou por cima do ombro ao chegar à escadaria, viu duas figuras de preto se dirigindo para a outra ponta do corredor a menos de cem metros. Um deles apontou e gritou algo, e os dois correram em sua direção.

Ethan disparou pela escada.

Duas portas de vidro automáticas deslizavam para se fechar logo adiante.

Ele virou-se de lado, mal conseguindo se espremer para dentro enquanto elas se fechavam atrás dele.

Foram as proporções épicas do próximo espaço que o deixaram espantado, o propósito maluco daquele lugar o fazendo parar por completo.

Não mais estava em piso, mas em pedra fria na beira de uma caverna do tamanho de dez armazéns — algo em torno de cem mil metros quadrados, no mínimo, era a suposição, e a distância do solo até o teto era de quase vinte metros em alguns pontos. Em toda sua vida, ele só tinha visto um espaço mais impressionante: a fábrica da Boeing em Everett, Washington. Globos gigantes de luz se dependuravam do teto de rocha, cada um iluminando uma seção de cem metros quadrados de chão.

Havia centenas.

As portas de vidro haviam começado a se abrir atrás dele, e Ethan conseguia ouvir os passos daqueles homens vestidos de preto — eles já haviam coberto metade da distância do corredor. Ethan correu pela caverna e disparou por uma passagem entre estantes repletas de tábuas de madeira de todas as dimensões. As prateleiras tinham doze metros de altura, um de profundidade de cada lado, e se estendiam pelo comprimento de um campo de futebol; Ethan supondo que continham suficiente quantidade de madeira linear para reconstruir Wayward Pines cinco vezes.

Numerosas vozes ecoaram pela caverna.

Ethan espiou por cima do ombro, viu alguém a mais de cinquenta metros disparando até ele. Saiu correndo pelo estreito desfiladeiro entre as estantes.

Adiante, o espaço no chão foi interrompido por centenas de reservatórios cilíndricos de dez

metros de altura e com a mesma largura, cada um capaz de conter centenas de metros cúbicos de volume, todos rotulados em letras de fôrma garrafais tão altas quanto Ethan.

Arroz.

Farinha.

Açúcar.

Grãos.

Sal iodado.

Milho.

Vitamina C.

Soja.

Leite em pó.

Malte.

Cevada.

Fermento biológico.

Ethan correu por um labirinto de reservatórios. Podia ouvir passos — muito próximos —, mas com todas as interferências espaciais era impossível identificar a localização.

Ele parou e se inclinou contra um tonel, respirando na camiseta na curva do braço, lutando para mascarar o ruído de seu ofegar.

Um homem em uniforme preto disparou por ele, segurando um rádio comunicador em uma das mãos e algo que parecia um bastão de conduzir gado na outra.

Ethan esperou dez segundos e então mudou a rota, serpenteando pelos reservatórios por mais uma centena de metros até sair num estacionamento de carros.

Os veículos variavam de modelos do início dos anos 1980 até modelos modernos que ele nunca tinha visto antes — desenhos curvilíneos, compactos, que pareciam mais carros de conceitos radicais do que qualquer coisa que pertencesse às ruas.

Cada veículo, sem exceção, ostentava um cromado reluzente e trabalhos de pintura impecáveis sob a luz dos globos pendurados, todos parecendo novos e brilhantes como se tivessem saído da linha de montagem havia apenas trinta segundos.

Um grupo de homens entrou correndo no campo de visão de Ethan na outra extremidade do estacionamento.

Ele se abaixou entre dois Jipes Cherokee de um vermelho profundo, não sabia se tinha sido visto, mas estava muito certo de ter vislumbrado armas automáticas.

Arrastou-se pela distância de vários carros e então se ergueu lentamente ao lado da porta do motorista de um deles, até que estivesse espiando pelo para-brisa de um Impala do começo dos anos 1980.

Estavam mais perto do que ele havia imaginado, agora apenas a menos de dez metros e todos armados com submetralhadoras. Dois deles iluminavam com lanternas o interior de cada veículo pelo qual passavam, até que o terceiro se abaixou no chão e mirou a luz embaixo de cada carro.

Ethan foi para a direção oposta, sem se importar em ir abaixado, apenas correndo sobre o solo irregular de rocha e tentando se certificar de que sua cabeça não estivesse visível através de nenhum vidro.

Próximo dos limites do estacionamento, ele tropeçou num Crown Victoria com vidros escuros nas portas traseiras. Ele parou e, com precisão absoluta, puxou a maçaneta para abrir a porta

sem fazer som algum.

A luz interna acendeu, e Ethan se esgueirou para dentro, puxando a porta atrás de si apenas com a força necessária.

Mesmo dentro do carro, ele podia ouvir o eco da porta fechando percorrer a caverna.

Abaixado nas sombras atrás do banco do motorista, Ethan espiou por sobre o painel, pelo para-brisa.

O trio de homens agora estava de pé, cada um deles virando lentamente, tentando avaliar de onde o barulho tinha vindo.

Enfim eles se separaram, dois se afastando de Ethan, mas um deles indo diretamente para o carro em que ele estava.

Enquanto o homem se aproximava, Ethan se abaixou atrás do banco e se enrodilhou na menor e mais compacta bola em que conseguiu se contorcer.

Os passos se aproximaram.

Ele estava com a cabeça enfiada entre os joelhos.

Não conseguia enxergar nada.

Então os passos estavam logo ao lado de sua cabeça, a centímetros de distância, do lado de fora.

Eles não se afastaram.

Eles tinham parado.

O impulso de levantar a cabeça e ver o que estava acontecendo era tão forte que quase o dominou.

Queria saber se o homem estava iluminando o interior do Crown Victoria.

Saber o quanto a luz penetraria os vidros escurecidos.

Se não conseguisse ter uma visão decente do lado de dentro, será que abriria a porta?

Os passos seguiram em frente, mas Ethan não se moveu — esperou mais cinco minutos até que não mais pudesse ouvi-los.

Por fim, ele se sentou e olhou pelo para-brisa.

Os homens tinham ido embora.

Ethan não via ninguém.

Abriu a porta e se abaixou na pedra. Se apurasse os ouvidos, poderia ouvir vozes, mas elas estavam muito longe, em alguma região distante da caverna.

Trinta metros andando agachado o levaram aos limites do estacionamento.

Logo adiante estava a parede da caverna e a abertura para um túnel largo o bastante para dois carros viajarem lado a lado.

Ethan se colocou de pé e cruzou até o túnel.

Estava vazio e bem-iluminado e descendia de onde ele estava, numa reta contínua com dez ou doze por cento de caída em relação ao piso da caverna, o pavimento impecável.

Uma placa havia sido afixada na rocha acima da abertura em arco: letras brancas em fundo verde, exatamente como a sinalização de uma rodovia interestadual dos Estados Unidos.

Mas só listava um destino...

WAYWARD PINES 5,6 km

Ethan lançou um olhar de volta para os carros, pensando que talvez pudesse pegar emprestado um dos modelos mais antigos, pois seria mais fácil de fazer ligação direta.

Algo captou seu olhar — uma luz azul fria emanando de uma porta de vidro na rocha, a menos

de cinquenta metros de distância.

O som de passos e vozes voltou ao seu raio de audição, ainda a uma boa distância, adiante dos carros. Ethan pensou ver o facho de uma lanterna atingir um dos reservatórios, mas não teve certeza.

Continuou perto da parede da caverna.

Ela se curvava de leve enquanto Ethan percorria a distância até a porta de vidro.

Um metro e meio mais à frente, ele parou.

Enquanto a porta se abria deslizando, ele leu uma única palavra impressa no vidro:

SUSPENSÃO

E entrou.

A porta se fechou atrás dele.

Estava muito mais frio, apenas alguns graus acima de congelante, e seu hálito se condensava no ar. A luz era um azul frígido, como sol atravessando um *iceberg*, e o ar era turvado por um gás pálido que pairava três metros acima, denso o suficiente para mascarar por completo o teto, como uma nuvem. E ainda assim, o espaço tinha um cheiro de limpeza, de algo lavado, como o dia depois de uma tempestade noturna de neve — inodoro, puro.

O ruído de gás escapando e *bipes* suaves quebravam o silêncio.

Nas dimensões aproximadas de um supermercado, a sala abrigava fileira após fileira de equipamentos cor de carvão — centenas e centenas deles — cada um do tamanho de uma máquina de vender bebidas, cada um exalando uma baforada de gás branco de seu teto como uma chaminé soltando fumaça.

Ethan andou pelo primeiro corredor e ficou de frente para uma das máquinas.

Um painel vertical de vidro de cinco centímetros de largura percorria o meio, nada para ver além dele.

À esquerda do vidro, um teclado estava emoldurado por vários medidores e visores: todos zerados.

À direita, ele analisou a placa de identificação digital:

JANET CATHERINE PALMER

TOPEKA, KS

DATA DE SUSPENSÃO: 3/2/82

RESIDENTE: 11 ANOS, 5 MESES, 9 DIAS

Ethan ouviu a porta deslizar, virou-se para ver quem tinha entrado, mas as ondas de gás bloqueavam sua visão. Ele caminhou por um corredor, mais fundo na névoa, visualizando a identificação de cada máquina por onde passava, as datas de suspensão progredindo de maneira regular pelos anos 1980.

Uma delas o fez parar de repente, as vozes misturadas ao som de gás escapando e de *bipes*. Atrás do painel central de vidro, era como se o interior da máquina tivesse sido preenchido com areia preta. Mal despontando entre o conteúdo, ele viu um dedo branco, imóvel, a ponta encostada no vidro abaixo da mancha de uma impressão digital.

Os medidores mostravam o que parecia um monitor cardíaco com linha contínua, e a temperatura marcava 21,111°C.

A identificação:

BRIAN LANEY ROGERS

MISSOULA, MT

DATA DE SUSPENSÃO: 5/5/84

TENTATIVAS DE INTEGRAÇÃO: 2

A próxima máquina na sequência estava vazia, mas Ethan reconheceu o primeiro nome, questionando-se se seria ela:

BEVERLY LYNN SHORT

BOISE, ID

DATA DE SUSPENSÃO: 3/10/85

TENTATIVAS DE INTEGRAÇÃO: 3

EXTERMINADA

Havia alguém se aproximando dele depressa. Arrancou-se da unidade de Beverly, a mente funcionando enquanto corria para o fim do corredor e começava pelo próximo.

Que diabos isto tudo significa?

Devia existir agora meia dúzia de pessoas no recinto, todos o perseguindo, mas ele não se importava.

Apenas precisava ver mais uma unidade.

Tinha que ver.

E na quarta fileira, no meio do corredor, com vozes se aproximando, ele parou.

Fitou a máquina vazia.

Sua máquina vazia.

JOHN ETHAN BURKE

SEATTLE, WA

DATA DE SUSPENSÃO: 24/9/12

TENTATIVAS DE INTEGRAÇÃO: 3

EM PROCESSO DE EXTERMÍNIO

Ler seu nome não tornou nada daquilo mais real.

Ele estava ali sem saber o que fazer com a informação diante de seus olhos.

Tentando ligar os pontos do que aquilo significava.

Pela primeira vez no que parecia uma eternidade, ele não conseguia dar a mínima para a ideia de sair correndo.

— Ethan!

Ele conhecia a voz, embora levasse um instante para ligar à memória.

Ao rosto a que ela pertencia.

— Precisamos conversar, Ethan!

Sim, precisamos.

Era Jenkins. O psiquiatra.

Ethan começou a andar.

Sentiu como se estivesse se desenrolando há dias, mas agora estava chegando ao fim do fio, questionando-se o que exatamente aconteceria quando ele acabasse.

— Ethan, por favor!

Ele sequer estava olhando mais os nomes, ou vendo quais máquinas estavam ocupadas e quais, vazias.

Apenas uma coisa importava, uma suspeita terrível corroendo suas entranhas.

— Não queremos machucar você! Ninguém toque nele!

Tudo o que conseguia era fazer as pernas trabalhar enquanto se aproximava da última máquina

na última fileira, no canto mais distante de onde estava.

Agora homens o seguiam.

Ele podia senti-los bem perto pela névoa.

Nenhuma chance de escapar já; mas será que isso ainda importava?

Chegou à última máquina e colocou a mão no vidro para se amparar.

Cercado por areia preta, o rosto de um homem estava pressionado à janelinha estreita percorrendo a frente da máquina.

Olhos abertos.

Sem piscar.

Sem respiração para embaçar o lado de dentro do vidro.

Ethan leu no visor a data de suspensão: 2032. Ele se virou de costas quando o Dr. Jenkins emergiu da névoa, o homem pequeno de aparência modesta, flanqueado por cinco daqueles homens vestidos de preto com todo o equipamento de um batalhão de choque.

Jenkins falou:

— Por favor, não nos faça machucar você.

Ethan disparou um olhar para o último corredor: mais duas figuras se assomavam na fumaça. Estava encurralado.

— O que é isso — perguntou.

— Entendo que você queira saber.

— Ah é?

O psiquiatra o analisou por um instante.

— Você está com uma aparência terrível, Ethan.

— Então eu estava o quê? Congelado?

— Você estava em suspensão química.

— E o que isso significa?

— Simplificando muito, usamos sulfeto de hidrogênio para induzir hipotermia. Uma vez que a temperatura interna alcance níveis do meio ambiente, envolvemos você em areia vulcânica e nivelamos o gás sulfúrico a uma concentração que mate todo tipo de bactérias aeróbicas.

Depois, atacamos as anaeróbicas. Em linhas gerais, atacamos qualquer coisa que sustente o envelhecimento celular. Isso o coloca num estado altamente eficiente de animação suspensa.

— Então você está me dizendo que, pelo menos por um tempo, eu estava morto?

— Não. Morte... por definição... é algo que não pode ser desfeito. Gostamos de pensar nesse conceito como o ato de desligá-lo de tal forma que isso nos permita ligá-lo outra vez.

Reiniciar o sistema. Tenha em mente que estou dando a versão para leigos de um processo muito delicado e complexo. Um que precisou de décadas para ser aperfeiçoado.

Jenkins avançou com a cautela que poderia ter usado para abordar um animal raivoso. Seus capangas seguiam de perto, também se aproximando aos poucos, mas ele os dispensou com um gesto, parando a sessenta centímetros de Ethan e esticando o braço lentamente até que sua mão tocasse o ombro dele.

— Entendo que isso seja muito para absorver. Esse fato não escapa à minha compreensão.

Você não está louco, Ethan.

— Eu sei disso. Eu sempre soube. Então qual é o objetivo de tudo? O que significa?

— Você gostaria que eu lhe mostrasse?

— O que acha?

— Está bem, Ethan. Está bem. Mas devo alertá-lo... Vou pedir algo em troca.

— O quê?

Jenkins não respondeu. Em vez disso, apenas sorriu e tocou algo do lado de Ethan.

Ele ouviu um clique, entendendo o que estava prestes a acontecer meio segundo antes de atingi-lo — era como se pulasse num lago congelado, todos os músculos se flexionando de uma só vez, os joelhos travando e o calor de uma fornalha num excruciante ponto de contato. E então ele estava no chão, o corpo inteiro vibrando e o joelho de Jenkins se enterrando em sua lombar.

A espetada da agulha na lateral de seu pescoço cortou os efeitos da paralisia muscular causada pela arma de eletrochoque, e Jenkins devia ter acertado uma veia, pois foi quase imediato, a dor do contato do aparelho se dissolvendo.

A dor de tudo se dissolvendo.

A descarga de euforia chegando rápida e forte e Ethan lutando para ver através dela, manter contato com o medo do que estava acontecendo.

Mas a droga era linda demais.

Pesada demais.

Ela o fez perder a consciência num êxtase indolor.

CAPÍTULO 17

Mal se passaram dois segundos desde que o último grão de areia branca esvaziara o bulbo superior da ampulheta, e a porta se destranca e se abre.

Aashif está na entrada, sorrindo.

É a primeira vez que Ethan o vê sem o capuz e lhe ocorre que esse não se parece com um homem capaz de fazer com ele as coisas que prometeu fazer.

Seu rosto barbeado, com apenas a mais tênue sugestão de alguns fios nascendo.

Cabelo preto, altura dos ombros, emplastrado para trás.

— Quem era branco? Seu pai ou sua mãe? — Ethan pergunta.

— Minha mãe era britânica — Aashif entra na sala. Na mesa, ele para e olha fixo para a folha de papel. Aponta para ela. — É melhor não estar em branco do outro lado — e a vira, analisa por um momento e sacode a cabeça enquanto seus olhos se elevam até os de Ethan.

— Era para você escrever algo que me deixasse feliz. Não entendeu minhas instruções?

— Seu inglês é ótimo. Eu entendi.

— Então talvez você não acredite que vou fazer o que eu disse.

— Não, eu acredito.

— O que, então? Por que você não escreveu nada?

— Mas eu escrevi.

— Em tinta invisível?

Agora Ethan sorri. São necessárias todas as suas forças para conseguir parar o tremor que ameaça chegar até as mãos.

Ele ergue a mão esquerda.

— Eu escrevi isso — responde, mostrando a tatuagem que inscreveu na palma da mão com a ponta da esferográfica azul-escura e sem cuidado, a mão ainda sangrando em partes. Mas dadas as restrições de tempo e as circunstâncias, era o melhor que podia fazer. Ele diz: — Eu sei que logo vou estar gritando. Com uma dor terrível. Cada vez que você se perguntar o que estou pensando, mesmo que eu não consiga falar, pode apenas olhar para a minha mão e levar muito a sério estas três palavras. É um ditado do meu país. Acho que entende o significado completo, não?

— Você não faz ideia — Aashif sussurra e, pela primeira vez, Ethan registra emoção escapando nos olhos do homem. Em meio ao medo, ele se faz catalogar a satisfação de ter causado uma ruptura na serenidade do monstro, sabendo que pode ser seu único momento de vitória naquela transação brutal.

— Na verdade eu faço — Ethan diz. — Você vai me torturar, me quebrar e depois me assassinar. Sei exatamente o que me espera. Só tenho um pedido.

Isso extrai um sorriso sutil.

— O quê?

— Pare de me dizer como você é um garanhão, seu merdinha. Coloque para fora e me mostre.

** * **

Aashif mostra o dia inteiro.

** * **

Algumas horas mais tarde, Ethan volta à consciência.

Aashif coloca a substância de cheiro forte na mesa ao lado das facas.

— Bem-vindo de volta. Você já se viu? — o homem pergunta.

Ethan perdeu toda a noção de quanto tempo está ali na sala de paredes marrons sem janelas que cheira à morte e a sangue rançoso.

— Olhe para a sua perna — o rosto de Aashif está gotejando de suor. — Eu disse olhe para a sua perna.

Quando Ethan se recusa, Aashif enfia os dedos ensanguentados num recipiente de barro e tira um punhado de sal.

Ele joga na perna de Ethan.

Gritos através da mordança.

Agonia.

Inconsciência.

** * **

— Entende que você é meu agora, Ethan? Como sempre será meu? Está entendendo?

Palavras mais verdadeiras.

** * **

Ethan se colocou em outro mundo, tentando seguir uma linha de pensamento que o leve até a esposa, a ela dando à luz o primogênito, e ele no hospital com ela, mas a dor continua trazendo-o de volta para o presente.

** * **

— Posso fazer acabar — Aashif ronrona em sua orelha. — Também posso mantê-lo vivo por dias. O que você quiser. Sei que dói. Sei que está sentindo uma dor maior do que pensou que qualquer pessoa pudesse sentir. Mas considere que apenas trabalhei numa das pernas. E que sou muito bom nisso. Não vou deixar que você sangre até morrer. Só vai morrer quando eu quiser.

** * **

Há uma inegável intimidade entre eles.

Aashif cortando.

Ethan gritando.

De início, Ethan não tinha assistido, mas agora não consegue arrancar os olhos da cena.

Aashif o força a beber água e enfia feijões mornos em sua boca, o tempo todo conversando no mais casual dos tons, como se fosse um mero barbeiro e Ethan tivesse passado para dar uma aparada.

** * **

Mais tarde, Aashif está sentado num canto bebendo água e observando Ethan, estudando seu trabalho manual com uma mistura de diversão e orgulho.

Enxuga a testa e se coloca de pé, a bainha de sua túnica árabe pingando o sangue de Ethan.

— Amanhã de manhã, logo cedo, vou castrá-lo, cauterizar o ferimento com um maçarico e depois vou trabalhar na parte de cima do seu corpo. Pense no que vai querer de desjejum.

Ele apaga a luz no caminho para fora da sala.

** * **

A noite toda, Ethan permanece pendurado na escuridão.

Esperando.

Às vezes ouve passos pararem do outro lado da porta, mas ela nunca abre.

A dor é titânica, mas ele consegue pensar com clareza na esposa e no filho que nunca vai conhecer.

Sussurra para Theresa de seu calabouço e fica pensando se ela consegue ouvi-lo.

Ele geme e chora.

Tentando se familiarizar com a ideia de que está indo ao encontro deste fim.

Mesmo anos depois, será este momento — sozinho no escuro com nada além de dor e seus pensamentos, e esperando pelo amanhã — que vai assombrá-lo.

Sempre esperando pela volta de Aashif.

Sempre se perguntando como vai ser seu filho ou filha.

Qual será o nome.

Sempre se perguntando como Theresa vai continuar a vida sem ele.

Ela vai até mesmo dizer quatro meses depois, sentada à mesa de café da manhã na cozinha em Seattle enquanto a chuva cai: “É como se você nunca tivesse voltado para mim, Ethan”.

Ele vai dizer: “Eu sei”, enquanto o choro de seu filho ecoa pela babá eletrônica. Pensando: Aashif não tirou apenas pedaços físicos de mim.

** * **

E depois, quando a porta enfim se abre, lâminas de luz fluem para dentro, levando Ethan de volta à consciência, de volta à dor.

Quando seus olhos se ajustam à investida da luz do dia, não é a silhueta de Aashif que veem, mas o perfil robusto e todo paramentado de um soldado de operações especiais dos fuzileiros navais, segurando uma carabina M-4 com uma mira telescópica, cujo cano exala espirais de fumaça.

Ele mira uma luz em Ethan e diz com um sotaque carregado do oeste texano, arrastando as vogais:

— Jesus.

** * **

Theresa pensa que os ferimentos na perna são da queda.

** * **

O oficial é um sargento, sobrenome Brooks, e carrega Ethan nas costas por um lance estreito de escadas, para fora do calabouço no porão, até uma cozinha onde bifes estão queimando numa frigideira.

O desjejum se interrompe.

Três árabes estão mortos no corredor e cinco membros das forças especiais ocupam a cozinha apertada, um deles ajoelhado ao lado de Aashif, amarrando uma tira de tecido na perna esquerda acima do joelho, onde ele está sangrando por causa de um ferimento à bala.

Brooks abaixa Ethan numa cadeira e grita para seu oficial médico:

— Saia de cima dele! — e encara Aashif. — Quem torturou este soldado?

Aashif responde à pergunta com algo em árabe.

— Mim não hablar essa merda de língua aí.

— Foi ele — Ethan diz. — Ele fez isso comigo.

Por um instante, não há nada na cozinha além do fedor de carne queimando e pólvora de arma de fogo.

— Vamos decolar em dois minutos — Brooks diz a Ethan. — Esse é o único filho da mãe que sobrou e não tem ninguém aqui dentro para dizer porcarias nenhuma sobre o que você faz.

Um soldado parado ao lado do fogão e segurando um rifle diz:

— Maravilha.

— Consegue me colocar de pé? — Ethan pergunta.

Brooks ajuda Ethan a se levantar da cadeira, que vai grunhindo ao caminhar centímetro a centímetro pela cozinha até Aashif.

Quando estão sobre ele, o oficial saca uma pistola.

Ethan a pega da mão dele, verifica a munição.

Vai lhe ocorrer meses depois que, se tivesse sido um filme, ele não teria feito assim. Não teria descido ao nível daquele monstro. Mas a verdade nua e crua é que nunca passa pela cabeça de Ethan não fazer. E embora ele vá continuar sonhando com a queda, com todas as coisas que Aashif lhe fez, esse momento nunca vai assombrá-lo. Ele só vai desejar que tivesse durado mais tempo.

Ethan está nu, de pé apenas por causa da ajuda de Brooks, suas pernas como algo que pertencem a um açougue.

Ele manda Aashif olhar para ele.

À distância, consegue ouvir o distinto ruído de um Black Hawk se aproximando.

Além disso, a rua está silenciosa como um túmulo.

O torturador e o torturado travam contato visual por um longo segundo.

Aashif diz:

— Você ainda é meu, sabe.

Enquanto ele sorri, Ethan atira no meio de sua cara.

** * **

Logo que recupera a consciência, está encostado na janela do Black Hawk, olhando, a trezentos pés de altura, para as ruas de Fallujah, morfina girando em seu sistema circulatório e a voz de Brooks gritando em seu ouvido que ele está a salvo, que vai para casa e que há dois dias sua esposa deu à luz um menino saudável.

CAPÍTULO 18

Ethan abriu os olhos.

A cabeça estava encostada numa janela e ele observava um terreno montanhoso passando a duzentos e cinquenta quilômetros por hora. Avançavam em velocidade estável, se fosse dar um palpite, a duzentos e cinquenta pés do chão. Ele havia pilotado um helicóptero-ambulância por seis meses depois de voltar do Iraque, antes de se candidatar ao Serviço Secreto, e reconhecia não só a voz das turbinas Lyncoming rugindo sobre sua cabeça como as dimensões de um BK117. Havia pilotado o mesmo modelo na empresa de transporte de emergências médicas. Desencostando a cabeça do vidro, ele quis fazer um movimento para coçar a lateral do nariz, mas descobriu as mãos algemadas nas costas.

A cabine de passageiros havia sido disposta numa configuração padrão — quatro assentos divididos em duas fileiras frente a frente e um espaço para carga na parte posterior da fuselagem, escondida atrás de uma cortina.

Jenkins e o xerife Pope estavam sentados do outro lado e Ethan estava contente de ver o nariz do homem da lei ainda com curativo.

A enfermeira Pam — depois de trocar o uniforme clássico de enfermeira por calças cargo pretas, uma camiseta preta de manga longa, uniforme militar, e uma espingarda H&K — estava sentada ao lado; uma meia-lua de pontos de sutura curvando-se desde a porção raspada de seu couro cabeludo, cruzando a têmpora e descendo até a face. Beverly tinha sido responsável por aquilo e Ethan registrou uma centelha de raiva ao se lembrar do que tinha sido feito com aquela pobre mulher.

A voz de Jenkins surgiu pelos fones de ouvido.

— Como está se sentindo, Ethan?

Embora se sentisse zozinho por causa dos remédios, sua cabeça já começava a clarear.

Mas não respondeu.

Apenas encarou.

— Lamento pelo choque de ontem, mas não podíamos assumir nenhum risco. Você já se provou mais do que capaz de tomar conta de si mesmo e eu não queria arriscar nenhuma outra perda humana. Sua, ou dos meus homens.

— Perda humana, é? Agora é com isso que você está tão preocupado?

— Também tomamos a liberdade de reidratar-lo, oferecer alguma nutrição, roupas novas.

Cuidar dos seus ferimentos. Devo dizer... sua aparência é muito melhor agora.

Ethan olhou pela janela — pinheirais infundáveis se estendendo por vales e por colinas que de vez em quando se elevavam acima das copas das árvores em escarpados de rocha.

— Aonde estão me levando? — Ethan perguntou.

— Estou mantendo minha palavra.

— A quem?

— A você. Vou mostrar o que tudo isso significa.

— Não entendo...

— Você vai. Mais quanto tempo, Roger?

O piloto falou pelos fones:

— Coloco vocês no solo em quinze.

* * *

Era uma região remota que fazia cair o queixo.

Sem estradas, nem casas até onde a vista de Ethan alcançava.

Apenas colinas repletas de florestas e um ocasional rabisco de água entre as árvores — vislumbres de córrego e rio.

Logo o pinheiral ficou para trás e Ethan conseguiu perceber pela mudança no som das turbinas duplas que o piloto havia iniciado a descida.

* * *

Voaram sobre colinas marrons e de aparência árida, que depois de quinze quilômetros desembocaram numa vasta floresta de coníferas.

A duzentos pés do nível do solo, o helicóptero inclinou-se de lado e circundou por vários minutos os mesmos dois quilômetros e meio quadrados de uma propriedade, enquanto Pope estudava o terreno pelo binóculo.

Ele enfim falou pelo microfone.

— Parece tudo bem.

* * *

Aterrissaram numa grande clareira rodeada por carvalhos muito altos, das cores do outono, os rotores fazendo o mato rodopiar em grandes ondas que se propagavam a partir do helicóptero em círculos concêntricos.

Ethan olhou pelo campo enquanto o motor parava.

— Quer se juntar a mim para uma pequena caminhada, Ethan? — Jenkins perguntou.

Pam se aproximou, desafivelou o cinto de segurança de sua cintura e de seus ombros.

— Algemas também? — ela perguntou.

Jenkins olhou para Ethan.

— Você vai se comportar?

— Claro.

Ethan inclinou o corpo para frente a fim de que Pam pudesse chegar à fechadura.

As algemas se abriram.

Ele esticou os braços e massageou os punhos.

Jenkins olhou para Pope, abriu a mão, disse:

— Você trouxe algo para mim, como eu pedi?

O xerife a preencheu com um revólver de aço inoxidável que parecia robusto o suficiente para suportar cartuchos 357 Magnum.

Jenkins parecia na dúvida.

— Já vi você atirar — Pope disse. — Não vai ter problemas. Qualquer lugar perto do coração ou, melhor ainda, na cabeça, e você está feito.

Pope procurou algo atrás de seu assento e trouxe uma AK-47 enfeitada com um tambor de cem projéteis. Ethan o observou alterar o modo de segurança para rajada de três tiros.

Jenkins tirou seu conjunto de fones de ouvido e microfone. Em seguida puxou a cortina entre a cabine de passageiros e o *cockpit*, disse ao piloto:

— Estaremos no canal 4 e vamos entrar em contato se for preciso partir às pressas.

— Vou ficar com o dedo no botão de partida.

— Use o rádio ao primeiro sinal de problemas.

— Sim, senhor.

— O Arnie deixou uma arma com você?

— Duas, na verdade.

— Não vamos demorar.

Jenkins abriu a porta da cabine e desceu.

Depois de Pope e Pam, Ethan seguiu, pisando no patim de pouso e depois no mato fofo que batia na cintura. Alcançou Jenkins, e os quatro seguiram rapidamente pelo campo. Pope na frente com o rifle de assalto, Pam na retaguarda.

O dia estava avançado — uma tarde fria, dourada.

Todos pareciam inquietos e nervosos, como se estivessem fazendo patrulha.

Ethan disse:

— Desde que cheguei a Wayward Pines, vocês não fizeram nada a não ser me ferrar. O que vamos fazer aqui nesta maldita selva? Quero saber imediatamente.

Eles entraram na floresta, avançando com dificuldade por uma bagunça de vegetação rasteira.

O som de pássaros ficando mais alto.

— Mas, Ethan, isso não é selva.

Ethan vislumbrou algo escondido entre as árvores, percebendo que não tinha notado de início por causa de toda a vegetação. Apressou o passo, agora abrindo caminho entre os arbustos e plantas jovens que abrangiam a parte inferior da floresta, Jenkins seguindo logo atrás.

Quando Ethan chegou à base daquilo, ele parou e olhou para cima.

Por um instante, não entendeu exatamente o que estava vendo. Embaixo, as vigas estavam envoltas em vários centímetros de vinhas vivas e mortas, o marrom e o verde camuflando o formato da estrutura, fundindo-a de forma tão indistinta na cor da floresta que, se olhassem de soslaio, era invisível.

Mais acima, era possível ver a cor de vigas de aço — tão enferrujadas que beiravam o vermelho. Séculos de oxidação. Três carvalhos haviam brotado bem no coração do espaço, girando e se contorcendo ao crescer, alguns dos galhos até mesmo proporcionando apoio para vigas. Apenas a estrutura dos seis pisos inferiores ainda estava de pé — o esqueleto corroído de um prédio. Uma porção de vigas perto do topo havia entortado e se curvado como cachos de cabelo acobreado, mas a maior parte dos metais desabara no centro havia muito tempo e passara a fazer parte do solo da floresta.

O som de pássaros vindo das ruínas era tremendo. Como um edifício de aves. Ninhos por toda a parte onde Ethan colocasse os olhos.

— Lembra quando você me disse que queria ser transferido para um hospital em Boise? — Jenkins perguntou.

— Lembro.

— Bem, eu trouxe você a Boise. Bem ao centro da cidade.

— Do que está falando?

— Você está olhando para o prédio do Banco dos EUA. O maior arranha-céu de Idaho. Era aqui que a seccional de Boise do Serviço Secreto estava localizada. No décimo sétimo andar?

— Você está louco.

— Sei que agora parece uma floresta, mas na verdade estamos no meio da Capitol Boulevard. O Palácio do Governo fica só a meio quilômetro por essas árvores, embora, para encontrar qualquer vestígio dele, você tenha que cavar.

— O que é isso? Algum tipo de truque?

— Eu disse.

Ethan pegou Jenkins pelo colarinho e o puxou mais para perto.

— Comece a dizer algo que faça sentido.

— Você foi colocado em suspensão animada. Você viu as unidades...

— Por quanto tempo?

— Ethan...

— Quanto. Tempo.

Jenkins fez uma breve pausa, Ethan se dando conta de que havia algo dentro de si que quase não queria ouvir a resposta.

— Mil oitocentos e quatorze anos...

Ethan largou a camisa de Jenkins.

— ... cinco meses...

Cambaleou para trás.

— ... e onze dias.

Olhou para a ruína.

Olhou para o céu.

— Você devia descansar as pernas — Jenkins disse. — Vamos sentar — e enquanto Ethan se deixava cair sobre um grupo de samambaias, Jenkins olhou para Pope e Pam. — Vocês nos deem um minuto, está bem? Mas não se afastem muito.

Eles se foram.

Jenkins sentou em frente a Ethan.

— Sua mente está a toda — ele disse. — Será que você poderia tentar não pensar por um minuto e apenas me ouvir?

Havia chovido recentemente: Ethan podia sentir a umidade do solo passar pela calça cargo marrom que tinham vestido nele.

— Deixe-me perguntar uma coisa — Jenkins disse. — Quando você pensa na maior descoberta revolucionária da história, o que lhe vem à mente?

Ethan deu de ombros.

— Vamos, estou disposto a ouvi-lo.

— Viagem espacial, teoria da relatividade, eu não...

— Não. A maior descoberta da história da humanidade foi entender como o homem seria extinto.

— Enquanto espécie?

— Exato. Em 1971, um jovem geneticista chamado David Pilcher fez uma descoberta alarmante. Tenha em mente que isso é anterior ao *splicing* de RNA, antes do polimorfismo do DNA. Ele descobriu que o genoma humano, que essencialmente é a totalidade de sua herança genética, que é o que programa o crescimento celular, estava mudando, se corrompendo.

— Por qual razão?

— Por qual razão! — Jenkins riu. — Por todas. Pelo que nós já tínhamos feito com a Terra, e por tudo o que nós faríamos nos séculos seguintes. Extinção dos mamíferos. Desmatamento. Derretimento do gelo polar. Ozônio. Níveis elevados de dióxido de carbono na atmosfera. Chuva ácida. Zonas mortas nos oceanos. Pesca predatória. Excessiva perfuração de petróleo em solo oceânico. Guerras. A criação de um milhão de automóveis queimando gasolina. Os desastres nucleares: Fukushima, Three Mile Island, Chernobyl. As mais de duas mil explosões nucleares feitas de propósito em nome do teste de armas atômicas. Descarte de lixo tóxico. O

petroleiro Exxon-Valdez. O vazamento da British Petroleum no Golfo do México. Todos os venenos que colocamos na nossa comida e água todos os dias.

“Desde a Revolução Industrial, tratamos nosso mundo como se fosse um quarto de hotel, onde éramos estrelas do rock. Mas não somos estrelas do rock. No esquema das forças evolutivas, somos uma espécie fraca, frágil. Nosso genoma é corruptível, e abusamos tanto deste planeta que, no fim das contas, corrompemos o precioso mapa do DNA que faz de nós humanos.

“Mas esse homem, Pilcher, ele viu o que nos aguardava. Talvez não especificamente, mas em linhas gerais. Viu que, ao longo de sucessivas gerações, por causa das mudanças substanciais que estávamos provocando no meio ambiente, havia a possibilidade de uma anagênese veloz. Para colocar em termos que você possa entender: uma mudança rápida em nível macroevolutivo. O que estou dizendo? De humano para alguma *outra* coisa no espaço de trinta gerações. Para colocar em termos bíblicos, Pilcher acreditava que um dilúvio estava chegando, por isso decidiu construir uma arca. Está me acompanhando?”

— Não mesmo.

— Pilcher pensou que poderia preservar um número de humanos puros antes que a corrupção alcançasse uma população crítica, e que eles pudessem, de fato, ficar à margem das mudanças evolucionárias. Mas, para conseguir isso, seria necessária uma tecnologia robusta de suspensão animada.

“Ele criou um laboratório e jogou seus bilhões em pesquisa e desenvolvimento. Teve sucesso em 1975 e começou a fabricar mil unidades de suspensão. Enquanto isso, Pilcher estava à procura de uma cidadezinha para abrigar sua carga e, quando se deparou com Wayward Pines, ele soube que era perfeita. Isolada. Território que podia ser defendido. Amuralhada por essas grandes montanhas. Difícil de chegar. Difícil de sair. Ele comprou todas as propriedades residenciais e comerciais e começou a construir um complexo, um abrigo, dentro das montanhas circundantes. Era um projeto imenso. Foram necessários vinte e dois anos para terminar.”

— E como os suprimentos foram mantidos por todo esse tempo? — Ethan perguntou. — Madeira e comida não teriam durado quase dois mil anos.

— Até que a equipe fosse reanimada, a caverna-armazém, os dormitórios e o centro de vigilância, literalmente cada centímetro quadrado daquele complexo, existiu no vácuo. Não era perfeito, e perdemos alguns materiais, mas restou o suficiente para reconstruir a infraestrutura de Wayward Pines, algo que o tempo e os elementos da natureza haviam apagado por completo. Mas o sistema da caverna que utilizávamos continha umidade mínima no ar, e uma vez que conseguimos eliminar 99,9% de todas as bactérias, se tornou quase tão eficiente quanto a própria suspensão.

— Então a cidade é autossuficiente por completo?

— Sim, funciona como um vilarejo amish ou uma sociedade pré-industrial. Como você viu, temos vastas quantidades de mantimentos básicos que embalamos e mandamos para a cidade de caminhão.

— Eu vi vacas. Vocês também criaram câmaras de suspensão para os animais?

— Não, apenas colocamos alguns embriões em estase. Depois utilizamos úteros artificiais.

— Não havia algo assim em 2012.

— Mas havia em 2030.

— Onde está Pilcher agora?

Jenkins deu um sorriso sem emoção.

— Você? — Ethan perguntou.

— Seus colegas, Kate Hewson e Bill Evans, quando desapareceram em Wayward Pines, estavam tentando me encontrar. Alguns dos meus negócios haviam caído no radar do Serviço Secreto. É por isso que você está sentado aqui neste exato momento.

— Você sequestrou agentes federais? E os manteve aprisionados?

— Sim.

— E muitos outros...

— Além da minha equipe escolhida a dedo e extremamente bem-recompensada, não achei que fosse conseguir muito em caráter de voluntários para uma empreitada desta natureza.

— Então você abduzia as pessoas que vinham a Wayward Pines.

— Alguns foram para a cidade e eu os peguei lá. Outros, eu busquei.

— Quantos?

— Foram 650 recrutados no curso de cinquenta anos.

— Você é um psicopata.

Pilcher parecia considerar a acusação, seus olhos negros e serenos estavam intensos e pensativos. Era a primeira vez que Ethan realmente tinha enxergado o rosto do homem, e percebeu que a cabeça raspada e a pele bonita conflitavam com sua idade. Devia ter sessenta e poucos anos. Talvez mais. Ethan, até o momento, havia considerado um truque a forma absolutamente precisa e controlada de falar, uma artimanha de psiquiatra, mas agora ele via a realidade: era a clara evidência de um intelecto imenso. Deu-se conta de repente de que estava sentado ali fora sob a copa de carvalhos com a mente mais aguçada que já tinha encontrado. Algo ao mesmo tempo fantástico e aterrorizante nesse fato.

Pilcher disse enfim:

— Não vejo desta forma.

— Não? Então como?

— Mais como... o salvador da nossa espécie.

— Você roubou pessoas de suas famílias.

— Você ainda não entendeu, não é?

— Entender o quê?

— O que Wayward Pines é. Ethan... é a última cidade da Terra. Uma cápsula do tempo viva que preserva o nosso modo de vida. O Sonho Americano. Os residentes, a equipe, eu, você... somos o que sobrou da espécie *Homo sapiens*.

— E você sabe disso porque...

— Porque enviei um punhado de equipes de reconhecimento ao longo dos anos. Aqueles que conseguiram voltar reportaram as condições mais hostis possíveis. Sem a proteção e a infraestrutura de um lugar como Wayward Pines, ninguém poderia sobreviver. Desde que a minha equipe saiu da suspensão há quatorze anos, enviamos chamados de perturbação pelo rádio em todas as frequências de emergência conhecidas. Eu até tomei a decisão de transmitir as coordenadas de Pines na remota chance de que ainda houvesse humanos por aí. Ninguém nunca bateu à nossa porta. Ninguém nunca fez contato. Eu disse que essa é Boise, mas não é. Não existe Boise, nem Idaho, nem Estados Unidos. Nomes não significam mais nada.

— E como tudo acabou?

— Bem, nunca saberemos, não é? Eu fui dormir logo depois de você, então ainda pude ter

vinte e cinco anos em Wayward Pines pós-suspensão. Depois de 2032 éramos todos uma montanha adormecida. Mas se eu fosse dar um palpite? Estimei que em 2300 nós veríamos a colheita das maiores anormalidades. E com a diversidade sendo a matéria-prima da evolução, em 2500, poderíamos ser classificados como uma espécie completamente diferente. Cada geração chegando mais e mais perto de algo que poderia se desenvolver com sucesso neste mundo tóxico. Algo menos e menos humano.

“Você pode imaginar as ramificações sociais e econômicas. Uma civilização inteira construída para a ruína humana. Estou supondo que houve genocídios. Talvez o fim tenha acontecido em quarenta anos terríveis. Talvez tenha levado mil. Talvez uma guerra nuclear de escala global tenha ceifado a vida de bilhões no espaço de um mês. Tenho certeza de que muitos pensaram que era o fim. Mas nunca teremos esse fragmento de informação. Tudo o que sabemos é que o está por aí agora.”

— E o que é?

— Aberrações. Nós as chamamos de “abes”. Aquelas criaturas de pele translúcida que quase o mataram no desfiladeiro. Desde que saímos da suspensão, só voamos três vezes de helicóptero, incluindo hoje. É um tanto arriscado. O mais longe que chegamos foi a Seattle. Ou onde Seattle costumava ser. Tivemos que transportar combustível. Quase não conseguimos voltar. Levando em conta o que eu vi, deve haver centenas de milhares daquelas criaturas só neste continente. São predadores, claro, e se a população deles é tão saudável quanto eu estou supondo, isso apontaria para uma população crescente de cervos ou outros ruminantes. É até mesmo possível que algum descendente dos bisões esteja mais uma vez habitando as planícies em larga escala.

“Já que não podemos deixar o vale para fazer pesquisas, só temos uma pequena amostra para avaliar quais espécies sobreviveram ilesas pelos últimos dois milênios. Pássaros parecem não ter sido afetados. Alguns insetos. Mas então você vai notar que algo está faltando. Por exemplo, não existem grilos. Não existem vaga-lumes. E em quatorze anos, nunca vi uma abelha sequer.

— O que são essas abes?

— É fácil pensar nelas como mutantes ou aberrações, mas o nome que demos, na verdade, é inadequado. A natureza não vê as coisas sob o prisma do bem ou do mal. Ela recompensa a eficiência. Essa é a bela simplicidade da evolução. Ela combina as características ao ambiente. Ao devastar nosso mundo, forçamos nossa própria transformação em uma espécie descendente do *Homo sapiens* que se adaptou, através da seleção natural, para sobreviver à destruição da civilização humana. Alinhe nossas sequências genômicas com as dessa espécie, e apenas sete milhões de letras são diferentes. Isso é cerca de meio por cento.

— Jesus.

— Do ponto de vista logístico, as abes causam imensos problemas. Elas são muito mais inteligentes do que os grandes primatas e exponencialmente mais agressivas. Capturamos alguns desses animais ao longo dos anos. Nós os estudamos. Tentamos estabelecer comunicação, mas tudo falhou. A velocidade e força que eles têm estão mais de acordo com o homem de Neandertal. Com menos de trinta quilos, eles são letais e alguns chegam a ter noventa. Você tem sorte de ter sobrevivido.

— É por isso que vocês construíram cercas em volta de Wayward Pines.

— É chocante quando nos damos conta de que não estamos mais no topo da cadeia alimentar.

De vez em quando, uma abe consegue passar, mas mantemos sensores de movimento nos limites da cidade, e o vale inteiro sob vigilância de atiradores de elite, dia e noite.

— Então por que vocês não apenas...

— *Apagamos* você? — Jenkins sorriu. — Primeiro porque eu queria que o povo fizesse isso. Quando você chegou ao desfiladeiro, sabíamos que uma matilha de abes estava na área. Você estava desarmado. Por que gastar munição?

— Mas os residentes... eles não sabem sobre nada disso?

— Não.

— O que eles pensam?

— Eles acordaram aqui depois de um acidente, do mesmo jeito que você, com novos ferimentos nos lugares certos, claro. Durante nosso programa de integração, eles passam a entender que não há como sair. E temos regras e consequências para minimizar as complicações que surgem quando alguém de 1984 é vizinho de alguém de 2015. Para que os residentes prosperem e se reproduzam, eles não podem saber que são tudo o que resta. Eles têm que viver como se o mundo ainda existisse lá fora.

— Mas não existe. Então qual o objetivo da mentira? Quando você os tira da suspensão, por que não diz apenas: “Parabéns! Vocês são os únicos sobreviventes!”?

— Fizemos exatamente isso com o primeiro grupo. Tínhamos acabado de reconstruir a cidade e trouxemos todo mundo para a igreja e dissemos: “Então, é o seguinte...”. Contamos tudo.

— E?

— Num intervalo de dois anos, trinta e cinco por cento da população haviam cometido suicídio. Mais vinte por cento deixaram a cidade e foram massacrados. Ninguém se casou. Ninguém engravidou. Perdi noventa e três pessoas, Ethan. Não posso... não, a *humanidade* não pode se dar ao luxo de ter perdas nessa escala. Não quando a nossa espécie está em perigo, até a última das nossas oitocentas e onze almas. Não estou dizendo que nosso método é perfeito, mas em todos esses anos, e depois de tentar quase tudo, esse se provou o sistema mais eficaz que encontramos para fazer crescer a nossa população.

— Mas eles sempre se perguntam, não é? Sobre o que existe lá fora, sobre o que eles são na realidade...

— Alguns sim, mas somos uma espécie que se adapta. Ao longo do condicionamento, como bons humanos, a maioria passa a aceitar o meio ambiente, contanto que não seja completamente desprovido de esperança.

— Não acredito que eles aceitem que o mundo ainda exista lá fora, quando você não os deixa vê-lo.

— Você acredita em Deus, Ethan?

— Não.

— Muitos, sim. Adotaram códigos morais. Criaram religiões. Assassinaram em nome de deuses que nunca viram ou ouviram. Você acredita no universo?

— Claro.

— Ah, então você foi ao espaço. Viu aquelas galáxias distantes em primeira mão?

— Certo, faz sentido.

— Wayward Pines é apenas um mundo encolhido. Uma cidadezinha que nunca se foi. Medo e fé no desconhecido ainda se aplicam, mas em menor escala. As fronteiras do mundo de onde você veio são o espaço e Deus. Em Pines, as fronteiras são os paredões de rocha que

protegem a cidade e a misteriosa presença nas montanhas, isto é, eu.

— Você não é um psiquiatra de verdade.

— Não de formação, mas eu interpreto um na cidade. Considero útil ganhar a confiança dos residentes. Manter contato com o espírito da cidade. Encorajar as pessoas em suas lutas, suas dúvidas.

— Você fez as pessoas assassinarem a Beverly.

— Sim.

— E o agente Evans.

— Ele me forçou a isso.

— Você os faria me assassinar.

— Mas você escapou. Provou-se ainda mais habilidoso do que eu pensei no início.

— Você criou uma cultura de violência.

— Isso não é nada novo. Olhe, quando a violência se torna a norma, as pessoas se adaptam à norma. Não é diferente das lutas de gladiadores, de jogar os cristãos aos leões ou dos enforcamentos públicos no Velho Oeste. Uma atmosfera de autopoliciamento não é algo ruim.

— Mas essas pessoas não são livres de verdade.

— A liberdade é uma total construção do século XX. Você vai ficar aqui sentado e me dizer que a liberdade individual é mais vital do que a sobrevivência da nossa espécie?

— Eles poderiam decidir por si próprios. No mínimo haveria dignidade. Não é isso que faz de nós humanos?

— A decisão não cabe a eles.

— E cabe a você, então?

— A dignidade é um conceito lindo, mas e se eles fizerem a escolha errada? Como aquele primeiro grupo. Se não sobra espécie para sequer perpetuar esse ideal, qual o sentido?

— Por que você não me matou?

Pilcher sorriu, como se contente que Ethan finalmente tivesse tocado no assunto. Inclinou a cabeça de lado.

— Está ouvindo?

— O quê?

— Silêncio.

Os pássaros tinham ficado silenciosos.

Pilcher se levantou fazendo força com as pernas.

Ethan também ficou de pé.

A floresta tinha ficado imóvel de repente.

Pilcher puxou a arma do coldre na cintura.

Desenganchou o rádio comunicador, trouxe-o até a boca.

— Pope, volte, câmbio.

— Sim, câmbio.

— Onde você está? Câmbio.

— Duzentos metros para o norte. Tudo certo? Câmbio.

— Estou com a impressão de que é hora de corrermos para as colinas, câmbio.

— Entendido. A caminho. Câmbio, desligo.

Pilcher iniciou o caminho até a clareira.

Na distância atrás deles, Ethan podia ouvir a confusão de galhos se quebrando e folhas secas

estalandando enquanto Pope e Pam se dirigiam até eles.

— Era importante para mim, Ethan, trazê-lo aqui, a mais de duzentos quilômetros, às ruínas de Boise. Espero que valorize o gesto. Tivemos nossa porção de residentes problemáticos ao longo dos anos, mas ninguém como você. O que acha que valorizo mais do que tudo?

— Não faço ideia.

Ethan lançou um olhar por entre os carvalhos, até a campina.

Folhas vermelhas caíam dos galhos de cima pairando preguiçosas.

— Controle. Há um grupo agindo por baixo dos panos em Pines que demonstra uma fachada de aceitação. Mas, em segredo, eles querem tomar o controle. Chame de... insurreição. Uma rebelião. Eles querem se libertar, abrir as cortinas, mudar a forma como as coisas são feitas. Entenda que isso significaria o fim de Pines. O nosso fim.

Eles saíram do meio das árvores, o helicóptero a menos de cem metros de distância, a pintura cor de bronze reluzindo no sol vespertino.

Uma parte de Ethan pensava: *Que dia perfeito de outono.*

— O que você quer de mim? — Ethan perguntou.

— Quero que me ajude. Você tem uma seleção rara de habilidades.

— Por que será que estou sentindo você insinuar que eu não tenho escolha nesta questão?

— Claro que tem.

Uma brisa soprou no rosto de Ethan, o mato da campina se dobrando na direção do solo.

Eles alcançaram o helicóptero e Pilcher abriu a porta; deixou Ethan subir primeiro.

Quando estavam sentados e de frente um para o outro, Pilcher disse:

— Tudo o que você quis fazer desde que acordou em Wayward Pines foi ir embora. Estou lhe dando essa oportunidade e com um bônus. Nesse exato momento. Olhe atrás de você.

Ethan olhou por sobre seu assento para a divisão de carga e abriu a cortina.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

Estava ali o tempo todo... um fragmento brutal de informação que ele sequer tinha se permitido saber. Se o que Pilcher dizia era verdade, então Ethan nunca mais veria sua família. Não seriam mais do que ossos antigos.

E agora, lá estavam eles — Theresa e Ben inconscientes e amarrados a um par de macas com uma mochila preta entre eles.

Seu menino não parecia menino.

— Depois que o colocamos em suspensão, eu pesquisei a seu respeito, Ethan. Concluí que você apresentava um grande potencial. Por isso fui atrás da sua família.

Ethan enxugou os olhos.

— Há quanto tempo eles estão em Pines?

— Cinco anos.

— Meu filho... ele tem...

— Doze anos agora. Eles dois se integraram bem. Pensei que seria melhor estabilizá-los aqui antes de tentar trazer você.

Ethan não se preocupou em mascarar a raiva por trás de sua voz, as palavras saindo como um rugido.

— Por que você esperou tanto?

— Eu não esperei. Ethan, esta é nossa terceira tentativa com você.

— Como isso é possível?

— Um dos efeitos da suspensão é a amnésia retrógrada. Cada vez que você é reanimado, sua mente zera até o momento anterior à sua primeira suspensão. No seu caso... o acidente de carro. Embora eu suspeite que algumas memórias permaneçam. Que talvez elas venham à tona em sonhos.

— Tentei escapar antes?

— Da primeira vez, você cruzou o rio, quase foi morto pelas abes. Nós intervimos, salvamos você. Da segunda vez, nos certificamos de que descobrisse sua família, pensando que isso poderia ajudar. Mas você tentou escapar com eles. Quase matou os três.

— Então desta vez tentaram agir na minha mente?

— Pensamos que se pudéssemos induzir psicose, talvez tivéssemos uma chance. Enchemos você de uns antipsicóticos bem poderosos.

— Minhas dores de cabeça.

— Inclusive tentamos usar sua história de tortura contra você.

— Do que está falando?

— Tenho sua ficha militar. Seu relato do que aconteceu em Fallujah. Tentamos abordar esse aspecto durante o interrogatório com Pope.

— Você é... doente.

— Nunca esperei que você fosse chegar ao ponto de invadir o complexo. Íamos apenas deixar as abes pegar você. Mas quando o vi parado na sala de Suspensão, algo me ocorreu. Você é teimoso. Um lutador de corpo e alma. Nunca aceitaria a realidade de Wayward Pines. Compreendi que eu precisava parar de lutar contra você. Que, em vez de um ponto fraco, você poderia, de fato, ser um trunfo.

— Por que simplesmente não me contou tudo isso?

— Porque não sabia o que você iria fazer com a informação, Ethan. Suicídio? Fuga? Tentar sobreviver sozinho? Mas agora eu me dei conta de que você é uma das raridades.

— Como assim?

— As pessoas na cidade, em sua maioria, não conseguem lidar com a verdade que está aí fora. Mas você... você não consegue lidar com a mentira. O não saber. Você é o primeiro residente com quem eu compartilho qualquer destas informações. Claro, sua família ficou devastada de ver as dificuldades que você teve.

Ethan voltou um olhar fulminante para Pilcher.

— Por que você os trouxe aqui?

— Estou lhe dando uma escolha, Ethan. Eles não sabem nada sobre o mundo fora de Pines. Mas você sabe. Diga a palavra e eu vou deixá-lo aqui neste campo com a sua família. Há uma bagagem com comida e suprimentos, até algumas armas. Você é um homem que quer as coisas nos seus termos, e isso é algo que respeito. Se isso é o mais importante para você, então agarre com unhas e dentes. Você pode reinar no inferno, aqui do lado de fora, ou servir no céu, lá em Pines. A escolha é sua. Mas se voltar a Pines, se quer a segurança e o apoio para sua família, para você mesmo, terá que ser nos meus termos. E meus termos, Ethan, contêm penalidades severas. Se você der mancada comigo, se me trair, vou fazê-lo assistir o momento em que eu pegar seu filho e...

O ruído repentino interrompeu Pilcher. Primeiro Ethan pensou que alguém tivesse acionado uma britadeira na floresta, mas então o medo o atingiu bem no meio dos olhos.

Era o *ra-ta-ta-tá* da AK.

A voz de Pam explodiu pelo rádio:

— Dê partida no helicóptero! Eles estão vindo!

Pilcher olhou para a cabine de comando.

— Tire a gente daqui — pediu.

— Trabalhando nisso, chefe.

Ethan ouviu as turbinas do BK117 ganhando vida, a explosão ruidosa da espingarda de Pam.

Ele foi até a janela, olhando fixo de volta para a floresta, o tiroteio ficando mais alto.

Muito rápido, já estava barulhento demais dentro do helicóptero para conseguirem conversar, por isso ele colocou o fone de ouvido e indicou a Pilcher para fazer o mesmo.

— O que quer que eu faça? — Ethan perguntou.

— Ajude-me a administrar Pines. De dentro. Vai ser um trabalho e tanto, mas você foi feito para isso.

— Não é isso que o Pope está fazendo?

Ethan viu movimento nas árvores quando as turbinas começaram a gemer, a cabine vibrando, as rotações aumentando de velocidade.

Pope e Pam dispararam da floresta, caminhando de costas para a clareira.

Três abes saltaram do bosque e Pope abateu duas com uma longa saraivada automática ao mesmo tempo em que Pam meteu um par de balaços no peito da terceira.

Ethan se jogou para o outro lado da cabine e olhou pela janela.

— Pilcher.

— O quê?

— Me dê a sua arma.

— Por quê?

Ethan bateu no vidro, indicando uma matilha de abes surgindo do lado oposto do campo — pelo menos quatro delas disparando para Pam e Pope a toda velocidade, uma corrida que utilizava os quatro membros.

— Está comigo, Ethan?

— Eles vão ser mortos.

— Você está comigo?

Ethan fez que sim.

Pilcher bateu a .357 na mão dele.

Ethan arrancou o fone de ouvido e gritou para a cabine:

— Quanto tempo?

— Trinta segundos!

Escancarou a porta e pulou para o mato.

O barulho do vento dos rotores gritava em seus ouvidos.

Pope e Pam estavam a menos de cinquenta metros de distância e ainda andando de costas para o helicóptero enquanto abriam fogo contra a ameaça avançando como uma enxurrada.

Já haviam abatido uma dúzia — corpos pálidos estirados pelo mato — e ainda outras mais estavam vindo.

Mais do que Ethan podia contar.

Ele correu na direção oposta.

Vinte metros depois da aeronave, parou e plantou os pés no chão com as pernas abertas na largura dos ombros.

Olhou para o revólver em mãos, um Ruger de ação dupla com um tambor de seis projéteis. Ele o ergueu.

Mirou seguindo a direção do cano.

Cinco delas avançando a toda velocidade.

Armou o cão como se fosse uma metralhadora desvairada, e fogo calibre doze rugiu mais alto do que as turbinas.

As abes estavam a dez metros de distância, Ethan pensando: *A qualquer hora que você começar a atirar, vai ser uma boa ideia. E nada de toques duplos. Você precisa de tiros únicos, matadores.*

Ele mirou na que vinha pelo centro e, quando estava no ponto mais elevado de sua passada, disparou um tiro que transformou o topo da cabeça da criatura numa fonte de sangue.

Pelo menos estava atirando projéteis de pontas ocas.

As outras quatro vinham inabaláveis.

A cinco metros.

Ele derrubou as duas à esquerda — um tiro na cara de cada uma.

Atingiu a quarta na garganta.

A última abe estava agora a menos de três metros.

Perto o bastante para que sentisse o cheiro.

Atirou quando a criatura saltou, a bala apenas atingindo-a de raspão na perna, então ajustou a mira enquanto a abe disparava até ele.

Armou o cão, puxou o gatilho quando o monstro chegou, dentes arreganhados, seu grito naquela proximidade era mais alto do que as turbinas.

A bala atravessou-lhe os dentes e destruiu a parte de trás da cabeça num jorro de osso e cérebro e a criatura caiu sobre Ethan.

Ele não se mexeu.

Atordado.

Sua cabeça jogou para trás com tanta força que lampejos de luz estavam explodindo onde quer que ele olhasse, e sua audição ficou estranha — abafada e lenta, de forma que conseguia captar todos os fragmentos individuais de som que compunham a sinfonia de caos à sua volta.

Tiros de espingarda.

A AK.

Rotores girando.

Gritos das abes.

Dizendo a si mesmo: *Levante, levante, levante.*

Ethan ergueu o peso morto da abe de seu peito e se sentou. Tentou olhar pelo campo, mas sua visão continuava embaçada. Piscou forte várias vezes e sacudiu a cabeça, o mundo cristalizando-se devagar, como se alguém estivesse ajustando o foco em um binóculo.

Santo Deus!

Já devia haver cinquenta das criaturas na clareira.

Dúzias ainda saindo do meio das árvores a cada segundo que passava.

Todas se movendo na direção do helicóptero, no centro do campo.

Ethan se esforçou para ficar de pé, pendendo para a esquerda ainda sob o efeito da pancada, seu centro de equilíbrio destruído.

Cambaleou para o helicóptero.

Pam já estava dentro.

Pope, parado a alguns metros da entrada, tentando conter as abes. Ele havia encaixado o rifle no ombro e agora estava dando tiros de precisão, Ethan supondo que devesse estar no fim do pente de munição.

Ethan deu um tapinha em seu ombro ao subir nos patins de pouso, gritou em seu ouvido:

— Vamos!

Pilcher abriu a porta e Ethan subiu na cabine.

Afivelou o cinto de segurança, espiou pela janela.

Um exército de abes inundava todo o campo.

Centenas delas.

A dez segundos do helicóptero e fechando o cerco como uma horda de vira-latas.

Ao colocar os fones de ouvido, Pilcher puxou a porta da cabine, trancou por dentro e anunciou:

— Vamos, Roger.

— E o xerife?

— Pope fica.

Pela janela, Ethan viu Arnold jogar sua AK e tentar abrir a porta, lutando com a maçaneta, mas ela não girava.

Pope encarou Pilcher através do vidro, um traço de confusão iluminando os olhos de homem da lei, seguido rapidamente por reconhecimento.

Depois, medo.

Pope gritou algo que nunca teve chance de ser ouvido.

— Por quê? — Ethan perguntou.

Pilcher não desviou os olhos de Pope.

— Ele quer governar.

Pope bateu os punhos na janela, sangue manchando o vidro.

— Sem querer apressar, nem nada, Roger, mas todos nós vamos morrer se você não nos tirar daqui.

Ethan sentiu os patins girar e levantar do chão.

Ele disse:

— Você não pode simplesmente deixá-lo.

Ethan assistiu ao helicóptero levantando do chão, o xerife agarrando o braço esquerdo no patim, lutando para se segurar.

— Está feito — Pilcher disse —, e você é meu novo xerife. Bem-vindo a bordo.

Uma multidão de abes tentou alcançar Pope, pulando, golpeando com as garras, mas ele havia conseguido se segurar decentemente no patim, seus pés pendurados apenas um pouco fora de alcance.

Pilcher disse:

— Roger, abaixe a aeronave meio metro se não se importa.

O helicóptero baixou um tanto desajeitado — Ethan podia perceber que o piloto não voava havia anos —, colocando Pope de volta na loucura que ocorria no solo.

Quando a primeira abe agarrou a perna de Pope, o rabo do helicóptero se inclinou para o solo. Outro saltou na outra perna e, por um segundo aterrorizante, Ethan pensou que iriam derrubar o avião.

Roger estabilizou a aeronave, subindo depressa a vinte pés acima do campo.

Ethan encarou os olhos enlouquecidos de Pope.

O aperto do homem no patim havia se reduzido a apenas uma das mãos, o nó de seus dedos já brancos pelo esforço, três abes penduradas em suas pernas.

Ele encontrou os olhos de Ethan.

Gritou algo que afundou no som das turbinas.

Pope soltou, caiu por um segundo e depois desapareceu sob o banquete frenético.

Ethan desviou os olhos.

Pilcher estava olhando para ele.

Olhando através dele.

O helicóptero deu uma guinada e berrou para o norte, em direção às montanhas.

* * *

Foi um voo tranquilo, a atenção de Ethan dividida entre olhar pela janela e para a cortina onde estava sua família adormecida.

Na terceira vez que olhou para eles, Pilcher disse:

— Eles vão ficar bem, Ethan. Vão acordar esta noite, a salvo e aquecidos na cama. É isso que importa, não é? Aí fora vocês todos morreriam com certeza.

O crepúsculo estava se aproximando.

Ethan morto de cansaço, mas toda vez que fechava os olhos, seus pensamentos corriam em centenas de direções diferentes a velocidades impensáveis.

Então ele tentou apenas observar o mundo passando.

Sua vista dava para o oeste.

O sol se fora, e em seu velório uma cordilheira de montanhas exibia o perfil no céu noturno como uma lâmina de serra irregular.

Não havia nada para ver da floresta de pinheiros a mil pés de altura.

Nenhum ponto de luz sequer, em nenhum lugar que existisse por causa do homem.

* * *

Eles voaram pela escuridão vazia.

Com as luzes da cabine baixas e o brilho do painel de controle no *cockpit* escondido atrás da cortina, Ethan podia muito bem estar à deriva num mar negro.

Ou no espaço.

Tinha a família atrás dele e sentia-se bem com isso, mas, inclinado no vidro frio, ele não conseguia evitar a pontada profunda de medo.

E desespero.

Eles estavam sozinhos.

Tão sozinhos!

A consciência de tal fato atingiu seu cerne.

Nos últimos dias, havia lutado para voltar à sua vida fora de Wayward Pines, mas ela não mais existia.

Não existia há quase dois mil anos.

Seus amigos.

Seu lar.

Seu emprego.

Quase tudo que o definia.

Como um homem poderia se conformar com algo assim?

Como alguém poderia seguir em frente sabendo disso?

O que nos fazia levantar da cama e ter vontade de inspirar e expirar?

A família. As duas pessoas dormindo atrás de você.

Ethan abriu os olhos.

Primeiro ele não acreditou no que viu.

À distância, lá embaixo, uma fonte de luz brilhava no meio de toda a escuridão.

Era Pines.

A luz das casas e das varandas.

A luz das ruas e dos carros.

Todas se fundindo no suave brilho noturno de uma cidade.

Da civilização.

Agora estavam descendo, e ele sabia que lá embaixo, no vale, existia uma casa vitoriana onde sua esposa e filho viviam.

Onde ele também poderia viver.

Havia uma cama quentinha onde se enfiar.

E uma cozinha que teria o aroma da comida que iriam preparar.

Uma varanda para sentar durante as longas noites de verão.

Um quintal onde ele pudesse brincar de pega-pega com o filho.

Talvez até um telhado de metal, e não havia nada que amasse mais do que o som de chuva tamborilando no metal. Especialmente tarde da noite, na cama, com a esposa nos braços e o filho dormindo logo no final do corredor.

As luzes de Wayward Pines brilhavam nos picos que a enclausuravam e, pela primeira vez, aquelas montanhas íngremes pareciam acolhedoras.

As fortificações contra todo o terror que estava além.

Abrigo para a última cidade na Terra.

Será que algum dia ele *sentiria* que era ali o seu lar?

Estaria tudo bem se sentisse?

Pensa que o homem pode destruir o planeta? Que vaidade tóxica. A Terra sobreviveu a tudo durante seu tempo. Certamente sobreviverá a nós. Para a Terra... um milhão de anos não é nada. Este planeta vive e respira numa escala muito mais vasta. Não somos capazes de imaginar seus ritmos lentos e poderosos, e não temos a humildade para tentar. Somos residentes aqui há um piscar de olhos. Se partirmos amanhã, a Terra não sentirá nossa falta.^[1]

EPÍLOGO

Ele está sentado na tranquilidade do gabinete da delegacia, as botas sobre a mesa, analisando a estrela de xerife na mão e passando os dedos no relevo de WP no centro, as letras feitas de alguma pedra preta — obsidiana, talvez. Ele veste calças marrons escuras de lona e uma camisa verde-caçador de manga comprida, exatamente como seu predecessor. O tecido parece novo e engomado demais.

Há uma reunião agendada com Pilcher e sua equipe no dia seguinte para se inteirar de todos os detalhes, mas hoje foi um dia sem acontecimentos.

E estranho.

Por oito horas, ele ficou sentado na quietude de sua sala, perdido em pensamento, e o telefone o interrompeu apenas uma vez — era Belinda, a recepcionista, na hora do almoço, perguntando se ele gostaria que ela buscasse algo para comer.

Ele observa os ponteiros de segundos e minutos tiquetaquearem sobre o doze.

São cinco da tarde.

Deslizando as botas de cima do tampo da mesa, ele se levanta e coloca seu chapéu de caubói Stetson; guarda a estrela no bolso. Talvez amanhã ele finalmente consiga prendê-la na camisa. Ou, talvez não.

Como no primeiro dia de qualquer coisa nova, demorou a passar, e ele está contente de vê-lo chegar ao fim.

Olha para os três armários antigos de armas — um olhar libidinoso, fugaz — e deixa o gabinete, pegando o corredor até a recepção.

A mesa de Belinda está coberta de cartas de baralho.

— Estou indo — Ethan diz.

A mulher de cabelos brancos baixa um ás de espadas e ergue os olhos com um sorriso caloroso que não contribui com absolutamente nada para transparecer qualquer aspecto de quem ela realmente é.

— Como foi o primeiro dia?

— Bom.

— Tenha uma boa noite, xerife. Nos vemos amanhã.

* * *

É um entardecer fresco, claro.

O sol já escorregou para detrás dos paredões das montanhas e um frio áspero se estabelece, algo que poderia anunciar a primeira geada da estação.

Ethan caminha pela calçada de um bairro tranquilo.

Um velho sentado numa cadeira de balanço em uma varanda coberta cumprimenta, elevando a voz:

— Noite, xerife!

Ethan toca no chapéu.

O homem levanta uma caneca fumegante.

Levanta como num brinde.

Em algum lugar, a uma pequena distância, uma mulher chama:

— Matthew! Hora do jantar!

— Ah, mãe! Só mais cinco minutos!

— Não, agora!

Suas vozes ecoam e somem pelo vale.

Na próxima rua, ele passa por um quarteirão inteiro devotado à horta comunitária, dezenas de pessoas trabalhando duro, enchendo cestas grandes com frutas e hortaliças.

O aroma de maçãs maduras demais soprando com a brisa.

Em todo lugar para onde Ethan olha, luzes estão se acendendo dentro das casas, o ar se tornando fragrante com o cheiro de jantares ficando prontos.

Pelas janelas abertas, ele ouve barulhos de talheres nos pratos, conversas indistintas, fornos abrindo, fechando.

Todos por quem passa sorriem e dizem olá.

Como uma pintura de Norman Rockwell ganhando vida.

* * *

Ele atravessa a Principal e segue a Rua Seis por várias quadras até chegar ao endereço que Pilcher lhe deu.

É uma casa em estilo vitoriano de três andares, amarelo-canário com contornos brancos, da qual a característica mais proeminente é uma janela em formato de lágrima centralizada logo abaixo da cumeeira do telhado metálico.

Através de uma grande janela no primeiro piso, ele vê uma mulher parada na pia da cozinha, virando uma panela de macarrão fervente num escorredor, uma baforada de fumaça subindo por seu rosto.

Ao observá-la, ele sente uma palpitação de ansiedade no peito.

É sua esposa.

Atravessa o caminho de pedra pelo jardim da frente, sobe três degraus de tijolos e então para na varanda.

Bate na porta externa.

Depois de um instante, as luzes se acendem.

Ela abre a porta chorando e olha-o fixo pela tela da porta enquanto passos ruidosos descem por uma escada.

O filho de Ethan caminha atrás dela, coloca as mãos nos ombros da mãe.

— Oi, pai.

Não é a voz de um menininho.

— Jesus, você está mais alto do que sua mãe!

Ainda há a porta externa entre eles e, pela tela, Theresa parece ter a mesma aparência, embora seus cabelos loiros estejam mais longos do que ela sempre usou.

— Ouvi que eles transformaram você em xerife — Ben diz.

— É verdade. — Um momento carregado de emoção, longo, está à espreita. — Theresa.

Ela enxuga os olhos com as duas mãos.

— O cheiro está maravilhoso — Ethan diz.

— Estou fazendo espaguete.

— Adoro o seu espaguete.

— Eu sei — a voz dela falha.

— Eles disseram que eu viria?

Ela assente.

— Você está mesmo aqui, Ethan?

— Estou.

— Para ficar, desta vez?

— Nunca mais vou deixar vocês.

— Esperamos tanto tempo — ela precisa continuar enxugando o rosto. — Ben, vá mexer o molho, por favor.

O garoto corre até a cozinha.

— Tudo bem se eu entrar? — Ethan pergunta.

— Perdemos você em Seattle. Depois perdemos você aqui. Eu não aguento. Ele não aguenta.

— Theresa, olhe para mim — ela olha para ele. — Nunca mais vou deixar vocês.

Ele receia que ela pergunte o que aconteceu. Por que ele não está morto. É uma questão que temia e para a qual tinha se preparado durante todo o dia.

Mas a pergunta não vem.

Em vez disso, Theresa abre a porta.

Ele temeu ver dureza no rosto dela, temeu mais do que tudo, mas sob o brilho da luz da varanda, não há mágoa ali. Alguma tristeza. O início de rugas em volta de sua boca, que não existiam antes; em volta daqueles olhos verdes brilhantes que o fulminaram ao longo dos anos.

Muitas lágrimas. Mas também amor.

Principalmente amor.

Ela o puxa pelo limiar da porta para seu lar.

A porta externa se fecha.

Dentro da casa, um menino chora.

Um homem não consegue conter as próprias lágrimas.

Três pessoas envolvidas num abraço apertado sem previsão de acabar.

E do lado de fora, no exato momento em que as lâmpadas da rua acendem, um ruído começa em algum lugar nas sebes que crescem junto da varanda, repetido a intervalos perfeitos, constante como um metrônomo.

É o som de um grilo cricrilando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

POR BLAKE CROUCH

Em 8 de abril de 1990, o piloto da icônica série de televisão de Mark Frost e David Lynch, *Twin Peaks*, foi ao ar pela ABC, e por um momento o mistério de *Quem matou Laura Palmer?* manteve os Estados Unidos vidrados. Eu tinha doze anos na época e nunca vou esquecer a sensação que tomou conta de mim quando assisti a esse curto seriado sobre uma cidade assustadora com ótimo café e torta de cereja deliciosa, onde nada era o que parecia. *Twin Peaks* acabou sendo cancelada, os brilhantes diretores e atores seguiram em frente fazendo outras coisas, mas a mágica inegável presente naqueles primeiros episódios ainda me persegue duas décadas depois. Seriado como *Northern Exposure*, *Picket Fences*, *Arquivo X* e *Lost* em algum momento deram uma guinada para aquela bela e assustadora atmosfera que definiu *Twin Peaks*, mas em sua maior parte, para este fã pelo menos, nada nunca conseguiu chegar perto.

Dizem que todas as formas de arte — quer sejam livros, música ou artes visuais — são uma reação à outra arte, e eu acredito que isso seja verdade. Bom do jeito que *Twin Peaks* era, a natureza do seriado, e em particular como acabou de forma abrupta e prematura, deixou-me com uma insatisfação imensa. Pouco tempo depois de a série ter sido cancelada, fiquei tão devastado que até tentei escrever uma terceira temporada mítica para ela, não para ninguém além de mim mesmo, apenas para que pudesse continuar a experiência.

O esforço não deu certo, assim como numerosas outras tentativas conforme eu ficava mais maduro, tanto como pessoa quanto escritor, para recapturar o sentimento que o meu eu de doze anos de idade experimentou lá em 1990.

Pines é o resultado dos meus esforços, agora passados vinte anos, para criar algo que me faça sentir do jeito que *Twin Peaks* fazia. De forma alguma estou sugerindo que *Pines* é tão bom quanto a obra-prima de Lynch, ou mesmo algo capaz de levar *você* de volta à sensação da série. Em todos os aspectos, ela foi tão única que qualquer tentativa de recriar sua aura estaria inerentemente fadada ao fracasso. Porém, sinto a necessidade de expressar o quanto *Pines* é inspirado pela criação de Lynch, uma cidadezinha no meio do nada — bela por fora, mas com um negror escondido.

Pines nunca teria acontecido e eu talvez nunca tivesse me tornado um escritor se meus pais não me deixassem ficar acordado até tarde nas noites de quinta-feira naquela primavera de 1990 para assistir ao seriado de cuja qualidade jamais veremos outro.

Por isso, obrigado, mãe e pai. Obrigado, Sr. Lynch e Sr. Frost. E claro, ao inimitável agente Dale Cooper.

Pines não é Twin Peaks nem de longe, mas não estaria aqui sem ele.

Espero que tenha gostado do *meu* seriado.

Blake Crouch

Durango, Colorado

Julho de 2012

AGRADECIMENTOS

Meu agente, David Hale Smith, e todos na Thomas & Mercer me deram 110% de ajuda para conseguir fazer este livro decolar. É um privilégio conhecer e trabalhar com um grupo de pessoas de talentos tremendos, que estão mudando para melhor a forma como lemos.

Um obrigado de coração para Andy Bartlett, Jacque Ben-Zekry, Rory Connell, Vicky Griffith, Mia Lipman, Paul Diamond, Amy Bates, Jeff Belle, Daphne Durham, Jon Fine, Alex Carr, Philip Patrick, Alan Turkus, Sarah Gelman, Jodi Warshaw e, finalmente, um grito para as pessoas incríveis que são Brian Mitchell, Brian Carver e o inimitável Nader Kabbani.

Tenho extrema sorte de contar, entre meus amigos, com alguns escritores fantásticos e leitores muito astutos. Esse pessoal me deu opiniões incríveis nos primeiros rascunhos de *Pines* e fez o livro melhor em todas as formas concebíveis. Por isso, muitos agradecimentos a meus parceiros de escrita Joe Konrath, Maria Konrath, meu irmão Jordan Crouch, o artista brilhante responsável pela capa, Jeroen ten Berge, Ann Voss Peterson, Suzzanne Tyrpak, Selena Kitt e Marcus Sakey. Um obrigado especial para Barry Eisler por sua leitura particularmente habilidosa.

Por fim, beijos e abraços para minha querida família — Rebecca, Aidan e Annslee. Obrigado por me dividirem com esse livro, o qual eu estava morrendo de vontade de escrever. Amo vocês.

¹ De *Jurassic Park*, de Michael Crichton. Copyright © 1990, Michael Crichton.

O agente do Serviço Secreto dos Estados Unidos Ethan Burke recebe a missão de encontrar dois de seus colegas, que desapareceram quando trabalhavam na cidadezinha de Wayward Pines, no estado americano de Idaho. Quando está chegando ao lugar, ele sofre um violento acidente de carro e, dias depois, acorda no hospital da cidade sem seus documentos e a pasta que continha os detalhes de sua missão.

A equipe médica o trata muito bem, mas pressente algo estranho. Ele tenta entrar em contato com sua mulher, no entanto seus esforços são em vão. Começa, então, a perceber, ao conversar com os moradores, que a cidade não é exatamente o cenário bucólico que lhe pareceu. Aliás, nada é realmente o que parece em Wayward Pines.

A aura de mistério só aumenta quando Burke descobre que uma cerca elétrica circunda a cidade. Qual seria a razão de sua existência? Impedir as pessoas de deixarem o lugar ou de algo entrar na cidade?

Esse instigante e inteligente thriller policial escrito pelo autor best-seller Blake Crouch inspirou o cineasta M. Night Shyamalan, diretor de sucessos como *Sexto Sentido*, *A Vila* e *Sinais*, a produzir e dirigir uma série de TV homônima – exibida no Brasil no canal por assinatura Fox.

Blake Crouch é um reconhecido autor de histórias de mistério e suspense não só nos Estados Unidos, seu país de origem, como também no mundo todo.

Seus livros já venderam mais de um milhão de exemplares e a trilogia formada por *Pines*, *Wayward* e *The Last Town*, protagonizada pelo agente federal Ethan Burke, é a principal responsável por esse sucesso.

Crouch vive, atualmente, no estado americano do Colorado. Para saber mais sobre o escritor e suas obras, acesse www.blakecrouch.com

O agente secreto americano Ethan Burke chega à aparentemente pacata cidade de Wayward Pines, em Idaho, Estados Unidos, com a missão de descobrir o que ocorreu com dois de seus colegas, que sumiram sem deixar rastro. Mas, ao chegar, Burke se envolve em um violento acidente de carro e acorda, dias depois, em um hospital da cidade sem sua carteira, seu celular e a pasta que continha os papéis secretos que o levaram até a região. Sem nenhum documento que confirme sua identidade, o agente não convence os moradores da cidade de que é quem diz ser. Para piorar a situação, ele não consegue contatar sua mulher e filho. Rapidamente, Burke percebe que nem tudo é o que parece ser em Wayward Pines e que o cenário bucólico do lugar esconde algo sinistro.

A fértil imaginação do autor best-seller Blake Crouch é a responsável por essa instigante história que virou série de TV do canal por assinatura Fox, produzida e dirigida pelo cultuado cineasta M. Night Shyamalan (diretor de *Sexto Sentido*, entre outros sucessos de Hollywood) e estrelada por Matt Dillon, Melissa Leo, Terrence Howard e Juliette Lewis.